

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU MESTRADO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Andre Luis dos Santos

**A COMUNICAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DO AMOR: O
FENÔMENO DO *ONE TRUE PAIRING* NA COMUNIDADE *NYAH! FANFICTION***

**Sorocaba/SP
2018**

Andre Luis dos Santos

**A COMUNICAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DO AMOR: O
FENÔMENO DO *ONE TRUE PAIRING* NA COMUNIDADE *NYAH! FANFICTION***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo.

**Sorocaba/SP
2018**

Ficha Catalográfica

Santos, Andre Luis dos
S233c A comunicação e as transformações culturais do amor : o
fenômeno do one true paring, na comunidade Nyah! Fanfiction /
Andre Luis dos Santos. -- 2018.
257 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade
de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2018.

1. Fan fiction. 2. Fãs. 3. Amor na comunicação de massa. 4.
Comunidades virtuais. 5. Computadores e civilização. 6.
Comunicação – Inovações tecnológicas. I. Drigo, Maria Ogécia,
orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Andre Luis dos Santos

**A COMUNICAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DO AMOR: O
FENÔMENO DO *ONE TRUE PAIRING* NA COMUNIDADE NYAH! FANFICTION**

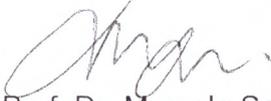
Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovado em: 28 de fevereiro de 2018

BANCA EXAMINADORA:


Prof.(a) Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo
Universidade de Sorocaba


Profa. Dra. Luciana Coutinho Pagliarini de Souza
Universidade de Sorocaba


Prof. Dr. Marcelo Santos
Universidade Cásper Líbero

AGRADECIMENTOS

A história retratada nessas páginas não poderia ter chegado a um final feliz sem a ajuda de muitas pessoas. Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo, por sua enorme paciência e auxílio durante essa longa jornada, que começou na Iniciação Científica, durante a graduação. Sem sua gentil, porém firme, orientação, esse trabalho não teria chegado com segurança ao seu rumo. Da mesma forma, agradeço a CAPES pela bolsa que possibilitou que eu me dedicasse à pesquisa e financiou minhas excursões para apresentar partes deste trabalho em diversos congressos e simpósios Brasil afora.

Aos meus colegas de mestrado que contribuíram com ideias, críticas e muito apoio para a realização dessa obra, além dos momentos de descontração tão necessários para preservar a sanidade.

À minha família, que incansavelmente me apoiou durante essa jornada, e corajosamente me ouviu falando de *Fan Fiction* por mais tempo do que seria aconselhável.

Por último, mas não menos importante, aos grandes amigos e companheiros de escrita e leitura da comunidade *Nyah! Fanfiction*, que dividiram comigo por mais de dez anos a paixão por essas histórias que, parafraseando o mestre Neil Gaiman, duram, por vezes, mais que nós mesmos.

Ignorância cuidadosamente dirigida é a chave
para todo o conhecimento.

(Sir Terry Pratchett)

RESUMO

A pesquisa tem como tema o potencial de sentidos gerado pelas comunidades de fãs na internet. Em que medida as histórias da comunidade *Nyah! Fanfiction*, que contemplam relações amorosas, revelam transformações do amor e como tal comunidade e essas histórias podem contribuir para a efetivação de tais transformações? é a questão norteadora. Sendo assim, a pesquisa objetiva compreender como as produções de comunidades fãs podem contribuir para a transformações de concepções de amor e de relacionamentos amorosos, bem como, de modo específico, objetiva explicitar como se dá o processo de produção e de interação dos usuários nessa comunidade; delinear categorias de análise para as histórias, a partir dessas mesmas histórias selecionadas, que envolvem relacionamentos amorosos; explicitar o conceito de comunidade de inquirição; tratar das modalidades de amor; discutir as transformações do amor na contemporaneidade e, por fim, avaliar em que medida essa comunidade pode ser caracterizada como uma comunidade de inquirição. Para tanto, toma como *corpus*, histórias classificadas como romances, pela comunidade *Nyah! Fanfiction*, que são categorizadas e analisadas, via análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2009). As análises seguem com reflexões envolvendo o conceito de comunidade de inquirição, atada ao pragmaticismo proposto pelo lógico Charles Sanders Peirce, bem como sobre as transformações da intimidade na contemporaneidade, com Giddens (1993, 2002). A partir das análises, concluiu-se que diferentes modalidades de amor se mesclam dentro das histórias, com predominância de conceitos do amor romântico como o casamento e o olhar para o futuro, e do amor apaixonado como o ciúme e a atração sexual. Nas mensagens deixadas pelos leitores nas obras, emergem interpretantes relacionados às três categorias da cognição delineadas por Peirce, de forma que a produção de *Fan Fiction* em comunidade encerra em si as possibilidades de transformações de crenças, concepções e hábitos, relativos ao amor, operadas pela comunidade, tanto pelos seus processos de interação como pelos seus produtos. A reflexão sobre essas possibilidades constitui a importância dessa pesquisa.

Palavras-chave: Fan Fiction. Comunidade de Inquirição. Amor. Relacionamento. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

The research has as its theme the potential of meanings generated by the fan communities on the Internet. To what extent the stories published in the *Nyah! Fanfiction* community, about love relationships, reveal transformations of love and how such community and these stories can contribute to the effectuation of such transformations? is the guiding question. Thus, the research aims to understand how the fan communities productions can contribute to the transformation of love and relationship concepts, as well as, in specific, aims to explicit how the process of production and interaction between the users in this community works; to delineate categories of analysis for the stories, from these same selected stories which involve love relationships; to explicit the concept of community of inquiry; to deal with the modalities of love; to discuss the transformations of love in contemporaneity and, finally, to evaluate to what extent this community can be characterized as a community of inquiry. To do so, we take as *corpus* the stories classified as love stories by the *Nyah! Fanfiction* community, which are then categorized and analyzed, via content analysis, following Bardin (2009). The analyses are followed by reflections involving the concept of community of inquiry, tied to pragmatism proposed by logician Charles Sanders Peirce, as well as the transformations of intimacy in contemporaneity, with Giddens (1993, 2002). From these analysis, we concluded that different modalities of love are merged inside the stories, with predominance of concepts from romantic love, like marriage and the gaze towards the future, and from passionate love, like jealousy and sexual attraction. From the messages left by the stories readers, interpreters related to the three categories of cognition delineated by Peirce emerge, so that production of *Fan Fiction* in community encloses in itself the possibilities of transformation of creeds, conceptions and habits, related to love, operated by the community, from its interaction processes as well as its products. The reflection about these possibilities constitutes the importance of this research.

Keywords: Fan Fiction. Community of Inquiry. Love. Relationship. Content Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Layout do Nyah! Fanfiction	46
Figura 2 - Página de categorias	48
Figura 3 - Página de seleção da categoria Livros	49
Figura 4 - Página com a lista de histórias publicadas do <i>fandom</i> Harry Potter	50
Figura 5 - Gêneros disponíveis no <i>Nyah! Fanfiction</i>	51
Figura 6 - Uma história listada no <i>fandom</i> de <i>Harry Potter</i>	53
Figura 7 - Página da história “A Escolha”	55
Figura 8 - Página da história “A Escolha”	55
Figura 9 - Corpo de um capítulo no <i>Nyah! Fanfiction</i>	57
Figura 10 - Corpo de um capítulo no <i>Nyah! Fanfiction</i>	58
Figura 11 - Caixa de comentários numa história do <i>Nyah! Fanfiction</i>	59
Figura 12 - Opções para uma história do <i>Nyah! Fanfiction</i>	59
Figura 13 - Denúncia de uma história no <i>Nyah! Fanfiction</i>	60
Figura 14 - Comentários em um capítulo no <i>Nyah! Fanfiction</i>	61
Figura 15 - Barra superior do site <i>Nyah! Fanfiction</i>	62
Figura 16 - Perfil de um usuário no <i>Nyah! Fanfiction</i>	62
Figura 17 - Pannel do usuário no <i>Nyah! Fanfiction</i>	63
Figura 18 – Regras de envio/tela pré-publicação do <i>Nyah! Fanfiction</i>	63
Figura 19 - Tela de publicação de nova história no <i>Nyah! Fanfiction</i>	64
Figura 20 - Tela de publicação de nova história no <i>Nyah! Fanfiction</i>	65
Figura 21 - <i>Nyah! Fanfiction</i> na plataforma <i>Facebook</i>	66
Figura 22 – Capa da histórias <i>Sometimes Love is Not Enough</i>	100
Figura 23 – Capa da história <i>Minha Fraqueza</i>	108
Figura 24 – Capa da história <i>Rosas para Rose</i>	117
Figura 25 – Capa da história <i>Guerra e Ordem</i>	124
Figura 26 – Capa da história <i>Uma Nova Lenda</i>	138

SUMÁRIO

1. Introdução	9
1.1. Pergunta delimitadora e objetivos da pesquisa	10
1.2. Estudos brasileiros sobre <i>Fan Fiction</i> e estado da questão	11
1.3. Metodologia de pesquisa e aportes teóricos	23
2. Sobre Fan Fiction e o Nyah! Fanfiction	28
2.1. Aspectos históricos do Fan Fiction e sua consolidação.....	28
2.2. O Nyah! Fanfiction.....	45
3. Crenças em movimento – A Comunidade de Inquirição e as transformações da intimidade	69
3.1. O pragmatismo peirceano e a comunidade de inquiridores.....	69
3.1.1. O contato com a Tradição e o pré-pragmatismo	73
3.1.2. O nascimento do Pragmatismo	77
3.1.3. A Construção da Metafísica	85
3.1.4. O Pragmaticismo	87
3.2. A transformação da intimidade	89
3.2.1. O amor apaixonado.....	91
3.2.2. O amor romântico.....	93
3.2.3. O amor puro.....	96
4. Análises das peças literárias.....	99
4.1. Os efeitos do amor apaixonado: <i>Sometimes love's not enough</i>	99
4.2. A completude do amor moderno: <i>Minha Fraqueza</i>	107
4.3. Os efeitos do amor romântico: <i>Rosas para Rose</i>	116
4.4. O modo de relacionamento moderno: <i>Guerra e Ordem</i>	122
4.5. Efeitos do amor moderno: <i>Uma Nova Lenda</i>	137
4.6. Aspectos gerais das histórias colhidas.....	147
5. Considerações Finais	150
Referências.....	155
Anexo A – Glossário.....	159
Anexo B – <i>Sometimes love's not enough</i>.....	169
Anexo C – <i>Minha Fraqueza</i>	176
Anexo D – <i>Rosas para Rose</i>.....	182
Anexo E – <i>Guerra e Ordem</i>	184
Anexo F – <i>Uma Nova Lenda</i>	212

1. Introdução

A produção amadora de obras literárias a partir de objetos midiáticos como livros, filmes e videogames não é uma iniciativa recente, mas por tempos ficou oculta dentro dos dedicados grupos de fãs e na subcultura dos aficionados por ficção. Nomeada de *Fan Fiction* (“ficção de fã”), a atividade tornou-se um passatempo e uma paixão para os seguidores de inúmeras obras midiáticas, permitindo que os escritores amadores expandissem e transformassem parte ou todo das obras originais, agregando-lhes novos sentidos. Mais recentemente, a internet possibilitou que o *Fan Fiction* se popularizasse ao redor do mundo e despertasse a atenção da mídia internacional. Obras de altíssima popularidade como a trilogia *50 Tons de Cinza*, a série de livros *Os Instrumentos Mortais* e os romances da série *After* iniciaram como produções amadoras publicadas na internet, antes de receberem suas versões em livros ou filmes. Ao mesmo tempo, grandes empresas buscam os próximos sucessos de vendas nas plataformas abertas de escrita como o *Wattpad* e o *Amazon Kindle Direct Publishing*.

Como obra de fãs, o *Fan Fiction* é uma produção essencialmente comunitária, em que cada produto literário é criado para ser lido e comentado pelos outros fãs da peça original tornando-se, portanto, uma ferramenta de comunicação entre os fãs, sustentada também pelo conhecimento e envolvimento desses fãs com a história original e seus conceitos. O formato de folhetim, empregado pela grande maioria dos autores de *Fan Fiction*, faz com que as histórias sejam publicadas em capítulos separados, ao longo do tempo, possibilitando que as opiniões e reações dos leitores influenciem os rumos da obra durante seu percurso, ou mesmo a própria existência da peça literária, já que é comum que escritores de *Fan Fiction* abandonem projetos rejeitados pela comunidade.

Entre essas comunidades de fãs está a comunidade brasileira do *Nyah! Fanfiction*, que despertou nosso interesse investigativo. Consideramos que a investigação sistemática dos grupos de *Fan Fiction* é necessária, pois, mais que seu potencial mercadológico, as comunidades de escrita amadora exercitam a criatividade de seus membros, o uso da língua formal e o interesse em literatura, tanto em seu conteúdo como nas técnicas de escrita. Com sua base de usuários formada principalmente por crianças e adolescentes, o *Nyah! Fanfiction* pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever desses seus usuários. De fato, o potencial educacional do *Fan Fiction* despertou o interesse de diversos pesquisadores ao redor do mundo, e as primeiras experiências de uso da atividade como ferramenta educacional já estão em curso.

O *Nyah! Fanfiction* também se mostra como um interessante objeto de estudo, pois, sem a supervisão restritiva do editor ou do educador, cabe aos jovens autores a tarefa de descobrirem, por seus próprios métodos, não apenas sobre o que escrever, mas como escrever. O diálogo na comunidade torna-se peça-chave para desvendar os mistérios da escrita, seja na troca de experiências e macetes, seja na busca pelo melhor método de transformar suas ideias em palavras (e suas palavras em admiração dentro da comunidade), seja até na construção do tema da próxima obra. A necessidade de preencher a lacuna da dúvida com uma nova história (o que acontece depois do final do filme? O que poderia ter acontecido se o personagem tivesse feito algo diferente no livro? Qual a história daquele coadjuvante interessante daquele videogame?) move o grupo e possibilita que os fãs desenvolvam suas próprias ideias, suas habilidades e até mesmo explorem suas dúvidas, inseguranças e frustrações.

Da homossexualidade em Harry Potter ao medo da separação em Crepúsculo, do feminismo da Terra-Média à perda da virgindade em Jogos Vorazes, o *Nyah! Fanfiction* oferece terreno fértil para que seus membros descubram mais sobre o mundo e sobre si mesmos, transmitindo seus valores e crenças nas vozes conhecidas de seus personagens, construindo em conjunto novas aventuras que, como recita o slogan do *Nyah!*, são histórias reais em realidades paralelas.

1.1. Pergunta delimitadora e objetivos da pesquisa

É nessa comunidade que delineamos nosso problema de pesquisa, tendo como tema o potencial de sentidos gerados por esses grupos de *Fan Fiction*. Assim, nos perguntamos: em que medida as histórias da comunidade *Nyah! Fanfiction*, que contemplam relações amorosas, revelam transformações do amor e como podem contribuir para a efetivação de tais transformações?

Para responder à questão, é necessário compreender como as produções das comunidades de fãs podem contribuir para a transformações de concepções de amor e de relacionamentos amorosos, o que constitui o objetivo geral dessa pesquisa.

Como objetivos específicos delineamos os seguintes: explicitar como se dá o processo de produção e de interação dos usuários na comunidade *Nyah! Fanfiction*; delinear categorias de análise para as histórias, a partir dessas mesmas histórias selecionadas, que envolvem relacionamentos amorosos; explicitar o conceito de comunidade de inquirição; tratar das modalidades de amor; discutir as transformações da intimidade na contemporaneidade e, por

fim, avaliar em que medida a comunidade Nyah! Fanfiction pode ser caracterizada como uma comunidade de inquirição.

1.2. Estudos brasileiros sobre *Fan Fiction* e estado da questão

De forma a compreender como o *Fan Fiction* é estudado no Brasil, apresentamos pesquisas realizadas no triênio 2015-2016-2017. Observando tais pesquisas, constatamos que elas podem ser divididas em três eixos, de acordo com o foco dado à comunidade ou aos seus produtos, que são: os que envolvem estudos com os produtos enquanto gênero literário; os que as tratam como comunidade, ou ainda as que tomam o processo de produção como modelo para estratégia de ensino de literatura.

No primeiro eixo, como gênero literário, os estudos priorizam a classificação dos produtos do *Fan Fiction*, considerando-se as categorias literárias. Entretanto, como revela Carlos Eduardo de Araújo Plácido (2016), tal tarefa não é simples. Nas palavras do pesquisador:

[...] uma das principais características atribuídas ao gênero é sua capacidade de abarcamento de características diferentes (ou até mesmo disjuntivas) em sua composição básica. Portanto, um texto considerado como gênero narrativo pode apresentar em sua tecelagem textual características constantemente atribuídas ao gênero narrativo (personagem, narrador, entre outros) assim como características constantemente atribuídas ao gênero dissertativo (desenvolvimento ou explicação de um determinado assunto, por exemplo) ou ao gênero injuntivo (manuais ou instruções para montagem ou uso de aparelhos e instrumentos, para citar apenas algumas poucas características recorrentes) (PLÁCIDO, 2016, p. 195).

Pesquisadores como Plácido (2016) e Cavalcanti (2015) lançam mão das teorias de Bakhtin, para explorar o *Fan Fiction* como gênero literário. Todavia, seus resultados divergem. As situações linguísticas expressam-se por meio do contexto sócio-histórico, no qual o interlocutor e o receptor estão inseridos, de forma que uma infinidade de gêneros e subgêneros são produzidos, “impossibilitando um possível mapeamento tipológico deles” (PLÁCIDO, 2016, p. 196). Dessa forma, o autor busca compreender o *Fan Fiction*, a partir da perspectiva da Cibercultura e da Inteligência Coletiva, conforme proposto por Pierre Lévy. Para Plácido (2016), as produções literárias amadoras constituem um gênero literário próprio, tão desenvolvido e interessante como os outros amplamente conhecidos. Mais que isso, o gênero *fanficcional*, assim denominado por esse autor, pode ser dividido em *subgêneros fanfccionais*, “haja vista a grande quantidade de recursos (programas televisivos, canções, filmes, romances, celebridades, etc.)” (PLÁCIDO, 2016, p. 200). O autor também identifica alguns subgêneros propostos pela própria comunidade, seguindo o jargão estabelecido para nomeá-los: *doujinshi*,

Mary Sue, crossover, darkfics, deathfic, drabble, double drabble, slash, femmeslash, lemon, lime, self-insertion, MPREG, TWT, Canon e Songfic.

Segundo Plácido (2016, p. 203), “as composições fanficcioneis são, quiçá, um dos melhores exemplos da concretização das características referentes à cibercultura delinados por Pierre Lévy”. Entretanto, o autor hesita em propor algum tipo de classificação sistemática dos subgêneros fanficcioneis, de forma que mesmo as categorias por ele propostas, a partir das propostas dos integrantes da comunidade, são incertas e abstratas. A categoria *Mary Sue*, como exemplo, é definida como “narrativas cor-de-rosa” (PLÁCIDO, 2016, p. 200). Ele também propõe duas categorias que tratam de relações homossexuais masculinas, a *lemon* e a *slash*, mas não indica quais são as diferenças entre elas. O autor também, mesmo tendo como objeto empírico de estudo a comunidade do *Nyah! Fanfiction*, assumiu que todos os outros grupos de *Fan Fiction* possuem comportamentos e produções similares.

Plácido (2016) destaca que a comunidade tem uma grande capacidade de interconexão, que há uma troca de informações entre os membros da comunidade. Larissa Cavalcanti (2015), também enfatiza esse potencial da comunidade, em pesquisa sobre os gêneros digitais, mas distancia-se das conclusões de Plácido (2016), ao considerar que os participantes do *Fan Fiction* têm um posicionamento político de resistência à mídia tradicional, ao inserirem em suas histórias os valores e temas que o produto midiático não consegue ou não deseja veicular.

Cavalcanti (2015) também fundamenta-se nas teorias de Bakhtin para abordar o gênero do *Fan Fiction*, mas encontra problemas ao construir uma definição para o mesmo. A autora questiona se o fato da produção não contar com autores profissionais seria suficiente para categorizar a produção como amadora, ou mesmo se apenas o uso de outras histórias que constam da literatura, como ponto de partida, tornaria os produtos do *Fan Fiction* uma “subliteratura”:

É este ponto que torna questionável a definição de fanfic como estórias “derivadas, secundárias, amadoras” de um texto “canônico, comercializado, original”. Será que *fanfics* de 500 laudas, distribuídas *on line* e com enredo e consistência de personagens (dentro da proposta de seu autor) ou *longfics* de 49 capítulos podem ainda ser chamadas de escrita amadora? (CAVALCANTI, 2015, p. 11).

A autora fundamenta-se nos conceitos de Abigail Derecho (2006) sobre *archontic literature* para construir um argumento do *Fan Fiction* como literatura arquivista, uma obra derivada de outra que “não denigre nem diminui seu valor, mas acrescenta (mesmo que com qualidade dubitável)” (CAVALCANTI, 2015, p. 11), antes de inserir o *Fan Fiction* como parte de “uma super malha intertextual” (CAVALCANTI, 2015, p. 11). Diferentemente de Plácido

(2016), que examina o *Fan Fiction* por si mesmo, Cavalcanti propõe que as obras produzidas pela comunidade devem ser examinadas em fluxo com a obra original, como um acréscimo à peça que lhe deu inspiração. Por ser fluxo, a leitura do *Fan Fiction*, na concepção de Cavalcanti, necessita “partir de uma concepção de texto como um trabalho em progresso, instável cujas virtualidades podem sempre tornar-se atualizáveis” (CAVALCANTI, 2015, p. 13).

Entretanto, nos estudos do eixo do *Fan Fiction* como gênero literário, a comunidade que gera as histórias é ignorada ou reduzida ao plano de fundo. Embora a visão de Cavalcanti (2015), de estudar o texto como parte de uma corrente de textos, seja mais complexa que o estudo do *Fan Fiction* como obra literária isolada de Plácido (2016), nenhum dos dois autores diferencia o autor de *Fan Fiction* do autor literário convencional, nem questiona a influência que o ambiente comunitário de produção amadora pode exercer sobre as obras. É o eixo de pesquisas sobre o *Fan Fiction* como comunidade que resgata o papel do grupo, examinando principalmente como seus membros constroem histórias em conjunto.

No eixo que desenvolve pesquisas com foco na comunidade, encontramos a pesquisa de Ludmilla Modesto Alves e Sóstenes César de Lima (2016), que apresenta uma análise da comunidade *Nyah! Fanfiction*, fundamentada no conceito de Comunidade Discursiva de J.M. Swales. Os autores, para coleta de dados, valem-se do método da participação direta, tornando-se membros da comunidade e realizando entrevistas, participando de conversas virtuais e aplicando questionários aos outros integrantes. As análises empreendidas, segundo Alves e Lima (2016), demonstram que os participantes da comunidade serviam-se dela para publicar e divulgar suas produções literárias, traço que, faz parte da definição de Comunidade Discursiva. Os autores também relatam a descoberta de comportamentos interessantes, como o de ingressar na comunidade como leitor e tornar-se produtor, isso graças à contribuição dada tanto pelo envolvimento do leitor com o conteúdo e formato das peças como pela ajuda que é dada pelos textos introdutórios, produzidos pelos membros da comunidade.

Este material introdutório foi objeto de análise em pesquisa de Pollyana Zati Ferreira (2016). A autora examina os “guias de escrita” produzidos pelos membros veteranos da comunidade do site *Fanfiction.net* e do blog *Liga dos Betas*, com explicações sobre gramática e que mantinham enorme apreço à norma padronizada da Língua Portuguesa. Esclarece ainda que, mesmo em um ambiente sem a presença regulatória do professor, os jovens escritores constatam que é importante a utilização de uma forma padrão da língua. Há uma “cenografia professoral” (FERREIRA, 2016, p. 142), pois os autores desses manuais assumem o papel de professor e dialogam com o possível leitor, como se esse fosse seu aluno.

Embora Alves e Lima (2016), autores anteriormente mencionados, não examinassem o material destinado à normatização da linguagem da comunidade, os autores percebem relações hierárquicas dentro do grupo, em relação ao conhecimento da língua. Assim como os “professores” de Língua Portuguesa, “membros mais antigos, com maior perícia discursiva, tendem a despertar o respeito e a admiração de usuários menos experientes, além de os terem como referenciais para convenções de comportamento e práticas comunicativas” (ALVES; LIMA, 2016, p. 40). Para esses autores, a verticalização hierárquica informal é uma pista mais clara de uma Comunidade Discursiva do que até mesmo a hierarquia formal da comunidade (os donos de repositórios/comunidades e os administradores dessas ferramentas possuem poderes que os usuários comuns não detêm, como o de banir definitivamente membros do grupo, ou alterar o comportamento da ferramenta usada). Assim, “a sobrevivência de uma CD está diretamente relacionada com a transmissão do conhecimento acumulado por esses membros, aos recém-ingressados na comunidade” (ALVES; LIMA, 2016, p. 40).

Alves e Lima concluem a pesquisa, relatando que a comunidade *Nyah! Fanfiction* cumpriu os requisitos definidos por Swales para identificar uma Comunidade Discursiva. Ainda assim, como os próprios autores admitem, a pesquisa realizada sobre o grupo não consegue ser exaustiva, e permanece a dúvida se outras comunidades de *Fan Fiction* também seriam aplicações práticas da teoria de Swales. Os autores encerram com a suposição que “uma sistematização ampla do cenário seja capaz de discriminar traços menos particulares e mais universalizantes desses grupos” (ALVES e LIMA, 2016, p. 43).

As considerações de Alves e Lima (2016) são retomadas por Pollyana Zati Ferreira Gonçalves (2016), cujo artigo sobre o *Nyah! Fanfiction* também identificou, nesta comunidade, características de uma Comunidade Discursiva.

Gonçalves (2016) seguiu uma jornada de análise similar a de Alves e Lima (2016), examinando as mensagens postadas na comunidade na plataforma *Facebook*, as críticas publicadas por leitores nas páginas das histórias no repositório do site e o material de auxílio e introdução construídos por membros veteranos, com o propósito de levar adiante as regras e padrões estabelecidos pela comunidade, como os manuais de escrita. Com o propósito de buscar contribuições relevantes para a Análise do Discurso, a pesquisadora assumiu a posição de observadora, coletando dados nas duas plataformas (*Facebook* e site-repositório), e não estabelecendo vínculos diretos com os participantes da comunidade.

Assim como Alves e Lima (2016), Gonçalves (2016) conclui que o conceito de Comunidade Discursiva é suficiente para definir e investigar a comunidade enquanto grupo social, no entanto, assim como fazem Alves e Lima, Gonçalves observa o *Nyah! Fanfiction*

principalmente como uma “comunidade de comentadores” (GONÇALVES, 2016, p. 141), seguindo a ideia de Foucault de que o comentário é o discurso construído a partir da repetição do que já foi dito, no caso, a obra original. A autora verifica que todas as interações da comunidade e seus produtos, sejam as peças literárias ou os produtos secundários, tais como imagens, *reviews* e debates, surgem envolvendo um produto original e se preocupam unicamente com as posições literárias que seus membros tomam, como o apreço pela forma padronizada da língua portuguesa e pela estrutura do texto narrativo (ação, diálogo, descrição, etc.). Ao encerrar sua pesquisa, a autora propõe uma expansão futura do trabalho, para entender como essas produções poderiam afetar o mercado literário tradicional, após o surgimento de plataformas de auto publicação de histórias amadoras por grandes empresas como a *Amazon*.

A influência dos ideais do próprio grupo na produção das histórias, como uma comunidade de escritores, característica que não despertou a atenção de Alves e Lima (2016), Ferreira (2016) ou Gonçalves (2016) é o foco de Catarina Maitê Macedo Machado Barboza (2016), que investigou as apropriações criativas da obra Harry Potter, realizadas pela comunidade de escritoras amadoras brasileiras. Em um grupo na plataforma *LiveJournal*, as auto-denominadas *Snapetes*, interagem para produzirem *Fan Fiction* centrado no personagem *Severo Snape*, coadjuvante na obra original. As produções do grupo, posteriormente, são publicadas em sua totalidade em um repositório dedicado ao tema, na plataforma de *blog* Wordpress, chamado *Caldeirão do Snape*.

Barboza (2016) escolhe como método de pesquisa, a *etnografia* (e, posteriormente, complementa com a *autoetnografia*, ao analisar sua própria jornada de neófito a *snapete*), na perspectiva de Sarah Wall e Christine Hine, e fundamenta-se em conceitos de Bakhtin, para examinar os elementos presentes nas histórias. A autora selecionou um grupo relativamente pequeno e muito próximo para estudar, existente há mais de 10 anos e com menos de 50 membros, ou ainda, “os sujeitos informantes da pesquisa foram selecionados dentre *ficwriters* que integram esse grupo/comunidade virtual: onze (11) integrantes do grupo *Snapetes*” (BARBOZA, 2016, p. 119).

Diferentemente do público infanto-juvenil do *Nyah! Fanfiction* estudado por Alves e Lima (2016), Ferreira (2016) e Gonçalves (2016), as *Snapetes* são mulheres adultas, em faixa etária variada, mas acima dos 20 anos, cuja jornada virtual pelo *fandom* é marcada por uma intensa proximidade, tanto virtual como presencial (as participantes realizam encontros presenciais ao redor do Brasil para visitarem umas às outras, e a autora relata um encontro recente de várias *Snapetes* durante o casamento de uma delas). Tais características possibilitam que Barboza (2016), consiga distinguir traços individuais das autoras em suas produções, como

o estilo pessoal de cada escritora, mas também algumas técnicas amplamente usadas por elas, como a auto-inserção, onde a autora surge como personagem em sua própria história e interage com as personagens e o mundo ficcionais, e a forte preferência pela caracterização do personagem Severo Snape estabelecida pelo ator Alan Rickman, nos filmes de Harry Potter ao invés da descrição desenvolvida por J.K. Rowling, nas histórias originais.

Assim como Ferreira (2016) e Gonçalves (2016), Barboza (2016) ressaltou o apreço pela forma padrão da Língua Portuguesa e às técnicas tradicionais de texto narrativo nas histórias, revelando como a educação formal se mostra presente mesmo num ambiente livre de instrutores e reguladores formais. Todavia, diferentemente dos outros pesquisadores, Barboza (2016) também enfatizou certas divergências do estilo tradicional de literatura, como a incorporação de termos transformados em jargão próprio da comunidade (como as palavras fadinha, codorna e moita, apropriadas e modificadas pelas autoras para se tornar uma linguagem interna do grupo), que se fazem presentes nas mensagens e nas histórias e que seriam ininteligíveis para não-membros do grupo das *Snapetes*.

Barboza (2016) também enfatiza que há uma forte ligação entre as obras produzidas pelas autoras de *Fan Fiction* e os valores e conceitos produzidos em grupo, porém a autora não postula se essa característica é intrínseca à comunidade, ou se é uma característica específica de um grupo pequeno e unido como o das *Snapetes*.

O *fandom* de Harry Potter também despertou o interesse de Beatriz Costa Reis (2015), que em sua pesquisa, busca os elementos comuns aos *Fan Fictions* brasileiros do *fandom*, por meio da análise de três histórias publicadas no site *Fanfiction.net*. Diferentemente de Barboza (2016), Reis não se torna parte da comunidade, mas interage diretamente com os escritores, cujas histórias são analisadas via entrevistas e questionários, que analisa as histórias comparando-as com a obra original, destacando quando os autores decidem modificar elementos estabelecidos por J.K. Rowling, ou preencher lacunas da história.

Reis (2015) não analisa nenhuma comunidade específica, mas traça um perfil das histórias brasileiras de Harry Potter, a partir de obras publicadas no repositório internacional *Fanfiction.net* e posterior entrevista com seus autores. A comunidade brasileira de autores de Fan Fiction prioriza “os universos alternativos, a expansão da linha do tempo e o foco em personagens secundários na reinterpretação dos livros originais, bem como a presença do subgênero slash (...)” (REIS, 2015, p. 119). A autora também observa uma predileção entre os escritores por “relacionamentos amorosos e erotismo, dimensões que não têm destaque na saga” (REIS, 2015, p. 119), mas não postula se essas predileções são exclusivas dos fãs brasileiros, ou se são parte do *fandom* em geral de Harry Potter.

Entretanto, Reis (2015) introduz um conceito ainda não utilizado nas pesquisas encontradas no eixo do *Fanfiction* como comunidade, que é a ideia de *work in progress* apontada por Kristina Busse e Karen Hellekson: conforme novas informações são adicionadas por J.K. Rowling à história (por meio do site oficial da saga e de suas entrevistas e declarações), “novos dados serão adicionados à narrativa original e novas histórias serão publicadas, e eles podem alterar a totalidade de interpretações do *canon*, validadas pela comunidade de fãs” (REIS, 2015, p. 122). Dessa forma, o autor revela uma preocupação com a rápida obsolescência das histórias e também da própria pesquisa sobre *Fan Fiction*, já que a comunidade permanece em constante transformação, demandando novas e recorrentes reanálises.

A mutabilidade da comunidade de *Fan Fiction* é uma das preocupações de Maria Clara de Bezerra de Araújo (2016), que investiga o *Fan Fiction* produzido na comunidade da plataforma *Social Spirit*, um site que mistura elementos de rede social (interligações dos membros por meio de “amizades”, “curtidas” e mensagens instantâneas) com repositório de histórias. Diferentemente das outras obras de *Fan Fiction* mais “tradicionais”, como as baseadas em livros, filmes e *video-games*, Araújo investiga o *Fan Fiction* criado ao redor da vida do jogador de futebol brasileiro David Luiz, cuja participação nos jogos da Copa do Mundo em 2014 despertou o interesse de diversos escritores amadores. Araújo (2016) usa como objeto de análise duas histórias, *Diário de uma iniciante em Copa do Mundo* e sua continuação, *Diário de uma iniciante em Champions League* para identificar as práticas dessas autoras e sua relação com a pessoa real que inspira suas histórias.

Araújo (2016) também usa o conceito de Kristina Busse e Karen Hellekson, de *work in progress*, para definir a relação das autoras com o jogador: conforme novas notícias sobre suas performances em campo e sobre sua vida pessoal eram publicadas, as histórias ganhavam novas informações e reviravoltas. A autora destaca o interesse dessas fãs, que embora grande suficiente para escrever longas histórias sobre o jogador, é meramente sazonal, e que o número de novas histórias com o tema diminuiu abruptamente depois do fim da Copa do Mundo. Conforme Araújo (2016, p. 118):

Usando a metáfora da paixão, são fãs que se apaixonam diversas vezes, por diferentes objetos, mas mantêm em si um conhecimento autorreflexivo e um domínio sobre como se desenvolvem os *fandoms*. Apesar de destacarem não pertencer mais ao *fandom* de David Luiz, as autoras compartilhavam histórias sobre ele até o início de 2016, mantendo vivo um laço de afeto com o jogador e com outras fãs.

A autora descreve a comunidade de *Fan Fiction* do *Social Spirit* como uma “rede de sociabilidade”, pois as autoras não só compartilham suas histórias sobre o jogador, mas também

mantêm laços de afeto e respeito mútuo, por meio da troca de mensagens e comentários nas histórias. Ainda que o interesse pelo tema se amenize e haja mudança de foco para novos temas interessantes, Araújo (2016) verifica que as autoras levam essas relações adiante para outros *fandoms* e até para a vida pessoal.

O último trabalho do eixo de *Fan Fiction* como comunidade, colhido no triênio 2015-2016-2017, também investiga a produção dentro do *fandom* de Harry Potter, no *Nyah! Fanfiction*. Assim como Cavalcanti (2015), Gabrielle Leite dos Santos (2016) afirma que o *Fan Fiction* possui um viés político, de resistência, e fundamenta sua argumentação no conceito de Carnavalização, de Bakhtin, onde a linguagem é mais acessível ao grande público e a temática explora tabus e questiona a estabilidade social. Analisando o *Fan Fiction Un Deux, Trois*, a autora verifica que as obras literárias amadoras possibilitam o desenvolvimento do conhecimento de seus escritores, por meio das pesquisas para a produção e da própria reflexão de mundo que o *Fan Fiction* propicia. Os valores dos autores, para Santos (2016), tornam-se parte da trama que forma a obra literária. Nas palavras de Santos (2016, p. 119):

A escrita sobre o outro também proporciona um afastamento crítico que possibilita a empatia e a aceitação mais pacífica das diferenças, uma vez que o escritor é convidado a entrar na cabeça das personagens criadas por um terceiro e tentar adivinhar suas atitudes e suas justificativas. Muitas vezes, essa experiência leva a outros conhecimentos que são mobilizados para a plena compreensão de uma personagem, por exemplo, envolvendo a busca por conteúdos diversos.

Santos (2016), entretanto, não investiga se esses valores são concepções pessoais prévias dos autores ou se são formados ou modificados com alguma interferência da comunidade. Ainda assim, conclui a autora, que o ambiente informal dos grupos de *Fan Fiction* possibilita um crescimento saudável dos membros, sem as pressões e o nivelamento de uma sala de aula, mas com cada membro crescendo a seu próprio ritmo. Diferentemente de Alves e Lima (2016) e de Ferreira (2016), Santos (2016) destaca que não havia hierarquia no interior do grupo e elege a horizontalidade como uma característica essencial para o desenvolvimento dos membros, não apenas como autores, mas como sujeitos políticos em um mundo cada vez mais globalizado, conectado e multifacetado.

A autora finaliza, revelando uma preocupação em relação ao sistema educacional formal, que menospreza o potencial educativo do *Fan Fiction* e, pior ainda, não percebe a presença desses escritores nas salas de aula, simplesmente por não conseguir trazer à tona as suas paixões, ou porque o sistema de avaliação não seja pertinente para identificar e mensurar tais habilidades.

Esse potencial educacional do *Fan Fiction* é explorado no terceiro eixo de pesquisas sobre o tema, formado geralmente pela aplicação de atividades em sala de aula. Rebecca Black (2005) foi a precursora do modelo do *Fan Fiction*, como ferramenta não só de desenvolvimento das habilidades de escrita do aluno, mas também como método para aprimorar a leitura e criar um vínculo do aluno com a literatura.

Ana Cláudia Silva Fidelis e Eliane Fernandes Azzari (2016) problematizam o *cânone* de “clássicos literários” utilizado na sala de aula e o papel do *Fan Fiction* dentro desse universo, partindo das ideias de Rebecca Black (2008), principalmente a de que a participação em comunidades de escrita amadora criam não apenas laços fortes entre os membros por seus interesses em comum, como também criam um vínculo com a própria língua. Na pesquisa, há preocupação com “o descompasso entre as escolhas feitas pelas instituições que determinam o *cânone* e as do público” (FIDELIS e AZZARI, 2016, p. 561), refletindo que a escola não deve focar meramente as obras clássicas, mas apresentar a literatura como um polissistema de múltiplos territórios e estilos, possibilitando que os alunos insiram seus próprios gostos e valores nessa teia literária.

Fidelis e Azzari (2016) não tem como objeto de estudo uma comunidade ou uma história específica produzida em alguma comunidade, mas analisam a pesquisa de Henry Jenkins e Wyn Kelley sobre uma leitura-análise do clássico *Moby Dick*, pelas lentes do leitor-fã. Assim, como Jenkins e Kelley os autores não sugerem que os professores devam entregar *Fan Fiction* para seus alunos lerem em sala de aula, mas sim que o *Fan Fiction* seja inspiração para uma nova maneira de olhar a literatura e a relação entre ela e o leitor, ao mesmo tempo que consideram preciso “romper alguns paradigmas, tais como aqueles que anunciam quais textos (e quais fazeres) legitimam a literatura, bem como os próprios processos de escrita e leitura” (FIDELIS e AZZARI, 2016, p. 561).

Cristiane de Magalhães Porto, Renata Tavares Benia e Daniella de Jesus Lima (2016), em sua pesquisa também destacam que o *Fan Fiction* tem muito a ensinar aos professores de literatura, ainda que os seus produtos não sejam aplicados em sala de aula. Elas investigam a produção de uma autora da comunidade do site *Social Spirit*, que não escrevem tendo um livro, filme ou *video-game*, como ponto de partida, mas, sim uma produção similar à produção investigada por Araújo (2016), sobre histórias do jogador David Luiz, baseadas na vida e carreira de pessoas reais, os integrantes da banda finlandesa HIM.

Porto, Benia e Lima (2016), embora não estabeleçam uma metodologia de análise das histórias, sugerem que a fenomenologia de Charles S. Peirce, baseada nas interpretações de Santaella, pode explicar o método de produção de um *Fan Fiction*:

Em primeiro momento, há o princípio da atenção, depois entendimento do conteúdo e a efetivação da análise. É o que sugere Peirce (1999) apud Santaella (2002), partindo da fenomenologia sobre o processo interpretativo, principiando da égide da primeiridade (o instante imediato, o impacto emocional com o objeto), a secundidade (o caminho que leva à interpretação) e a terceiridade (cuja apresentação se aplica pela análise reflexiva sobre o objeto posto em contato). Tal campo elucidado é concebido nos casos das fanfictions, em razão da possibilidade de aperfeiçoamento da escrita e leitura pela mediação competente da interpretação substancial feita pelo sujeito (PORTO et al., 2016, p. 377).

As autoras entrevistaram a autora de duas histórias sobre a banda HIM, para descobrir como ela produz seu *Fan Fiction* e sua relação com a comunidade do *Social Spirit*. Ao final, avaliam que, assim como concluiu Santos (2016), o ambiente informal de escrita e leitura, sem a presença regulatória de professores, contribui para o crescimento e desenvolvimento desses jovens autores, cuja criatividade é a única ferramenta disponível para explorar o exercício da escrita. Porto, Benia e Lima (2016) não propõem uma metodologia específica, mas enfatizam que o uso de *Fan Fiction* em sala de aula pode desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos, além de tornar o ambiente escolar mais informal e prazeroso aos alunos.

Uilma Matos dos Santos Melo (2017) parte dos mesmos conceitos de *Fan Fiction* de Jenkins e também do conceito de Cultura da Convergência, do mesmo autor, para aplicar uma metodologia, advinda do Fan Fiction, em sala de aula do *Fan Fiction*. A partir das obras *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho*, de Lewis Carroll, a autora desenvolve um cronograma de atividades com jovens alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, para não apenas ler a obra com mais segurança, mas também para despertar um interesse maior pela literatura em si.

Melo (2017) primeiramente busca compreender o quanto os alunos sabem sobre a obra e sobre o *Fan Fiction*. Por meio de questionários adequados à idade dos alunos, é possível descobrir se eles já ouviram falar da história, se leram o livro, se assistiram a algumas das adaptações cinematográficas da obra, se conhecem algo sobre *Alice Através do Espelho*. As primeiras atividades do cronograma proposto por Melo visam familiarizar os alunos com o universo de Alice, apresentando os personagens e a existência dos filmes, por meio de jogos - quebra-cabeças - e atividades de exploração na internet. Após essa fase de pré-leitura, Melo acompanha os alunos na leitura de uma versão adaptada do livro *Alice no País das Maravilhas*. Após leitura, as atividades se desenvolvem na sala de informática, por meio de um *blog* aberto desenvolvido pelo pesquisador, onde os alunos não apenas podem comentar as publicações como também publicar.

No *blog*, Melo (2017) apresenta aos alunos algumas peças de *Fan Fiction* retiradas do site *Nyah! Fanfiction* sobre Alice. Os alunos puderam ler as obras e adicionar comentários no *blog* sobre suas impressões (majoritariamente positivas). Após todo esse trajeto, coube aos alunos, em duplas e trios, produzir suas próprias *Fan Fictions* e, claro, compartilhar as obras com os colegas através do *blog*.

Melo (2017) verifica que a atividade contribui para que o aumento da produção dos alunos que, em sua maior parte, trouxeram a personagem para universos mais próximos dos jovens autores: Alice visita o Brasil, torna-se uma boa jogadora no videogame *GTA*, faz amizade com a estrela internacional Justin Bieber e mostra-se uma amiga para os personagens criados pelos escritores amadores (muitas vezes, os próprios autores se inserem como personagens nas histórias). Os alunos então puderam ler as produções dos colegas no *blog* e fazer suas apreciações. Melo (2017) revela que a atividade tornou a obra *Alice no País das Maravilhas* mais interessante aos alunos, como também contribuiu para o desenvolvimento do alunos. Nas palavras de Melo (2017, p. 73):

Evidenciamos que a participação dos nossos alunos em site de fanfic foi excepcional para sua criticidade, no que diz respeito ao que os fãs escrevem em comparação à obra original, bem como é um diferencial para as propostas de produções de textos desses discentes. As fanfics que eles produziram cooperam para minimizar com a baixa autoestima que alguns deles têm em relação ao texto que escrevem. Isso porque cada produção demonstrou possuir originalidade e criatividade, com os atributos peculiares de cada um deles.

O *Fan Fiction*, segundo Melo (2017), apresenta-se como uma ferramenta nova e poderosa para auxiliar o desenvolvimento de novos leitores, mais eficiente que as atividades educativas tradicionais, como a ficha de leitura, além de revelar esperança que os jovens alunos tornem-se mais que meros consumidores literários, mas também críticos e capazes de transformar o conteúdo valendo-se de seus próprios desejos e valores, tornando-se assim, consumidores que comunicam.

Embora separadas em três eixos, o *Fan Fiction* como gênero literário, como comunidade e como ferramenta educacional, as pesquisas que selecionamos nesse estado da questão, compartilham a crença de que as obras amadoras, produzidas por voluntários apaixonados por produtos da mídia, não constituem passatempo, mas um processo de produção que pode modificar as relações das pessoas com os produtos de mídia ou com a literatura tradicional.

Entretanto, ao privilegiar algumas características do *Fan Fiction* nos eixos do gênero literário e da ferramenta educacional, os pesquisadores abrem mão de certos elementos fundamentais para a existência da atividade: embora tenha se revelado uma atividade lúdica

positiva, o *Fan Fiction* produzido em sala de aula precisa obedecer a certos padrões impostos pelo professor. O tema é proposto pelo educador e não é escolhido pelos alunos e há formatos, objetivos e prazos estipulados. Ainda que possa ser vista como uma atividade lúdica, o *Fan Fiction* quando introduzido na sala de aula, passa a compor um cronograma avaliativo desenvolvido por profissionais de educação e tem seus objetivos específicos dentro do ensino de literatura.

Ao analisar o *Fan Fiction* como um novo gênero literário, a comunidade que lhe dá origem não é considerada na pesquisa. O foco passa para as obras produzidas e se contempla o processo produtivo, que envolve criatividade e também cooperação de outros membros da comunidade. O eixo do *Fan Fiction* como comunidade examina as relações que se estabelecem entre os membros, mas as pesquisas que mencionamos, do triênio 2015-2016-2017, não analisa como essas relações sociais interferem no produto final. Barboza (2016) se aproxima mais ao verificar que as *Snapetes* entravam pessoalmente nas histórias e interagiam com os personagens, mas não revela se as discussões e as mensagens afetavam essa interação, se suas crenças tinham se alterado durante sua participação na comunidade.

A partir desse sucinto estado da arte, compreendendo as pesquisas publicadas no triênio 2015-2016-2017, constatamos que as experiências dos usuários, no processo de produção e de interação com os membros da comunidade, quando compõem os dados da pesquisa, não são tratadas em sintonia com as suas produções. A nossa pesquisa, ao tomar como objeto empírico de estudo a comunidade *Nyah! Fan Fiction*, busca dirimir essa lacuna, por tratar a produção, a possibilidade de geração de novos conhecimentos e as relações estabelecidas pelos integrantes dessa comunidade como indissociáveis, ou seja, consideram-se que as histórias amadoras dos fãs, os fãs e os produtos de mídia transformam-se numa infinita teia de relações, nas quais as ideias, crenças, concepções e hábitos são postos em fluxo. Nesse aspecto, justifica-se a pesquisa, por apresentar esse diferencial.

A inovação de técnicas de coleta de dados constitui outro aspecto pelo qual a pesquisa se justifica. Nesse sentido, a pesquisa vai ao encontro da concepção peirceana de ciência como algo que está em constante metabolismo e, portanto, que requer sempre a construção de novos métodos e técnicas de pesquisa. A socialização do grupo *Nyah! Fanfiction* pode contribuir para o avanço das pesquisas envolvendo essa modalidade de comunidade, além de fornecer pistas para a análise de outros grupos similares de *Fan Fiction* e, quiçá, até se estenda a outras comunidades baseadas no trabalho coletivo de fãs.

Justifica-se também pelo fato de que essa pesquisa busca agregar valor a essa modalidade de relacionamento construído pela comunidade, no sentido que ela pode propiciar

o crescimento de ideias, de habilidades, de concepções e promover mudanças de hábitos dos envolvidos. Assim, muito mais do que contribuir para o letramento e para o letramento midiático, aumentar o consumo e a divulgação de produtos midiáticos, ou desenvolver o gosto pela literatura, as comunidades de fãs, e em particular, o *Nyah! Fan Fiction*, propicia reflexões e transformações sobre suas práticas sociais.

A importância para a área de Comunicação e Informação, de modo geral, está na possibilidade de redimensionar o potencial comunicativo dessas comunidades.

1.3. Metodologia de pesquisa e aportes teóricos

Para a realização da pesquisa empírica, coletamos dados em uma comunidade virtual, na plataforma Facebook e no site *Nyah! Fanfiction*. Sem relevar nossa presença na comunidade e sem influenciar ou participar dos debates que ali ocorrem, recolhemos as publicações dos usuários no grupo dedicado ao site dentro da plataforma, por meio de software elaborado pelo próprio pesquisador¹, a cada quinze minutos, do dia 01/01/2017 até o dia 31/03/2017.

Utilizamos uma unidade informacional denominada “tópico” para agrupar as mensagens. Cada tópico é formado pela publicação de um membro e suas primeiras 25 respostas cronológicas. Tal unidade se torna importante durante a classificação posterior, pois possibilita examinar o texto como uma unidade coesa, ao invés de fragmentos, evitando que um tópico iniciado com um tema, porém desviado para outro pelas respostas dos membros, seja classificado incorretamente. O limite de 25 mensagens evita que um tópico muito discutido sobressaia aos outros tópicos, equalizando o tempo de análise de cada tópico.

Decidimos otimizar o *corpus* por meio da exclusão dos tópicos que obtiveram 5 ou menos respostas, depois da publicação da mensagem inicial, por não ter endosso da comunidade o suficiente para ser relevante à pesquisa. Após este corte inicial, categorizamos todos os tópicos obtidos, por meio da análise de seu conteúdo, em temáticas específicas. Tópicos que não trabalhavam com histórias foram excluídos, tais como aqueles que tratam de jogos e brincadeiras dentro da comunidade; anúncios de outros sites e páginas; enquetes, censos e formulários de pesquisa; tópicos marcados pelos próprios membros como “em off”, que não tratam do *Fan Fiction* nem de assuntos correlatos; exposições pessoais dos membros, suas fotos e informações relacionadas; dúvidas técnicas e reclamações quanto ao uso de ferramentas, do

¹ O software foi licenciado como software livre e seu código-fonte pode ser encontrado em <<https://github.com/andreScutieri/webdiver>>, sem restrições quanto ao uso, modificação e redistribuição.

sistema do site ou do próprio Facebook; reclamações, sugestões e elogios ao site, a outros membros, ou a moderação do grupo do Facebook.

Categorizamos os tópicos restantes quanto à sua temática e sua relação com as obras publicadas no site. Assim, obtivemos 4 categorias básicas: Recomendação de História, para tópicos que pedem obras já lidas e avaliadas pelos membros da comunidade; Encomenda de História, para tópicos que encomendam a produção de uma obra a partir de uma ou mais regras e/ou temas; Divulgação de História, para tópicos onde os autores recomendam ou fazem publicidade de suas próprias obras literárias; e Assuntos Secundários, onde se discute, recomenda, encomenda ou divulga assuntos e materiais técnicos envolvidos na produção do *Fan Fiction*, como desenvolvimento de ilustrações para as histórias, dicas de português, revisão, editoração, técnicas literárias e correlatos que fazem parte do *Fan Fiction*, porém não envolvendo a produção de uma história específica.

A partir das quatro categorias, buscamos no site do *Nyah! Fanfiction*, as histórias citadas nos tópicos. Decidimos por utilizar apenas a primeira história citada em cada tópico. Verificamos o gênero literário de cada história, indicado pelo próprio autor, e excluímos todos os tópicos que se relacionavam com histórias não pertencentes ao gênero “Romance”. Finalmente, para obter um recorte mais uniforme, permitindo comparações entre histórias, decidimos por manter apenas os tópicos cujas histórias fossem *Fan Fictions* baseados no Universo Harry Potter, compreendendo os 7 livros e filmes originais de J.K. Rowling, a trilogia de filmes (ainda em produção) *Animais Fantásticos & Onde Habitam*, a peça *A Criança Amaldiçoada*, os livros *Animais Fantásticos & Onde Habitam*, *Quadribol Através dos Séculos* e *Os Contos de Beedle, o Bardo*, além dos contos, informações e curiosidades publicados no site oficial Pottermore, pela própria J.K. Rowling. A distribuição dos tópicos pode ser acompanhada nas tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1 – Distribuição inicial dos tópicos

Tópicos irrelevantes	6.834
Tópicos relevantes	3.160
Total de tópicos	9.994

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 – Distribuição dos tópicos relevantes

Recomendação de História	966
Encomenda de História	734
Divulgação de História	971
Assuntos Secundários	489

Total de Tópicos	3.160
-------------------------	--------------

Fonte: elaboração própria

Tabela 3 – Distribuição dos tópicos que citam o Universo Harry Potter

Recomendação de História	9
Encomenda de História	0
Divulgação de História	4
Assuntos Secundários	0
Total de Tópicos	13

Fonte: elaboração própria

Ao realizarmos a leitura das histórias românticas, procuramos identificar como os assuntos referentes às relações amorosas são tratados nessas histórias. A partir de uma primeira leitura e considerando-se os objetivos específicos, estabelecemos quatro categorias para analisar os trechos selecionados em cada uma das histórias: 1. Definições do amor: o autor desenvolve suas concepções sobre o amor e a intimidade, apresenta reflexões sobre esse sentimento; 2. Efeitos do amor: estão descritas as consequências físicas, mentais e emocionais do amor e da intimidade; 3. Modalidades de relacionamentos: o autor dá especificidades das relações amorosas na vida cotidiana, descreve suas experiências amorosas; e 4. Completude do relacionamento: identificamos o estado do relacionamento entre os personagens ao encerrar a história (casamento, namoro, amizade, desconhecido, etc.).

Partindo dessas categorias, utilizamos as teorias de Anthony Giddens sobre amor e intimidade para verificar se esses trechos categorizados são indícios de Amor Apaixonado, Amor Romântico ou Amor Moderno, segundo as definições do autor, e se existe mais de um tipo de amor dentro de uma mesma categoria.

Esse sistema de categorização se fundamenta na metodologia proposta por Bardin (2009), que aplicou técnicas da Análise de Conteúdo em investigações psicossociológicas e de comunicação de massa. Seu procedimento metodológico, descrito na obra Análise de Conteúdo, trata de categorização de unidades de informação, permitindo que o pesquisador encontre os padrões nas informações, o que permite analisá-las.

Bardin (2009) propõe três fases distintas para a análise de conteúdo: a pré-análise, em que o pesquisador escolhe os documentos que serão analisados e formula hipóteses que serão posteriormente testadas pelos resultados obtidos pela análise; a fase da exploração do material, quando esses documentos são esmiuçados e categorizados e, finalmente, o tratamento dos

resultados, quando o pesquisador revisita suas hipóteses à luz das categorias obtidas e realiza sua interpretação.

Decidimos nos apropriar dessa metodologia de categorização do conteúdo tanto para separar os tópicos obtidos na plataforma *Facebook* como para segmentar o texto dos *Fan Fictions* em unidades categorizáveis, de forma a orientar nossa análise das peças. A utilização dessa metodologia nos permitiu revelar os padrões relativos às modalidades de amor manifestos nas histórias de *Fan Fiction* e nos tópicos publicados na plataforma Facebook. Entretanto, para a realização das análises, afastando-se do método da Análise de Conteúdo, utilizamos como substrato para análise, os trechos categorizados das obras, os tópicos que deram origem às peças literárias, as teorias de Giddens e Peirce sobre, respectivamente, amor e comunidade e a própria obra original de J.K. Rowling, sobre o universo *Harry Potter*, para averiguar as transformações do amor presentes em cada história.

Para compreender essas transformações, lançamos mão dos conceitos propostos por Anthony Giddens, sociólogo britânico de reconhecimento mundial por suas teorias sobre a estruturação social e sua crítica ao conceito de pós-modernismo. Seu trabalho sobre a noção de *self* e as mudanças que a modernidade acarretou e ainda acarreta na sociedade humana nos fornece a base para entender como as histórias românticas também se transformaram ao longo do tempo, já que seus autores estão inseridos nesse ambiente de modernidade e sua produção é indissociável a ele.

Giddens (2002) distingue três grandes momentos no que ele chama de “transformação da intimidade”, que ele nomeia de amor apaixonado (ou *amour passion*), amor romântico e amor puro ou moderno. Ao avaliar como a modernidade contribuiu para a modificação das relações amorosas humanas, a sexualidade e as organizações sociais ao redor dos relacionamentos, como o casamento, Giddens oferece não apenas uma lista clara de características dos movimentos românticos como também as bases para nosso sistema de categorias, seguindo a metodologia já citada de Bardin (2009). Assim, classificamos, inicialmente, as histórias de *Fan Fiction* publicadas no site a partir de suas características de amor apaixonado, romântico ou puro, seguindo os conceitos propostos pelo autor.

Entretanto, diferentemente de outros trabalhos encontrados no triênio 2015-2016-2017 sobre *Fan Fiction*, decidimos por não trabalhar isoladamente as histórias produzidas, mas inseri-las num contexto maior, que é a comunidade que as escreve. Ao trabalhar a cultura da comunidade do *Nyah! Fanfiction* e suas produções, objetivamos uma visão mais ampla, capaz de ver não apenas padrões entre as histórias, mas também como esses padrões vão surgindo a partir das crenças e valores da comunidade. Para entendermos essa teia de interações e como

elas produzem não somente histórias, mas verdadeiro conhecimento, utilizamos as teorias de Charles S. Peirce sobre a comunidade de inquirição, tentando mostrar que o *Nyah! Fanfiction* se configura como uma dessas comunidades.

Para Peirce, o conhecimento se desenvolve através de um ciclo de dúvida, estado incômodo de desconhecimento que leva à inquirição, uma busca pelo estado de crença. Ao obter uma crença capaz de sanar a dúvida inicial, voltamos a uma mentalidade de tranquilidade e satisfação. Com o tempo, nossas crenças se transformam em hábitos, que guiam nossas ações quando deparados com certas situações. No entanto, esse processo não ocorre apenas isoladamente, mas, para que o conhecimento avance, é preciso que haja uma comunidade de inquiridores, que debatem e desafiam suas crenças, estendendo o processo da inquirição e gerando novas dúvidas, novas crenças e novos hábitos. Nessas comunidades, não ocorre apenas um amálgama das habilidades e conhecimentos dos membros, mas sim um verdadeiro embate capaz de transformar as crenças de seus participantes. Desta maneira, vamos tentar avaliar em que medida o *Nyah! Fanfiction* se faz como comunidade de inquirição.

Finalmente, para completar a análise, referenciamos as histórias aos tópicos que lhes deram origem, seja por recomendação, encomenda ou divulgação, e comparamos os debates nos tópicos com as histórias referenciadas, além dos comentários publicados no site do *Nyah! Fanfiction*, visando analisar quais possíveis mudanças de hábitos essas histórias podem propiciar aos seus leitores.

Quanto ao relato dos resultados da pesquisa, no primeiro capítulo, sob o título “Sobre o *Fan Fiction* e o *Nyah! Fanfiction*”, apresentamos aspectos históricos do *Fan Fiction* e da comunidade analisada, tanto na plataforma própria (seu site-arquivo de histórias) como no grupo oficial na rede social *Facebook*. No segundo capítulo, “Crenças em movimento – a Comunidade de Inquirição e as transformações do amor”, expomos os aportes teóricos que sustentam essa pesquisa: o conceito de Comunidade de Inquirição, sua relação com o Pragmatismo peirceano e a transformação do amor e da intimidade teorizados por Anthony Giddens. No terceiro capítulo, apresentamos as análises de cinco histórias selecionadas, a partir da metodologia apresentada nessa Introdução. Em seguida, nas considerações finais, seguem nossas observações sobre o resultado da pesquisa e apontamos seus possíveis desdobramentos. Para auxiliar na compreensão do jargão da comunidade, provemos um glossário no anexo A dos principais termos, tanto do *Fan Fiction* como do universo de *Harry Potter*. Em seguida, anexamos as histórias utilizadas nas análises.

2. Sobre Fan Fiction e o Nyah! Fanfiction

O termo *Fan Fiction*, utilizado para descrever a produção amadora voluntária de obras literárias, não se refere simplesmente ao tipo de ficção construído por seus autores, mas engloba também a presença da comunidade de fãs, produtora e consumidora dessas obras. Desta forma, ao referir-se ao *Fan Fiction*, é impossível desmembrar as duas partes que o compõem: o Fã e a Ficção misturam-se e influenciam-se mutuamente, não havendo literatura sem comunidade e não havendo comunidade senão pelo desejo de escrever.

Portanto, a análise das obras dessas comunidades de fãs leitores/escritores passa pela análise da própria formação e história desses grupos. Neste primeiro capítulo, apresentamos um panorama sobre *Fan Fiction*, com aspectos de sua origem anterior ao digital até a formação dos primeiros grupos *online* de distribuição de obras amadoras. Em seguida, apresentamos a história e estrutura da comunidade *Nyah! Fanfiction*, para entender tanto como esse grupo brasileiro incorpora e desenvolve conhecimentos recebidos dos grupos anglófonos de ficção amadora, como também de que forma as limitações dos conhecimentos tecnológicos influenciaram e influenciam a organização da comunidade.

2.1. Aspectos históricos do Fan Fiction e sua consolidação

Embora tenha se popularizado graças ao advento da Internet, o *Fan Fiction* precede às primeiras conexões digitais. Conforme escreve Prucher (2007), o termo já aparece em publicações de língua inglesa, em 1939, principalmente de forma pejorativa, como na revista de fãs *Le Zombie*, na qual o editor Bob Tucker elogia o autor Milt ao escrever: “[...] e Milt deve ser parabenizado pela história... ela é definitivamente profissional, e não ficção de fã”² (TUCKER apud PRUCHER, 2007, p. 57). Entretanto, usos posteriores pela comunidade dos fãs e dos ávidos consumidores de entretenimento expandiram o uso do termo para englobar, segundo Prucher (2007, p. 57), “ficção científica e ficção fantástica amadoras; ficção que usa personagens ou um universo ficcional originalmente criado por um escritor profissional ou para um programa de televisão, filme, etc.”.³

Segundo Peschel (2005), o *Fan Fiction*, enquanto prática de produção literária já existia desde o século XIX, quando leitores das aventuras de *Sherlock Holmes*, de Sir. Arthur Conan

² No original: “And Milt is to be congratulated on the story... it is definitely [sic] pro and not fan fiction”, tradução nossa.

³ No original: “Amateur science fiction and fantasy fiction; fiction that uses characters or a fictional universe originally created by a professional author or for a television show, movie, etc.”, tradução nossa.

Doyle exploravam o universo ficcional da obra produzindo suas próprias narrativas de mistério, protagonizadas pelo famoso detetive. Entretanto, Joan Marie Verba (1996), Francesca Coppa (2006) e Catherine Discroll (2006) concordam que o *Fan Fiction*, nos padrões modernos surgiu com a cultura dos *Fanzines*, publicados pelos fãs de ficção científica. Conforme Arnie Katz (2006), o grupo de fãs (chamado de *fandom*) de ficção científica surgiu na sessão de cartas da revista de ficção científica *Amazing Stories*, publicada por Hugo Gernsback, em 1926, na qual “a grande coluna de cartas, copiada pela maioria dos competidores da *Amazing*, deu aos leitores largo espaço para conversarem com o editor e, em última instância, uns com os outros”⁴ (KATZ, 2006, p. 2). Tão importante quanto as cartas era a presença dos endereços de correspondência dos leitores, dando aos fãs a oportunidade de entrarem em contato com outros apaixonados pelas histórias de ficção científica.

Tal oportunidade de comunicação rapidamente permitiu que os fãs se organizassem em clubes informais e círculos de correspondência. Stephen Perkins (1992) esclarece que a primeira revista amadora com artes “de fãs para fãs” foi publicada em 1930, sob o título *The Comet*. De acordo com Frederik Pohl, “fãs tinham começado a publicar suas próprias revistas para preencherem as semanas vazias entre a publicação de novas edições da *Astounding*, *Amazing* e *Wonder*”⁵ (POHL, 1974, p. 23), principalmente pela publicação errática durante os anos da Grande Depressão Americana. O conteúdo dos *fanzines* (neologismo mesclando o termo *fan* com *magazine*, ou revista), já nos anos 30, “continha comentários sobre as histórias de revistas profissionais, ou novidades sobre atividades dos fãs, ou fofoca ou debate”⁶ (POHL, 1974, p. 23). Embora de natureza profundamente amadora, o *fanzine* se tornaria a mídia de formação de diversos autores consagrados, como C.M. Kornbluth, Donal Wollheim e Ray Bradbury, além de servir de plataforma para a veiculação das primeiras histórias do *Fan Fiction*.

O amadorismo estava presente na produção das revistas, que tomavam “vantagem das tecnologias mais baratas e mais acessíveis de cada período, isto é, mimeografia, duplicação à álcool e xerografia, assim como métodos mais tradicionais de impressão como a *offset*”⁷ (PERKINS, 1992, p. 14). As páginas eram datilografadas na máquina de escrever ou produzidas usando caneta e tinta, depois duplicadas, organizadas e grampeadas manualmente.

⁴ No original: “The large letter column, copied by most of *Amazing*’s competitors, gave readers plenty of space to talk to the editor, and ultimately, to each other.”, tradução nossa.

⁵ No original: “Fans had begun to publish their own magazines to fill in the dry weeks between the times when the new issues of *Astounding*, *Amazing* and *Wonder* came out”, tradução nossa.

⁶ No original: “[...] contained comments on the stories in the professional magazines, or News of fan activities, or gossip or debate”, tradução nossa.

⁷ No original: “[...] advantage of the cheapest and most accessible Technologies in any given period, i.e., mimeography, spirit duplicating (ditto) and xerography, as well as more traditional printing methods such as offset printing”, tradução nossa.

Os livretos eram posteriormente enviados pelo correio, ou distribuídos em pequenos clubes e convenções. Tal contato entre os amantes do gênero possibilitaram o desenvolvimento de uma cultura de ficção científica. Por exemplo, sabe-se de uma viagem que o próprio Frederik Pohl e sete amigos de Nova York fizeram para se encontrar com um grupo de fãs de ficção científica da Filadélfia, em 1936, tida como a primeira convenção de ficção científica. No ano seguinte, como relata Coppa (2006), um grupo de fãs ingleses, incluindo o renomado autor de ficção científica Arthur C. Clarke, na época com 21 anos, cujo primeiro conto de ficção profissional seria publicado na *Astounding Science Fiction*, em 1946, planejaram seu próprio evento em 3 de janeiro de 1937. A primeira edição da *World Science Fiction Convention* foi realizada no feriado de 4 de julho em 1939, em Nova York e, salvo alguns raros intervalos durante a Segunda Guerra, ainda é realizada anualmente, sob o nome *Worldcon*.

A estrutura estabelecida pelos fãs de literatura de ficção científica nas convenções e nos *fanzines* foi rapidamente tomada pelo *fandom* das séries de ficção científica que começaram a ser veiculadas na televisão americana, nos anos de 1960. Cynthia Walker (2001) argumenta que a primeira série de TV a possuir um *fandom* dedicado, foi a série *The Man from U.N.C.L.E.*⁸, televisionada entre 1964 e 1968. Walker (2001) estabelece uma relação diferenciada entre a série e a comunidade já estabelecida de fãs de literatura de ficção científica, não apenas pelo fato de famosos escritores do gênero contribuírem nos roteiros da série (como fizeram Harlan Ellison, Terry Carr, Joan Hunter Holly, Robert “Buck” Coulson e David McDaniel), como também pela própria presença da comunidade de fãs na estrutura da série.

Ellison, Carr e McDaniel eram todos originalmente fãs de ficção científica que fizeram a transição para a escrita profissional, e todos eram muito conhecidos na comunidade de ficção científica... Quando Ellison, Carr, McDaniel e outros começaram a trabalhar para formar U.N.C.L.E., eles trouxeram essas práticas e costumes [da ficção científica] com eles.⁹ (WALKER, 2001, p. 4).

Fãs de ficção científica e novos adeptos construíram o primeiro *fandom* televisivo, considerando as práticas do *fandom* literário e a série televisiva mencionada. De fato, o *TV Guide*, como relata Walker (2001), chamou *The Man from U.N.C.L.E.* de “o culto místico de milhões”, além de trazer à luz da grande população a ideia que telespectadores não apenas assistiam ao show como entretenimento, mas eram realmente apaixonados pelo programa.

⁸ Decidimos por preservar o título original da obra no texto, mas a série foi televisionada no Brasil sob o título “O Agente da UNCLE” em 1966, pela extinta TV Excelsior.

⁹ No original, “Ellison, Carr, and McDaniel were all originally SF fans who made the transition to pro writers, and all were well known in the SF community... When Ellison, Carr, McDaniel and the others began to contribute to the shaping of U.N.C.L.E., they brought these [science fiction] customs and practices with them”, tradução nossa.

Relata ainda que o departamento de pesquisa da produtora da série, a NBC, enviou um memorando ao vice-presidente de programação, Mort Werner, explicando que os espectadores estavam assistindo U.N.C.L.E não apenas por não gostarem de outros programas disponíveis no horário, mas por serem fãs fanáticos pela série: “eles falam sobre o programa com outros fãs e vão além disso: eles fazem proselitismo, eles querem converter não-telespectadores”¹⁰ (WALKER, 2001, p. 4).

De maneira oposta, o segundo grande programa a atrair fãs de ficção científica sofreu com baixas visualizações por todo o tempo em que esteve no ar. Ao estreiar em 1966, *Star Trek*¹¹ angariou, conforme Coppa (2006), uma multidão de fãs e modificou permanentemente o terreno da ficção científica na televisão. Gene Roddenberry, seu produtor, exibiu o primeiro episódio da série, pela primeira vez, na Worldcon, em 1966, iniciando a duradoura relação que o programa teria com as comunidades de fãs, muito além dos seus quatro anos de exibição. As constantes ameaças de cancelamento, relata Coppa (2006), por culpa do número relativamente pequeno de telespectadores, forçaram seus fãs a assumir um compromisso mais forte com a série. Walker (2001) descreve que havia uma forte ligação entre o *fandom* criado com *The Man from U.N.C.L.E.* e o *fandom*, em formação, de *Star Trek*, e que personagens-chave da história dos fãs de ficção científica habitavam os dois grupos, como no caso de Juanita Coulson, que contribuiu na criação do primeiro *fanzine* de *Star Trek*, *Spockanalia* (1967) e foi editora do segundo *fanzine* da série, *ST-Phile* (1968), casada com Buck Coulson, o coautor dos livros derivados da série *The Man from U.N.C.L.E.*

As comunidades de fãs, como *U.N.C.L.E.* e *Star Trek*, por serem relativamente pequenas, permitiram o acesso às informações sobre os seus protagonistas e sobre as suas influências no *Fan Fiction*. Justine Larbalestier (2002) argumenta que *Star Trek* reuniu uma audiência principalmente feminina, que se sentia representada no *fandom* de literatura de ficção científica, pois suas cartas eram publicadas, o que não ocorria nas sessões de fãs das revistas profissionais nem nos *fanzines*. Francesca Coppa (2006) concorda com o argumento de Larbalestier (2002), revelando que as fãs de *Star Trek* e *The Man from U.N.C.L.E.* eram, geralmente “mais bem educadas que a maioria [das mulheres], leitoras vorazes, e compreendiam a produção científica”¹² (COPPA, 2006, p. 32).

¹⁰ No original, “[...] They talk about the program with other fans and go beyond that: they proselytize, they want to convert nonviewers!”, tradução nossa.

¹¹ Assim como em *The Man from U.N.C.L.E.*, decidimos preservar o título original da obra no texto, mas a série foi transmitida no Brasil sob nome “Jornada nas Estrelas”, também pela extinta TV Excelsior, em 1968.

¹² No original, “They were better educated than most, heavy readers, and scientifically literate”, tradução nossa.

Entre os integrantes dessas comunidades, podemos destacar as seguintes: Joan Marie Verba, autora do primeiro relato histórico sobre a comunidade de fãs de *Star Trek*, programadora, graduada em física e pós-graduada em astronomia; Jacqueline Lichtenberg, que ganhou permissão oficial para seu trabalho construindo a história da cultura *Vulcan*, de *Star Trek* – publicado como parte do cânone da série – era farmacêutica antes de se tornar escritora; enquanto Judy Segal, co-fundadora da *Star Trek Welcomittee*, organização sem fins lucrativos que promovia eventos de fãs e divulgava informações sobre *Star Trek* para neófitos, criada em 1972 e encerrada em 1997, tinha título de Mestre em botânica.

Do esforço dessas fãs e de inúmeros outros membros da comunidade, os *fanzines* de *Star Trek* espalharam-se rapidamente entre os grupos locais de fãs. Coppa (2006) esclarece que o conteúdo das primeiras revistas dessas comunidades, como *Spockanalia*, *ST-Phile*, *T-Negative* e *Warp Nine*, consistia de guias de episódios, cartas, debates, artigos, poemas, músicas, histórias, desenhos e roteiros amadores para televisão. Como observado por Walker (2001), a política de Gene Roddenberry, criador de *Star Trek*, de fingir ignorar a produção dos fãs permitiu que essa cultura florescesse às margens dos produtos oficiais.

De fato, alguns dos produtos dos fãs seriam posteriormente elevados ao grau de *cânone* da cultura *Star Trek*, como a obra *Star Trek Concordance of People, Places, Things*, exaustivo guia de todos os elementos presentes na série, publicado como produção de fã, por Bjo Trimble, em 1969 e que ganhou nova publicação, oficial, em 1976. Em 1969, Ruth Berman escreveu *For the Good of the Service*, um conto que autores como Verba (1996) consideram ser bom o suficiente para ter sido um episódio oficial. No mesmo ano, Lelamarie S. Kreidler escreveu o primeiro *Fan Fiction* romântico de *Star Trek*, *Time Enough*, descrito como “uma história sobre uma mulher que vence e vai para a cama com Spock”¹³ (VERBA, 1996, p. 3), que iniciou o movimento romântico dentro do *Fan Fiction* moderno.

Entretanto, longe de ser uma comunidade amorfa e compacta, o *fandom* das histórias de ficção científica teve seu quinhão de conflito e divisão. Conforme Coppa (2006), para os fãs tradicionais de literatura de ficção científica, *Star Trek* não era vista como tal, pois eles consideravam que a série destinava-se para um público que não gostava de ler e se recusavam a veicular histórias do *fandom*, em seus *fanzines*. A separação entre as comunidades se consolidou quando, em 1974, Jacqueline Lichtenberg e Laura Basta foram indicadas para o

¹³ No original, “[...] a story about a woman who wins and beds Spock”, tradução nossa.

prêmio Hugo, de melhor escritor amador¹⁴, um prêmio anual distribuído na convenção *Wordcon*. Como explica Verba (1996, p. 16):

Tanto Jaqueline como Laura foram indicadas para o prêmio “melhor escritor de fantasia” somente por suas histórias nos *fanzines*, de *Star Trek*, e isso criou um considerável furor no *fandom* de ficção científica. Alguns fãs de ficção científica ficaram horrorizados com a ideia de fãs escrevendo histórias sobre o que eles consideravam um programa de TV de segunda classe. Alguns estavam com medo de que os fãs de *Star Trek* poderiam distrair a convenção *World Science Fiction* de honrar aqueles que escreviam obras originais de ficção científica. Outros fãs de ficção científica não viam qual era o motivo de tanto barulho¹⁵.

O desconforto gerado entre a grande comunidade do *fandom* de ficção científica e a comunidade especializada do *fandom* de *Star Trek* foi resolvido com a cisão do grupo menor, que começou a realizar suas próprias conferências. A primeira delas realizou-se em Nova York, em 1972. Desde então as reuniões passaram a ser realizadas anualmente. Essa foi a primeira entre tantas outras divisões, gerando sempre comunidades mais específicas. Finalmente, o *fandom* de *Star Trek*, aninhado em sua dedicada comunidade, ainda seria palco de outro grande conflito, onde o *Fan Fiction* desenvolveria um papel central.

Como Verba (1996) relata, os fãs de *Star Trek* começaram a se posicionar em dois grandes grupos: os que apreciavam o programa por seus elementos de ficção científica, exploração espacial e futurologia, e os que se interessavam pelo desenvolvimento dos personagens e suas reações, principalmente a dinâmica de camaradagem entre o capitão Kirk e seu imediato Spock. Embora a linha que dividia os grupos fosse tênue e difícil de traçar (afinal, num programa de ficção científica, será que realmente havia fãs que não se interessavam pela ciência?), o foco nos relacionamentos possibilitaria uma mudança gradual do foco do *Fan Fiction*, afastando-se da reprodução do formato dos episódios (exploração espacial, combates e aventuras) para histórias mais focadas na dinâmica entre os personagens, em suas histórias pessoais, seus dilemas e sonhos.

Em 1975, o livro *Star Trek Lives!*, de autoria de Jacqueline Lichtenberg, Sondra Marshak e Joan Winston, foi publicado pela Bantam Books. A obra descreveu o *fandom* do programa como um dos maiores do mundo. Lichtenberg et al. (1975), na introdução do livro,

¹⁴ As categorias *Best Fan Writer*, *Best Novelle* e *Best Fan Artist* foram introduzidas em 1967, enquanto *Best Fanzine* foi introduzida em 1963; são modalidades de premiação do evento principal, que premia os melhores trabalhos profissionais em ficção científica e ficção de fantasia.

¹⁵ No original: “Both Jacqueline and Laura were nominated for the “best fanzine writer”, solely on the basis of their *Star Trek* fanzine stories, and this created quite a furor in science fiction fandom. Some science fiction fans were aghast at the idea of fans writing stories for what they thought of as a second-rate TV show. Some were afraid that *Star Trek* fans would distract the *World Science Fiction* convention from honoring those who wrote original science fiction novels. Other science fiction fans did not see what all the fuss was about.”, tradução nossa.

explicam que a convenção de 1972 reuniu três mil pessoas; a de 1973, seis mil; e em 1974, quinze mil pessoas compareceram ao evento, enquanto outras seis mil não puderam entrar no local devido a superlotação. No entanto, o último capítulo desse livro, *Do-It-Yourself Star Trek – The Fan Fiction (Star Trek Faça-Você-Mesmo – O Fan Fiction*, em tradução livre), influenciou amplamente a emergente cultura do *Fan Fiction* do programa e revelou as suas raízes profundamente femininas.

Verba (1996) confessa ter se surpreendido com a dominância das histórias femininas sobre relacionamentos, no *fandom*. Mas, as autoras de *Star Trek Lives!* revelam que o gênero romântico é intrínseco à cultura do *Fan Fiction*. Nas suas palavras:

[Star Trek] não manteve sua distância da emoção; não negou relacionamentos humanos próximos e acalentadores mesmo entre homens; não impôs um estoicismo; não negou a existência ou importância do sexo; não proibiu a ação psicológica como um elemento para fazer o enredo avançar; não negou a possibilidade de existência de mulheres que podiam ser mais que donzelas em apuros¹⁶ (LICHTENBERG et al., 1975, p. 207).

As autoras avaliam que a série tornou-se atrativa por ser sensual, “sensual no seu tema, na atitude – não meramente em cenas gratuitas de corpos” (LICHTENBERG et al., 1975, p. 207)¹⁷. Camille Bacon-Smith concorda que *Star Trek* encantou o público feminino. Esse público utilizara o *Fan Fiction* para “preencher uma necessidade de uma audiência quase totalmente feminina por narrativas ficcionais que possam expandir os limites dos produtos oficiais oferecidos pela televisão e a tela do cinema”¹⁸ (BACON-SMITH, 2000, p. 112-113). Em *Do-It-Yourself Star Trek*, as autoras ainda revelam suas preferências, ao elaborar análise literária de obras consideradas importantes pela comunidade. Enfatizam ainda, as autoras, que a maior parte das histórias populares possuía uma protagonista feminina forte ou lidava com aspectos inexplorados de culturas alienígenas, principalmente a da raça Vulcan.

Entre as histórias, podemos citar: *The Daneswoman*, sobre a primeira capitã mulher, por Laura Basta; as histórias de Judith Brownlee, sobre sua própria personagem original, uma mulher da raça *Vulcan* e também capitã de sua própria nave, T’Pelle; a trilogia de mitos ancestrais de *Vulcan*, por Doris Beetem; as histórias *It Seemed the Logical Thing*, por Ruth Berman e *Let Me Count the Ways*, de Judith Brownlee, ambas sobre o casamento de Sarak com

¹⁶ No original: “[...] did not keep its distance from emotion; did not deny close, warm human relationships, even among males; did not call for a stiff upper lip; did not deny the existence and importance of sex; did not ban psychological action as a plot-moving force; did not deny the possibility of women who might be more than damsels.”, tradução nossa.

¹⁷ No original: “[...] sexy in theme, in attitude – not merely in gratuitous scenes of bodies”, tradução nossa.

¹⁸ No original: “fill the need of a mostly female audience for fictional narratives that expand the boundary of the official source products offered on the television and movie screen”, tradução nossa.

Amanda. Há também contos sobre o casamento, encontros sexuais ou vínculos místicos entre Spock e uma variada coleção de protagonistas femininas, incluindo o conto de Catherine Blakey, *Encounter* e *Spock Slaved*, de Diane Steiner. Outras obras têm como foco o universo paralelo, apresentado no episódio *Mirror*, como *Federation and Empire*, de Laura Basta e *To Summon the Future*, de Juanita Coulson. Há também histórias que têm como foco a personagem Capitão Kirk. Finalmente, algumas histórias presentes em *Do-It-Yourself* tratam de preencher possíveis lacunas da série, como *A Rose for Miranda*, de Ruth Berman, ou a partir de possíveis lacunas inserem-se cenas eróticas, ou de conotação sexual, como em *Tower of Terror*, de Jennifer Guttridge e *The Crossing Lords*, de Catherine Meredith.

O livro *Star Trek Lives!* contribuiu para promover a cultura que estava celebrando, apresentando o *Fan Fiction* ao grande público, inclusive para os que conheciam a série, porém não participavam da comunidade. Segundo Verba (1996, p. xviii), “para milhares e milhares de fãs, foi quando eles descobriram que tal atividade existia, e que eles podiam fazer parte dela”¹⁹.

Finalmente, uma terceira cisão deu-se nessa comunidade de *Fan Fiction*, quando da separação de integrantes que escreviam histórias sobre a amizade/irmandade entre o Capitão Kirk e seu parceiro Spock (chamados K&S dentro da comunidade) e os escritores e consumidores de histórias homoeróticas entre os dois personagens (K/S ou, como todo o gênero seria conhecido posteriormente, *slash*). Coppa (2006) menciona que *A Fragment Out of Time*, de Diane Marchant, foi a primeira *Fan Fiction* de *slash*, publicada em 1974, no *fanzine Grup*. No conto, duas personagens sem nome (um masculino, outro de gênero não identificado) são descritas numa longa cena de sexo que perdura por toda a obra. No volume seguinte da *Grup*, Marchant revela que ela pretendia que os personagens fossem Kirk e Spock. O conto promoveu discussões entre os membros do *fandom* de *Star Trek*, que discordavam sobre quão próximos realmente as personagens seriam. Verba (1996, p. 23) explica que era possível “argumentar que histórias de ‘relacionamento’ (K&S) e homoeróticas (K/S) eram meramente dois aspectos do mesmo tema. Nenhuma estava preocupada com a ficção científica. Ambas se concentravam nas interações entre Kirk e Spock”²⁰.

Se o *fandom* de *Star Trek* era, até então, indissociável do grande *fandom* de ficção científica, a introdução de um novo foco nas histórias produzidas pelos fãs, o interesse nos relacionamentos entre os personagens, permitiu que a comunidade começasse a se distanciar do

¹⁹ No original, “For thousands upon thousands of fans, this was when they became aware that such activity existed, and that they could join in”, tradução nossa.

²⁰ No original, “One might argue that the ‘relationship’ (K&S) and the homoerotic (K/S) stories were merely two aspects of the same theme. Neither was concerned about science fiction. Both concentrated on the interactions between Kirk and Spock”, tradução nossa.

gênero que a originou. A porção produtora e consumidora de *Fan Fiction* também se desvencilhava do próprio programa de televisão e alcançava novos produtos midiáticos.

Em 1975, o seriado *Starsky and Hutch*²¹ estreou nos EUA, apresentando os dois personagens do título como policiais parceiros, que investigavam crimes violentos ao redor da cidade, enquanto experimentavam seus próprios dramas particulares. O programa foi seguido, em 1977, pela estreia do *cop show* (drama focado em policiais) *The Professionals*²², que fez enorme sucesso no mundo todo. Tanto *Starsky and Hutch* como *The Professionals* caíram no gosto da comunidade de escritores de *Fan Fiction* e rapidamente adquiriram seus próprios *fandoms*. Coppa (2006) enfatiza que o interesse pelos *cop shows* indicam uma transformação nesses grupos de escritores, anunciada desde o sucesso de *The Man from U.N.C.L.E.* e *Star Trek*: mais que a temática do programa em si, são os personagens e suas histórias pessoais que despertam imenso interesse entre os escritores e leitores de *Fan Fiction*, principalmente entre as mulheres. Conforme Lichtenberg et al. (1975, p. 224), as mulheres “tendem a se identificar mais com os heróis masculinos do gênero – os aventureiros e os que conseguem resolver problemas”²³.

Os programas, como os *cop shows* e o próprio *Star Trek*, tornaram-se objeto de interesse também para os *slashers*, escritores de ficção homoerótica, que viam na camaradagem entre protagonistas masculinos um cunho sexual interessante para ser explorado em suas histórias. O fato dos personagens usarem roupas provocantes, como camisetas abertas, torsos nus e *jeans* apertados, como nota Camille Bacon-Smith, também contribuíram para o interesse dos *slashers* nesses seriados. Nas palavras de Bacon-Smith (1992, p. 233):

Quando atores são filmados próximos o suficiente para que o espectador leia suas expressões faciais claramente, eles não conseguem mais manter a distância apropriada e ainda conseguem olhar um para o outro enquanto falam... então atores desempenhando o papel de amigos consistentemente invadem as esferas de espaço pessoal um do outro²⁴.

O interesse do *fandom* nas histórias românticas e eróticas ainda causaria outras divisões no interior das comunidades, moldando definitivamente a organização dessas. Entretanto, no fim dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, como revela Coppa (2006), o *slash* era tido

²¹ Novamente, preservamos o nome original no texto. No Brasil, a série foi veiculada como *Starsky & Hutch – Justiça em Dobro*, em 1978, pela Rede Bandeirantes.

²² A série não foi transmitida no Brasil, exceto na transmissão direta por TV à cabo.

²³ No original: “[women] tended to identify more with the male heroes of the genre – the adventurers and problem solvers”, tradução nossa.

²⁴ No original: “When actors are shot in sufficient close up for the viewer to read facial expressions clearly, they cannot maneuver appropriate social distances and still look at each other while they are speaking... so actors portraying friends consistently break into each other’s spheres of intimate space”, tradução nossa.

como um entretenimento vergonhoso e vulgar, inclusive pela maioria das histórias do gênero serem pornográficas, como veremos mais adiante.

Todavia, a cultura dos *fandoms* expandia-se rapidamente, ampliando ainda mais as opções de consumo para os fãs ávidos por conteúdo. Com o sucesso explosivo de *Star Wars*²⁵ (1977), uma miríade de programas de ficção científica seria produzida para capitalizar o interesse do grande público pelo gênero. Seriados como *Battlestar Galactica*²⁶ (1978), *Blake's 7*²⁷ (1978) e *Buck Rogers in the 25th Century*²⁸ (1979), além dos filmes *The Black Hole*²⁹ (1979), *Battle Beyond the Stars*³⁰ (1980) e *Flash Gordon*³¹ (1980) tentaram atrair a simpatia do público e acabaram por gerar seus próprios *fandoms*. É claro, o processo não ocorreu sem sua cota de conflitos internos, como a disputa de espaço entre os *fandoms* de *Star Trek* e *Star Wars* quando, como relata Coppa (2006), alguns dos escritores e consumidores de longa data trocaram de *fandom* em busca de mais leitores e histórias. A diferenciação entre os grupos de *Fan Fiction* foi essencial para constituir as comunidades modernas e estabelecer a cultura do *Media Fandom*, que já se diferenciava completamente do *fandom* de literatura de ficção que lhe dera origem.

Enquanto alguns fãs rejeitaram a fragmentação da comunidade mais ou menos coesa, outros abraçaram a multiplicidade de *fandoms*. O estabelecimento da convenção *MediaWest*, nos EUA, permitiu que os hábitos e a estrutura organizacional já definidos na comunidade de *Star Trek* fosse emprestado para os novos *fandoms* emergentes. Como esclarece Coppa (2006), sob tutela de veteranas das convenções, como Paula Smith e Sharon Ferraro, as bases do *Media Fandom* puderam ser estabelecidas, ao mesmo tempo que se iniciou uma cultura de troca de informações e processos entre *fandoms*.

Com o início dos anos de 1980, o *Media Fandom* produziu novas e interessantes comunidades, graças ao lançamento de outras produções, de qualidade melhor que a geração anterior, como *The Empire Strikes Back*³² (1980 – parte da trilogia *Star Wars*), *Raiders of the Lost Ark*³³ (1981 – parte da trilogia *Indiana Jones*), *Poltergeist* (1982), *Blade Runner*³⁴ (1982),

²⁵ Mantivemos o nome original, mas a trilogia original foi intitulada “Guerra nas Estrelas” no Brasil.

²⁶ No Brasil, foi transmitida pela primeira vez em 1981, pela TV Globo, com o título “Galactica, Astronave de Combate”, e retransmitida em 1983 pela TV Record.

²⁷ Transmitida no Brasil apenas no original, por TV a cabo.

²⁸ No Brasil, foi veiculada na TV Globo, em 1981, com o título “Buck Rogers no Século XXV”.

²⁹ No Brasil, “O Buraco Negro”.

³⁰ No Brasil, “Mercenários das Galáxias”.

³¹ No Brasil, “Flash Gordon”.

³² No Brasil, O Império Contra-Ataca.

³³ No Brasil, Os Caçadores da Arca Perdida.

³⁴ No Brasil, Blade Runner: o caçador de androides.

Star Trek II (1982) e *Star Trek III* (1983), *Return of the Jedi*³⁵ (1983 – parte final da trilogia *Star Wars*) e *Indiana Jones and the Temple of Doom*³⁶ (1984), além da chegada de produções britânicas nos EUA como *Doctor Who*, *Fawlty Towers*, *The Black Adder*, *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*³⁷, que, embora não fizessem grande sucesso com o público em geral, ganharam status de *cult* entre alguns fãs fervorosos. Finalmente, a veiculação de programas mais adultos e complexos como *Hill Street Blues*³⁸ (1981-1987) e *Cagney and Lacey*³⁹ (1982-1988) introduziram personagens mais complexos e histórias mais longas e intrincadas. Segundo Coppa (2006), o *boom* dos programas de entretenimento permitiu que a comunidade se diversificasse cada vez mais:

Um [fan]zine multimídia típico da época, *Warped Space 50*, publicado pela T'Khutian Press em 1983, apresenta a seguinte lista de fandoms: *Star Wars*, *Star Trek*, *Hill Street Blues*, *Remington Steele*, *Knight Rider* e uma história em quadrinhos baseada em *The Fantastic Four* cruzando com *Star Wars*⁴⁰ (COPPA, 2006, p. 78).

Como é possível observar o último item, histórias cruzadas (chamadas *crossovers*) – encontro de dois *fandoms* diferentes - tornaram-se populares no final dos anos de 1980. Coppa (2006) esclarece que é possível encontrar alguns exemplos já no final dos anos de 1970, com histórias *crossover* entre *The Man from U.N.C.L.E.* e *Star Trek*. No entanto, no final da década de 1980, a febre dos *crossovers* juntava histórias como de dois seriados de detetives, *Moonlighting*⁴¹ (1985) e *Miami Vice*⁴² (1984), ou histórias completamente díspares: a comédia *Are You Being Served?*⁴³ (1972), que se passava em uma loja de departamentos, com os lobisomens de *She-Wolf of London*⁴⁴ (1990).

A explosão dos *fandoms*, a grande quantidade de *fanzines* e *crossovers* marcou o fim de uma era do *Media Fandom*. Embora tenha se popularizado no meio impresso, nas convenções físicas e na troca de cartas manuscritas, a cultura do *fanzine* e, por conseguinte, a cultura do *Fan Fiction*, adentraria os anos de 1990 com uma transição do analógico para as conexões digitais. As cartas deram lugar às listas de e-mail e *bulletin boards*, primeiro na *Usenet*,

³⁵ No Brasil, O Retorno de Jedi.

³⁶ No Brasil, Indiana Jones e o Templo da Perdição.

³⁷ No Brasil, O Guia do Mochileiro das Galáxias.

³⁸ Transmitida apenas no original por TV a cabo, no Brasil.

³⁹ Idem.

⁴⁰ No original, “A typical multimedia zine of the period, *Warped Space 50*, put out by T'Khutian Press in 1983, features the following list of fandoms: *Star Wars*, *Star Trek*, *Hill Street Blues*, *Remington Steele*, *Knight Rider*, and a comic based on the *Fantastic Four* crossed with *Star Wars*”, tradução nossa.

⁴¹ Transmitida no Brasil como *A Gata e o Rato*, pela TV Globo, a partir de 1986.

⁴² Televisionada no SBT, com o título *Miami Vice*, em 1986.

⁴³ Transmitida no original, por TV a cabo, no Brasil.

⁴⁴ Idem.

precursora da Internet moderna, e depois na rede mundial de fato. Fóruns e sites assinalaram o fim dos *fanzines* artesanais e das trocas de correspondência, mas permitiram que o *Media Fandom* se espalhasse pelo mundo todo.

A *Usenet* foi o sistema utilizado na transição do *fandom* para o meio digital. Nesse sistema, cada usuário possui em seu computador um *News Server*, um software que publica notícias, mensagens de texto. Cada notícia é categorizada dentro de uma hierarquia e cada nódulo dessa hierarquia é chamado de *newsgroup*. Por exemplo, o *newsgroup sci.math* está na hierarquia *sci*, de *Science* ou ciência. Membros do *fandom* de *Star Trek* enviavam suas mensagens (notícias) para o *newsgroup arts.startrek.fandom*, enquanto os membros do *fandom* de *Dr. Who* publicavam seu *Fan Fiction* em *alt.drwho.creative*, sendo que a hierarquia *alt* significa *Alternative*, ou Alternativo (para grupos que não se encaixavam em nenhuma das outras hierarquias já existentes). Quando um usuário se conectava na *Usenet*, seu *News Server* se comunicava com outros servidores próximos e fazia *download* de todas as mensagens novas dos *newsgroups* que o usuário acompanhava. Era possível então ler todo o material mesmo desconectado da rede, algo essencial na época das conexões discadas lentas, caríssimas e que ocupavam a linha telefônica.

Outra ferramenta popular da época foi o *e-mail*, com o qual os usuários se comunicavam por meio de listas de discussão. Uma lista de *e-mail* funcionava de maneira mais simples que as notícias na *Usenet*: o usuário enviava uma mensagem para um endereço de *e-mail* especial, que então reenviava a mensagem para todos os assinantes da lista. Da mesma forma, ao responder uma mensagem vinda daquele endereço, todos os usuários assinantes receberiam a resposta. Coppa (2006) explica que o *fandom* da série *Forever Knight*⁴⁵ (1992) foi o primeiro a ter uma *mailing list* (lista de discussão), chamada ForKNI-L, iniciada em 9 de dezembro de 1992, pela usuária Jean Prior.

Nem todos os *fandoms* possuíam tais ferramentas, já que era preciso adquirir, instalar e configurar adequadamente *softwares* especiais para gerenciar listas de discussão, além de manter uma conexão online por tempo ininterrupto. As primeiras listas, conforme Coppa (2006), eram hospedadas em servidores de universidades, por fãs que nelas trabalhavam ou estudavam. Com a adoção de ferramentas digitais, tornou-se possível arquivar histórias num acervo de amplo acesso por toda a comunidade, além de enviar obras direto para o arquivo, sem necessidade de esperar a publicação num *fanzine* ou – mais demorado ainda – escrever, produzir, fotocopiar e distribuir sua própria revista. Com a adoção cada vez maior dos sistemas

⁴⁵ No Brasil, foi veiculada no canal fechado Sony, com o título *Maldição Eterna*, em 1992.

digitais pelos usuários domésticos, a popularização de computadores e conexões com custos mais acessíveis, diversos fãs escreveram seus próprios softwares para gerenciar seus arquivos de discussão e de *Fan Fiction*, sendo que alguns podem ser acessados até hoje.

Nessa mesma época, o *fandom* de *Star Trek* ganhou nova força e novas distinções com o lançamento das séries *Star Trek Deep Space Nine* (1993) e *Star Trek Voyager* (1995), que inauguraram sub-*fandoms* próprios. Surgiram outros *fandoms*, tais como: *Quantum Leap*⁴⁶ (1989), *Highlander*⁴⁷ (1992), *The X-Files*⁴⁸ (1993), *Lois and Clark*⁴⁹ (1993), *Babylon 5*⁵⁰ (1994), *Due South*⁵¹ (1994), *Xena: Warrior Princess*⁵² (1995) e *Hercules: The Legendary Journeys*⁵³ (1995).

Coppa (2006) descreve esse período como sendo o da modernização dos processos do *Media Fandom*, pois uma comunidade poderia ser avaliada também pela infraestrutura digital que disponibilizava. Ao mesmo tempo, a popularização e simplificação dos *softwares* permitiram que os grupos *online* se tornassem cada vez mais específicos. Enquanto as primeiras bibliotecas digitais de *Fan Fiction* surgiam e as listas tornavam-se mais acessíveis, ferramentas como o *OneList*, *eGroups* e o *Yahoo.com* permitiram que qualquer usuário criasse e gerenciasse sua própria lista de *e-mail* rapidamente, ao invés de precisar hospedar um *software* em sua própria máquina e deixá-la conectada interminavelmente. Tais avanços tornaram possível o rápido estabelecimento de uma estrutura para um novo *fandom* emergente, enquanto surgiram listas e fóruns específicos para administradores de *fandoms*, que permitiam a troca de informações técnicas.

A nova era digital permitiu também que o *slash* finalmente alcançasse visibilidade. Segundo Coppa (2006), enquanto nas convenções *fanzines slash* eram comercializados literalmente por debaixo do balcão, na Internet, o conteúdo homoerótico tinha listas e grupos próprios, de fácil acesso aos fãs e aos escritores. Publicar histórias *slash* tornou-se tão simples como enviar um *e-mail* para uma lista, enquanto procurar *Fan Fiction* entre o Capitão Kirk e Spock (o famoso K/S) significava apenas acessar o site *Trekiverse* e clicar no link desejado.

A facilidade de acesso e a diversidade de opções de *fandom* permitiram, como revela Discroll (2006), que o *Fan Fiction* romântico e o *Fan Fiction* erótico se popularizassem

⁴⁶ Foi veiculada como *Contratempos*, pela TV Record, em 1993.

⁴⁷ No Brasil, *Highlander: O Guerreiro Imortal*.

⁴⁸ Transmitida como *Arquivo X*, pela TV Record, em 1993.

⁴⁹ Veiculada como *Lois & Clark: as novas aventuras do Super-Homem*, pela TV Globo, em 1996.

⁵⁰ Transmitida com o título *Babylon 5*, pelo canal pago Warner, em 1994.

⁵¹ Só transmitido no original, pela TV a cabo, no Brasil.

⁵² Com o título *Xena: A Princesa Guerreira*, foi exibida pelo SBT, em 1999.

⁵³ Estreou em 1995, no SBT, intitulado *Hércules: A Lendária Jornada*.

rapidamente. Embora as histórias de relacionamento sempre se fizessem presentes, com os grupos *online* de histórias amadoras, os gêneros passaram a predominar nas produções do *Fan Fiction*, na década de 1990, tanto que a subdivisão das bibliotecas virtuais se deu, preferencialmente, em torno de relacionamentos específicos e não por gênero literário.

Discroll (2006) observa que o pareamento dos personagens, fenômeno conhecido no jargão da comunidade como *shipping* (termo que advém do neologismo *ship* e do verbo *to ship*, um encurtamento da palavra *relationship*, ou relacionamento) tornou-se um aspecto majoritário na composição dos grupos do *fandom*. Bibliotecas virtuais de *Fan Fiction* permitem que o usuário encontre histórias para leitura, ou que publique suas próprias histórias, selecionando seu *ship* (casal) preferido. Nas palavras de Discroll (2006, p. 180):

O mais espetacular é a maneira como as comunidades de *fanfic* são frequentemente organizadas por pares (casais), pelo fenômeno do *shipping* (torcer por certos pares em detrimento de outros), e pela distinção entre certos estilos de narrativa romântica. Quase todo *fan fiction* é postado com uma etiqueta com seu casal, ou então com um pequeno número de casais consecutivos ou complementares.⁵⁴

A divisão por casal é ampliada pelo fenômeno do *One True Pairing* (“Único Par Verdadeiro”, abreviado como OTP no jargão da comunidade *Fan Fiction*), onde membros da comunidade se restringem a escrever e ler sobre um único casal específico, ou um pequeno número de casais que não se contradizem, criando comunidades fechadas ao seu redor que rejeitam qualquer obra conflitante com seu OTP. Como explica Discroll (2006, p. 80), os “ships são segmentações forçadas de um *fandom* ou comunidade *fan fiction*, e seguidores devotos de um *ship* vão frequentemente agir de maneira hostil a qualquer outro que use um de seus personagens”⁵⁵. Como o OTP determinado por uma comunidade pode ser diametralmente oposto ao casal determinado pelo produto de mídia que o *fandom* segue, chamado de *canon* (cânone), certas disputas por personagens podem criar violentos conflitos na comunidade.

Como observado por Discroll (2006), as classificações indicativas tornaram-se importantes para definir o tipo de leitura que o possível leitor busca: os arquivos são divididos basicamente entre histórias para adultos e não adultas, por causa do modo como aspectos sexuais são tratados nas histórias. Subclassificações permitem indicações mais específicas, desde histórias basicamente infanto-juvenis até a divisão das histórias adultas em camadas do

⁵⁴ No original: “The most spectacular is the way that fanfic communities are so often organized by pairings (couples), by the phenomenon of shipping (supporting certain pairings at the expense of others), and by distinctions between styles of romance narrative. Almost every fan fiction story is posted with a pairing label, or else a small number of complementary or consecutive pairings.”, tradução nossa.

⁵⁵ No original: “Ships are forceful segmentations of a fandom or fan fiction community, and devoted followers of a ship will often be hostile to any other using one of their characters”, tradução nossa.

menos ao mais explícito, sendo que alguns arquivos digitais, como o *Fanfiction.net*, inaugurado em 1999, proíbe a publicação de histórias de sexo explícito (descrição de atividades sexuais), enquanto permitem histórias adultas com insinuações sexuais, palavrões e violência. Autores que infringem as regras são sumariamente eliminados dos grupos e suas histórias são apagadas.

Discroll (2006) encontra três tipos básicos de histórias nas comunidades de *Fan Fiction online*: histórias heterossexuais, histórias homossexuais (*slash*) e histórias gerais (*gen*). Segundo a autora, no gênero *gen*, o romance não é importante ou é mesmo ausente, dando-se preferência para o drama, a comédia, a aventura, o mistério etc. Discroll (2006) avalia que a maior parte do conteúdo não-adulto produzido pelas comunidades *Fan Fiction* segue a forma do romance. Nas suas palavras:

As convenções do romance encorajam histórias cujas heroínas não conhecem bem o mundo ao seu redor a ponto de conseguirem negociar com ele efetivamente, para que então a história possa traçar sua educação. Os heróis são obviamente falhos, entretanto suas falhas usualmente escondem virtudes mais valiosas; e a narrativa romântica culmina na completude heterossexual. O suspense da narrativa depende nos obstáculos percebidos por distinções sociais reais ou aparentes e no tema da descoberta do amor⁵⁶ (DISCROLL, 2006, p. 79).

Por outro lado, o conteúdo sexual revela-se mais difícil de categorizar. Janice Radway (1984) considera que o *Fan Fiction* adulto pode ser classificado como pornografia amadora, que substitui relações românticas e sexuais da vida real, geralmente secretas e vergonhosas. Para a autora, as histórias adultas possuem o único propósito de excitar o leitor, seja por descrições sexuais explícitas, seja pela natureza proibitiva do tema que apresentam. Entretanto, Discroll (2006, p. 92) vê no material adulto do *Fan Fiction* uma complexidade maior, indicada pela presença de uma categorização das obras explícitas da comunidade: termos como *smut*, *pr0n* e *pwp*⁵⁷ são usados para marcar certos tipos de histórias adultas. Para a autora, tal comportamento acaba “reproduzindo a distinção entre pornografia para homens e erotismo para

⁵⁶ No original: “The conventions of romance encourage stories in which heroines are insufficiently aware of the world around them to negotiate it effectively, so that the story might trace their education. Heroes are obviously flawed, although those flaws usually conceal more valuable virtues; and the romance narrative culminates in heterosexual fulfillment. Narrative suspense depends on obstacles based on real or perceived distinctions of social status and on the theme of discovering love.”, tradução nossa.

⁵⁷ A classificação exata depende da organização e dos processos de cada comunidade. O termo inglês *smut* significa “obsceno” ou “sujo”, geralmente sendo usado para histórias explícitas. O neologismo *pr0n* é uma brincadeira com a palavra *porn*, criado para escapar da censura automática de termos explícitos que alguns buscadores e portais utilizam, enquanto *pwp* é a sigla da classificação jocosa “*plot? what plot?*”, literalmente “enredo? que enredo?”, para designar histórias onde a cena de sexo acontece sem preâmbulos ou mesmo sem grande sentido (como nos “enredos” dos filmes pornográficos tradicionais, famosos pelas sequências absurdas de acontecimentos que levam à cena sexual).

mulheres”⁵⁸, onde a mulher possui uma relação diferente com o sexo e o prazer sexual, necessitando de histórias mais desenvolvidas e de personagens mais complexos para se excitar com o desenvolvimento, enquanto o homem se satisfaz meramente com a presença de cenas sexualmente explícitas.

Discroll (2006), portanto, divide os atos sexuais apresentados no *Fan Fiction* em duas categorias: *plot sex* (sexo do enredo) e *porn sex* (sexo pornográfico). Para a autora, o *plot sex* descreve um contato sexual entre personagens que marca um desenvolvimento da história, geralmente sendo parte de um mapa de eventos onde a intimidade entre os personagens vai se aprofundando, como é usual nas histórias românticas. Segundo Discroll (2006, p. 96):

Na ficção romântica, o drama é usualmente sobre como um casal específico se unirá, não sobre se conseguirão ou não, e no *fan fiction*, o desenvolvimento do romance pode ser substituído ou suplementado com encontros sexualizados de crescente intimidade e explicitidade, se inspirando na convenção pornográfica da memorável cena final e nas convenções do romance adolescente de bases e pontuações⁵⁹.

O *porn sex* é exibido como uma longa cena, onde o tempo é esticado ou acelerado para imitar as estruturas da pornografia (por exemplo, o momento da penetração pode ser longamente descrito, enquanto toda a intimidade do pós-sexo pode ser simplesmente ocultada ou resumida). O *porn sex*, segundo Discroll (2006), é exemplificado pelas histórias categorizadas pela comunidade com a palavra-chave *pwp*, que busca chegar na cena excitante da maneira mais rápida e eficiente possível, descartando a presença de uma trama ou desenvolvimento.

Como explica Discroll (2006), a linha que separa o *porn sex* do *plot sex* é frequentemente tênue e muitas histórias contam com a presença de ambos os tipos de material explícito, principalmente em histórias com múltiplos *ships*. Da mesma forma, análises da autora, em repositórios digitais de *Fan Fiction* pornográfico, revelam que histórias *pwp* são produzidas e consumidas por mulheres na mesma proporção que as obras de *plot sex*, evidenciando que a distinção que mulheres necessitam de “mais história” para apreciarem um conto erótico é inválida.

Com o estabelecimento dos diferentes grupos de *Fan Fiction* na internet, a proliferação das ferramentas e a globalização dos produtos de mídia, o início dos anos 2000 testemunhou

⁵⁸ No original: “[...] reproduce the distinction between pornography for men and erotica for women [...]”, tradução nossa.

⁵⁹ No original, “In romantic fiction, the drama is usually how a given couple come together, not about whether they will, and in fan fiction, developing romance may be substituted or supplemented with sexualized encounters of building intimacy and explicitness, drawing on the pornographic convection of the delayed money shot and the teen romance conventions of bases and scores.”, tradução nossa.

uma rápida distribuição do *Fan Fiction* pelo mundo, deixando as barreiras anglófonas para tomar o globo todo através da Internet.

A mudança de foco nas comunidades de *Fan Fiction* da ficção científica para os desdobramentos interpessoais dos relacionamentos não é, entretanto, um distanciamento da complexidade, como pensavam os primeiros críticos da comunidade *Star Trek*. Assim como as histórias de exploração espacial, aventuras e batalhas refletiam as visões de futuro e os valores de seus autores, as obras heterossexuais e homossexuais, eróticas ou não, tornaram-se palco para explorar os ideais de amor, romance e intimidade de seus autores. Ao mesmo tempo, a história do *Fan Fiction* não é isolada do próprio desenvolvimento social do final do século XX: o feminismo, a revolução social, a homossexualidade, as novas configurações familiares, a presença da mulher no mercado de trabalho, a liberação sexual e tantas outras profundas transformações se refletiram e se refletem nas histórias produzidas dentro dessas comunidades.

Desta forma, examinar uma obra de *Fan Fiction* com o olhar de pesquisador significa também examinar a própria comunidade que a produziu e o contexto social em que essa comunidade se insere. Sendo assim, ao buscarmos uma comunidade de *Fan Fiction* para ser objeto de nossa análise, buscamos um grupo brasileiro, tanto por questões culturais como por apresentar diferenças quando comparadas com comunidades inglesas, pois o Brasil demorou mais tempo para construir um ecossistema digital popular, os recursos são mais precários, os softwares precisam de traduções (quando apenas disponíveis em inglês) e muitas vezes carecem de suporte para os acentos, diacríticos e outros símbolos gráficos usados na Língua Portuguesa. Ferramentas como a *Usenet* e as *Mailing Lists* tiveram pouca ou nenhuma popularidade no país, de forma que os comportamentos herdados dessas ferramentas (na linguagem, abreviações, formatação, entre outros) são puramente estrangeiros.

Escolhemos para análise nessa nossa pesquisa, a maior comunidade brasileira de *Fan Fiction*, tanto por aceitar histórias em português do Brasil, como também por ser uma das poucas comunidades cujo sistema foi desenvolvido por e para brasileiros, usando recursos nacionais e de hospedagem em servidores localizados no país, a chamada *Nyah! Fanfiction*. Diferentemente das grandes comunidades internacionais, o *Nyah!* é focado unicamente no público jovem brasileiro, moldando a ferramenta ao redor das necessidades desses autores e das dificuldades técnicas e sociais do país. Como repositório de histórias, o *Nyah!* é um sistema *multi-fandom*, organizando as obras de acordo com o objeto de mídia que as inspirou

(primeiramente por *tipo de mídia* e depois pela mídia em si, como veremos adiante), herança dos grandes portais de *Fan Fiction* como o leviatã *Fanfiction.net*⁶⁰.

Vejamos então as origens e o percurso da comunidade *Nyah! Fanfiction*, o grupo que fornecerá os dados para nossa pesquisa.

2.2. O Nyah! Fanfiction

O *Nyah! Fanfiction* foi criado em novembro de 2005, pelo programador e escritor amador Michael Frank. Atualmente é o maior site brasileiro de *Fan Fiction*. Como um portal multi-*fandom*, o site não se destina a um único grupo de fãs, mas sim aos *Media Fandom* brasileiros, em geral. Frank iniciou com o portal no endereço <http://fanfiction.nyah.com.br>, usando um sistema gratuito para sites *eFiction*. Como plataforma desenvolvida pelo *fandom* internacional para construção de arquivos, o *eFiction* tem um código disponível, o que permite que ele seja desenvolvido, de modo independente, pelos seus usuários.

Frank fez inúmeras mudanças no sistema para melhor servir os usuários brasileiros, tanto na tradução da plataforma (inicialmente em inglês) como no desenvolvimento de ferramentas próprias para integrar ao site. A necessidade de aproveitar melhor os recursos tecnológicos disponíveis no Brasil, e entregar *Fan Fiction* através de conexões mais lentas e instáveis, acabou transformando o sistema interno do site em algo bem diferente do *eFiction* original.

O site transformou-se para se adequar às novas tecnologias e às técnicas de desenvolvimento Web. O *layout* (Fig. 1) apresenta duas colunas verticais: a da esquerda, maior e portadora do conteúdo principal, com 632 *pixels* de largura; enquanto a da direita, mostra o *metadata* do conteúdo e os *widgets* do site, com 425 *pixels*.

⁶⁰ Provavelmente o maior site de *Fan Fiction* do mundo, a plataforma foi inaugurada em 1999 e é mantida pela organização *FictionPress*. Embora aceite histórias em praticamente todas as maiores línguas existentes no mundo, todo o site é em inglês, uma das principais barreiras para os escritores-leitores brasileiros.

Figura 1 - Layout do Nyah! Fanfiction



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

A página principal do site é composta de uma barra fixa no topo da tela, em azul e branco, contendo *links* para as principais seções, além de *links* para os formulários de *login* e cadastro, permitindo o ingresso de novos ou recorrentes usuários. A importância do cadastro será explicitada adiante. Na barra fixa, uma lista de *links* fica centralizada na faixa branca, a saber: Categorias, que permite ao usuário acessar a lista de categorias de produtos de mídia, a partir da qual é possível ir selecionando a *fandom* que deseja acessar; Português, que leva a uma seção de pequenas aulas de gramática e ortografia, ferramenta implementada pelos criadores do site para melhorar a qualidade das histórias publicadas; Liga dos Betas, que revela um mini-portal com informações sobre o *beta reading*, além do cadastro de *leitores beta* e cadastro de pedido de *leitor beta*, assunto que discutiremos adiante; Recentes é um *link* para uma lista com as 100 últimas histórias publicadas ou atualizadas nas últimas doze horas de acesso, sem se importar com o *fandom* a que elas pertençam; Pesquisar leva a uma ferramenta de pesquisa simples fornecida pela empresa *Google*; e finalmente Ajuda é um *link* para uma seção de dúvidas comuns dos usuários e suas respectivas respostas.

Na construção da página inicial, Frank dá prioridade ao conteúdo produzido por seus usuários, introduz a ferramenta e o próprio *Fan Fiction* aos novos membros, para assim tornar o acesso ao *Nyah! Fanfiction* extremamente fácil. O texto principal, em destaque sobre uma região colorida (em roxo), está transcrito a seguir:

As histórias postadas no site são criações originais ou ficções criadas por fãs — *fanfiction* — de animes, seriados, filmes, livros e muito mais. Este site foi criado com o intuito de divulgar as séries originais, reunir seus fãs e proporcionar momentos de lazer através da leitura, assim como incentivar as pessoas a trabalharem seu lado criativo escrevendo suas próprias histórias. Você não paga nada para ler ou postar no site, o uso é gratuito! (NYAH)

Logo abaixo do texto, uma sugestão de frase em português é apresentada, selecionada aleatoriamente de um banco de sugestões e mudada a cada atualização da página. Frank privilegia lições de português, com o objetivo de melhorar a qualidade dos textos das obras publicadas no site. Um *link* abaixo leva à seção especial com todas as “aulas”, com rápido acesso.

Abaixo há sempre uma notícia, ferramenta principal de comunicação entre a equipe administradora do site e seus usuários. As notícias não são atualizadas diariamente, mas sim publicadas sempre que há algum anúncio geral a ser feito, seja sobre o sistema, ou simplesmente para divulgar textos que auxiliam no processo de produção de textos, pela administração. A notícia, *Dicas de aula especial: roteiros*, é do segundo tipo, pois divulga uma “aula” produzida pela equipe sobre produção de roteiros, publicada em 29 de junho. O texto apresentado, que cita as férias escolares, dá pistas sobre o público-alvo do site: crianças e adolescentes. As notícias se apresentam incompletas na página principal, para não excederem o espaço definido, com um *link* levando à notícia completa, em outra página.

Abaixo dessa, encontra-se uma sugestão de história publicada no site, de um *fandom* qualquer. Por ser uma ferramenta desenvolvida por Frank, para o *Nyah! Fanfiction*, que não é parte do sistema *eFiction* original, desconhecemos o critério utilizado para gerar a indicação de leitura, embora haja restrição para que o sistema indique apenas histórias concluídas.

A coluna da esquerda mostra um pequeno painel que leva a comunidade oficial do *Nyah! Fanfiction*, à plataforma *Facebook*, comunidade essa que desempenhará papel essencial na composição desta pesquisa, por oferecer o aspecto social e a rápida comunicação entre os membros que o site não consegue prover.

Abaixo dela, uma nova exposição do trabalho de membros do site, desta vez na forma de uma lista com os “melhores leitores da semana”. Para ser parte da lista, é preciso ter o maior número de comentários marcados como “melhor do capítulo” nos últimos sete dias, sistema que examinaremos adiante.

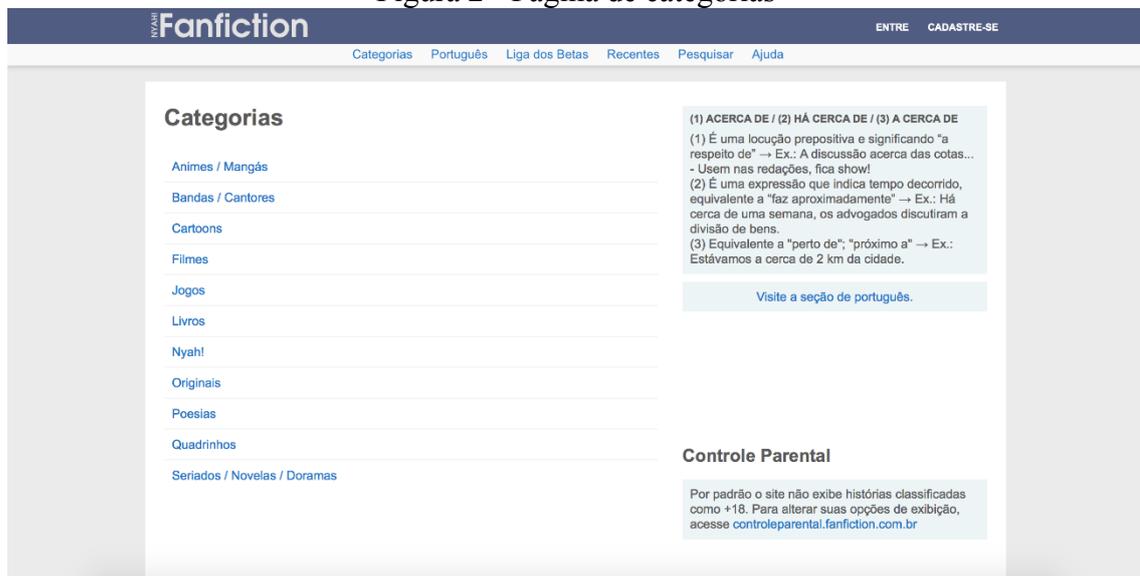
Alguns dos valores essenciais da comunidade *Nyah! Fanfiction* podem ser inferidos a partir das informações presentes na página inicial do portal. A exposição de uma história recomendável e dos melhores leitores na primeira página do site revelam que a comunidade valoriza não apenas o trabalho de seus escritores, mas também celebra os consumidores de *Fan Fiction*, enquanto o destaque dado às aulas de português demonstra preocupação com a escrita, com a linguagem correta.

A lista de melhores leitores permite verificar como os membros da comunidade são identificados: um pseudônimo é usado no lugar do nome e uma pequena imagem serve de

complemento, uma fotografia do integrante da comunidade, ou uma ilustração qualquer. Usuários não precisam enviar uma imagem se não desejarem, mas o sistema colocará uma ilustração pré-determinada (chamada *placeholder*), no lugar da foto para preencher o espaço.

Na página de categorias, encontramos a primeira divisão hierárquica das histórias publicadas no site, a divisão pelo produto de mídia a que o *fandom* pertence, como podemos observar na Figura 2.

Figura 2 - Página de categorias



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

Alguns produtos de mídia são alocados em conjunto, como acontece com a seção Animes/Mangás, para histórias a partir de produtos midiáticos orientais, assim como Bandas/Cantores, histórias que se baseiam na vida de personalidades da música. A seção Seriados/Novelas/Doramas reúne produções seriadas nos moldes da televisão americana, brasileira e oriental. Duas seções são particularmente interessantes: a seção de Originais, para obras que não pertencem a nenhum *fandom* e a categoria “Nyah!”, para *Fan Fiction* que envolve o próprio site.

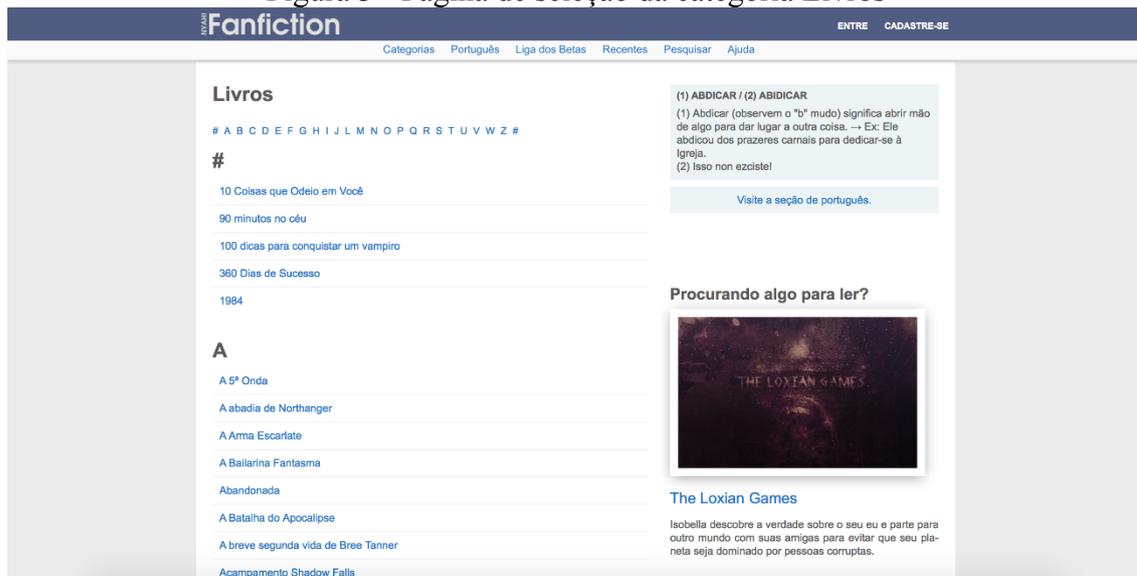
Quando Frank desenvolveu o *Nyah! Fanfiction*, seu interesse primeiro era angariar histórias sobre produtos de mídia orientais, como os quadrinhos japoneses (*mangá*) e seus respectivos desenhos animados (*anime*). A palavra *Nyah*, onomatopeia japonesa para o miado dos gatos revela seu propósito inicial. Uma seção de suporte especial possibilitou que autores solicitassem a criação de novas categorias e *fandoms*, o que permitiu que o site ampliasse o seu

leque de abrangência. Além disso, o próprio sistema *eFiction* inclui algumas categorias, como Filmes, Jogos e Livros.

A coluna direita é destinada para sugestões de regras gramaticais da língua portuguesa e para um *link* que leva o usuário para o compêndio com todas as aulas. Abaixo dela, há um alerta interessante que revela mais valores intrínsecos da comunidade: as histórias classificadas como “+18” estão ocultas para visitantes não-cadastrados. Além disso, membros registrados precisam ativamente alterar uma configuração em suas contas para acessá-las. Intitulada Controle Parental, essa opção revela a preocupação de Frank com a construção de uma comunidade amigável para as crianças e os adolescentes, preocupação que se estenderá por todo o sistema do portal, como veremos ao analisar outras páginas.

Ao selecionar uma das categorias, uma nova página é aberta para selecionar o *fandom*, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 - Página de seleção da categoria Livros



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

Todas as categorias levam a páginas similares, diferentes apenas quanto aos *fandoms* apresentados, que estão dispostos em ordem alfabética, usando primeiro o título em português do produto de mídia associado (a obra *Fifth Wave* é apresentada com o título brasileiro A 5ª Onda, por exemplo). As categorias de *fandoms* dependem unicamente do interesse da comunidade e novas podem ser adicionadas, a partir de pedido na página do suporte técnico (embora essa informação não seja revelada em nenhuma das páginas de categorias). A categoria selecionada é exibida no topo da página e uma sequência de links (como um alfabeto, onde cada

letra leva à primeira categoria com aquela inicial) logo abaixo permite ir rapidamente para o local desejado, facilitando o acesso.

A barra lateral à direita é iniciada por mais uma sugestão de termos em português e uma indicação de história, como era na página inicial. Curiosamente, a indicação não é restrita à categoria acessada (a história indicada na Figura 3 pertence à categoria Originais, mas é apresentada dentro da página da categoria Livros). Diferentemente de outros portais *Multi-Fandom*, que também utilizam um sistema de categorias e *fandoms*, o *Nyah! Fanfiction* não exibe o número de histórias publicadas num *fandom*, o que não permite ao leitor identificar os *fandoms* mais lidos, ou mais populares. Abaixo dela, o aviso de Controle Parental se repete. Ao clicar em um dos *fandoms* listados, acessamos a lista de histórias publicadas nesse *fandom*, como mostra a Figura 4.

Figura 4 - Página com a lista de histórias publicadas do *fandom* Harry Potter

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

O título do *fandom* está no topo da coluna, porém o sistema não indica a categoria a que o *fandom* pertence. Uma caixa possui opções de filtragem da lista, para reduzir o número de histórias apresentadas. A primeira opção é de filtrar por um gênero específico, como podemos observar na Figura 5.

Figura 5 - Gêneros disponíveis no *Nyah! Fanfiction*

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

A lista de gêneros é a mesma para todos os *fandoms*. Novos gêneros só podem ser adicionados pela administração do site e, diferentemente dos *fandoms*, os usuários não podem requisitá-los.

O *slash*, presente nas comunidades anglófonas de *Fan Fiction*, é dividido em diversas partes, nomeadas com termos ingleses e japoneses: Yaoi – gênero que contempla personagens casais homossexuais masculinos, sem sexo explícito; Lemon – gênero que contempla personagens casais homossexuais masculinos, com sexo explícito; Yuri - gênero que contempla personagens casais homossexuais femininos, sem sexo explícito; Orange - gênero que contempla personagens casais homossexuais femininos, sem sexo explícito; Lime - histórias

que possuem o conteúdo sexual apenas implícito (sendo que as cenas sexuais ocorrem “fora” da história); Shounen-ai - histórias com amor não-sexual (amor platônico) entre homens; Shoujo-ai - histórias com amor não-sexual entre mulheres. Os termos japoneses são retirados dos gêneros *mangá* e dos *animes*, enquanto os gêneros em inglês são parte da tradição anglófona do *Fan Fiction*.

Como as histórias do *Nyah! Fanfiction* possuem um ou mais gêneros, os usuários podem classificar uma história quanto ao seu tema (romance, drama, terror etc.); seus casais (Yaoi, Yuri, Shounen-ai, Shoujo-ai) e quão explícito será o conteúdo sexual, se houver (Lemon, Orange, Lime). Há ainda o gênero Hentai, com sexo explícito e o gênero *Ecchi*, que apresenta insinuações sexuais moderadas e implícitas, usadas para designar o grau de conteúdo sexual em histórias sem pares homossexuais.

A página de Ajuda possui um item sobre classificação das histórias que identifica o conteúdo de cada gênero, além de estabelecer regras quanto à relação entre gênero e classificação das histórias, assunto abordado adiante. Entretanto, é comum que histórias sejam marcadas com gêneros incorretos, quando seus autores interpretam as opções à sua própria maneira.

Outro gênero interessante é o do *Crossover* que, como observado anteriormente, indica a junção de dois ou mais *fandoms* numa mesma história. O *Nyah! Fanfiction* utiliza dois sistemas diferentes para encontrar *crossovers*: se uma história for publicada com dois *fandoms* diferentes listados, imediatamente será reconhecida como *crossover*, todavia o gênero *crossover* também pode ser adicionado à história.

Abaixo do filtro de gênero, está uma opção de listar ou não apenas histórias concluídas. Como as histórias são publicadas no formato de folhetim, imitando o antigo sistema dos *fanzines*, que publicavam obras longas em capítulos divididos em vários volumes do *fanzine*, o *Nyah! Fanfiction* aceita e encoraja que o *Fan Fiction* seja publicado aos poucos, um capítulo por vez. Uma opção no painel do autor possibilita marcar a história como concluída, após a publicação do último capítulo. Ao selecionar o filtro *Apenas histórias concluídas*, na listagem de histórias, somente as assim marcadas serão exibidas. Entretanto, assim como as opções de gênero, o “concluído” depende da interpretação do autor: alguns marcam histórias abandonadas como concluídas, mesmo sem a publicação do desfecho, outros deixam histórias já terminadas sem a opção, seja por esquecimento, desconhecimento do uso da ferramenta ou para, posteriormente, publicar uma continuação da história junto a original.

O último filtro impede a exibição de *crossovers*. Entretanto, o sistema dual de classificação de *crossovers* impede que a opção seja completamente funcional: ela apenas

elimina histórias que foram adicionadas em dois ou mais *fandoms*. Caso o escritor tenha apenas colocado a história no gênero *crossover* e não adicionado os *fandoms* corretamente, histórias com esse gênero ainda serão listados mesmo com o filtro ativo.

Finalmente, abaixo do filtro há a lista de histórias, organizadas da mais recente para a mais antiga, sendo que o termo “recente” refere-se tanto a história recém-publicada como a recém-atualizada com novos capítulos. A figura 6 exibe uma das histórias presentes na lista do *fandom*, do livro Harry Potter.

Figura 6 - Uma história listada no *fandom* de Harry Potter

A Escolha escrita por **Mrs Ridgeway**



Ginny descobre novas prioridades e Harry se vê em uma encruzilhada. O que valeria mais? Seguir em frente com a sua antiga e importante busca ou esquecer tudo e se esforçar para reconquistar a admiração da mulher que sempre se empenhou para estar ao seu lado?

Categorias: Harry Potter
Gêneros: Amizade, Aventura, Comédia, Crossover, Drama, Ecchi, Romance, Suspense, Universo Alternativo

1 recomendação 10 favoritaram +16

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

No topo há o título da história, na forma de um *link* para a história em si, acompanhado do texto “escrita por” e o pseudônimo do autor, na forma de um *link* para seu *perfil*, que examinaremos adiante. A história apresenta dois elementos para despertar o interesse do leitor: uma ilustração, adicionada pelo próprio autor e chamada de “capa” da história (como a capa de um livro, ou o pôster de um filme); e uma curta sinopse também enviada pelo autor. Abaixo da sinopse, o sistema gera o *metadata* (meta-dados) da história, exibindo seu *fandom* como Categorias e os gêneros selecionados. É interessante que o sistema utiliza o termo categoria para designar o *fandom*, e a categoria em si (livro, filme, etc.) é suprimida.

Abaixo da história, numa linha separada, há mais alguns metadados, tanto para informar o leitor como para atraí-lo: o número de recomendações e o número de favoritos. Quanto maiores esses números, mais popular ela é na comunidade.

Há três sistemas de reputação para histórias: número de recomendações, número de favoritos e número de comentários. Cada valor é a contagem de interações que usuários fizeram

com a história: “favoritar” envolve apenas listar a história como uma de suas favoritas em seu próprio perfil (o procedimento é simplesmente apertar um botão, e a história estará disponível na lista de favoritos do perfil do membro que realizou a ação), enquanto “recomendar” e “comentar” envolvem deixar uma mensagem escrita: no primeiro caso, para outros leitores que porventura encontrem aquela história e queiram saber a opinião dos leitores; no segundo, o comentário é uma mensagem deixada para o autor em algum capítulo. O sistema de comentários é comum, na maior parte dos sites de *Fan Fiction*, e oferece ao leitor o espaço para deixar suas opiniões sobre o capítulo lido, já que o sistema de publicação (cada capítulo é disponibilizado separadamente, ao longo do tempo, até o autor terminar a história, como em um folhetim) não permite que o leitor tenha uma visão geral da história do início ao fim, apenas até o último capítulo publicado. Para a comunidade, o bom leitor é aquele que deixa um comentário a cada capítulo lido, possibilitando que o autor descubra as opiniões de seus leitores com o desenvolvimento da história.

No canto inferior direito, um marcador colorido exibe a classificação indicativa da obra. O sistema não impede um leitor menor de idade de ler uma história não indicada para sua faixa etária. Alguns gêneros exigem certa classificação indicativa, segundo as informações listadas na página de Ajuda. Os gêneros Ecchi e Lime, que tratam de insinuações sexuais implícitas não podem ter classificação menor que “+16”. O sistema não demanda esse comportamento e é a administração que detecta disparidades.

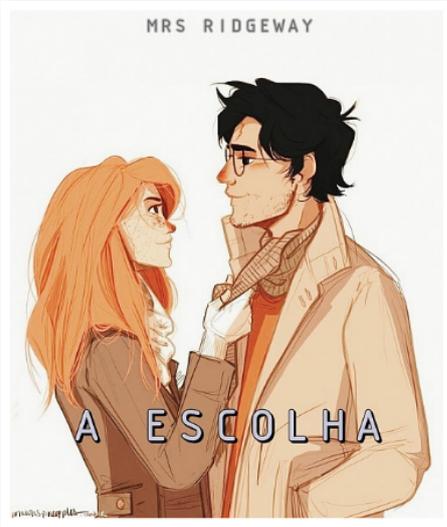
A coluna direita é composta novamente por sugestões de termos corretos em português, uma indicação de *Fan Fiction* e um aviso sobre o Controle Parental. Diferentemente da listagem de Categorias, desta vez o sistema de indicação irá exibir apenas histórias dentro do *fandom* selecionado.

O *Nyah! Fanfiction*, diferente dos sistemas anglófonos descritos por Discroll (2006), não possui uma ferramenta para filtrar as histórias por pares específicos, nem lista os pares da história. Por ser baseado no *eFiction*, um sistema multi-*fandom*, a ferramenta está ausente para simplificar a administração e manutenção dos *fandoms*, e Frank preferiu não suprir essa falta em suas modificações no código do *Nyah! Fanfiction*. Ao examinarmos a comunidade oficial do Facebook, observaremos como os leitores contornam o problema. A página de exibição de uma história específica é mostrada na Figura 7 e na Figura 8.

Figura 7 - Página da história “A Escolha”

A Escolha escrita por **Mrs Ridgeway**

77 comentários



MRS RIDGEWAY

A ESCOLHA

GINNY descobre novas prioridades e Harry se vê em uma encruzilhada. O que valeria mais? Seguir em frente com a sua antiga e importante busca ou esquecer tudo e se esforçar para reconquistar a admiração da mulher que sempre se empenhou para estar ao seu lado?

Classificação: 16+
Categorias: Harry Potter
Personagens: Angelina Johnson, Arthur Weasley, Cedrico Diggory, Cho Chang, Dino Thomas, Draco Malfoy, Ernesto Macmillan, Fred Weasley, Gina Weasley, Hannah Abbott, Harry Potter, Hermione Granger, Jorge Weasley, Katie Bell, Luna Lovegood, Marietta Edgecombe, Minerva McGonagall, Molly Weasley, Narcisa Black Malfoy, Nymphadora Tonks, Pansy Parkinson, Parvati Patil, Remo Lupin, Ronald Weasley, Severo Snape, Ted Lupin, Vítor Krum
Gêneros: Amizade, Aventura, Comédia, Crossover, Drama, Ecchi, Romance, Suspense, Universo Alternativo
Avisos: Álcool, Linguagem Imprópria, Sexo

Capítulos: 25 (94.120 palavras) | **Terminada:** Não
Publicada: 11/10/2016 às 23:05 | **Atualizada:** 19/08/2017 às 16:01

Estão acompanhando

Opções

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Figura 8 - Página da história “A Escolha”

Capítulos: 25 (94.120 palavras) | Terminada: Não
 Publicada: 11/10/2016 às 23:05 | Atualizada: 19/08/2017 às 16:01

Opções

Notas da História:
 Oi gente!
 Essa fic é uma spin-off da minha outra história, A Troca! (https://fanfiction.com.br/historia/706545/A_Troca/)
 Pois é, né? A coisa desenrolou tanto e tão bem, que eu percebi que o Harry e a Ginny mereciam uma história só para eles, explicando direitinho como é relação dos dois e porque ela é tão complicada assim –fretas, ha!ha –
 Espero muito que A Escolha agrade a vocês também!
 Os personagens aqui citados pertencem a maravilhosa JK Rowling. Eu me apropriei um pouquinho deles porque eu amo demais o mundo de HP.
 A imagem original, usada para fazer a capa, também não é de minha autoria e pode ser encontrada aqui – <http://harrypotterconfessions.tumblr.com/post/113103409789> –
 Harry & Ginny
 Universo Alternativo
 Seja autêntico, não copie. Plágio é crime.

Capítulos

1. A Decepção	1.852 palavras
2. O Apartamento	3.905 palavras
3. A Proposta	3.864 palavras
4. O Relógio	4.694 palavras
5. A Promoção	4.541 palavras
6. O Jantar	4.368 palavras
7. O Visitante	3.706 palavras
8. A Semelhança	5.609 palavras
9. A Atiança	4.117 palavras
10. O Livro	4.131 palavras

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Embora a estrutura do *layout* seja igual ao das páginas anteriores, com duas colunas, nessa, uma região maior da página é dedicada para informações sobre a história. Todos os elementos da obra exibidos na listagem de histórias do *fandom* estão presentes nessa página, porém com maior destaque. A capa é apresentada em tamanho maior e centralizada na coluna, com a sinopse abaixo dela e ocupando uma área maior. Novos metadados são também apresentados.

A classificação não é mais uma imagem colorida, mas aparece como o primeiro metadado, logo abaixo da sinopse. O *fandom* aparece novamente como Categoria, sendo que a mídia de origem está novamente ausente. Há também uma lista de personagens presentes na história. Alguns autores compõem a lista com os casais; outros, com os protagonistas. Há menção de gênero e uma lista de avisos, que inclui sexo, álcool e linguagem imprópria. Como veremos na página de publicação de uma nova história, esses avisos são pré-cadastrados no sistema e cabe ao autor selecionar os que se aplicam à sua história. Essa informação é mais uma preocupação de Frank, para tornar o *Nyah! Fanfiction* adequado ao público infanto-juvenil.

O sistema gera os metadados relativos à quantidade de capítulos, número total de palavras, data de publicação, data de atualização e se é concluída ou não. Abaixo destes metadados, há uma Nota da História, texto opcional definido pelo autor para ser exibido nessa página. Geralmente, os autores usam o espaço para mostrar aspectos da história, para expor o cronograma de atualização da história (por exemplo, para avisar que novos capítulos são sempre postados em tal dia da semana, ou relatar que a história não receberá atualizações por algum tempo). Exibe-se também o *disclaimer*, um texto padronizado em que o autor explica que não é proprietário do *copyright* sobre os personagens, de elementos da história e que a obra não tem fins lucrativos. O *disclaimer* é uma tentativa de proteger os autores de possíveis implicações legais decorrentes da produção de *Fan Fiction*, embora seu valor legal seja questionável.

Finalmente, a coluna central enumera os capítulos da história, em ordem de publicação, do mais antigo para o mais novo, com seu respectivo número de palavras. Ao clicar no título dos capítulos, o leitor é conduzido ao texto escolhido. Tal ferramenta é necessária graças ao sistema de folhetim do *Fan Fiction*, em que o leitor pode escolher o último capítulo publicado ou acompanhar a história, capítulo por capítulo, durante um longo período.

A coluna da direita possui mais dados sobre a história, iniciando pelo número total de comentários. Comentários é o termo que designa as opiniões postadas pelos leitores, capítulo a capítulo. Abaixo há botões especiais para divulgar a história nas redes sociais, com recomendação. Diferente do comentário, a recomendação só pode ser feita uma única vez, por

leitor e por história, e é tida como uma medalha, que eleva o *status* da obra dentro da comunidade. Na Figura 6, podemos observar o número de recomendações.

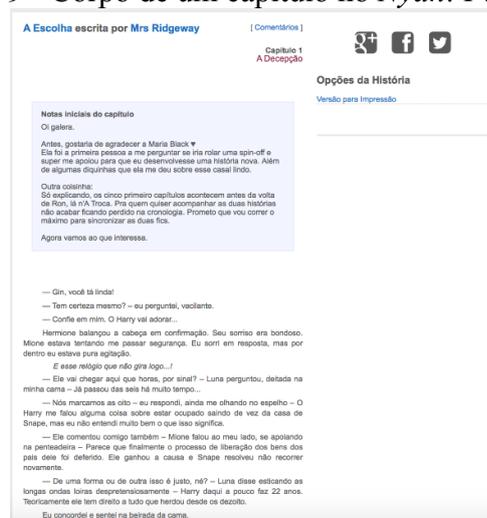
De maneira similar, os favoritos mostram os leitores registrados que adicionaram a história à sua lista de “favoritos”. *Favoritar*, como é dito no jargão da comunidade *Nyah! Fanfiction*, não apenas facilita que o leitor encontre a história (ela estará na lista de favoritos em sua conta), mas também é outra forma de apoiar o escritor e demonstrar admiração pela obra. O número de favoritos também é exibido com destaque na Figura 6.

Finalmente, a coluna mostra os membros que estão acompanhando a obra. Esse sistema é uma ferramenta útil, pois quando o usuário escolhe acompanhar um *Fan Fiction*, ele recebe uma notificação em seu perfil e em seu *e-mail*, toda vez que um novo capítulo for publicado. Embora a ferramenta seja inútil para histórias concluídas e que não recebem novas atualizações, muitos leitores selecionam acompanhar obras finalizadas, como um quarto sistema de apoio ao escritor (os três primeiros são: comentário, recomendação e favorito. Tanto favoritos como acompanhantes são exibidos pela imagem de seu perfil, para economizar espaço (um clique na imagem leva ao perfil do leitor).

Um último item, Opções, é exibido graças a uma falha no sistema. Quando o usuário cadastrado está ativo no sistema (*login*), ali são listadas as opções para favoritar e acompanhar a história, opções inexistentes quando o leitor não está cadastrado e é apenas um visitante.

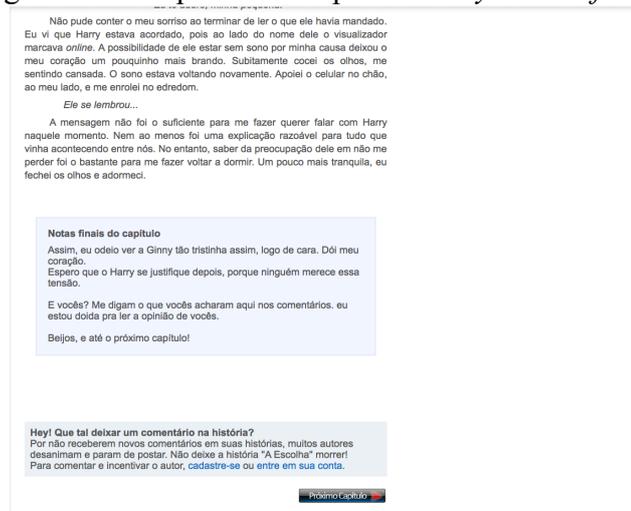
Ao clicar em um dos capítulos, adentramos o texto, a história, como é possível observar na Figura 9 e Figura 10.

Figura 9 - Corpo de um capítulo no *Nyah! Fanfiction*



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Figura 10 - Corpo de um capítulo no *Nyah! Fanfiction*



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

O título e o autor devem ser inseridos no topo da coluna, acompanhados de um *link* para os comentários do capítulo, o número do capítulo e título. Como é possível observar, os autores definem o título de cada capítulo, mas a numeração é automática pela ordem de publicação. Há duas notas opcionais que o autor pode adicionar em cada capítulo, as Notas iniciais do capítulo e Notas finais do capítulo. O conteúdo dessas notas é definido pelo autor, mas geralmente envolvem explicações e agradecimentos. Os autores geralmente aproveitam o espaço para saudar os leitores que comentaram, favoritaram, acompanharam e, principalmente, os que recomendaram a história, criando uma relação de respeito e afeto mútuo entre leitor e autor.

O capítulo tem dimensões variadas, sem restrição quanto à quantidade de caracteres⁶¹, mas a quantidade ideal é discutida pela comunidade. Abaixo do texto, há um campo em destaque, que incentiva o leitor a inserir comentários sobre o capítulo, embora o sistema avise que é necessário ter uma conta para fazê-lo. Caso haja um capítulo posterior, um botão levará o leitor rapidamente até a próxima parte da obra, na sequência. Quando o leitor está cadastrado e ativo no sistema, o informativo é substituído por um campo para fazer comentários e uma imagem chamativa para acompanhar a história, como mostra a Figura 11.

⁶¹ Sendo o código do *Nyah! Fanfiction* secreto, não é possível saber ao certo as limitações do sistema. Entretanto, tomando como base o sistema do *eFiction*, de código aberto, o banco de dados aceita textos do tipo “*longtext*” no campo dos capítulos, que suporta entre 1.430 bilhão de caracteres e 4.294 bilhões de caracteres por capítulo.

Figura 11 - Caixa de comentários numa história do *Nyah! Fanfiction*

Notas finais do capítulo
 Assim, eu odeio ver a Ginny tão tristonha assim, logo de cara. Dói meu coração.
 Espero que o Harry se justifique depois, porque ninguém merece essa tensão.
 E vocês? Me digam o que vocês acharam aqui nos comentários, eu estou doída pra ler a opinião de vocês.
 Beijos, e até o próximo capítulo!

Clique aqui para acompanhar esta história
 Você será notificado por e-mail quando ela for atualizada

Comente!

O que mais gostou no capítulo?

O que acha que precisa ser melhorado?

Comentários adicionais

B *I* **≡** **≡** **≡** **“** **🔗**

ENVIAR

Próximo Capítulo

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Na coluna da direita, há botões para compartilhar o capítulo nas redes sociais e um *link* para uma versão preta-e-branca e sem imagens da história, específica para impressão. Ao entrar no sistema, o leitor cadastrado possui novas opções, como mostra a Figura 12.

Figura 12 - Opções para uma história do *Nyah! Fanfiction*

Opções da História

[Denunciar](#)

[Versão para Impressão](#)

[Recomendar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Entre as novas opções apresentadas, constata-se que o autor também pode ser adicionado aos favoritos e que é possível denunciar a história, tal como mostra a Figura 13.

Figura 13 - Denúncia de uma história no *Nyah! Fanfiction*

Central de Tickets Enviar Novo Ticket Tickets Abertos Tickets Fechados

Assunto*:
Denúncia de História

Navegador detectado*: Safari 603
Caso esteja incorreto, informe abaixo qual seu navegador e qual a versão dele

Mensagem*:
Página denunciada: fanfiction.com.br/historia/711508/A_Escolha/capitulo/1/
Motivo da denúncia: [Atenção: Caso o motivo seja plágio, forneça links e todo o material necessário para apurarmos, caso contrário sua denúncia será desconsiderada]

Antes de enviar, certifique-se de que seu pedido de suporte possui estas informações de acordo com o caso:

Para relatar problemas:
- Link da página em que o erro ocorreu;
- Mensagem de erro que foi exibida (copie e cole);
- Detalhe quais foram suas ações antes de encontrar o erro

Adição de categorias ou personagens:
- Nome correto da categoria (no caso dos animes, damos preferência ao nome original em japonês);
- Nome correto dos personagens e em qual categoria deverão ser adicionados;

* Todos os campos devem ser preenchidos

ENVIAR PEDIDO DE SUPORTE

(1) AO ENCONTRO DE / (2) DE ENCONTRO A
(1) Significa "a favor de" ou "para junto de". → Ex: fui ao encontro de meus familiares.
(2) É algo contra, que se choca. → Ex: as medidas vêm de encontro aos interesses do povo.

[Visite a seção de português.](#)

Últimas atualizadas
Toská -Angústia escrita por Choi Lina [16+]
Life is To Short escrita por GabbySaku [16+]
Star's Guardians escrita por YYoukai, LyraLovesYou [13+]
Como estragar um casamento escrita por Zooney Bauer [13+]
Como se fosse Inverno e Verão. escrita por Debora Castro [13+]

Controle Parental
Você pode controlar a exibição das histórias com base na classificação dada pelos autores. Por exemplo, pode fazer com que apenas histórias de classificação Livre sejam exibidas. Para alterar suas opções de exibição, acesse controleparental.fanfiction.com.br

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

A denúncia, que faz parte do sistema de suporte do *Nyah! Fanfiction*, é importante para a manutenção da comunidade. Como a equipe de administração precisa verificar discrepâncias manualmente e o fluxo de histórias é intenso, os moderadores, membros responsáveis por manter a ordem e o respeito às regras, usam as denúncias para solucionar problemas.

O sistema automaticamente permite acesso à denúncia e conta com *link* direto para a história. Os motivos mais comuns de denúncia são: preenchimento incorreto dos dados da história; classificação indicativa inadequada para o conteúdo; histórias que tratam de temas proibidos, segundo normas do site (como pedofilia); capítulos que se restringem a notas do autor, ou que anunciam produtos ou outros sites; capas com imagens explícitas e o plágio, que pode ser a publicação de história de outro autor usando sua conta, se passando por autor da obra. Em caso de plágio, a moderação e a administração do site decidem que providências tomar, caso a caso, que pode ser a alteração da história de acordo com regras do site, a eliminação da obra, ou da conta desse usuário. A página de comentários pode ser vista na Figura 14.

Figura 14 - Comentários em um capítulo no *Nyah! Fanfiction*

The screenshot shows a web interface for fanfiction comments. At the top, there's a section titled 'Comentários em A Escolha' with a dropdown menu set to 'Ver todos os comentários'. To the right, a 'Controle Parental' box explains that content is moderated based on author ratings and provides a link to 'controleparental.fanfiction.com.br'. The main area displays three comments:

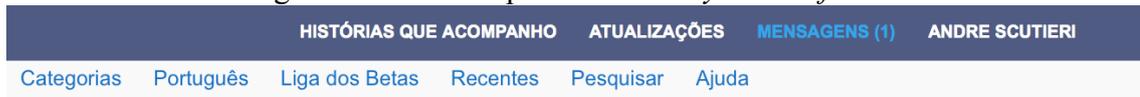
- Comment 1:** By **Maria Black** on 12/10/2016 at 12:02, chapter 'A Decepção'. The comment expresses love and anticipation for the next chapter. It has a star icon and a 'Beijos' (kisses) emoji. A dashed box contains the author's reply: 'Resposta do Autor [Mrs Ridgeway]: Resolvi começar a postar logo, não aguentei esperar kkk. Eu sempre vou agradecer pela sua ajuda. O próximo sai em breve, se tudo der certo. Beijos'.
- Comment 2:** By **Homo sapiens sapiens** on 14/10/2016 at 12:54, chapter 'A Decepção'. The comment discusses a mystery character and mentions 'harry potter'. It has a 'Beijos' emoji. A dashed box contains the author's reply: 'Resposta do Autor [Mrs Ridgeway]: AHUAHSUAHUASUAH Bom, ele não é gay não. Desculpe frustrar as suas expectativas, o mistério é outro. ASUAHUASH. Que bom que você gostou. Beijos!'.
- Comment 3:** By **Maria Black** on 14/10/2016 at 22:03, chapter 'O Apartamento'. The comment expresses a desire to kill a character named Snape and mentions other characters like Lupin and Ginny. It ends with 'Beijos'.

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Os comentários são mensagens de apoio, opiniões, reclamações e pedidos dirigidos ao autor, publicados capítulo a capítulo, pelos leitores. Na Figura 14, é possível ver comentários relativos a uma história. Mas, é possível ter acesso também a comentários, capítulo a capítulo. A imagem do leitor, nome, data de postagem e o capítulo a que o comentarista se reporta são exibidos no comentário. O autor pode responder os comentários, o que é valorizado pela comunidade, pode também escolher o melhor deles e dar-lhe uma “estrela”. Cada autor, de acordo com sua visão, classifica os comentários, sendo que alguns autores preferem elogios e descartam críticas, outros preferem uma crítica construtiva. Comentários agressivos que só desejam ofender o autor, ou gerar conflito, são chamados de *flames* (chamas). A intolerância com os autores de *flames* é tamanha que os usuários que a praticam, de modo geral, acabam banidos por “comportamento tóxico”.

Ao fazer *login* no sistema, o usuário cadastrado observa que a barra superior se modifica, conforme a Figura 15, para abrigar novos *links* de acesso rápido às histórias que o usuário acompanha, suas mensagens e seu perfil.

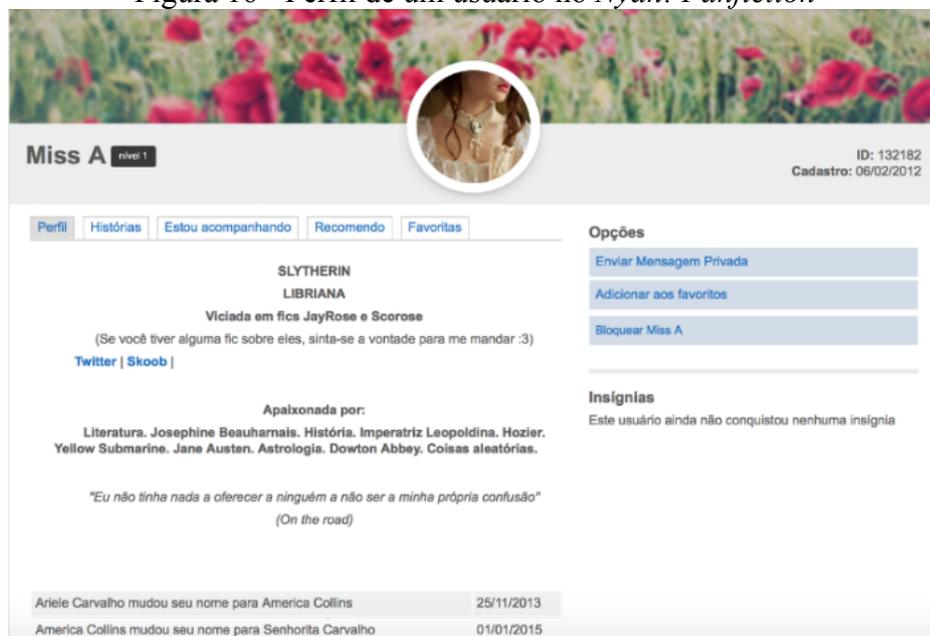
Figura 15 - Barra superior do site *Nyah! Fanfiction*



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Cada usuário cadastrado possui um perfil, com informações obrigatórias, como o nome de exibição (pseudônimo). Outras, como imagem, descrição e imagem de capa são opcionais. Um perfil completo pode ser visto na Figura 16.

Figura 16 - Perfil de um usuário no *Nyah! Fanfiction*

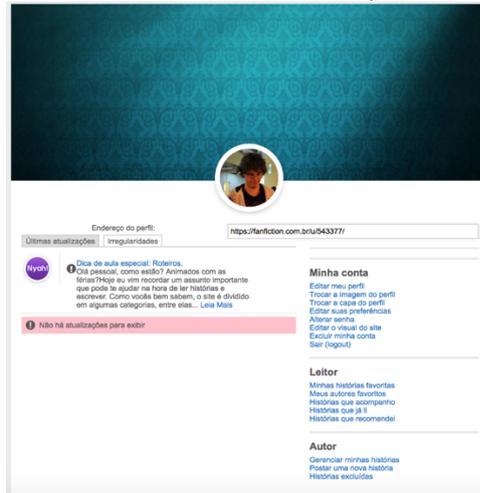


Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

O nome do autor e seu nível são exibidos com proeminência, enquanto sua foto de perfil é centralizada no círculo, acima da foto de capa. O sistema de níveis ainda não foi implementado totalmente, logo os usuários são Nível 1. É possível ver a descrição fornecida pelo próprio participante, as histórias publicadas, as que o usuário acompanha, as suas recomendações e os seus favoritos. Também é possível entrar em contato com outro usuário por meio do serviço de Mensagens Privadas (um sistema simples, similar a um sistema interno de *e-mail*), adicionar o autor aos próprios favoritos ou bloqueá-lo. O bloqueio impede o envio de mensagens, de comentários de histórias dos usuários que optaram pelo bloqueio, em bora o acesso às histórias ainda seja possível. O sistema de bloqueio é uma maneira efetiva de evitar o assédio por membros indesejados ou de continuar a receber *flames* numa história. O sistema de insígnias, assim como de níveis, ainda não está ativo e nada exhibe.

O *Nyah! Fanfiction* não diferencia autor de leitor. Cada conta pode exercer as duas funções, como mostra a Figura 17. Entretanto, no painel de controle da conta, as opções são separadas. É possível editar as informações da conta e adicionar ou retirar dados pessoais, imagens etc. Também, nas opções da conta, o usuário pode habilitar a visualização de histórias “+18”, finalmente acessando o conteúdo adulto do site.

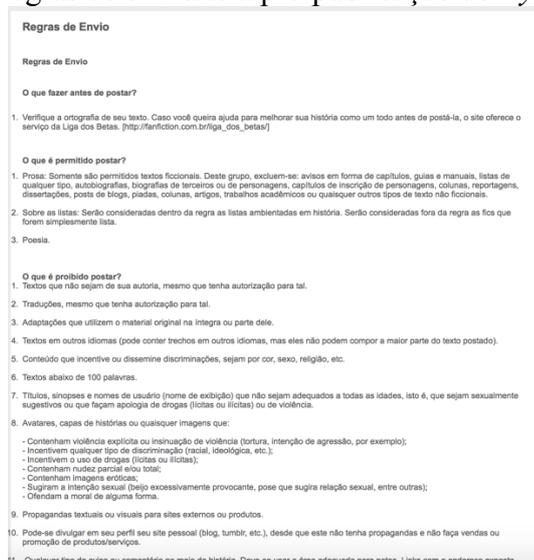
Figura 17 - Painel do usuário no *Nyah! Fanfiction*



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Quando o membro decide exercer a função de autor, ele deve iniciar pela publicação de uma nova história. Entretanto, toda publicação começa com uma revisão de todas as regras do site, como mostra a Figura 18.

Figura 18 – Regras de envio/tela pré-publicação do *Nyah! Fanfiction*



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

O autor deve concordar com as regras para iniciar o processo de publicação, caso contrário, o sistema não o deixará continuar. Com isso, Frank tenta evitar que autores infratores venham a argumentar que desconhecem as regras do *Nyah! Fanfiction*. Entretanto, como já analisamos, algumas infrações não são punidas e a moderação simplesmente resolve o problema e notifica o autor, principalmente se for um membro novo, para não repetir seu erro. Todavia, desrespeitos fragrantemente às regras e conteúdo ilegal são rapidamente punidos com o banimento do site, embora o usuário ainda tenha acesso ao mesmo, como visitante, para ler histórias.

Na Figura 19 e na Figura 20 podemos observar o processo de publicação de uma nova história.

Figura 19 - Tela de publicação de nova história no *Nyah! Fanfiction*

Adicionar História

Título: *

Adicionar coautor

Exemplo: #123456

Capa da história (opcional):
A imagem não pode ser maior que 1000x1000px e não pode ter mais que 500KB. Não use imagens muito violentas ou "picantes".

nenhum arquivo selecionado

Sinopse: *

Disclaimer - Aviso Legal (obrigatório) & Notas da História (opcional):

Categorias

- Animes / Mangás
- Bandas / Cantores
- Cartoons
- Filmes
- Jogos
- Livros
- Nyah!
- Originais

Categorias Selecionadas *

Se sua história não for Original, não a adicione histórias às categorias principais (Exemplos: Animes, Livros, etc).

(1) VULTOSO / (2) VULTUOSO

(1) É algo volumoso, de grande quantidade. → Ex: as minhas despesas vultosas apavoravam-me.

(2) É algo inchado ou doentio. → Ex: o clima vultuoso da casa enjoava-me.

[Visite a seção de português.](#)

Últimas atualizadas

[Contrastes](#) escrita por [Stelfs](#) [16+]

[Premonição: Pesadelo Real](#) escrita por [Wowlata](#) [16+]

[Como se fosse Inverno e Verão.](#) escrita por [Debora Castro](#) [13+]

[Frozen Fractals - Ameaça Eminente](#) escrita por [AD Silva](#) [16+]

[Os descendentes e o segredo](#) escrita por [Ka e Gi](#) [13+]

Controle Parental

Você pode controlar a exibição das histórias com base na classificação dada pelos autores. Por exemplo, pode fazer com que apenas histórias de classificação Livre sejam exibidas. Para alterar suas opções de exibição, acesse controleparental.fanfiction.com.br

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Figura 20 - Tela de publicação de nova história no *Nyah! Fanfiction*

Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Campos marcados com um asterisco vermelho são obrigatórios para publicação. É possível adicionar um coautor numa história, colocando o número identificador do mesmo, que pode ser obtido a partir de seu perfil (como é possível ver na Figura 16). A capa tem restrições técnicas quanto às dimensões e ao conteúdo. Ao selecionar a categoria e o *fandom*, o sistema apresenta os personagens cadastrados para aquele *fandom* para ser adicionados à história. Não há limite de personagens, nem de gêneros.

A caixa de avisos, como apresentado anteriormente, contém avisos pré-definidos para seleção, não sendo obrigatório adicioná-los quando a história não necessários. O autor deve avisar sobre as especificidades do conteúdo da história. O não cumprimento dessa regra pode fazer com que a história não seja editada pela equipe do site.

Uma história não pode ser publicada sem ao menos um capítulo, portanto, a tela de criação apresenta espaço para que o primeiro capítulo seja adicionado. Depois de salva, a história é publicada imediatamente e permanece disponível para leitura. No entanto, o sistema pode levar minutos ou horas para listá-la corretamente na página do *fandom* e nas listas de últimas histórias, devido às otimizações em *cache*. Posteriormente, a história pode ser editada para modificar as informações e adicionar novos capítulos através da opção Gerenciar Histórias.

A seguir, depois de tratarmos das características e também das demandas e procedimentos da comunidade *Nyah! Fanfiction*, relativas ao site, podemos prosseguir

apresentando especificidades dos modelos de interação do grupo oficial na plataforma social *Facebook*. Alguns aspectos podem ser observados na Figura 21.

Figura 21 - *Nyah! Fanfiction* na plataforma *Facebook*



Fonte: Reprodução por *print screen* na tela do computador. Disponível em: <<http://fanfiction.com.br>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

O grupo é fechado, ou seja, para fazer parte dele, tanto para acessar ao conteúdo como para publicá-lo, é necessário a aprovação de um administrador do grupo. Como a plataforma *Facebook* não permite a publicação de longas histórias, nem permite a formatação de texto essencial para uma leitura confortável (como opções de negrito, itálico, fontes diferentes, entre outras), resta ao grupo a função de promover os debates entre os integrantes da comunidade.

A plataforma *Facebook* complementa as necessidades da comunidade do *Nyah! Fanfiction* ao propiciar interatividade entre os seus integrantes. Mas, algumas modificações são necessárias para alinhar essas duas faces da comunidade.

O *Facebook* não permite perfis falsos, caçando e apagando os chamados *fakes*. Por outro lado, o *Nyah! Fanfiction* permite e incentiva o uso de pseudônimos para publicação e leitura das histórias. Ser parte do grupo no *Facebook* é revelar sua verdadeira face, algo que nem todos os usuários estão dispostos a fazer. Alguns *fakes* são mantidos discretamente no grupo, sendo usados apenas para publicação. Outra diferença significativa é que, embora a equipe de administração seja a mesma, a plataforma social limita o uso das opções de moderação do grupo, de modo que os moderadores se limitam a apagar conteúdo impróprio e banir membros

tóxicos. Como não é possível identificar com precisão o perfil que uma pessoa tem no *Facebook* e no *Nyah! Fanfiction*, muitos membros banidos no grupo ainda possuem conta no site e vice-versa.

A divulgação e troca de *Fan Fiction* é constante. Basta copiar o *link* de uma história no site para anunciá-la no *Facebook*, de modo que muitos autores usam o grupo para divulgar novas obras, ou mesmo para divulgar sua história e as respectivas atualizações. As dificuldades de encontrar *Fan Fiction* sobre determinado casal, ou enredo, ou gênero de história, no site, são facilmente contornadas no grupo, pois basta que o usuário, na página do grupo, manifeste o seu interesse para que as respostas venham.

Os usuários do grupo também podem pedir contribuições para escrever, publicar, revisar suas obras e para criar capas, pois sempre há outros dispostos a colaborar. Alguns integrantes com habilidades específicas – manipulação de imagens, revisão textual entre outras –, formam grupos paralelos que oferecem seus serviços, geralmente em troca de reconhecimento e divulgação dos serviços, o que angaria *status* ao grupo. Formam-se também grupos dedicados à produção de capas, revisores independentes, chamados *beta readers*, coautores em busca de novos enredos e críticos literários amadores.

No grupo do *Facebook*, não apenas é possível conhecer outros fãs do mesmo *fandom*, como os usuários aproveitam o espaço para divulgar suas obras, pedir recomendações de histórias, lançar ideias para que outros produzam histórias, divulgar suas paixões e debater sobre o melhor casal, melhor personagem, melhor obra, melhor autor. A plataforma também permite a publicação de mídias que não são permitidas no site do *Nyah!*, como imagens com movimento (GIFs), vídeos e álbuns de fotos, que os autores compartilham no grupo como fonte de inspiração, como meio de divulgação multimídia de suas próprias obras ou como homenagem às peças de outro autor da comunidade.

A relação entre a memória estática do site e a frenética comunicação do grupo torna a comunidade do *Nyah! Fanfiction* uma plataforma única para se construir *Fan Fiction*. Ao mesmo tempo, a comunidade parece revelar traços de práticas de uma Comunidade da Inquirição, na perspectiva peirceana.

Nesta pesquisa, buscamos explicitar como as práticas da comunidade *Nyah! Fanfiction* revelam possíveis transformações de conceitos e crenças dos seus usuários. Conceitos e crenças que, imaginamos, são postos em movimento pelas histórias publicadas no repositório do site. Entre inúmeros conceitos e crenças, que se revelam em modos de sentir, agir e pensar nessa comunidade selecionamos às relativas aos relacionamentos amorosos.

Antes de descrevermos e analisarmos as histórias selecionadas postadas na comunidade *Nyah! Fanfictio*, tratamos das transformações da intimidade, seguindo Anthony Giddens, bem como do conceito de comunidade de inquirição, conforme teorias de Charles Sanders Peirce.

3. Crenças em movimento – A Comunidade de Inquirição e as transformações da intimidade

Neste capítulo, temos como objetivo explicitar o conceito de comunidade de inquirição, de acordo com o pensamento peirceano; além de tratar de modalidades de amor e discutir as transformações da intimidade na contemporaneidade, conforme Giddens (1993; 2002), o que corresponde a refletir sobre crenças, ideias ou conceitos em movimento, em transformação, no contexto contemporâneo, até pela presença de novas mídias, que permitem que esses conceitos sejam compartilhados por uma grande quantidade de pessoas e com maior velocidade.

Iniciamos com uma breve biografia de Charles Sanders Peirce, por considerar que, ao tomar conhecimento de aspectos da vida desse lógico norte-americano, podemos também entender o que pode ser um dos motivos de sua obra não ter sido reconhecida ainda em seu tempo. Em seguida, tratamos de sua ideia de pragmatismo (e sua forma amadurecida, o pragmaticismo), para definir o conceito de comunidade de inquiridores.

Sem a pretensão de afirmar que os membros de uma comunidade de fãs, como o *Nyah! Fanfiction* podem se aproximar de uma comunidade de inquiridores, elevando os seus integrantes à categoria de filósofos e cientistas, o nosso objetivo, por fim, nessa pesquisa, será explicitar em que aspectos essa comunidade pode se aproximar desse modo de viver investigativo que requer uma comunidade de inquiridores.

Para tanto, considerando-se que esse fazer investigativo pode ser aplicado no cotidiano, buscamos explicitar como se dá o movimento de uma crença, ou de um conceito nessa comunidade. Daí a opção pelas crenças vinculadas ao amor e a escolha de Giddens. Assim, apresentamos reflexões sobre o Pragmatismo/Pragmaticismo e a comunidade de inquiridores em Peirce e, em seguida, questões referentes ao amor.

3.1. O pragmatismo peirceano e a comunidade de inquiridores

Charles Sanders Peirce nasceu em 10 de setembro de 1839, em Cambridge, Massachusetts – mesmo ano em que a primeira fotografia da lua foi produzida por Louis Daguerre – e faleceu em 19 de abril de 1914, ano em que se iniciou a I Guerra Mundial. Seu pai, um dos mais respeitados matemáticos americano e professor na Universidade de Harvard, Benjamin Peirce, foi a primeira influência científica na vida do jovem Peirce, cujo grande prodígio em filosofia e matemática superavam o do próprio pai. Suas ideias inovadoras nas

áreas da matemática, estatística, filosofia, química, psicologia, economia, linguística, metodologia e história da ciência levaram Bertrand Russel a aclamá-lo como “[...] uma das mentes mais originais do final do século XIX, e certamente o maior de todos os pensadores americanos” (RUSSEL, 1959, p. 276).

Entretanto, seu pensamento inovador e sua personalidade difícil garantiram que sua carreira acadêmica jamais alcançasse sucesso e grande reconhecimento em vida. Como revela James Feibleman (1944), com a expansão dos Estados Unidos e com o surgimento das grandes cidades do oeste americano, a Nova Inglaterra, principalmente Boston e Cambridge, se tornou mais insular e conservadora, o que contribuiu para a rejeição da originalidade e genialidade do jovem Peirce. Joseph Brent, biógrafo do pensador, revela que a personalidade “distante, fria, depressiva, extremamente suspeita, impaciente ao menor desafio e sujeita a violentas explosões de temperamento” (BRENT, 1998, p. 40) de Peirce se devia, em parte, a uma condição nervosa na época conhecida como “neuralgia facial”, que lhe causava episódios de dor intensa na região do maxilar e tornavam a convivência com ele difícil, ainda mais no ambiente acadêmico. Um de seus professores na Universidade de Harvard – onde ele se formara em química – Charles William Eliot, manifestava uma opinião desfavorável sobre o jovem Peirce. Segundo Brent (1998), tal opinião se revelou um grande obstáculo na vida acadêmica do pensador, já que Eliot presidiu Harvard durante quase toda a carreira de Peirce, e repetidamente vetou a ideia de contratá-lo na instituição.

Em 1879, Peirce conseguiu um cargo de professor de lógica na Universidade Johns Hopkins, que o colocou em contato com algumas das grandes mentes de seu tempo, como os filósofos Josiah Royce e John Dewey (que completaram seus PhDs em Hopkins), o professor de psicologia G. Stanley Hall e o estudante Joseph Jatrow (com quem Peirce trabalhou em um estudo empírico) e o professor de matemática J.J. Sylvester, que admirava o trabalho do jovem Peirce em matemática e lógica. Entretanto, sua carreira em Hopkins foi encerrada abruptamente, em 1884, depois de um escândalo envolvendo sua vida conjugal: depois de ser abandonado por sua primeira esposa, Harriet Melusina Fay, em 1875, Peirce iniciou um relacionamento com Juliette, cuja filiação e nacionalidade eram desconhecidas, enquanto ainda estava legalmente casado. O divórcio com Harriet se deu apenas em 1883, quando ele se casou com Juliette. Mas os rumores de que Peirce vivia com uma mulher com quem não era casado enterraram tanto sua reputação pessoal como qualquer chance de sua carreira acadêmica ser apadrinhada por alguma instituição da época.

Sem oportunidades de emprego, Peirce acabou gastando grande parte de sua fortuna herdada do pai para comprar uma fazenda na Pensilvânia, que jamais retornou o investimento.

Na propriedade, Charles e Juliette Peirce viveram o resto de suas vidas, enquanto o autor escrevia prolificamente sobre diversas áreas do conhecimento – material que, em grande parte, jamais foi publicado em vida. Sem dinheiro, Peirce decaiu à extrema pobreza, ficando endividado e até perseguido, vivendo de doações de amigos próximos, vizinhos e seu irmão, James Mills Peirce que, como relata Brent (1998), pagaram grande parte de suas dívidas e garantiram que ele não perdesse a posse da propriedade por não pagar impostos. Sua renda vinha principalmente de trabalhos pontuais de tradução, crítica literária e cálculos para Samuel Langley, diretor do Instituto Smithsonian, além de escrever para enciclopédias e pequenos jornais científicos. Peirce tentou ser inventor e autor de livros didáticos, mas abandonou ambos os projetos. Seu grande patrono foi o velho amigo William James, que o ajudou financeiramente até sua própria morte em 1910. Peirce morreu quatro anos depois, deixando a maior parte de seu trabalho ainda inédito, na forma de manuscritos.

Os manuscritos de Peirce foram adquiridos pela Universidade de Harvard, que mantém até hoje esse acervo. Porém, mesmo após elogios entusiasmados de seus contemporâneos, ainda havia grande ceticismo sobre o mérito do seu trabalho. Segundo Karl-Otto Apel (1997), a tarefa de editar os manuscritos em algo publicável foi deixada nas mãos do professor Charles Hartshorne e seu aluno de graduação, Paul Weiss, ambos inexperientes na área de editoração. Felizmente, Harshorne e Weiss “tiveram a perspicácia para reconhecer o escopo e a importância do trabalho de Peirce” (APEL, 1995, p. XX). Da monumental quantidade de manuscritos, desordenados e sem edição alguma (além do fato de Peirce, em seus últimos anos de produção, não ter dinheiro para comprar novos papéis e necessitar escrever no verso de vários de seus manuscritos), os dois editores conseguiram produzir os primeiros seis volumes intitulados *Collected Papers*, publicados entre 1931 e 1935, focando principalmente nos escritos que Peirce já havia conseguido publicar em vida. Segundo Santaella (1999), na década de 50 o trabalho de Arthur Burks expandiu a coleção com os volumes VII e VIII, largamente inéditos com o trabalho de Peirce sobre a filosofia da mente e algumas de suas correspondências com Lady Welby, onde o lógico norte-americano expôs discussões importantes sobre sua teoria dos signos. Ainda assim, a autora calcula que “Peirce deixou 12 mil páginas publicadas e 90 mil páginas de manuscritos inéditos” (SANTAELLA, 1999, p. 6).

Embora sua produção tenha sido largamente ignorada em vida, Peirce não estava intelectualmente isolado, nem suas ideias não tiveram algum reconhecimento e influência. Willian James, Josiah Royce e John Dewey, os grandes filósofos americanos de seu tempo, não apenas tiveram grande contato com o autor como também se declararam influenciados por seu trabalho. Foi principalmente por James que os trabalhos de Peirce sobre sua filosofia, chamada

por ele de *Pragmatismo*, se tornaram conhecidas além do grupo de pensadores a que eles pertenciam. Entretanto, ainda que sua carreira acadêmica tivesse encerrado precocemente, Peirce continuou trabalhando suas ideias e desenvolvendo sua filosofia e acompanhando o trabalho de seus colegas. Tempos depois, Peirce avaliou que seus contemporâneos haviam levado sua teoria inicial do Pragmatismo por caminhos que se distanciavam de sua visão. Amadurecido por seu longo trabalho na construção de uma *arquitetura filosófica*, Peirce decidiu revisar suas ideias sobre o Pragmatismo em um texto mais coeso e profundo, publicando-o em artigos no jornal filosófico *The Monist* e divulgando-o em palestras ministradas em Cambridge, a partir de 1902. Nesse momento, insatisfeito com o rumo que seus colegas haviam dado ao Pragmatismo, Peirce escolheu por abandonar o termo para se distanciar das ideias dos pragmáticos de sua época. Em seu primeiro artigo ao *The Monist*, Peirce revela um novo nome para sua teoria revisada, *Pragmaticismo*, neologismo escolhido por ele por “ser feio suficiente para ficar a salvo de sequestradores” (EP 2.335).

Embora nosso interesse seja na definição de Peirce de *inquirição* e, por conseguinte, da *comunidade de inquirição*, é impossível dissociar os conceitos do Pragmatismo/Pragmaticismo, em que exercem papel crucial para o funcionamento do sistema proposto pelo pensador. Mais ainda, como a própria filosofia pragmática peirceana passou por extensas evoluções ao longo do amadurecimento das teorias de Peirce, é essencial fazer um resgate dessa evolução para contextualizar as diversas mudanças que o pensador inseriu na transição de sua criação “sequestrada” para uma nova filosofia. Não é nossa intenção, no entanto, construir uma cronologia exaustiva das ideias de Peirce, nem desenvolver uma crítica sobre sua filosofia, pois tais objetivos estão além do escopo deste trabalho.

A divisão entre o Pragmatismo inicial proposto por Peirce e o Pragmaticismo apresentado por ele ao fim de sua vida é clara suficiente para que autores como Cornelis de Waal e Lúcia Santaella – dedicados leitores da obra peircena – separem a história do Pragmatismo em dois grandes momentos, que de Waal chama de “pragmatismo inicial” e “pragmatismo tardio” (WAAL, 2007, p. 26). Entretanto, a divisão em 4 períodos proposta por Karl-Otto Apel (1997) nos parece mais pedagógica, por atar as transições das ideias de Peirce às grandes mudanças de sua própria vida pessoal. Dessa maneira, examinaremos a evolução do Pragmatismo/Pragmaticismo, a partir de quatro grandes “arcos” da história de Peirce, que renomeamos como a seguir: o contato com a Tradição; o nascimento do Pragmatismo; a construção da Metafísica; e a transição para o Pragmaticismo.

3.1.1. O contato com a Tradição e o pré-pragmatismo

A primeira fase do pensamento de Peirce se desenvolveu antes mesmo de seu contato formal com a carreira acadêmica. Como relata Brent (1998), poucas semanas após seu décimo segundo aniversário, o jovem Peirce encontrou no quarto do irmão mais velho, James “Jem” Peirce, o livro “Elementos da Lógica”, de Richard Whately, uma das obras cuja leitura era requerida pela Universidade de Cambridge, onde James cursava seu segundo ano. O primeiro contato com a lógica mudou radicalmente a vida do jovem Peirce, que passou a se dedicar profundamente ao estudo da disciplina, e então a abrir seus horizontes além dela. Brent (1998) revela que Peirce iniciou um estudo aprofundado da filosofia com a obra *Aesthetic Letters*, de Friedrich Schiller, no início da faculdade, e depois passou a se interessar pela obra de Immanuel Kant, *Crítica da Razão Pura*.

Com um apetite voraz para o conhecimento, Peirce se aprofundou na filosofia, estudando desde os clássicos gregos e os pensamentos medievais até as obras de seus contemporâneos, ao mesmo tempo em que continuava a se dedicar à lógica, a ponto que Apel o avaliou como:

[...] provavelmente a maior autoridade em história da lógica no século XIX, um homem que conhecia profundamente não apenas os textos antigos e medievais, mas além disso, quase todos os documentos de lógica de seu tempo, excluindo os trabalhos de Gottlob Frege⁶² (APEL, 1995, p. 19).

Peirce não apenas desenvolvia um estudo histórico da filosofia e lógica, mas tecia as ideias estudadas nas suas próprias concepções, conforme ele investigava seus próprios problemas filosóficos. No entanto, a natureza exploratória de seu trabalho, conforme seguia seu amadurecimento filosófico, tornam difícil obter informações satisfatórias sobre o pensamento que Peirce mantinha nessa época. Segundo Apel, o jovem lógico usava termos aparentemente contraditórios em conjunto, como “Fenomenalismo”, “Idealismo” e “Realismo”, enquanto citava como suas referências Duns Scotus e Kant (CP 8.15). Entretanto, é possível divisar algo sobre seu pensamento a partir da crítica abrangente que Peirce fazia do que ele definia como “Nominalismo”.

O jovem Peirce tinha um “conceito singular – certamente amplo –”⁶³ (APEL, 1997, p. 42), de nominalismo, que englobava a maior parte dos pensadores após William de Ockham.

⁶² No original: “[...] probably the most learned authority on the history of logic in the nineteenth century, a man who thoroughly knew not only the ancient and medieval texts, but beyond that, nearly all the documents of the logic of his time, excluding the works of Gottlob Frege”, tradução nossa.

⁶³ No original: “[...] un concepto singular –ciertamente amplio- [...]”, tradução nossa.

Sua crítica à metafísica “nominalista” era ao pressuposto que é possível – ou até mesmo necessário – existirem coisas-em-si que não podem ser representadas por signos, o que as tornaria “incognoscíveis”. Para o jovem lógico, afirmar a existência de coisas irrepresentáveis em signos como uma hipótese já seria uma forma de representação, o que invalidaria o próprio argumento. Da mesma forma, Peirce critica o argumento, que ele remonta a Agostinho (CP 8.261), segundo o qual nós não conhecemos as coisas como elas existem no mundo exterior, a não ser unicamente pelos efeitos que elas causam em nossa consciência.

Peirce avaliava que o modelo de afecção causal dos sentidos a partir das coisas do mundo exterior fazia sentido, mas rejeitava a noção que a mente era apenas um receptáculo para esses signos, pois via que, a partir desse modelo, o “conhecimento” seria muito “introspectivo” ou “intuitivo” e completamente independente do uso de signos, já que essas “impressões” não nos permitiriam conhecer as coisas-em-si. Peirce desenvolve um argumento que equivale o conhecimento à “inferência hipotética das coisas do mundo exterior”⁶⁴ (APEL, 1997, p. 44), ou seja, ele entende o conhecimento como a “mediação” de uma opinião consistente sobre o real, na representação dos fatos exteriores.

No encontro do sujeito com o objeto, há a investigação física e fisiológica deste último, onde estes fatos dão indícios (“índices”) de sua própria existência e deixam para trás uma variedade de estados sensitivos, signos qualitativos ou semelhantes (“ícones”). A partir do processo de descoberta de um predicado na forma de um interpretante (símbolo), há uma inferência hipotética consistente com os fatos. Esse processo lógico seria a base do que Peirce posteriormente chamou de sua semiótica, ou lógica. Esse trabalho foi apresentado, em 1868, em artigo intitulado “Sobre Uma Nova Lista de Categorias” (EP 1.1), publicado pela revista *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, fruto de dez anos de trabalho do autor e peça-chave em seu sistema filosófico, pois ele apresenta um novo grupo de categorias pós-Kantianas.

A partir dessa transformação semiótica do conceito de conhecimento, Peirce identificou as categorias fundamentais do conhecimento como representação, e caracterizou esses conceitos por suas relações: a qualidade ou sentimento, carente de relações, é chamada de *Firstness*, ou Primeiridade; a relação dual entre sujeito e objeto, o confronto com os fatos brutos, é a *Secondness* ou Secundidade; enquanto a relação triádica da representação é “a designação de algo como algo para uma consciência interpretativa”⁶⁵ (APEL, 1997, p. 45), que constitui o

⁶⁴ No original: “[...] la inferencia hipotética de las cosas del mundo exterior [...]”, tradução nossa.

⁶⁵ No original: “[...] la designación de algo como algo para una conciencia interpretativa [...]”, tradução nossa.

que Peirce chamou de *Thirdness*, ou Terceiridade (CP 1.369-372). Na lógica das relações de Peirce, não há necessidade de mais categorias, já que suas relações podem ser reduzidas a esses três conceitos básicos. Entretanto, qualquer tentativa de reduzir o sistema por meio da exclusão de uma das categorias seria uma “falácia redutiva” (CP 5.79-81).

A partir de seu sistema de categorias, Peirce critica o sentido das coisas, restringindo as coisas que podem ter sentido unicamente às que são conhecidas pelo sistema de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Ou, melhor ainda, se aproximando das bases de seu futuro Pragmatismo, evidenciando que somente coisas reais podem gerar conhecimento através dos efeitos de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Desta forma, Peirce (CP 5. 310), ata o conceito de realidade ao conceito de *cognoscibilidade*, de forma que aquilo que não é cognoscível, não pode ser real.

Com sua nova definição de real como o cognoscível, o jovem Peirce se dedica a construir uma crítica ao significado, evidenciando que “[...] se o significado de uma palavra reside no conceito que esta transmite, o absolutamente incognoscível não terá então significado algum, posto que não corresponde a nenhum conceito”⁶⁶ (CP 5.310), assim como formula uma posição que dá conta tanto de suas teorias aparentemente idealistas como as realistas:

Que a autêntica realidade das coisas, sob a base dos princípios cartesianos não se pode conhecer jamais nem no menor grau, é algo que a maioria das pessoas esclarecidas já estão convencidas há muito tempo. Daí portanto a irrupção do idealismo, que é essencialmente anti-Cartesiano, em todas as direções, seja entre empiricistas (Berkley, Hume), ou entre noologistas (Hegel, Fichte) (CP 5.310)⁶⁷.

Ao determinar o sentido possível (representável) do realismo, atando a cognoscibilidade ao conhecimento, o jovem Peirce, desenvolve as primeiras bases do Pragmatismo. Nas palavras de Peirce:

E o que nós queremos dizer como “o real”? É um conceito que sem dúvida já possuíamos quando descobrimos que algo era irreal, ilusório; isto é, quando nos corrigimos pela primeira vez. Agora, a distinção que este único fato logicamente demanda é a distinção entre um *ens* que depende das determinações privadas internas, das negociações que pertencem à idiossincrasia, e um *ens* tal e como permaneceria a longo prazo. O real, portanto, é aquilo o que, cedo ou tarde, finalmente resultaria de

⁶⁶ No original: “[...] since the meaning of a word is the conception it conveys, the absolutely incognizable has no meaning because no conception attaches to it [...]”, tradução nossa.

⁶⁷ No original: “[...] that upon Cartesian principles the very realities of things can never be known in the least, most competent persons must long ago have been convinced. Hence the breaking forth of idealism, which is essentially anti-Cartesian, in every direction, whether among empiricists (Berkeley, Hume), or among noologists (Hegel, Fichte). [...]”, tradução nossa.

toda informação e toda razão, e que, portanto, é independente das nossas divagações (CP 5.311)⁶⁸.

A esta definição de “realidade”, Peirce (CP 5.311) ainda esclarece que “a própria origem da concepção de realidade mostra que essa concepção essencialmente envolve a noção de uma COMUNIDADE, sem limites definitivos, e capaz de propiciar um crescimento positivo do conhecimento”⁶⁹.

Esse conceito foi expandido em 1874, quando a afirmação foi retomada com base em novas ideias do lógico. Entretanto, segundo Apel, duas coisas podem ser obtidas a partir desse conceito de comunidade:

1. Que se trata da encarnação da *razão* mesma como um princípio normativo e ideal no sentido de Kant. Deve alcançar o que nenhuma consciência finita em seu conhecimento factual pode alcançar, aquilo que nenhuma comunidade finita –que pode desaparecer ou ser destruída por uma catástrofe—é capaz de alcançar: deve poder fazer frente ao progresso (ilimitadamente possível) do conhecimento do real (ilimitadamente cognoscível). 2. Que a “comunidade indefinida” é uma *encarnação* da razão, isto é, que não se trata de uma “consciência em geral” ou de um “reino espiritual”, mas sim de uma comunidade, como sempre ilimitada, de seres que possuem certos sentidos e que podem se comunicar através de signos. (APEL, 1997, p. 52)⁷⁰.

Portanto, a comunidade vislumbrada por Peirce precisa ser real, capaz de se comunicar por signos e de realizar o processo de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade essencial à cognição. Tal comunidade seria como um amálgama de todos os dotados de cognição, como ele enfatizou em 1894, ao mencionar que seria a “comunhão de todos os seres pensantes a que nós pertencemos, mas que provavelmente inclui também outros seres cujos sentidos são muito diferentes dos nossos”⁷¹ (CP 8.13). Conforme Peirce (CP 8.43), podemos afirmar que ele

⁶⁸ No original: “[...] And what do we mean by the real? It is a conception which we must first have had when we discovered that there was an unreal, an illusion; that is, when we first corrected ourselves. Now the distinction for which alone this fact logically called, was between an ens relative to private inward determinations, to the negations belonging to idiosyncrasy, and an ens such as would stand in the long run. The real, then, is that which, sooner or later, information and reasoning would finally result in, and which is therefore independent of the vagaries of me and you. [...]”, tradução nossa.

⁶⁹ No original: “[...] Thus, the very origin of the conception of reality shows that this conception essentially involves the notion of a COMMUNITY, without definite limits, and capable of a definite increase of knowledge.”, tradução nossa.

⁷⁰ No original: “[...] 1. Que se trata de la encarnación de la *razón* misma como un principio normativo e ideal en el sentido de Kant. Debe lograr, aquello que ninguna comunidad finita –que puede desaparecer o ser destruída por una catástrofe— es capaz de alcanzar: debe poder hacer frente al progreso (ilimitadamente posible) del conocimiento de lo real (ilimitadamente cognoscible). 2. Que la ‘indefinite community’ es una ‘encarnación’ de la razón, esto es, que no se trata de una ‘consciencia en geral’ o de un ‘reino espiritual’, sino más bien de comunidad –cono siempre ilimitada- de seres que poseen ciertos sentidos y que pueden comunicarse a través de signos.”, tradução nossa.

⁷¹ No original: “[...] but extends to the whole communion of minds to which we belong, including some probably whose senses are very different from ours [...]”, tradução nossa.

acreditava que outras raças intelectuais existiam no universo, e que muitas outras mentes ainda iriam alcançar esse estágio evolutivo. Embora ele temesse que, cedo ou tarde, conforme consta em CP 5.587, a humanidade chegaria ao seu fim, mas a comunidade jamais iria desaparecer.

Essa noção de comunidade assumiria posteriormente um papel crucial não apenas no funcionamento da sua teoria pragmática, como também no próprio desenvolvimento de suas ideias. No começo de 1871, Peirce, junto a colegas de Harvard como William James, Oliver Wendell Homes Jr. e Nicholas St. John Green, fundou o assim chamado “Clube Metafísico”, dedicado à troca de suas ideias e aos debates intelectuais entre os membros. Como relata de Waal (2007), o nome do clube não foi escolhido por acaso, mas era um misto de ironia e desafio, já que o interesse na Metafísica entre os pensadores americanos estava em queda, conforme teorias mais positivas ganhavam destaque. Foi dentro dessa comunidade de pensadores que Peirce entrou em contato com teorias essenciais para a formação de seu Pragmatismo e iniciou a produção dos artigos que formalizariam sua posição filosófica.

3.1.2. O nascimento do Pragmatismo

O Clube Metafísico serviu não apenas como um ambiente fértil onde Peirce entrou em contato com diversas teorias de conhecimento que ampliaram seu pensamento, mas também para o amadurecimento de suas próprias ideias e o início de uma organização formal do Pragmatismo. Entre as muitas contribuições do Clube, para as teorias peirceanas, Apel (1997) destaca o contato de Peirce com a teoria de *Crença-Dúvida* de Alexander Bain, trazida pelo jurista Nicholas St. John Green. Peirce adotou as ideias de Bain para ampliar sua teoria do conhecimento, que já começava a se organizar numa teoria crítica do sentido, base fundamental para a construção do Pragmatismo.

Em 1877, Peirce publicou o primeiro de uma série de artigos na revista *Illustrations of the Logic of Science*, onde seu extenso trabalho sobre a crítica do significado é apresentado de forma mais aprofundada. Intitulado “A Fixação da Crença”, o artigo é um amálgama de seu pensamento construído na fase pré-pragmática com as novas ideias de Crença-Dúvida construídas a partir do pensamento de Bain. Nessa obra, Peirce dá esclarecimentos sobre o argumento da inexistência do poder de intuição, do poder de introspecção, sobre como não podemos pensar a não ser por meio de signos, e como não temos concepção alguma do absolutamente incognoscível. Revelador, entretanto, como afirma de Waal, é que Peirce mantinha que a filosofia “necessitava de uma séria reavaliação” (WAAL, 2007, p. 27).

Os quatro argumentos de Peirce rejeitando a intuição, a introspecção, o pensamento sem signos e o incognoscível, o colocaram numa posição de negação de grande parte da filosofia de seu tempo, principalmente com pensamentos amplamente aceitos como os de Descartes e Locke. Enquanto Descartes usou como ponto de partida para sua filosofia a dúvida (ao duvidar de tudo, a única certeza restante é a própria dúvida, traduzido na máxima “penso, logo existo”), Locke argumentou que poderíamos analisar nossos pensamentos e percepções por meio da divisão dos mesmos em seus componentes mais básicos, suas “ideias simples”, análogas aos átomos fundamentais quem compõem elementos mais complexos. Segundo seu pensamento, não podemos duvidar das ideias simples que temos. Peirce rejeita ambas as posições, invertendo o método de investigação: em vez de buscar elementos fundamentais e construir sua filosofia sobre eles, o lógico decidiu começar com as próprias crenças que já possuímos quando iniciamos nossa inquirição.

Para Peirce (EP 1.30), a inquirição sempre acontece sobre um fundo de crenças tidas como certas. O astrônomo que deseja investigar como tal estrela se formou não só toma como certo que existe um mundo externo e que a estrela pertence a ele, como também confia que nosso conhecimento de astronomia, química e física está mais ou menos correto (nossas fórmulas, medições e o comportamento dos elementos, além da veracidade de nossas próprias medições e instrumentos). Sendo assim, o papel dessas crenças é fundamental, e o método filosófico proposto pelo autor não poderia existir sem sua presença.

Assim como Descartes, Peirce diferencia a crença da dúvida, porém, influenciado pela obra de Bain, ele verifica que esses dois conceitos são estados mentais singulares, facilmente distinguíveis: o estado da dúvida é “irritante e insatisfatório, do qual lutamos para nos libertar”⁷² (EP 1.114); enquanto, por outro lado, a crença é “um estado calmo e satisfatório”⁷³ (EP 1.114). Não apenas temos forte desejo de mudar a dúvida em crença, como nos apegamos às crenças que temos, lutando para não cair em dúvida novamente. Como diz Peirce (EP 1.114), “atemo-nos tenazmente não somente a crer, mas a crer exatamente naquilo em que cremos”⁷⁴.

Diferentemente do pensamento de James e Schiller, que compartilhavam a mesma base sobre crença e dúvida, Peirce não ata a crença com uma ação, mas verifica que ela nos coloca numa “tal condição que nos comportaremos de uma certa maneira, quando a ocasião surgir”⁷⁵

⁷² No original: “[...] is an uneasy and dissatisfied state from which we struggle to free ourselves [...]”, tradução nossa.

⁷³ No original: “[...] is a calm and satisfactory state [...]”, tradução nossa.

⁷⁴ No original: “[...] we cling tenaciously, not merely to believing, but to believing just what we do believe [...]”, tradução nossa.

⁷⁵ No original: “[...] puts us into such a condition that we shall behave in a certain way, when the occasion arises.”, tradução nossa.

(EP 1.114). Isto é, a crença nos proporciona um hábito que determinará nossas ações quando apropriadamente estimulados. Peirce ainda revela é nada mais que um método de reaver uma crença, após cairmos em dúvida. Segundo de Waal (2007), essa ideia faz com que o pensamento de Peirce se aproxime da teoria da evolução, proposta por Charles Darwin, onde a inquirição (ou exercício da razão) não é uma característica divina ou mística, que o diferencia dos outros organismos irracionais, mas um mecanismo pelo qual os organismos se adaptam às mudanças do ambiente, readquirindo seu equilíbrio.

Se as crenças são tão importantes para nós, como evitar cair em dúvida novamente? Esse é o ponto chave do artigo “A Fixação da Crença”, onde Peirce apresenta quatro métodos de preservação de crenças, que examinaremos rapidamente a seguir: o método da tenacidade, onde ignoramos as informações que contradizem nossa crença, na esperança de mantê-la; o método da autoridade, similar ao primeiro, em que uma organização não apenas ignora as informações contraditórias, mas ativamente as oculta de forma que seus membros não entrem em contato com elas; o método *a priori*, onde baseamos nossas crenças em alguma ideia ou sistema que parecem racionais, quer eles sejam realmente ou não, impregnando o processo com a subjetividade e as inclinações pessoais do pesquisador; e o método científico.

Diferentemente dos primeiros três métodos, que dependem do esforço humano para manter as crenças, ou seja, elas podem ser mantidas por meio da negação de evidências contrárias; do esforço das autoridades para ocultá-las; ou da auto-doutrinação para manter vivo o sistema de ideias em que as crenças se baseiam, neste último método, nossas crenças são determinadas “por algo sobre o qual nosso pensamento não tem efeito algum”⁷⁶ (EP 1.120). Ou seja, somente o método científico é, segundo Peirce (CP 2.781), “um método que deve ultimamente levar à descoberta da verdade, até onde a verdade é capaz de ser descoberta”⁷⁷.

Ao atar nossas crenças às observações na natureza, ao invés de tentarmos controlar a natureza para se adequarem às nossas crenças, como os três primeiros métodos o fazem, obtemos crenças duradouras. As observações de Peirce quanto às crenças iniciam uma mudança fundamental de pensamento que levaria, posteriormente, ao surgimento do Pragmatismo. Entretanto, em “A Fixação das Crenças”, a descrição exata do método pragmático ainda estava ausente. Em seu segundo artigo para a série, chamado “Como Tornar Claras Nossas Ideias”, Peirce retoma a crítica da significação que ele havia iniciado em sua fase pré-pragmática e a

⁷⁶ No original: “[...] by something upon which our thinking has no effect.”, tradução nossa.

⁷⁷ No original: “[...] a method which must ultimately lead to the discovery of the truth, so far as the truth is capable of being discovered [...]”, tradução nossa.

une às ideias já desenvolvidas em “A Fixação das Crenças” para propor uma fixação de significados.

Ora, se o único propósito da inquirição é estabelecer uma crença, e se a crença gera um hábito ou disposição para agir, devemos avaliar a significação das coisas a partir dos hábitos ligados a eles, ou seja, em termos de como eles nos levam a agir. Segundo Peirce (EP 1.131), “o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos envolve”⁷⁸. Dessa maneira, Peirce encontra em seu trabalho semiótico três graus de clareza das nossas ideias. O primeiro é quando uma ideia é, segundo Peirce (EP 1.124), “de tal modo apreendida que será reconhecida quando quer que seja encontrada, e de maneira em que nenhuma outra poderá ser confundida com ela”⁷⁹. Um joalheiro tem uma ideia clara de “ouro”, e é capaz de dizer que um colar é feito de ouro imediatamente. Claro, o joalheiro pode ser enganado e classificar como ouro algo que de fato não o é, mas ainda assim reconheceríamos que tal objeto é parecido com ouro. Como explica de Waal, “saber o que uma palavra significa não implica ser infalível quando for aplicá-la” (WAAL, 2007, p. 39).

A maior parte de nossas ideias não se desenvolvem além desse nível de clareza, mas Peirce (EP 1.125) argumenta que tal clareza não é suficiente para compor um critério de significação, já que é somente “um sentimento subjetivo de mestria que pode estar inteiramente enganado”⁸⁰.

Um segundo grau de clareza, conforme consta em Peirce (EP 1.125), começa quando demarcarmos com precisão nossa ideia, de forma que ela passa no exame dialético, onde novas discussões não trarão mais clareza à ideia. A maior parte das ideias desse segundo grau são as definições abstratas, como as categorias e classificações. Seguindo o exemplo do ouro, a definição científica de “ouro” seria uma ideia com segundo grau de clareza: o ouro é o elemento que tem exatamente 79 prótons em seu núcleo. Nenhum outro elemento pode ser confundido com o ouro, já que não atenderia esse critério. Entretanto, essas definições nem sempre são aplicáveis: embora possuamos um critério para classificar unicórnios, isso não significa que existam unicórnios. Da mesma forma, a definição de ouro só estipula que, *se* alguma coisa se encaixa nessa descrição, essa coisa é *ouro*.

Finalmente, Peirce estipula que há ainda um terceiro grau de clareza, aquele atingido somente depois que a ideia passa pelo filtro do que seria chamado de “máxima pragmática”.

⁷⁸ No original: “[...] for what a thing means is simply what habits it involves.”, tradução nossa.

⁷⁹ No original: “[...] which is so apprehended that it will be recognized wherever it is met with, and so that no other will be mistaken for it.”, tradução nossa.

⁸⁰ No original: “[...] a subjective feeling of mastery which may be entirely mistaken.”, tradução nossa.

Essa máxima, define o lógico, critica as ideias do seguinte modo: “Considere quais efeitos, que poderiam concebivelmente ter consequências práticas, concebemos que tenha o objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o todo de nossa concepção do objeto”⁸¹ (EP 1.132).

Dessa forma, ao aplicarmos essa máxima a uma ideia já em seu segundo grau de clareza, obteríamos o terceiro grau. A vantagem desse método, como descreve de Waal é que ele “relaciona o significado diretamente ao processo de inquirição, em vez de impô-lo de fora sobre a inquirição, como se fosse uma definição abstrata” (WAAL, 2007, p. 41).

O enfoque nos efeitos práticos dos conceitos é o cerne do pragmatismo visionado por Peirce, e apresenta clara relação com as ideias desenvolvidas em sua fase pré-pragmática, quando Peirce criticava o significado. Dessa forma, se apenas o que tem significado é real, da mesma forma, apenas os efeitos práticos do objeto de inquirição é que geram significado real.

O conhecimento, portanto, de um conceito depende da observação do objeto através dos três graus de clareza. Seguindo o exemplo fornecido por Atkin (2004), o entendimento do conceito de “vinagre” pode ser realizado da seguinte maneira: ao conseguir reconhecer o vinagre e usar o conceito apropriadamente nas experiências diárias, o indivíduo demonstra ter o primeiro grau de clareza sobre ele. Ao construir uma definição clara sobre o vinagre, como a forma diluída do ácido acético, refina-se o entendimento até o segundo grau de clareza. Finalmente, a partir do uso de “vinagre” em proposições definitivas como “vinagre é a forma diluída do ácido acético” e “o vinagre é amargo” podemos derivar uma lista de proposições condicionais para indicar os resultados esperados de determinadas ações e interações com o conceito. Por exemplo, a partir do “vinagre é a forma diluída do ácido acético”, o indivíduo pode derivar “se o vinagre é ácido acético, então se eu mergulhar uma fita de azul de tornassol⁸² nele, ela tornar-se-á vermelha”. A partir de uma lista de proposições condicionais como essa, que expressam as experiências esperadas do conceito, o indivíduo obtém o terceiro grau de clareza.

É interessante notar que a visão pragmática de significado, nessa fase inicial, corresponde a dois elementos principais: uso e entendimento. O uso jamais envolve o conceito isolado em si mesmo, mas sempre dentro de um contexto nas proposições, de forma que essas

⁸¹ No original: “Consider what effects, which might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object.”, tradução nossa.

⁸² O azul de tornassol, também chamado papel tornassol é um indicador solúvel em água extraído de certos líquens. Torna-se vermelho quando mergulhado em líquido de pH baixo (ácido) e azul quando em pH alto (básico). Um de seus usos é para testes caseiros do pH da água em piscinas.

proposições dão sentido ao conceito usado. O entendimento, por outro lado, provém da validação dessas hipóteses construídas ao redor do conceito. Dessa forma, um conceito gera consequências práticas e experimentais, e a compreensão desses resultados compõe o nosso entendimento.

A máxima pragmática é, portanto, uma ferramenta proposta por Peirce para identificar frases úteis e significativas. Assim sendo, um conceito que não gera efeitos práticos, claramente não possui sentido. Peirce ata essa metodologia pragmática à sua ideia de inquirição, ou seja, de obtenção de crenças sobre verdade e realidade. Segundo Atkin, para Peirce “a obtenção da verdade provém de levar a investigação e inquirição até onde ela puder ir. As crenças que nós aceitamos no limite da inquirição representam a verdade”⁸³ (ATKIN, 2004, p. 5).

Peirce estende essa máxima para abarcar inclusive a metodologia de pesquisa do próprio pragmatismo: no desenvolver da inquirição, se temos dois ou mais conceitos a explorar, aquele cuja confirmação como verdadeiro produza o maior impacto em nossas vidas merece ser investigado primeiro. Assim, a atenção da Comunidade de Inquirição, segundo Peirce (EP 1.29), pode ser direcionada a partir do próprio método pragmático.

Essa Comunidade de Inquirição, também chamada comunidade de filósofos ou comunidade de cientistas, conforme Peirce (EP 1.29), exerce papel central no pragmatismo inicial, pois ela é determinante para que a inquirição alcance uma verdade. Assim, de acordo com Peirce (5.265), “individualmente não podemos razoavelmente esperar atingir a filosofia última que perseguimos, podemos apenas buscá-la para a comunidade de filósofos”⁸⁴, o que significa que a verdade pode ser alcançada pela troca de experiências e argumentos no grupo. Como explica Hookway, essa troca de opiniões é também um processo signífico, conforme Peirce havia vislumbrado, que caminha para um interpretante lógico final: “nós avançamos à verdade através da conversação e diálogo com nossos companheiros; a comunidade é essencialmente uma de diálogo e conversação”⁸⁵ (HOOKWAY, 1992, p. 119).

Ao utilizar a máxima pragmática em sua inquirição, a comunidade obtém crenças a partir do método científico, como postulado em “A Fixação da Crença” (EP 1.109) e um entendimento pleno através dos três graus de clareza, como Peirce havia explicado em “Como

⁸³ No original: [...] the attainment of truth comes from taking investigation and inquiry as far as it can go. The beliefs we find ourselves accepting at the limit of inquiry represent the truth.”, tradução nossa.

⁸⁴ No original: “We individually cannot reasonably hope to attain the ultimate philosophy which we pursue; we can only seek it, therefore, for the community of philosophers.”, tradução nossa.

⁸⁵ No original, “[...] we advance towards truth through conversation and dialogue with our companions; the community is essentially one of dialogue and conversation [...]”, tradução nossa.

Tornar Claras as Nossas Ideias” (EP 1.124). Desta forma, a comunidade consegue produzir conceitos úteis e significativos, de forma que se aproxima da verdade:

Sobre a maioria dos assuntos, suficiente experiência, discussão e raciocínio levarão os homens a um acordo; e um outro conjunto de homens que prossiga uma investigação independente com suficiente experiência, discussão e raciocínio será conduzido ao mesmo acordo que o primeiro conjunto⁸⁶ (EP 1.38).

Como é possível observar, Peirce já vislumbrava que, por sua aproximação com o real, o conhecimento obtido em diversas Comunidades de Inquirição independentes começaria a convergir, conforme a inquirição fosse levada adiante. De fato, Peirce não sugere, além da máxima pragmática e dos conceitos ao seu redor, um modo de inquirição ou experimentação para a comunidade. Sendo assim, se a metodologia utilizada na inquirição obedece à máxima pragmática, então essa metodologia se revelará útil e significativa para a obtenção de crenças:

Um homem pode investigar a velocidade da luz pelo estudo do trânsito de Vênus e as aberrações das estrelas; outro pela oposição de Marte e o eclipse dos satélites de Júpiter; um terceiro pelo método de Fizeau; um quarto pelo de Foucault; um quinto pelos movimentos das curvas de Lissajoux; um sexto, um sétimo, um oitavo e um novo, podem seguir os diferentes métodos de comparação das medidas de eletricidade estática e dinâmica. Eles podem de início obter diferentes resultados, mas, conforme cada um aperfeiçoa seu método e seus processos, os resultados se movem em direção a um centro. É assim com toda a pesquisa científica [...] ⁸⁷ (CP 5.407).

Peirce descreve o processo científico que a comunidade deve percorrer do seguinte modo: ela deve ter uma busca persistente e desinteressada pela verdade (CP 1.44), na qual os dados são obtidos pela observação (CP 1.241-2), trabalhados racionalmente e logicamente (CP 5.145) e dos quais serão retiradas conclusões intrinsecamente provisionais e refináveis (CP 1.9) que serão verificadas por observação e/ou experimento (CP 2.754). Tal método, claramente, só poderia ser executado graças ao esforço coletivo da comunidade.

De acordo com Peirce (CP 4.61; 5.407), se o trabalho for perseguido com suficiente afincamento pela comunidade, uma resposta aparecerá como logicamente superior, e em algum indefinido futuro quando suficiente inquirição obtiver o consenso e união de toda a comunidade, o objeto dessa união de pensamento estará completo e constituirá a verdade, ou realidade. É

⁸⁶ No original: “About the majority of subjects, sufficient experience, discussion and rationalization shall lead men to an agreement; and another group of men which proceed an independent investigation with sufficient experience, discussion and rationalization shall be lead to the same agreement as the first group.”, tradução nossa.

⁸⁷ No original: “One man may investigate the velocity of light by studying the transits of Venus and the aberration of the stars; another by the oppositions of Mars and the eclipses of Jupiter's satellites; a third by the method of Fizeau; a fourth by that of Foucault; a fifth by the motions of the curves of Lissajoux; a sixth, a seventh, an eighth, and a ninth, may follow the different methods of comparing the measures of statical and dynamical electricity. They may at first obtain different results, but, as each perfects his method and his processes, the results are found to move ^4 steadily together toward a destined centre. So with all scientific research.”, tradução nossa.

esta esperança de conhecimento último, segundo Peirce (CP 5.589), que une as sucessivas gerações de procuradores da verdade e forma a grande comunidade de inquirição.

Entretanto, a máxima pragmática desenvolvida por Peirce rapidamente revelou algumas inconstâncias, conforme o próprio autor começou a usá-la para exemplificar seu método pragmático. Em “Como Tornar Claras as Nossas Ideias”, Peirce usou o conceito de dureza para ilustrar a utilidade da máxima. Na obtenção de um terceiro grau de clareza, o lógico postulou a proposição condicional se algo é duro, “ele não será riscado por muitas outras coisas”⁸⁸ (EP 1.132), como uma entre muitas definições com resultados práticos para definir a verdade em nosso conceito de dureza. No entanto, Peirce famosamente levanta uma nova questão: o que pode ser dito sobre a dureza de um diamante, se o mesmo fora destruído antes de podermos testá-lo para verificar se a proposição é verdadeira?

Em resposta à própria pergunta, ele postula que não seria falso dizer que o diamante destruído era macio. Peirce (EP 1.132) esclarece que, “não há absolutamente nenhuma diferença entre uma coisa dura ou macia enquanto elas ainda não forem trazidas para teste”⁸⁹. Essa recusa em admitir que o diamante era duro, mesmo antes do teste, provém, em parte, de como ele ata a máxima pragmática à inquirição. Como explica Atkin (2004, p. 5-6):

Já que qualquer crença que nós formarmos sobre esse diamante em particular vai falhar em concordar com a evidência recalcitrante (não há mais um diamante para conduzir testes e então nenhuma possibilidade de confirmar ou des-confirmar a afirmação sobre a dureza do diamante) nós podemos formar qualquer crença que desejarmos sobre sua dureza; é largamente uma questão de “discordância verbal”⁹⁰.

Mais tarde, Peirce (EP 2.1), voltaria a essa alegação, que confessou parecer muito “nominalista”. No entanto, nesta época, seus contemporâneos do Clube Metafísico, como William James e Chauncey Wright, além do europeu Friedrich Schiller, levaram essas ideias adiante, utilizando a máxima pragmática proposta por Peirce para desenvolver seus próprios trabalhos. O distanciamento das ideias dos outros membros do Clube Metafísico da proposta de Peirce de uma crítica do significado seria, posteriormente, um dos motivos do abandono do termo *pragmatismo* pelo lógico. Entretanto, Peirce não teve muito tempo para aproveitar a Comunidade de Filósofos que ele e seus colegas haviam construído no Clube Metafísico. Em

⁸⁸ No original: “[...] it will not be scratched by many other substances.”, tradução nossa.

⁸⁹ No original: “There is absolutely no difference between a hard thing and a soft thing so long as they are not brought to the test.”, tradução nossa.

⁹⁰ No original: “Since any belief that we form about this particular diamond will fail to meet with recalcitrant evidence (there is no longer a diamond to conduct tests upon and so no possibility of confirming or dis-confirming the statement about the hardness of the diamond) we can form any belief we like about its hardness; it is largely a matter of ‘verbal disagreement.’”, tradução nossa.

1884, ele foi demitido sem grande alarde da Universidade Johns Hopkins, e em 1891 perdeu seu emprego como pesquisador da *United States Coast and Geodetic Survey*, porque seus superiores tinham dificuldades de entender seus relatórios. Entretanto, a vida nos laboratórios desde a infância, além do trabalho de geodésia e investigação da gravidade, realizado na *United States Coast and Geodetic Survey* nortearam seu pensamento por toda a vida, fazendo com que Peirce defendesse com fervor seu método pragmático, por ser um método claro e íntimo a qualquer experimentalista:

O que dá confiança a isso é que o escritor deve a suas conversas com experimentalistas, além dele mesmo poder dizer ter frequentado um laboratório desde os seis anos de idade até bem além de sua maturidade; e de ter a maior parte de sua vida se associado principalmente com experimentalistas, tendo confiança que os entende e é entendido por eles (CP 5.411)⁹¹.

3.1.3. A Construção da Metafísica

A aposentadoria forçada de Peirce e seu isolamento na Pensilvânia foram o fim de sua carreira acadêmica, mas em nada diminuíram o ritmo de seu trabalho. Entretanto, Peirce abandonou o pragmatismo por quase vinte anos, enquanto dedicava sua atenção à construção de uma arquitetura filosófica, como fizera Kant e outros filósofos tradicionalistas. Esse abandono é claramente relativo: embora tivesse parado de escrever ensaios formais sobre o método pragmático, ele jamais deixou de usar o método, e ainda produziu diversos textos, onde revisou e expandiu suas ideias. Entretanto o trabalho com sua arquitetura filosófica tomou a maior parte de seu tempo e Peirce evitou integrar o método pragmático nela enquanto suas ideias ainda não estivessem maduras o suficiente.

Nessa fase, Peirce retomou as categorias fundamentais que ele postulou em seu pensamento pré-pragmático, a lembrar: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. A partir dessas categorias, iniciou um complexo trabalho de estruturação de todo o conhecimento humano em uma taxonomia de relações. Peirce (CP 1.181) dividiu as ciências entre de descoberta, de revisão e de praticidade e as ciências de descoberta em matemática, filosofia e ideoscopia (esta última contendo a física, psicologia e outras ciências do tipo). A filosofia é dividida entre a fenomenologia, as ciências normativas e a metafísica, e assim por diante. Mais

⁹¹ No original: “What adds to that confidence in this, which the writer owes to his conversations with experimentalists, is that he himself may almost be said to have inhabited a laboratory from the age of six until long past maturity; and having all his life associated mostly with experimentalists, it has always been with a confident sense of understanding them and of being understood by them.”, tradução nossa.

interessante é que seu pensamento era profundamente lógico ao posicionar essas categorias, fruto de um extenso trabalho para entender as relações entre cada um desses elementos. Cada ciência possui uma relação direta com as categorias de pensamento de Peirce, como a filosofia, uma ciência ligada à Secundidade, cujas divisões mantêm essa relação de Secundidade, mas são mais ligadas à Primeiridade (Fenomenologia), Secundidade (Ciências Normativas) e Terceiridade (Metafísica). Ao desenvolver as relações das ciências, Peirce ao mesmo tempo descreve sua função dentro da grande arquitetura filosófica, como também abre caminhos para novas inquirições sobre o propósito, limites e metodologias de cada uma delas, gerando um sistema tão infinito quanto a própria semiose.

Nesse sistema, Peirce retorna à Metafísica, em busca de um entendimento lógico de sua função. Aqui é possível verificar como a máxima pragmática continua integrada a todo seu pensamento, pois desejava transformar a Metafísica numa área de conhecimento científico, capaz de ter sentido, como ele havia definido em seu pragmatismo.

Em seus trabalhos iniciais do pragmatismo, como em *Como Tornar Claras Nossas Ideias*, Peirce (EP 1.131 e 1.132) havia definido “efeitos práticos” como “efeitos sensíveis”, ou “efeitos [...] sobre os nossos sentidos”⁹² (EP 1.132). Seu trabalho foi redefinir essa caracterização inicial para não descartar todas as experiências, senão as imediatamente sentidas, evitando que a metafísica se tornasse vazia. Para isso, Peirce desenvolve uma distinção entre a experiência “real” e a experiência “ideal”. A primeira é o que nós experimentamos normalmente pelos sentidos. A segunda envolve o raciocínio em diagramas, como o usado por matemáticos. Peirce descreve que as experiências ideais envolvem transformações e operações sobre os diagramas, como fazem os matemáticos em suas fórmulas, e experimentando, ou observando o resultado.

Esse foi um passo importantíssimo para definir a “metafísica científica” de Peirce, que incluía nossa habilidade de usar a razão para utilizar leis e hábitos, identificar possíveis resultados e, ao mesmo tempo, encará-los seriamente como generalidades e possibilidades reais. Ao mesmo tempo, para desenvolver sua metafísica, uma ciência da Terceiridade, Peirce precisou visitar a Secundidade das Ciências Normativas e explorar a estética, a ética e a lógica, as três subcategorias desta, além de desenvolver a Fenomenologia, que tem relação de Primeiridade. Seu extenso trabalho sobre essas categorias amadureceu seu pensamento e o fez visitar a máxima pragmática muitas vezes, tornando-a mais sensível a esse realismo que

⁹² No original, “effects [...] upon our senses [...]”, tradução nossa.

proclamava, e sofisticada o suficiente para “permitir qualquer voo da imaginação desde que essa imaginação ultimamente produza um efeito prático possível”⁹³ (EP 2.235).

Entretanto, esse amadurecimento de suas teorias o distanciava cada vez mais do pensamento de seus colegas pragmáticos. Essa distância foi finalmente evidenciada quando, em 1889, William James proclamou Peirce como o “pai do pragmatismo” em seu discurso *Philosophical Conceptions and Practical Results*, em Berkeley. Ao ser chamado para realizar uma série de palestras em Cambridge, Peirce decidiu produzir uma série de artigos, mais tarde publicados na revista *The Monist*, onde finalmente integrava seu pragmatismo a toda sua arquitetura filosófica.

3.1.4. O Pragmaticismo

Durante sua aposentadoria na Pensilvânia, Peirce colocou em prática uma das exigências da máxima pragmática: a definição clara dos conceitos utilizados para formular as ideias. Assim, ele ajudou na produção de diversos dicionários e glossários de filosofia, ciência e história. Ao mesmo tempo, esboçou um sistema de prefixos e sufixos similar ao utilizado na química, para precisar o grau de clareza dos conceitos. O sufixo *-ismo*, por exemplo, seria utilizado para doutrinas e teorias, enquanto o sufixo *-ic-ismo* deveria indicar um conceito mais aprimorado, de maior clareza.

A insatisfação de Peirce, conforme consta em EP 2.2, com os trabalhos desenvolvidos ao redor de seu pragmatismo acabaram por forçá-lo a abandonar o termo e cunhar um novo para descrever sua versão mais madura e ampliada do método: pragmaticismo. Infelizmente, nem o próprio Peirce gostava do termo, que encontrou grande dificuldade em ser aceito.

A mais evidente transformação de seu pragmaticismo é evidenciada na revisitação do caso do diamante. Preocupado com sua nova compreensão de possibilidades como independentemente reais, Peirce decide por abrir mão dos condicionais indicativos na formulação de suas proposições que constituem o significado dos conceitos, e as substituem por condicionais subjuntivas. Isto é, se utilizarmos novamente o exemplo do vinagre, quando antes dizíamos “o vinagre é ácido acético diluído”, seguíamos com uma condicional indicativa: “se azul de tornassol for colocado nele, o papel se tornará vermelho”. Isso expressa o que vai acontecer, ou seja, não faz sentido dizer que o diamante vai resistir a uma substância abrasiva se não há mais diamante para testar a proposição. Na nova formulação de Peirce, “se azul de

⁹³ No original: “[...] allow any flight of imagination provided this imagination ultimately alights upon a possible practical effect.”, tradução nossa.

tornassol *fosse colocado* nele, o papel *se tornaria* vermelho”. Da mesma forma, “o diamante é duro” seria seguido de “se nós *esfregássemos* o diamante com a maior parte dos materiais, ele não *seria* riscado”. Ou seja, nessas condicionais é possível formular sentido pragmático dos conceitos mesmo se não testássemos imediatamente o diamante para verificar se a proposição é verdadeira ou não.

Desta forma, o conceito de *comunidade* inicialmente proposto por Peirce também tem uma sutil, porém significativa mudança. Em seu descontentamento com o rumo dado ao pragmatismo por seus colegas, como William James, Peirce criticava a visão nominalista do próprio James, cuja obra “A Vontade de Acreditar” relacionava a significação de nossas concepções a efeitos particulares e experiências concretas. Como um realista, Peirce acreditava que a significação de uma concepção precisava estar ligada a um geral, não a instâncias particulares, dando enfoque nos hábitos, e não nas experiências. Assim, na comunidade de inquiridores que Peirce havia proposto, a verdadeira importância não estaria em querer acreditar, mas em querer alcançar a verdade. Dessa maneira, segundo Peirce (EP 2.47), “há somente uma única coisa necessária para aprender a verdade, que é um desejo sincero e ativo de aprender o que é verdadeiro”⁹⁴. Desta ideia, Peirce desenvolveu a grande corolária “não bloqueie o caminho da inquirição”⁹⁵ (EP 2.48), exaltando a busca perene por mais conhecimento, parte central da comunidade de inquiridores.

Assim, diferentemente do pragmatismo inicial, em que as proposições que não podiam ser mais testadas causavam digressões na comunidade, já que não podiam ser resolvidas (se o diamante já destruído era duro ou não era meramente um “desacordo verbal”, já que era impossível testá-lo), no pragmaticismo o real não é aquilo que a comunidade acredita, seja verdade ou não, mas sim a comunidade deve trabalhar para aproximar suas crenças da verdade, através do método científico, das categorias do pensamento, da semiótica e dos graus de clareza.

De maneira simples, Peirce resume seu novo pragmaticismo, sua esperança na evolução do pensamento e seu apreço pela comunidade no verbete Universidade, que ele produzira para o *Century Dictionary* em 1889:

Uma Universidade: Uma associação de homens para o propósito do estudo, que confere diplomas que são reconhecidos como válidos por toda a Cristandade, é abençoada e é privilegiada pelo estado de forma que as pessoas possam receber orientação intelectual, e que os problemas teóricos que se apresentam no

⁹⁴ No original: “[...] there is but one thing needful for learning the truth, and that is a hearty and active desire to learn what is true.”, tradução nossa.

⁹⁵ No original: “Do not block the way of inquiry.”, tradução nossa.

desenvolvimento da civilização possam ser resolvidos⁹⁶ (PEIRCE apud HOLLENBACH, 1973, p. 180).

Essa Universidade aberta à livre inquirição, que recebe de braços abertos todos os pesquisadores e fornece a eles a grande comunidade científica de que necessitam para desenvolverem suas novas crenças – eternamente negada ao grande lógico americano – é a maneira pragmática que Peirce encontrou para definir não apenas o ambiente perfeito para a inquirição, mas sua sincera esperança para o futuro da humanidade.

As crenças, concepções e conceitos carecem de fluir em uma Comunidade de Inquirição. Nesse sentido, embora o local pertinente seja o que Peirce denomina de Universidade, podemos pensar na possibilidade de que elas, em maior ou menor grau, possam se atualizar em comunidades de pessoas, ou de outras mentes ainda mais distintas.

O nosso alvo agora é a comunidade *Nyah! Fan Fiction* e faremos buscas para avaliar o movimento das crenças, concepções e hábitos relativos ao amor. Passemos, então, às reflexões das transformações da intimidade, na sociedade moderna que Giddens denomina *reflexiva*.

3.2. A transformação da intimidade

As relações amorosas humanas nem sempre seguiram os mesmos ritos ou tiveram o mesmo papel dentro da sociedade. Conforme a organização social foi se transformando, também o papel da união matrimonial, do sexo e da relação interpessoal foi se modificando. Segundo Anthony Giddens (2002), uma das mais profundas transformações sociais foi o estabelecimento da modernidade, cujos efeitos ainda se refletem na contemporaneidade.

Giddens (2002, p. 11), define modernidade primeiramente como o “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Entretanto, o processo de evolução social que culminou na modernidade foi diferente das mudanças anteriores. Para o autor, embora as transições sociais envolvam, muitas vezes, descontinuidades, “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes” (GIDDENS, 2002, p. 14).

Desta forma, segundo Giddens (2002), a modernidade proporcionou uma nova organização social, influenciada pelo industrialismo e pelos conceitos capitalistas de dinheiro,

⁹⁶ No original: “A University: An association of men for the purpose of study, which confers degrees which are acknowledged as valid through- out Christendom, is endowed, and is privileged by the state in order that the people may receive intellectual guidance, and that the theoretical problems which present themselves in the development of civilization may be resolved.”, tradução nossa.

lucro e valor. De acordo com o autor, o processo de industrialização e reorganização foi realizado por meio de profundos desencaixes, em que o homem começou a perder as referências que outrora o enraizavam e norteavam. Entre essas transformações estão a mudança de divisão do tempo, antes orgânica e imprecisa através da posição do sol, da lua e das estrelas, agora estabelecida pelo trabalho mecânico do relógio, um “tempo ‘vazio’ quantificado de uma maneira que permitisse a designação precisa de ‘zonas’ do dia (a ‘jornada de trabalho’, por exemplo)” (GIDDENS, 2002, p. 27); o esvaziamento de sentido do espaço, conforme as referências pessoais de lugar eram substituídas pelos mapas globalizados e os sistemas de medição de distâncias padronizados; o estabelecimento do dinheiro, um sistema baseado na confiança, ao invés da troca de mercadorias palpáveis; e a confiança absoluta em sistemas que o indivíduo desconhece seu funcionamento e operação, mas que acredita que funcionarão como é esperado (como viajar de avião, por exemplo, onde os passageiros, em sua maioria, desconhecem o funcionamento da aeronave, nem podem controlá-la, mas entregam suas vidas nas mãos de desconhecidos por acreditarem no sistema).

Entretanto, este sistema de desencaixes gerou uma sociedade mais reflexiva, em que a ação e o pensamento “estão constantemente refratados em si” (GIDDENS, 2002, p. 48). Com o esvaziamento do tempo e do espaço, a tradição, ferramenta que definia e guiava o comportamento do indivíduo em seu tempo-espaço orgânico e pessoal, também perde seu significado. As ações dos antepassados não fornecem mais pistas para a vida cotidiana. Ao invés disso, a reflexão assume o papel de guiar a ação humana, conforme o conhecimento é examinado e reexaminado à luz das novas informações, das novas crenças e dos novos sentidos. Desta forma, Giddens (2002) considera essa reflexividade perigosa e de profundo impacto em nossas vidas modernas, pois nenhum conhecimento é estático, sólido. Ao contrário, qualquer crença pode ser revista a qualquer instante, nos deixando desamparados, conforme o que acreditamos vai se desfazendo e refazendo em um ciclo sem fim.

Nesse universo de transformações sociais e da própria reflexividade moderna, os relacionamentos íntimos, o amor e a sexualidade não passaram incólumes, mas atravessaram e atravessam profundas mudanças. Giddens (1993) identifica três formatos distintos por que passaram esses conceitos: o amor apaixonado, o romântico e o amor puro. Apresentamos a seguir aspectos desses três formatos analisados por Giddens (1993).

3.2.1. O amor apaixonado

A atração sexual arrebatadora percorre toda a história da humanidade e é o tema central de incontáveis obras sobre o êxtase e o sofrimento. No Egito Antigo (1300 – 1100 a.C.) já é possível encontrar esse ardor inesgotável em poemas como o *Cântico da Flor*, onde a jovem donzela suspira:

Ouvir-te a voz é para mim qual o vinho da romã:
 Avivo-me ao ouvi-la.
 Pudesse ver-te onde pousasse os olhos,
 Melhor para mim seria
 Que comer ou beber⁹⁷ (LONGMAN, 2001, p. 51).

Do Egito também provém um ciclo de sete quartos (*stanza*), escritos no verso de um rolo de papiro, preservado na Biblioteca *Chester Beatty*, em Dublin, por autor desconhecido que vivera no Novo Império Egípcio, entre 1570 a.C. e 1544 a.C. Nesses versos, um homem e uma mulher (carinhosamente chamados de “irmão” e “irmã”) se revezam para descreverem a profundidade de sua paixão:

Meu irmão aflige-me o peito com sua voz,
 E a enfermidade desce sobre mim;
 Ele é vizinho da casa de minha mãe,
 E não posso visitá-lo!
 Bem sei que minha mãe o acusa com justiça:
 “Desiste de procurá-la”
 Pensar nele dói-me o coração,
 Fui possuída pelo amor.
 Ele é insensato, sem dúvidas,
 Mas eu também o sou;
 Ele desconhece meu desejo de abraçá-lo,
 Do contrário, escreveria a minha mãe.
 A ti, irmão, fui prometida
 Pela Áurea Deusa das mulheres!
 Vem, para que eu contemple tua beleza,
 Porque papai e mamãe se regozijem!
 Todo o povo há de saudar-te,
 Saudar-te-ão todos,
 Ó irmão meu!⁹⁸ (DAVID, 2014, p. 24).

⁹⁷ No original: “To hear your voice is pomegranate wine to me: / I draw life from hearing it. / Could I see you with every glance, / It would be better for me / Than to eat or to drink”, tradução de Pedro Mohallen.

⁹⁸ No original: “My brother torments my heart with his voice, / He makes sickness take hold of me; / He is neighbor to my mother's house. / And I cannot go to him! / Mother is right in charging him thus: / "Give up seeing her!" / It pains my heart to think of him, / I am possessed by love of him. / Truly, he is a foolish one, / But I resemble him; / He knows not my wish to embrace him, / Or he would write to my mother. / Brother, I am promised to you / By the golden of women! / Come to me that I see your beauty, / Father, mother will rejoice! / My people will hail you all together, / They will hail you, / O my brother!” , tradução de Pedro Mohallen.

Essa paixão não era restrita apenas aos plebeus, mas infectava até os nobres, como mostra o Cântico dos Cânticos, ou Cântico do Rei Salomão, escrito por volta do século X a.C., que retrata o intenso relacionamento entre o Rei (talvez o próprio Salomão) e sua amada:

Que me beije com beijos de sua boca!
 Teus amores são melhores do que o vinho,
 O odor dos teus perfumes é suave,
 Teu nome é como óleo escorrendo,
 E as donzelas se enamoram de ti...
 Arrasta-me contigo, corramos!
 Leva-me, ó rei, aos teus aposentos
 E exultemos! Alegremo-nos em ti!
 Mais que ao vinho, celebremos teus amores!
 Com razão se enamoram de ti... (A BÍBLIA, 2002, Ct 1:2-4)

A esse desejo quase irracional, Giddens (1993) dá o nome de *amour passion*, ou amor apaixonado. Tal sentimento é “marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar” (GIDDENS, 1993, p. 48). Nesse relacionamento, completamente esmagado pela presença invasiva do amante, os apaixonados sentem-se incapazes de viver sem o outro.

Tal relação conflitante faz com que as barreiras sociais sejam desafiadas e os costumes sejam ignorados, o que leva Giddens (1993, p. 48), a concluir que, “sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso”. Não é surpreendente, portanto, que esse amor apaixonado seja insuficiente para sustentar a formalidade do casamento, ou seja até mesmo avesso a ele.

Como na clássica peça de *Romeu e Julieta*, uma das mais famosas obras de William Shakespeare, o amor apaixonado surge entre os amantes ao primeiro olhar, e os força a abandonar todas as crenças e valores impostos por suas famílias rivais. Arrastados por sua paixão inflamada, os jovens cogitam abandonar tudo o que possuem para viver esse amor. Na terceira cena do segundo ato, Romeu roga ao Frei Lourenço:

“Ouve então, sem me teres por faceto, que amo a filha do rico Capuleto. Meu coração é dela; o dela é meu. Tudo está combinado; no apogeu do amor estamos, só faltando, agora, que nos designes o lugar e a hora para o sagrado enlace” (SHAKESPERARE, 2001, p. 65).

Como “sagrado enlace” Romeu alude ao casamento, mas não o considera necessário para concretizar seu amor: eles já estão enlaçados, sendo o matrimônio uma mera formalidade a ser cumprida. Dessa forma, o amor apaixonado impõe relações intensas, cheio do êxtase sexual e de entrega total entre os amantes, a ponto de suas individualidades serem perdidas no ardor que os consome. É o amor que pode ser encontrado em todas as sociedades humanas, já

que é pouco influenciado pela cultura local. Entretanto, como aponta Giddens (1993), tal relacionamento sofreu severas mudanças, conforme as sociedades construía o conceito de casamento e sexualidade, dando origem ao amor romântico.

3.2.2. O amor romântico

Conforme relatado por Giddens (1993), o amor apaixonado não estava relacionado ao casamento, mas este tinha grande impacto na Europa pré-Moderna. Casamentos eram instrumentos políticos e econômicos, que podiam elevar o *status* social de uma família, ou propiciar a obtenção de vantagens em negócios, solidificar o poder ou oficializar uma troca de favores. Entre os pobres, o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário, ou de artífice. A paixão não tinha lugar nessa estrutura, sendo relegada aos relacionamentos extraconjugais, como relata Mitterauer e Sieder (1982), ao ponto de casados, na França e na Alemanha do século XVII, raramente trocavam carícias e sinais de afeto, como beijos.

A liberdade sexual feminina era maior entre os grupos aristocráticos, revela Giddens (1993), pois as mulheres nobres podiam perseguir seus apetites sexuais mais ou menos abertamente, com seus amantes. Entretanto, histórias sobre o terrível destino que recaí sobre os que procuram relacionamentos duradouros com esses amantes faziam parte dos mitos dessas sociedades, como o próprio Romeu e Julieta.

O amor romântico, como chamado por Giddens (1993), surge a partir do final do século XVIII, diferenciando-se do amor apaixonado reservado aos relacionamentos extraconjugais, conforme o gênero literário do romance foi tomando forma. Segundo Ian Watt (2001), o gênero romance absorveu os conceitos filosóficos de Descartes e Locke sobre Realismo e sobre o papel do indivíduo na percepção do real, de forma que suas histórias focavam numa narrativa individual, sem ligação profunda com o coletivo, como a família, a nação ou a raça.

O gênero do romance adquiriu conceitos do amor apaixonado, exaltando a união entre homem e mulher como o valor supremo da vida, tendo em suas raízes, com relata Watt, no surgimento do *amour courtois*, na Provença do século XI. “O amor cortês é em essência o resultado de uma transferência de atitude de adoração religiosa de um objeto divino para um secular – da Virgem Maria para a dama adorada pelo trovador”⁹⁹ (WATT, 2001, p. 136).

⁹⁹ No original: “Courtly love is in essence the result of the transfer of an attitude of religious adoration from a divine to a secular object – from the Virgin Mary to the lady worshipped by the troubadour.”, tradução nossa.

No entanto, o gênero do romance não foi uma evolução direta do *amour courtois*, já que o romance cortês não tinha a profundidade necessária para manter uma narrativa, sendo primariamente, como revela Watt (2001), uma obra escapista destinada às damas da nobreza, presas em seus casamentos políticos. A literatura medieval supriu as exigências narrativas do romance, de forma que em suas primeiras obras do gênero traziam o amor cortês como mote inicial e destino final da trama, enquanto a ação era preenchida com os feitos heroicos do protagonista masculino realizados em nome de sua dama angelical.

Gradualmente, entretanto, as noções de casamento tradicional começaram a se integrar no gênero e começaram a diferenciar os romances franceses e ingleses. Enquanto a França permaneceu na diferenciação entre o amor cortês (mais próximo do amor apaixonado) a ponto de Denis de Rougemont declarar que, “se julgada por sua literatura, o adultério pareceria ser uma das ocupações mais características do homem ocidental”¹⁰⁰ (ROUGEMONT apud WATT, 2001, p. 137), a Inglaterra abraçou os ideais puritanos, tentando reconciliar a paixão arrebatadora com a instituição do casamento. Segundo Watt (2001), é evidente esse esforço, em obras como *Frankelin’s Tale* de Chaucer, e *Faerie Queene* de Spenser. Como ápice dessa união entre os tipos de amor, Watt declara *Paradise Lost*, de Spenser como “o maior e realmente o único épico da vida de casado”¹⁰¹ (WATT, 2001, p. 137).

Dessa linha narrativa, o romance “Pamela ou A Virtude Recompensada”, de Samuel Richardson é, para Watt (2001), uma das maiores influências do gênero. A história, calcada nos ideais puritanos, se desenvolve no estilo epistolar para dar vez ao relacionamento da criada Pamela com seu patrão, que tenta incansavelmente seduzi-la. Ao rejeitar seus avanços sexuais e proteger sua virtude, Pamela se mostra diferente das outras mulheres e o patrão decide casar-se com ela. Sua ascensão social, por meio do casamento, e a docilidade capaz de domar o espírito violento e inquieto do homem tornaram-se as características principais do gênero romântico e características do amor apaixonado, proposto por Giddens (1993).

Posteriormente, o trabalho de Lorde Byron em “Don Juan” desenvolveu, segundo Wilson (1972), o denominado *herói byroniano*, que se tornaria fundamental nos romances a partir do século XVIII: imperfeito, impulsivo e agressivo, ele mantém características do amor apaixonado ao dar pouca atenção às normas sociais, rompendo a tradição do casamento político e estabelecendo uma relação de proteção e carinho com sua amada, que a retira de sua vida comum e a alça à posição de sua esposa. Por outro lado, a heroína consegue, através de sua

¹⁰⁰ No original: “[...] to judge by its literature, adultery would seem to one of the most characteristic occupations of Western man.”, tradução nossa.

¹⁰¹ No original: “[...] the greatest and indeed the only epic of married life.”, tradução nossa.

generosidade, paciência e feminilidade, conquistar o coração hostil do herói, diminuindo o antagonismo entre eles com sua devoção. Assim, “a heroína amansa, suaviza e modifica a masculinidade supostamente intratável do seu objeto amado, possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz de suas vidas juntos” (GIDDENS, 1993, p. 57).

Entretanto, a popularidade dos romances não se isolava apenas ao desenvolvimento de suas narrativas, mas também às mudanças sociais que modificaram as famílias, a partir do final do século XVIII. Conforme a Modernidade se enraizava na Europa, as relações entre pais e filhos começaram a transformar-se. A diferenciação cada vez mais distinta entre o trabalho e o lar, a diminuição das famílias e o reconhecimento da vulnerabilidade das crianças fez com que o centro da família, segundo Ryan (1981, p. 192), se descolasse “da autoridade patriarcal para a afeição maternal”.

Para Giddens (1993), uma das consequências da Modernidade foi a construção de um novo conceito de maternidade, que atava a feminilidade à maternidade, de forma que a mulher recebia o papel de esposa e mãe e exercia o poder no lar pela persuasão, conduzida com delicadeza e cuidado. O amor romântico revela-se um amor feminilizado, com a mulher enraizada no lar, empenhada na construção da família e exercendo o domínio sobre questões de amor e intimidade.

Como revela Nancy Cott (1977), enquanto os homens extraíam o conforto do amor apaixonado entre amantes e prostitutas, e o conforto da vida familiar do casamento, as mulheres não tinham a opção de saciar seus desejos de intimidade fora do casamento, mas o relativo isolamento do lar e do cuidado com as crianças as aproximou. A amizade entre as mulheres, que compartilhavam os dissabores de suas vidas matrimoniais, a maternidade e as preocupações com o lar mitigavam seus desapontamentos. Nesse sentido, as mulheres, aos poucos, encontraram seu limitado poder na função de especialistas nos “mistérios” do amor, da intimidade e do convívio familiar, incompreensíveis aos homens.

O interesse ávido pelas histórias românticas, como relata Giddens (1993), não é um sinal de passividade dessas mulheres. Nos romances, elas buscavam o êxtase que não podiam obter no mundo real, ao mesmo tempo era um escapismo e uma esperança, uma rejeição da vida doméstica estabelecida como o máximo ideal. Nas histórias românticas, muitas vezes, a heroína passa por vários relacionamentos com outros tipos de homens, antes de encontrar um indivíduo íntegro, atencioso e dedicado que se torna o marido ideal.

Dessa forma, o amor romântico difere do amor apaixonado em sua relação intrínseca com as instituições sociais como o casamento, a família e a maternidade, mas mantém alguns traços fundamentais desse. Assim como na paixão, o amor romântico desliga o indivíduo do

coletivo e o faz ignorar algumas normas, entretanto, o romântico busca um relacionamento duradouro, vislumbrando o futuro, enquanto o apaixonado vive um momento fugaz de paixão arrebatadora. A história compartilhada do amor romântico suscita a intimidade, mas não abre espaço para a luxúria: não apenas por ter o amado como idealizado e perfeito, mas também por necessitar de uma conexão mais profunda que o relacionamento carnal, uma conexão psíquica ou até mesmo espiritual entre os amantes. É um amor capaz de terminar em tragédia quando transgressor, mas também em triunfo para os que perseveram.

Entretanto, com o aprofundamento das consequências da modernidade, o florescimento da intimidade entrou em conflito com a noção de para sempre internalizada no casamento e na história compartilhada romântica. Conforme o desencaixe impacta as vidas sociais modernas e a reflexividade torna-se a única bússola para apontar o caminho entre a constante transformação do mundo, o romance e a intimidade não podem mais serem esperados passivamente, mas transformam-se numa ativa busca pelo amor, o amor puro.

3.2.3. O amor puro

Conforme a reflexividade da modernidade acentua-se, a interação social passa por profundas mudanças e os relacionamentos amorosos não estão libertos desse processo. Com efeito, Giddens (1993) observa uma nova categoria de relacionamento que se distancia do amor apaixonado e do amor romântico: o amor puro.

Ao usar o termo puro, o autor não retoma as noções de castidade e rejeição da sexualidade como o puritanismo protestante instalou, mas aponta o relacionamento puro como:

[...] uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1993, p. 68-69).

Essa modalidade de relacionamento, entretanto, não surge repentinamente, mas parte de uma longa evolução dos processos sociais da modernidade, da libertação sexual feminina e, como esclarece Giddens (1993), da transformação do conceito de casamento. O autor demonstra que apenas recentemente que as mulheres puderam ter uma vida independente, ao saírem da casa dos pais. Antes disso, a mulher deixava o lar paterno apenas para se entregar em casamento, ou ser parte de uma instituição religiosa.

Desta maneira, conforme as revoluções comportamentais e econômicas intensificaram-se, coube às mulheres reavaliarem sua relação com o casamento, e a relação deste com o amor. Libertas, em graus variáveis, das expectativas de se casarem e atarem seu propósito de vida à construção do lar, Giddens (1993) vê nessas primeiras mulheres, as pioneiras de uma reestruturação da vida íntima, trocando as narrativas sobre casamento pela busca por um relacionamento.

O relacionamento, como apontado por Giddens (1993), é mais igualitário que a estrutura tradicional do casamento, na qual o homem e a mulher ocupam esferas diferentes dentro do lar e separam completamente suas funções. No relacionamento moderno, ambas as partes precisam contribuir com as tarefas de manutenção do mesmo, enquanto detém igualmente o poder de dissolver a relação.

A homossexualidade, apagada nos relacionamentos românticos, ganha espaço nessa nova transformação da intimidade, desbravando o terreno selvagem das novas relações de amor. Conforme Giddens (1993), foram os relacionamentos de mesmo sexo, particularmente os relacionamentos lésbicos, que estiveram na vanguarda dos relacionamentos puros, evidente pelo alto número de separações, ao mesmo tempo em que Jamielson (1999) aponta que estudos como de Dunne (1997), Kurdek (1993) e Weston (1991) demonstram que indivíduos em relacionamentos de mesmo sexo relatam terem uma relação mais igualitária do que os casais heterossexuais.

Nesses relacionamentos, o sexo e a sexualidade adquirem novos papéis, também. Conforme Giddens (1993), se antes a proficiência sexual e as artes do prazer estavam restritas às cortesãs e prostitutas (no Ocidente), ou às concubinas e certas minorias religiosas (no Oriente), o relacionamento puro carrega em si uma redescoberta da sexualidade e um desmontar dos tabus sociais quanto ao prazer. Nessa forma pura de amor, conforme o mesmo autor, o sexo ganha importância, não como o desejo arrebatador do amor apaixonado, mas como uma forma de comunicação e, com o desenlace entre sexo e procriação que acarretava perigos consideráveis às mulheres (a mortalidade no parto era altíssima durante toda a Idade Média e mais além), a busca pelo prazer sexual tornou-se parte da reflexividade moderna, onde, os valores e as crenças dos indivíduos passam a serem traduzidos em seus comportamentos e expressões exteriores. O sexo, dessa forma, conclui o mesmo autor, é apenas mais uma ferramenta de exteriorização desse *self* ou reflexão.

Para Giddens (1993), o relacionamento puro abre um novo leque de possibilidades de interação humana, uma libertação das limitações desiguais impostas no amor romântico, ao mesmo tempo em que se distancia do furor irracional da paixão. Não mais arrastados por seus

desejos, nem passivamente desejando um para sempre que lhes traga felicidade, os casais modernos tomam o controle de suas vidas íntimas e amorosas em frágeis, porém significativos relacionamentos que são, como diria o poeta¹⁰², infinitos enquanto duram.

Daqui em diante, para o próximo capítulo, estabelecemos a tarefa de buscar dados para explicitar esses formatos de amor em movimento, em transformação, na comunidade *Nyah! Fan Fiction*. Com as análises, tanto dos dados que constam nas histórias selecionadas, como das normas, regras e procedimentos compartilhados pela comunidade mencionada, buscamos identificar possíveis aproximações com o fazer de uma Comunidade de Inquirição.

¹⁰² “[...] Eu possa me dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure”, Vinícius de Moraes (1960).

4. Análises das peças literárias

A partir dos tópicos obtidos na comunidade, já classificados em suas respectivas categorias, focamos apenas nos tópicos que possuem links diretos para histórias publicadas no repositório do *Nyah! Fanfiction*, ou seja, ignoramos os tópicos classificados na categoria “Outros Assuntos” para a produção dessas análises. Em seguida, buscamos apenas tópicos que tivessem em seu corpo menções à obra de J.K. Rowling, “Harry Potter”, e também ao novo grupo de filmes “Animais Fantásticos & Onde Habitam” que se passam no mesmo universo que a obra original. Obtivemos 13 tópicos que sugerem histórias criadas a partir desse produto midiático. Desses tópicos, colhemos um total de 13 histórias, uma para cada tópico, sempre utilizando a primeira história mencionada, em ordem cronológica. Em seguida, desenvolvemos as análises de duas dessas peças obtidas.

4.1. Os efeitos do amor apaixonado: *Sometimes love’s not enough*

O romance *Sometimes love’s not enough* é citada no tópico de número #382159618791354¹⁰³, iniciado em 07 de fevereiro de 2017, com 25 respostas diretas. O tópico pede recomendações de histórias a partir de uma série de requisitos, principalmente quanto aos *ships*. A autora do tópico pede *Fan Fiction* de *Harry Potter* envolvendo a personagem Hermione Granger:

Qualquer shippe exceto Romione e Snamione.. Drinny. De resto serão bem-vindos. Principalmente Tomiones. Ps: Atenção para as Dramiones.. Preferência para aquelas que mantêm a personalidade original do Draco. Não consigo imaginar o Draco meloso e de quatro pela Hermione de primeira. Ainda mais em fanfics no universo de HP.

Por ser um pedido de recomendação de uma história, pelos membros do grupo, o tópico foi classificado como Relevante e subcategorizado como Recomendação de História, segundo o a classificação estabelecida. *Sometimes love’s not enough*¹⁰⁴ (literalmente, “algumas vezes o amor não é suficiente”), foi publicada em 10 de agosto de 2016, pela usuária Thai, no

¹⁰³ O software utilizado para extrair as informações do grupo utiliza o número identificado de cada tópico fornecido pelo próprio Facebook. Para acessar diretamente o tópico na plataforma *Facebook* é preciso ser parte do grupo *Nyah! Fanfiction (Oficial)* e acessar a URL

<<https://www.facebook.com/groups/103030110037641/permalink/>> mais o número do tópico ao final, sem a #.
¹⁰⁴ A história pode ser acessada diretamente no repositório do *Nyah! Fanfiction* em <https://fanfiction.com.br/historia/704107/Sometimes_loves_not_enough/>, sendo necessária uma conta para visualizá-la, por se tratar de uma história para maiores de 18 anos. Uma cópia está inclusa neste trabalho, como Anexo B.

repositório. A história, que está completa, foi adicionada como parte do gênero Romance, segundo a autora, com classificação indicativa de “18 anos ou mais” e possui apenas um capítulo, com 2.916 palavras. A sinopse da história, que também aparece parcialmente no *Facebook*, quando ela é mencionada, é um trecho do próprio capítulo: “Então ele a beijou de forma feroz, sem se importar com delicadeza. Não havia delicadeza quando se tratava deles, era sempre urgente e voraz. Queria poder devorá-la”. A capa é uma montagem que mescla os rostos dos atores do filme *Harry Potter* (Emma Watson e Tom Felton) com cenas íntimas e sensuais de corpos sem rosto ou expressão (Figura 22). Diferentemente do usual para o grupo, a capa não apresenta o título da história ou o nome da autora.

Figura 22 – Capa da histórias *Sometimes Love is Not Enough*



Fonte: Disponível em <https://fanfiction.com.br/historia/704107/Sometimes_loves_not_enough/>, acesso em 11 de nov. de 2017.

A partir do texto do *Fan Fiction*, identificamos trechos que se relacionam com o amor e a intimidade, classificando-os em quatro categorias, a saber: definição de amor, para trechos que descrevem o que é o amor segundo as personagens ou narrador; efeitos do amor, onde são relatadas as sensações e emoções que esse sentimento produz nas personagens; modo de

relacionamento, que descreve como as personagens interagem a partir desse amor e/ou dessa intimidade; e completude do relacionamento, onde a autora trata da duração do relacionamento e o grau de comprometimento das personagens. Em seguida, associamos os trechos aos modos de amor propostos por Giddens (1993), isto é, o amor apaixonado, amor romântico ou amor moderno, como demonstrado no Quadro 1.

Sometimes love's not enough aborda dois relacionamentos da personagem Hermione Granger. Um deles com o marido Rony, que segundo a autora, “era um bom marido” e “tinha um emprego estável no Ministério”. No entanto, a personagem sentia que “algo lhe faltava”. Esclarece a autora que Hermione “tentara por muito tempo sentir-se feliz e plena com a vida que levava, mas sabia que apenas se enganava e enganava a Rony”.

O outro relacionamento era com Draco, com quem havia tido um romance antes de se casar com Ron. Mas esse relacionamento fracassou porque os amantes confrontavam-se em uma guerra: ele era um guerreiro que entregou sua alma por uma causa, prova disso era a tatuagem no braço, que envolvia o genocídio do povo de Hermione. Era um relacionamento calcado no prazer e que se rompe quando ela descobre a marca no corpo de Draco.

No entanto, uma visita surpresa à casa de Hermione reacende a paixão. Após saciarem o desejo sexual, nesse encontro, Draco menciona que o relacionamento deles, embora houvesse amor, não seguiria os padrões convencionais de um casamento. Nas palavras do personagem: “Você e eu. Carne, prazer. Eu amo você, é verdade. Mas nunca poderemos levar uma vida de marido e mulher”. Draco não pode ou não estava disposto a cumprir as funções esperadas de um marido, como cuidar dos filhos, ou ouvir o relato da esposa sobre um dia estressante de trabalho. Hermione decide manter seu casamento de aparência, enquanto usa Draco para preencher as expectativas de viver uma paixão.

O sentimento de Hermione e Draco pode ser visto como amor apaixonado, segundo a definição de Giddens, pois é baseado no ardor sexual. O relacionamento apaixonado “sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso” (GIDDENS, 1993, p. 48), pois pode fazer com que os amados ignorem as regras de conduta e realizem sacrifícios. O relacionamento é duplamente perigoso, para Hermione, uma vez que Draco é tido como um genocida.

Quadro 1 – Relações de amor e intimidade na história *Sometimes love's not enough*

	Amor Apaixonado	Amor Romântico	Amor Moderno
Definição de amor	Era um sabor agridoce o que partilhavam.		
Efeitos do amor	A ânsia pelas horas perigosas de insanidade quando se esquecia de quem era. O pulsar de seu sangue acelerado inundado por adrenalina quando sentia os beijos dele em seu âmago.	Mas ela o havia mudado também. Passara a acreditar no amor e a não temer a morte. Trocaria a própria vida pela dela, embora jamais fosse admitir aquilo em voz alta. Estava disposto a abandonar todas as convenções que sua família havia lhe imposto por tantos anos, mas não teve a oportunidade de dizer a ela.	
	— Eu amo você — o ouviu sussurrar em seu ouvido, levantando todos os pelos de sua nuca e quis tirar as roupas dele ali mesmo.		
	Ela queria poder envolver suas mãos no pescoço dele e enforcá-lo até ver a vida se esvair e deixar seus olhos. E também queria que ele aquecesse sua cama até o fim dos tempos. Até ver o mundo ser destruído em chamas e eles pudessem dançar sobre as cinzas.	Eu sei que deveria ter feito mais, sei que não mereço sequer que me olhe nos olhos sem sentir nojo. Mas eu amo você, prometo que amo você com cada fibra do meu corpo.	
	Ele a havia mudado. Havia despertado um lado que estava escondido nas profundezas, que tinha medo de deixar solto. Ele a fazia questionar as próprias crenças.	Você era minha fraqueza, Hermione Granger, e teria sido minha ruína se tivesse permitido.	
	Sei que essa marca te dá tesão, sei que quer ofegar meu nome enquanto a tomo para mim, enquanto me derramo em prazer dentro de você. Admita para si mesma, Granger, será mais fácil quando tirar suas roupas e não precisará fingir que não gosta.		
	Então ele a beijou de forma feroz, sem se importar com delicadeza. Não havia delicadeza quando se tratava deles, era sempre urgente e voraz. Queria poder devorá-la.		

Modo de relacionamento	Entraram no cômodo principal, do casal da casa. Um casal de aparências. O quarto era amplo e aconchegante, porém frio. Não se importara em aquecer o ambiente, já não dormia mais ali desde que Rony havia partido.	Espeiei por você todos os dias depois que a guerra acabou. Merda, Malfoy, fantasiei com você irrompendo em minha festa de casamento e me levando embora.	
		Quis que lutasse por mim mesmo que pudesse perder. Que me olhasse nos olhos e dissesse que preferia estar morto a ter que viver sem mim.	
		Você deveria ter sido honesto comigo. Deveria ter me contado sobre os Comensais, sobre a Marca Negra. Eu teria aceitado todas as suas fraquezas, eu teria ido até o fundo com você, apenas para erguê-lo de lá. Teria aceitado sua alma negra. Mas você não me deixou.	
		Rony era um bom marido, seus filhos eram tudo para ela, tinha um emprego estável no Ministério, mas algo faltava.	

Fonte: elaborado pelo autor.

Entretanto, embora fosse um relacionamento puramente carnal, Hermione revela ter nutrido esperanças que a relação pudesse ganhar forma de amor romântico. O mesmo se dá com Draco, que embora não tivesse dito a Hermione, declara que com ela “passara a acreditar no amor e não temer a morte. Trocaria a própria vida pela dela” e “[...] estava disposto a abandonar todas as convenções que sua família havia lhe imposto por tantos anos”. Em diálogo com o ainda ex-amante, Hermione demonstra que desejava que Draco se tornasse um herói romântico, como descrito por Wilson (1972), que quebrasse as regras sociais e invadisse seu casamento, “sequestrando-a” da vida comum e desapaixorada que ela teria com seu então futuro marido.

Em troca, Hermione cumpriria seu papel de donzela romântica, o de acalmar, aquietar o amado, como fizera na adolescência ao “mudá-lo”, salvando-o de sua própria “alma negra”. Da mesma forma, a transformação do relacionamento apaixonado em romântico garantiria que o mesmo perdurasse eternamente, já que Hermione desejava que Draco preferisse a morte à separação.

A fantasia romântica da mulher, entretanto, é claramente infundada: o próprio Draco se revela receoso demais para se desprender das convenções sociais que os separam e seu desinteresse por um compromisso com ela termina por eliminar a possibilidade de um amor romântico entre eles. Ao fim da história, Draco oferece a Hermione encontros às escondidas para obter prazer sexual, ao que a mulher aceita, fazendo com que ela ignorasse seus ideais e crenças anteriores e passasse a trair “um bom marido”.

Por selecionar trechos da história, enquadrando-os em subcategorias das diversas modalidades de amor, conforme propõe Giddens (1993), podemos enfatizar que há aspectos do amor apaixonado nesta história, que foi assim definido: “Era um sabor agridoce o que partilhavam”, o que leva o leitor a crer num sentimento que aglutina aspectos opostos e tem um sabor muito singular. Agridoce, na linguagem coloquial e figurada, significa algo que é agradável e desagradável ao mesmo tempo, algo que é uma mistura de prazer e amargura. Talvez, nessa história, o prazer viria pelo calor dos encontros e, a amargura, pelo fato de que o amor apaixonado não se transformaria em romântico.

Quanto aos efeitos, eles vão desde os sensoriais até os que levam a mudanças de crenças, o que pode ser observado nas seguintes palavras: “O pulsar de seu sangue acelerado inundado por adrenalina...”, ou, “Havia despertado um lado que estava escondido nas profundezas, que tinha medo de deixar solto. Ele a fazia questionar as próprias crenças”. Sobre os modos de relacionamento, pode-se dizer que ele é caloroso e não contínuo, pois Draco afirma: “Estarei aqui para aquecer a cama sempre que me chamar” e, por fim, os amantes se completam no

prazer sexual, o que está posto pelo autor em: “Mas era Draco quem a faria esquecer todas aquelas coisas e se entregar ao mais puro prazer”.

Há também aspectos do amor romântico permeando o amor apaixonado. Embora não encontrássemos nenhuma frase que pudesse se caracterizar como uma definição de amor romântico, sobre os efeitos podemos enfatizar que eles são sempre intensos e transformadores. Vejamos como eles são relatados pelos amantes: “Passara a acreditar no amor e a não temer a morte. Trocaria a própria vida pela dela [...]. Estava disposto a abandonar todas as convenções que sua família havia lhe imposto por tantos anos”. Ou ainda, “[...] prometo que amo você com cada fibra do meu corpo”.

Os modos de relacionamento privilegiados e desejados são os que perduram, por toda a vida, bem como aqueles que a presença do outro é vital. Nas palavras da amante: “Quis que lutasse por mim mesmo que pudesse perder. Que me olhasse nos olhos e dissesse que preferia estar morto a ter que viver sem mim”. Também é aquele que transforma o outro, o que está na fala da amante: “Eu teria aceitado todas as suas fraquezas, eu teria ido até o fundo com você, apenas para erguê-lo de lá. Teria aceitado sua alma negra”.

Nesse sentido, um é imprescindível ao outro. No entanto, na prática, ou seja, a atualização do amor romântico, seria selada pelo matrimônio. Mas, o matrimônio, no caso, nesta história, não celebrava nenhum dos dois tipos de amor e culminou numa relação em que a personagem não estava satisfeita e o marido, Rony, parecia insensível e incapaz de modificar esse cenário, pois segundo a personagem parecia mais fácil ao marido “ignorar que a mulher com quem casara nunca tinha lhe amado e nunca amaria”. No entanto, ela “sabia que precisava de Ron para estar lá e ouvir sobre seus dias cheios no trabalho ou sobre as notas dos filhos”. Além disso, sobre a presença de Draco na vida da amante, Draco afirma: “Você precisa dele para ser a figura paterna para seus filhos”.

Pelas análises podemos concluir que o amor vivido pelo casal Hermione/Draco é ambíguo e desliza entre o amor apaixonado e o romântico. O amor apaixonado é real e permeado pelo amor romântico, que se dá em fantasia, ou na imaginação.

É interessante notar que não há traços de amor moderno, outra modalidade de amor entre os propostos por Giddens (1993), no relacionamento de Hermione com o marido, ou com o amante. O casamento é como uma prisão para a mulher, que passa a ser um casamento de aparência, pois a mulher revela que não dorme no mesmo quarto que o marido. Por outro lado, o relacionamento com Draco não é uma maneira de refletir suas crenças e seu *self*, como descrito por Giddens (1993), mas o contrário: na paixão desenfreada por Draco, Hermione busca o esquecimento de si mesma, uma fuga de sua própria vida. A esperança em um

relacionamento romântico com o amante também mostra que o amor, para Hermione, é uma relação de dependência: seu desejo era que Draco se entregasse a ela de tal forma que preferisse morrer a romper o relacionamento por algum motivo, abandonando todas as suas crenças e sua vida prévia para estar junto dela. Embora os personagens repetidamente professassem seu amor um pelo outro, é um amor claramente desvinculado de suas personalidades e crenças, baseado apenas na atração mútua e em jogos de poder e posse, representados pela violência de sua relação.

A história sugerida pelos membros da comunidade mostra uma visão interessante sobre o personagem Draco, que não tem nenhum interesse explícito pela personagem Hermione na obra original. Entretanto, a natureza proibida do relacionamento (eles estão, afinal, em facções opostas de uma guerra ideológica que caracteriza o povo dela como sub-humano e o dele como uma raça destinada a governar o mundo) e as interações entre os personagens, ao longo da história, fizeram parte da comunidade de fãs de Harry Potter declarar Draco e Hermione seu *One True Pairing* (apelidado de *Dramione* no jargão do *fandom* de Harry Potter). O autor do tópico revela ter “preferência para aquelas que mantêm a personalidade original do Draco”, o que é traduzido pela comunidade como o relacionamento ardente e destrutivo entre os personagens. Na história original, os personagens não tiveram nenhum tipo de relacionamento amoroso. Assim como em *Sometimes love's not enough*, Hermione casa-se com Rony ao final, enquanto Draco realmente transforma-se ao rever seus ideais da adolescência, mas casa-se com uma personagem quase desconhecida dos leitores, de sua própria “raça”, conforme os costumes demandavam. O pedido de que o personagem Draco não fosse representado como perdidamente apaixonado por Hermione (como “de quatro pela Hermione”) é traduzido por um relacionamento casual e caloroso.

Como manifestações da comunidade, selecionamos três comentários (opiniões publicadas capítulo a capítulo) postados pelos leitores na história, além da “recomendação”, um texto com poucas palavras deixado por um leitor para atrair outros leitores, criticando a história sem fazer revelações quanto ao enredo da obra total. Através dessas opiniões, é possível verificar alguns dos sentidos produzidos pelo romance, no caso, nos membros da comunidade. A aceitação da história é veiculada na fala “Ai, que coisa mais linda!! Eu amei amei amei, isso é dramione! Carne, prazer e dor”, um interpretante emocional, de um dos comentaristas, que parece concordar com a opinião do autor do tópico que referenciou o romance, de que o relacionamento entre Draco e Hermione não pode ser leve e feliz, mas carregado de sensualidade e tragédia.

Outro comentarista tenta descrever os efeitos causados pela narração através do elogio “sua escrita é fluida e gostosa, delicada, macia, é muito bom de ler!”, interpretantes emocionais, efeitos advindos de aspectos qualitativos, a primeiridade permeando a terceiridade. Interpretantes lógicos, associados à terceiridade, emergem conforme o comentarista associa a obra original ao romance: “me fez até imaginar o que havia acontecido para Hermione acabar com Rony. Eis o que eu imaginei: ela ficou decepcionada com Draco, embora ainda o tivesse em mente. Mas, certa de que não poderia mais se envolver sem ferir o orgulho, se jogou com tudo em Rony, esperando que aquilo a levasse a algum lugar. Mas não levou, óbvio. Eu adorei!”, ao mesmo tempo em que avalia a caracterização do personagem Draco pela autora: “eu esperava que Draco tivesse sido um pouco mais sentimental, porque apesar do aparente sarcasmo, Draco mostra ser assustado e mimado, além de sensível, quando chora, quando é derrotado por Harry ou quando tem medo de fazer o que Voldemort mandou. Então eu sempre mantive essa imagem de Draco: "ele é sensível", e aqui ele foi pouco”.

A recomendação deixada pelo terceiro comentarista revela outros interpretantes, o interpretante energético, associado à secundidade, na frase “*Sometimes love's not enough* fez com que eu sofresse junto com o casal”, e interpretante lógico, em “você fica muito ciente do drama que é vivido por Draco também, pois - intencionalmente ou não - Thai Malfoy lhe brinda com detalhes nas entrelinhas que fazem muita diferença em uma história sobre esse casal” e resume sua experiência qualitativa ao escrever “Essa história é simplesmente arrepiante!”, interpretante emocional.

Nas interações entre os membros da comunidade e a obra *Sometimes love's not enough* emergem atualizações das três categorias de pensamento peirceanas, presentes nos processos cognitivos.

4.2. A completude do amor moderno: Minha Fraqueza

O *Fan Fiction* Minha Fraqueza, publicado por Lady Morgana, aparece no tópico de número #473237943016854, iniciado em 13 de abril de 2017, também com 25 respostas diretas. A autora do tópico pede histórias a partir de alguns *ships* específicos, dando preferência aos *Fan Fiction* no formato *one-shot*. O *ship* Dumbledore e Grindelwald é requisitado.

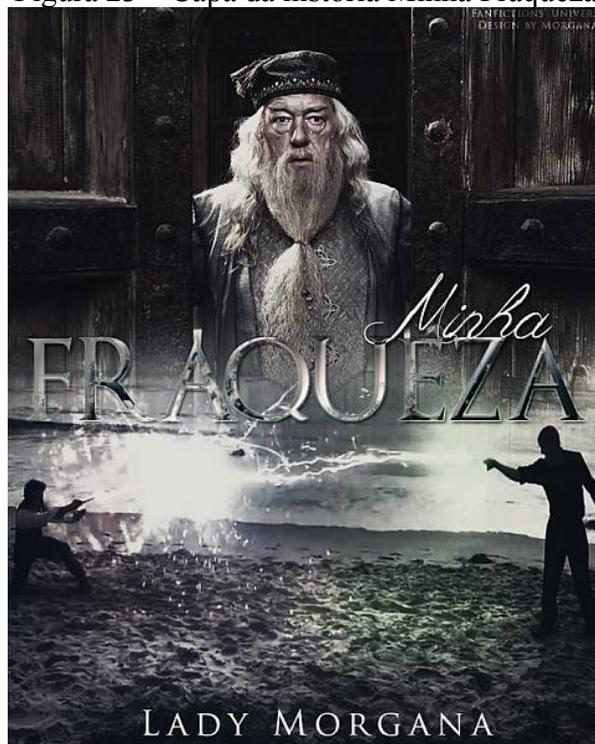
Por ser um pedido de recomendação de uma história pelos membros do grupo, o tópico foi classificado como Relevante e subcategorizado como Recomendação de História, segundo

a classificação mencionada. Selecionamos a história *Minha Fraqueza*¹⁰⁵, escrita por Lady Morgana e publicada no repositório, em 04 de abril de 2015. É uma história completa, de um único capítulo, com 1.773 palavras, categorizada pela autora nos gêneros Romance, Yaoi, Amizade e Drama. Sua classificação indicativa foi escolhida como Livre. A autora produziu uma sinopse curta da história, que também aparece (parcialmente) no *Facebook*:

Após a morte da sua irmã Ariana, Dumbledore volta para Hogwarts na esperança de realizar algo melhor com todo seu conhecimento e distanciar-se de tudo que o tentou a seguir o caminho das trevas. Infelizmente, sua maior fraqueza retorna e o faz repensar suas escolhas.

A capa da história segue o modelo mais comum entre os usuários do *Nyah! Fanfiction*, com o título e o pseudônimo da autora. A ilustração é dividida ao meio pelo título, com uma foto do ator Michael Gambon, que assumiu o papel de Albus Dumbledore, a partir do terceiro filme da saga Harry Potter, por culpa da morte do ator Richard Harris, o Dumbledore dos primeiros filmes. Na metade inferior da capa, duas figuras masculinas estão em um combate fantástico, representado por luzes e raios, como se observa na Figura 23.

Figura 23 – Capa da história *Minha Fraqueza*



Fonte: Disponível em <https://fanfiction.com.br/historia/606671/Minha_Fraqueza/>, acesso em 11 de nov. de 2017.

¹⁰⁵ A história pode ser acessada diretamente no repositório do *Nyah! Fanfiction* em <https://fanfiction.com.br/historia/606671/Minha_Fraqueza/>, mesmo sem conta cadastrada. Uma cópia está inclusa neste trabalho, como Anexo C.

Do corpo da história, retiramos os trechos relacionados ao amor e à intimidade, classificando-os de acordo com seu tema e de acordo com o tipo de relacionamento amoroso apresentado, que listamos no Quadro 2.

A obra de Lady Morgana tem como personagem principal Albus Dumbledore, diretor da escola de magia de Hogwarts e repetidas vezes aclamado pelas outras personagens como o maior bruxo de sua era, durante o decorrer da septologia de livros de J.K. Rowling. Entretanto, a autora narra um episódio de sua vida ocorrido bem antes do bruxo tornar-se famoso, quando ainda era apenas um dos professores na escola, em 1922. Dumbledore caminha pelos corredores de Hogwarts, como uma distração antes de dormir, para afastar as lembranças dolorosas de sua juventude, quando é surpreendido pelo bruxo Gellert Grindelwald, que o espera em seus aposentos para fazer uma proposta.

Durante a septologia original, Dumbledore ocupa o papel de mentor do protagonista, Harry Potter, com seus sábios conselhos e sua personalidade ao mesmo tempo poderosa e divertida. Antes mesmo do protagonista conhecê-lo pessoalmente, uma biografia do velho bruxo é apresentada a Harry e ao leitor, listando, entre seus feitos, sua vitória sobre o bruxo maligno Grindelwald, em 1945, fato repetido diversas vezes durante a obra, já que o vilão da história, Voldemort, herda muitas das crenças e objetivos de Grindelwald, criando um paralelo entre os dois bruxos das trevas.

A imagem de Dumbledore é dilapidada no decorrer do último livro da saga, conforme seu passado é revelado às personagens e ao leitor: um jovem inteligente e poderoso, vindo de uma família em ruínas, Albus conheceu o amigo Gillert durante um verão e se envolveu romanticamente com ele, compartilhando de seus ideais de dominação da raça humana pelos bruxos. O sonho só cai em ruínas quando uma discussão entre Gillert, Albus e seu irmão Aberfort acaba em violência e uma das magias utilizadas durante a briga sai do controle, e mata a irmã mais nova dos Dumbledore. Albus acaba rejeitando a proposta de criar uma tirania bruxa ao lado de seu amado, e passa o resto de sua longa vida lutando contra esses ideais, buscando sua redenção.

Quadro 3 – Relações de amor e intimidade na história Minha Fraqueza

	Amor Apaixonado	Amor Romântico	Amor Puro
Definição de amor			
Efeitos do amor	<p>Esse sentimento de algo mais era o que destruía Albus.</p> <p>Ainda assim, não podia deixar de perguntar-se o porquê de sua mente voltar-se com frequência para Grindelwald. Por que sua imagem o atormentava na mesma proporção que a imagem de sua irmã jazendo inerte no chão, morta? Deveria odiá-lo com todas suas forças, mas não conseguia.</p> <p>Contudo, Grindelwald falara com tanta paixão que contagiara Dumbledore sobremaneira; de tal forma que nunca mais poderia ser apagada de sua mente e coração. Uma cicatriz que nenhuma magia seria capaz de remover, servindo como lembrete para suas ações.</p> <p>Seu coração batia tão rápido que temia que o outro pudesse ouvir. Não era medo, de forma alguma, era ansiedade, nervosismo, raiva e... Sentimentos confusos que mal podia descrever, ou melhor, temia fazê-los.</p> <p>Dumbledore, de certa forma, sentia-se como no dia em que o conhecera em Godric's Hollow: Animado, instigado. A paixão pelo poder faiscava nos olhos de ambos, num laço dissolúvel.</p> <p>Grindelwald era o único que conseguia exaltá-lo e, ao mesmo tempo, deixá-lo de joelhos. Tão forte e tão fraco, era assim que se sentia. Completamente no controle do mundo, e fora de si.</p> <p>Seus olhos estavam vidrados nos de Dumbledore que, vez ou outra, precisava fechá-los para recordar o porquê de não abandonar tudo e fazer o que seu velho amigo pedia. Mas era tão difícil quanto um viciado ficar longe de seu vício.</p> <p>Um beijo rígido, repleto de sentimentos que nunca foram ditos e lembranças dolorosas.</p> <p>Desejara tanto esse gesto de carinho dele sem nem saber. Precisava, ansiara por isso quando ainda não sabia nomear o que sentia, e agora não sabia o que fazer.</p>		

Modo de relacionamento	Nosso plano, Albus, nosso plano. Não há mais ninguém nesse mundo que eu queira ao meu lado mais que você. Nascemos para a grandeza.		Sua sede pelo saber o levava a cair sem pensar, fascinado pelas palavras exultantes de Grindelwald sobre a superioridade mágica em relação aos trouxas. O brilhante rapaz que oferecia- lhe a chance de afirmar-se como o gênio que sempre fora, sobrepujando a imagem manchada da família graças ao seu pai.
	Novamente com os pés do chão, Dumbledore afastou-se daquele que sempre amara em segredo até de si.		
Completo do relacionamento			Fiz minha escolha no momento em que optei voltar para Hogwarts. Mesmo cedendo, por um instante, à minha fraqueza, minha irmã me lembrou a quem e ao que devo ser fiel, pois não há nada mais forte que a nossa vontade de fazer o que é certo.
			Não demorou muito para ver uma grande ave de pelagem avermelhada voar para longe, selando o destino de ambos para sempre, pois não há fraqueza maior que a dor de um coração partido, assim como não há honradez maior que transformar essa dor em algo grandiosamente puro.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A história de Lady Morgana explora esse tempo de incerteza e dor pelo qual passa a personagem, após a morte de sua irmã, mas ainda antes de enfrentar definitivamente o amante tornado inimigo. Dumbledore reflete sobre a memória de Gellert e do tempo que passaram juntos, revelando ainda nutrir um sentimento pelo bruxo, por mais que rejeitasse seus cruéis ideais de dominação, de forma que “deveria odiá-lo com todas suas forças, mas não conseguia”, e se revela atormentado pela lembrança do bruxo “[...] na mesma proporção que a imagem de sua irmã jazendo inerte no chão [...]”. A clara batalha entre sua visão racional de que o homem é um inimigo e o sentimento irreprimível demonstra que Dumbledore está sob efeito de um amor apaixonado, como descrito por Giddens (1993). Nessa modalidade de amor, o desejo ignora as normas sociais e a racionalidade, afligindo de maneira incontrolável os amantes. Albus mantém a atração por Grindelwald, iniciada quando o mesmo “[...] falara com tanta paixão que contagiara Dumbledore sobremaneira [...]”.

O encontro súbito com o ex-amante coloca o homem em descompasso, conforme esse amor apaixonado volta à tona com mais força. Como Dumbledore percebe, “seu coração batia tão rápido que temia que o outro pudesse ouvir”, o sentimento incontrolável o atormentando com “sentimentos confusos que mal podia descrever, ou melhor, temia fazê-los”. Ainda que odiasse (em certa proporção) Gellert, o bruxo das trevas ainda exercia poder sobre ele, sendo “[...] o único que conseguia exaltá-lo e, ao mesmo tempo, deixá-lo de joelhos”.

O motivo da visita torna-se claro rapidamente: aferrado ainda às suas crenças de superioridade e dominação dos bruxos sobre os humanos não-mágicos, Gellert busca novamente o auxílio de Albus como seu companheiro, concretizando seus planos. Como ele mesmo revela, Gellert também nutre um amor apaixonado por Dumbledore, ao dizer que “não há mais ninguém neste mundo que eu queira ao meu lado que você”. Mesmo em lados opostos de sua guerra ideológica, a paixão os impede de odiar um ao outro, mas continuam desejando o inimigo. Gellert tenta selar o acordo com um beijo, que Dumbledore descreve como “um gesto de carinho” há muito ansiado. Entretanto, a imagem da irmã morta o impede de se entregar a essa paixão, e Dumbledore recusa a oferta do ex-amante, que foge após transformar-se num pássaro.

De maneira interessante, embora o relacionamento entre Dumbledore e Gellert seja, no período retratado pela história, calcado unicamente no desejo que os inimigos nutrem um pelo outro, a autora descreve o início do amor entre os dois como um encontro intelectual e de crenças. Dumbledore revela que Grindelwald “oferecia-lhe a chance de afirmar-se como o gênio que sempre fora”. Em sua juventude carregada de sonhos de grandeza, Albus via Gellert como seu igual, e refletia em seu relacionamento com ele seus ideais e seus valores. Tais

características, como descreve Giddens (1993), pertencem ao amor moderno, caracterizado na autorreflexividade, na igualdade entre os amantes e na troca de experiências. Dumbledore exaltava seu próprio poder e inteligência, desprezando a família em ruínas, corporificada no pai arruinado e na irmã deficiente (como revelado no último livro da septologia de J.K. Rowling, a pequena Ariana fora atacada por crianças não-mágicas que a viram praticando um feitiço, trauma que a fez perder para sempre o controle de sua magia e que levou o pai à prisão, depois que ele atacou os garotos em vingança), e seu relacionamento com Gellert refletia esse apreço pela inteligência, o poder e o ódio aos que não tinham magia.

Entretanto, essa reflexividade do amor puro torna esses relacionamentos frágeis, como Giddens (1993) revela. Diferentemente do amor tradicional, que busca um “para sempre”, por meio do casamento e da constituição de percurso para a vida orientado para o futuro, à família e à tradição, os amores modernos se desfazem com facilidade, quando o relacionamento deixa de representar os ideais de algum dos amantes. Além disso, por estarem em posição de igualdade dentro do relacionamento, qualquer uma das partes pode rompê-lo a qualquer instante. Dumbledore muda seu pensamento quando a sua busca pelo poder resulta na morte de sua irmã e o fim de sua família (o pai morrerá na prisão, e a luta que matou Ariana Dumbledore ocorrerá durante o funeral da mãe). A ideia de que fora alguma de suas magias, a responsável pelo assassinato da garota (é inconclusivo quem lançara o feitiço que tirou sua vida), o faz perceber que o caminho para a felicidade não estava no conhecimento de muitas magias, nem na dominação do poder, mas sim naquilo que ele havia abandonado junto com Gellert: a família, a responsabilidade e a misericórdia pelos mais fracos, que Dumbledore descreve como “a nossa vontade de fazer o que é certo”. O relacionamento entre os dois termina quando Albus deixa de acreditar nos ideais que ambos compartilhavam.

Da mesma forma, a nova rejeição de Grindelwald reforça a reflexividade de Dumbledore, que se recusa a abrir mão de suas crenças em troca do amor apaixonado que sentem um pelo outro, mas prefere sofrer a dor de um coração partido, descrita como a “maior fraqueza” que dá título à obra. Por fim, Dumbledore pretende “transformar essa dor em algo grandiosamente puro”.

Embora a história de Lady Morgana termine com a partida de Gellert, os acontecimentos narrados em *Harry Potter* completam a história: pouco mais de duas décadas depois, Dumbledore enfrentaria Grindelwald em um duelo, e Albus o trancaria na prisão, que o próprio bruxo das trevas construía para seus inimigos. A data do duelo, 1945, traça um paralelo entre o fim do regime de terror de Grindelwald sobre o mundo da magia e o fim do império nazista da II Guerra Mundial. As ideias de Gellert, sobre a supremacia de uma raça sobre todas as

outras e a necessidade de eugenia para manter essa raça pura também são um espelho dos ideais que alimentaram a guerra real. Ao fim, o vilão Voldemort abraçaria esses mesmos valores e começaria uma nova guerra, fazendo com que Dumbledore mais uma vez precisasse lutar contra as ideias que ele mesmo ajudara a criar.

Esse embate entre coração e razão, entrega e redenção que caracteriza o relacionamento entre os dois personagens, de amantes a inimigos mortais, desperta o interesse da comunidade, enquanto a longa e misteriosa vida de Dumbledore antes de se tornar o gentil mentor de Harry Potter oferece espaço para que os fãs explorem essa relação oposta entre o amor apaixonado e o amor moderno. Um amor fadado à tragédia e à separação conforme os ex-amantes se reencontram em linhas inimigas de um campo de batalha, mas que foi essencial para a formação de um dos mais icônicos bruxos, dentro e fora do mundo de Harry Potter.

Embora seja uma história curta, de um único capítulo, foi uma das obras que mais recebeu manifestações da comunidade, com vinte e cinco comentários e duas recomendações. Todos os comentários foram positivos, com elogios à história e à autora, revelando aceitação da obra pelo grupo. Os interpretantes emocionais emergem conforme os leitores relatam que se envolveram com a história, elogiam a escrita e tentam expressar sua admiração pela peça, como em “ah, que história mais perfeita. Não tenho palavras para descrevê-la”, ou a recomendação “acho que enrolei para recomendar essa história, mas a verdade é que nem sabia (e ainda não sei) como fazê-lo”.

O romance trágico retratado na peça literária gerou interpretantes energéticos, pois há comentários como os seguintes: “queria muito que eles tivessem dado certo ou que pudessem ter ficado juntos”, ou “a tensão entre os dois foi palpável de tão grande”, “consegui imaginar toda a cena com o coração apertado”, ou “fiquei vidrada do começo ao fim” e “morri de chorar com essa sua one [...], você realmente me surpreendeu me fez chorar e sofrer um pouco dos conflitos do personagem principal”.

Os comentaristas se dividiram na hora de relatar seus interpretantes lógicos, ao avaliarem o romance. Enquanto alguns analisam o relacionamento como fiel ao relatado por J.K. Rowling, como em “você soube trazer exatamente a essência do personagem à sua fic; essa nostalgia dramática pelo passado que tanto o aflige, o medo de acabar sucumbindo a erros já cometidos, e ao mesmo tempo ainda mantendo aquela fagulha antiga que o atrai no poder”, “a relação com o Grindelwald não podia ter sido mais autêntica!”, e “adorei a mescla de sentimentos que tu pôs nesse encontro dos dois. Ficou incrível. Ainda por parte do Dumbledore, é sempre bom ver esse lado mais humanos e fragilizado dele”. Outros comentaristas tiveram dificuldade em visualizar o grande mago em um relacionamento amoroso, pois explicam:

“Dumbledore é para mim, sei lá, etéreo demais, apesar de ainda ser um ser humano com sentimentos simples e ilógicos, como o amor”, “sempre achei no Dumbledore um personagem meio ‘deus’, digamos que ele morre no sexto livro, porém todo o sétimo é controlado pelas ações que já deixou encaminhadas. Vê-lo com falhas, com dúvidas, longe de toda a sabedoria que ele sempre demonstra, é bem intrigante”.

Alguns comentários iniciam com relatos de que a obra foi a primeira leitura de um *Fan Fiction* com o casal, ou com relacionamentos homossexuais em geral, como no comentário “é a primeira vez que leio uma fic de Dumbledore e Grindelwald. Eu sempre achei que nosso amado Diretor de Hogwarts fosse gay, e quando nossa Rainha Jô anunciou isso eu pulei de alegria”, “assim como sua primeira fic desse gênero, é a primeira yaoi que realmente tenho vontade de ler. Acho que por ser Dumbledore e Grindelwald, ou por me parecer intrigante desde que vi a capa” e “MEU DEUS QUE INCRÍVEL! Nunca fui de shippar esse casal, mas essa fic fez eu me apaixonar!”.

Ao mesmo tempo, alguns relatam terem gostado tanto da história a ponto de modificarem alguns de seus hábitos, como no comentário “eu tenho um carinho tão grande por Grindeldore, que costumo não ler nada sobre eles para não perder ou mudar aquela imagem que eu tenho sobre os dois. [...] Ler sua fanfic me lembrou a razão por amar tanto esse *pairing*, e me deixou com saudades de pensar sobre eles”, enquanto a relação estreita entre o grupo oficial na plataforma *Facebook* e o site do *Nyah! Fanfiction* se revela em um dos comentários, como em “quando pedi para indicarem uma fanfic entre eles na minha publicação no grupo do Facebook, jamais imaginei que realmente encontraria uma, ainda mais uma tão perfeita e maravilhosa como essa”.

As interações entre os leitores e a história *Minha Fraqueza* demonstram não apenas transformações nas três categorias dos processos cognitivos, mas também uma significativa mudança de hábito de leitura, quando os comentaristas revelam um novo interesse por histórias de amores homossexuais (e, conforme Giddens, naturalmente mais próximos ao amor moderno) e, principalmente, por romances envolvendo o casal Dumbledore e Grindelwald, ainda que destinadas ao fim trágico da separação.

4.3. Os efeitos do amor romântico: Rosas para Rose

A obra *Rosas para Rose*¹⁰⁶, de Maga Clari é a primeira sugestão de história do tópico #472480313092617, de 12 de abril de 2017, com vinte e cinco respostas diretas. O tema do tópico é comédias românticas e histórias fofinhas (o chamado *fluff* no jargão da comunidade para romances leves e sem restrições de público), como mostrado:

[INDIQUEM HISTÓRIAS]

Por favor, me indiquem histórias que sejam:

- Comédias românticas, que sejam realmente, muito, muito comédias. Quero rir; <3
- Romances fofinhos também.

Aceito todas as opções desses dois gêneros, mas vou ler primeiro as que tiverem comédia.

- Suspense, principalmente se tiver muitas mortes e tal.

- Não quero yaoi e yuri.

- Podem ser fãfics de qualquer fandom, desde que seja UA.

- Se for Harry Potter e for Jily, EU QUERO. <3

- Podem indicar fantasia também, desde que não seja muito cansativa de ler (ou seja, cheio de sei lá, umas mil criaturas diferentes, minha cabeça não aguenta).

E que estejam bem escritas, por favor. <3

Enfim, é isso.

Como um pedido de sugestões de histórias já escritas, classificamos o tópico como Relevante e, em seguida, como Recomendação de História. *Rosas para Rose* foi publicada em 8 de março de 2015, na forma de uma *One-shot* (conto de um único capítulo) com apenas 506 palavras, a história mais curta das obtidas no período pesquisado. De classificação Livre, foi categorizada pela autora nos gêneros Romance e Fantasia. Nas notas iniciais da história (onde o autor pode publicar informações importantes sobre a obra), Maga Clari reporta que a *One-shot* foi criada em homenagem às mulheres, no Dia das Mulheres.

De maneira similar à história *Sometimes love's not enough*, a capa não possui o título e o nome da autora sobrescritos na imagem, sendo um desenho de traços infantis do casal Scorpius Malfoy e Rose Weasley, de mãos dadas (Figura 24). A autora coloca nas notas iniciais da história, que encontrou a imagem no site de *fan art* e fotografia *DeviantArt*. A sinopse da obra, que aparece também na plataforma *Facebook* é curta como a próxima *One-Shot*: “Trajetória da paquera entre Scorpius Malfoy e Rose Weasley. Desde os sete anos o garoto a observa; será que Rose é o que falta para fazê-lo sentir-se completo?”.

¹⁰⁶ A história pode ser acessada diretamente no repositório do *Nyah! Fanfiction* em < https://fanfiction.com.br/historia/600424/Rosas_para_Rose >, mesmo sem conta cadastrada. Uma cópia está inclusa neste trabalho, como Anexo D.

Figura 24 – Capa da história Rosas para Rose



Fonte: Disponível em <https://fanfiction.com.br/historia/600424/Rosas_para_Rose/>, acesso em 11 de nov. de 2017.

A partir da leitura do conto, obtemos os fragmentos do texto relacionados ao amor e à intimidade, e os classificamos de acordo com seu tema e de acordo com o tipo de relacionamento amoroso apresentado, que listamos no Quadro 3.

A história Rosas para Rose é uma *One-Shot*, conto de um único capítulo, que trata do relacionamento entre duas personagens da nova geração, da obra de J.K. Rowling, os filhos dos protagonistas da saga original. No Epílogo do último livro de Harry Potter, foram apresentadas breves descrições sobre Rose Weasley, a filha mais nova do casal Ron Weasley e Hermione Granger, e Scorpius Malfoy, filho único do eterno rival de escola de Harry Potter, Draco Malfoy. Embora no livro original as duas personagens fossem crianças e nenhuma pista sobre algum futuro relacionamento fosse dada aos leitores, o “romance proibido” entre os filhos de duas famílias rivais tornou-se um *One True Pairing* atraente dentro do *fandom* de Harry Potter.

A autora Maga Clari escreve uma história onde Rose e Scorpius se conheciam desde a infância e deixa subtendido que essa proximidade precisava ser ocultada de suas famílias. Isso pode ser visto na seguinte frase: “aos nove anos, Scorpius tropeçou num arbusto de rosas, arranhando-se com tantos espinhos, só para espionar Rose Weasley brincar nos jardins da casa de seus avós, [...]”. A autora também sugere eles não se aproximaram durante os setes anos que frequentaram a mesma escola de magia. Apenas aos dezessete anos Scorpius decide declarar-se, pois “aos dezessete anos, Scorpius criou coragem e pôs os nós dos dedos na porta de Rose Weasley”, conforme se relata na história.

Quadro 3 – Relações de amor e intimidade na história Rosas para Rose

	Amor Apaixonado	Amor Romântico	Amor Moderno
Definição de Amor			
Efeitos do Amor	Aos dezessete anos, Scorpius beijou-a com violência, como se precisasse dela mais do que a própria vida.	Aos sete anos, Scorpius brincava no parquinho da Mansão Malfoy, observando sua amada de longe.	
	Rose já havia se esquecido que estava em público, e esqueceu-se também dos bons modos. Tudo o que ela queria era beijar Scorpius Malfoy.	Lembra-se vagamente de ter feito um bocado de rosas cair na cabeça de Rose Weasley, certa vez, quando esta saltitava na calçada de sua rua.	
		Aos nove anos, Scorpius tropeçou num arbusto de rosas, arranhando-se com tantos espinhos, só para espionar Rose Weasley brincar nos jardins da casa de seus avós, n'A Toca.	
		Aos quatorze anos, Scorpius descobriu, na aula de poções, que a Poção do Amor adquiria um cheiro diferente para cada um. Para ele, a poção cheirava a rosas.	
		Aos dezessete anos, Scorpius criou coragem e pôs os nós dos dedos na porta de Rose Weasley. Ela atendeu. Scorpius lhe ofereceu um sorriso amarelo e colocou em suas mãos duas rosas.	
		Scorpius entornou uma garrafa inteira de FireWhisky para conter as borboletas em seu estômago. Começou a falar sem parar e dizê-la tudo o que não disse em dez anos de convivência.	
Modo de Relacionamento		Aos dezessete anos, Scorpius e Rose tiveram uma noite romântica no Três Vassouras.	

Modo de Relacionamento		Andavam de mãos dadas, passeando pelos parques.	
		Aos vinte e um anos, Scorpius observou sua namorada se arrumar para uma festa. Enxergava Rose como uma mulher, não mais menina.	
Compleitude do Relacionamento		Aos dezessete anos, Scorpius deu-lhe um anel de compromisso.	
		Aos dezenove anos, Scorpius e Rose	
		foram padrinhos do casamento de Dominique e James Potter. Rose correu para o buquê de rosas. Scorpius pegou-o antes dela.	
		Aos vinte e um anos, Scorpius pegou sua varinha e conjurou rosas vermelhas. Rose tremeu dos pés à cabeça.	
		Aos vinte e um anos, Scorpius tirou um caixinha do bolso, cheia de floreios em sua superfície.	
		Aos vinte e um anos, Scorpius sentiu-se verdadeiramente homem pela primeira vez.	

Fonte: elaborado pelo autor.

Os efeitos do amor de Scorpius por Rose tomam a maior parte da narrativa. Desde a infância, quando o seu sentimento é traduzido pelos seus poderes mágicos, como em: “lembra-se vagamente de ter feito um bocado de rosas cair na cabeça de Rose Weasley, certa vez, [...]”, como ao sentir seu perfume na Poção do Amor, “aos quatorze anos, Scorpius descobriu, na aula de poções, que a Poção do Amor adquiria um cheiro diferente para cada um. Para ele, a poção cheirava a rosas”. Os efeitos do amor de Scorpius revelam-se como efeitos do amor romântico, no qual um relacionamento de fato é pensado, ou imaginado, como possível no futuro.

O fato da idade de Scorpius compor os escritos demonstra que o seu crescimento pessoal está atado ao seu amor por Rose, que culmina quando o relacionamento se efetiva, ou seja, quando ele “sentiu-se verdadeiramente homem pela primeira vez”. De maneira similar, Rose parece crescer, aos olhos de Scorpius, conforme seu relacionamento se desenvolve, pois, encontramos no texto: “[ele] enxergava Rose como uma mulher, não mais menina”.

O beijo trocado entre eles, “com violência, como se precisasse dela mais do que a própria vida”, capaz de fazer Rose se esquecer “que estava em público” e até mesmo “dos bons modos”, pois “tudo que ela queria era beijar Scorpius Malfoy” demonstra os efeitos arrebatadores e quase irracionais do Amor Apaixonado, que faz os amados ignorarem os limites sociais. Também seria essa força, implicitamente, que faria com que Rose e Scorpius, de famílias rivais, desenvolvessem esse relacionamento.

A construção da intimidade se dá com gestos simples, como “andavam de mãos dadas, passeando pelos parques” e “uma noite romântica no [restaurante] Três Vassouras”, carícias inocentes, geralmente associadas ao Amor Romântico e ao crescimento gradual da intimidade do casal. Também, pela continuidade do relacionamento com o namoro, pois “aos vinte e um anos, Scorpius observou sua namorada se arrumar para uma festa”, que é também característica do Amor Romântico, que se concretiza em etapas demarcadas: namoro, noivado, casamento.

A história termina com o pedido de casamento, que sela o destino das personagens como uma unidade indissolúvel, a máxima do Amor Romântico. Seguindo a tradição romântica, Scorpius inicia a corte da jovem Rose com um anel de compromisso, símbolo de sua intenção de uma união futura. O prenúncio do matrimônio acontece no casamento dos amigos Dominique e James Potter. Conforme a tradição, a primeira pessoa a pegar o prêmio, o buquê que a noiva, de costas, arremessa em direção às jovens posicionadas atrás dela, será a próxima a se casar. Rose demonstra essa inclinação ao se posicionar entre as jovens à espera do buquê. Quebrando a tradição, a de que somente as mulheres podem pegar o buquê, Scorpius alcança o prêmio antes da amada, fazendo uma ligação com a simbologia das rosas, que permeia todo o conto e que faz alusão ao nome da personagem Rose.

A simbologia que ata a rosa ao amor é reforçada quando na história menciona-se que Scorpius “conjurou rosas vermelhas”, antes de pedir Rose em casamento. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2025, p. 789), “a rosa tornou-se um símbolo do amor e mais ainda do dom do amor, do amor puro...”. Na história, a rosa vermelha – o amor em símbolo – prenuncia a união, que é selada com “uma caixinha [...] cheia de floreios em sua superfície”. A rosa, que representa a personagem, de nome Rose, é também símbolo do amor e está presente em todos os atos de Scorpius: em sua magia, quando cria rosas para Rose, em suas mágicas quando descobre que a sua Poção do Amor tem a fragrância de rosas e também quando ela traduz suas palavras, durante o pedido de casamento. Na história, no título Rosas para Rose, o amor (Rosa) do personagem Scorpius, a sua vida (Rosa), é direcionada, atribuída para Rose.

O anel de casamento, objeto subtendido em uma das cenas, encerra o conto com a completude do Amor Romântico: é no momento que Rose aceita o pedido de casamento que Scorpius encerra seu crescimento pessoal e passa ser um homem “de verdade”, pelas mudanças de sua posição na sociedade, para provedor do lar, marido e, possivelmente em breve, pai. A menção constante da idade do personagem, na história, lembrando a passagem da infância, para a adolescência, juventude e para a idade madura, propõem também a mudança dos modos de agir do personagem, que sempre mantem o foco na vida futura ao lado da amada.

Para Maga Clari, o amor “proibido” de Rose e Scorpius é um amor essencialmente romântico, com o crescimento gradual da intimidade no namoro, noivado e casamento, que é imprescindível para firmá-lo, garantir sua continuidade, para eternizá-lo. Em nenhum momento, há na história uma definição do amor: ele está em Scorpius e se atualiza, mas não é questionado ou investigado. Desde a infância até a idade adulta, quando finalmente torna-se “homem”, Scorpius simplesmente soube que amava Rose, e fez desse amor o elemento norteador da sua vida.

Há na história o predomínio de efeitos do Amor Romântico e em apenas um momento da história os efeitos parecem aproximar-se daqueles mais comuns ao Amor Apaixonado. No entanto, tal momento traduz a descoberta permeada pelos efeitos da proximidade dos corpos. O namoro, o noivado e o casamento são permeados pelo simbolismo da rosa, que também enaltece o dom do amor, agregando pureza a esse Amor Romântico.

Nos comentários dos fãs predominam interpretantes emocionais, que destacam os aspectos qualitativos do relacionamento, como leve e inocente, principalmente quando crianças. Com vinte e seis comentários, é a segunda história com mais opiniões postadas pelos leitores. A predominância de aspectos de primeiridade, permeando a terceiridade, é demonstrada em comentários como “adoro quando eles aparecem crianças, pq é mto fofo”, “foi uma one bem

curtinha, mas tão fofa e tão meiga”, “ai, que coisa mais fofa!!! Eu simplesmente adorei, poucas e lindas palavras” e “QUE FOFINHO! EU AMO ESSE SHIPP, MEU DEUS!”.

Os comentaristas também revelam interpretantes lógicos conforme avaliam as ações dos personagens, embora não questionem a dependência emocional entre eles ou o desenvolvimento da relação, como em “faltou eles ficando velhos, ela morrendo e ele levando rosas pro túmulo”, “amei a parte em que a Rose foi pegar o buquê e o Scorpius pegou primeiro”, “esse Scorpius todo apaixonadinho pela Rose desde sempre é muito cute”, “eu estou cansada de todos os meninos fofinhos nas fanfics serem gays, e simplesmente amei todo esse lance de Scorpius-rosas-Rose, porque simplesmente está muito amor”. A comparação entre a personagem Scorpius e seu pai, Draco Malfoy, também tomou parte dos comentários, como em “mais doce e romântico, eu tenho certeza de que ele se parece muito com o Draco, mas também acho que ele tem a chance de demonstrar ser sensível por causa da mudança nas famílias bruxas após a queda de Voldemort” e “eu sempre imaginei Scorpius como o oposto de Draco. Carinhoso, fofo, alegre, nada arrogante, romântico”.

Poucos comentários indicam interpretantes energéticos, mas eles estão presentes em “fui devorando as palavras e de repente já estava no final, você escreve muito bem e poeticamente, parabéns” e “fiquei com uma enorme vontade de ter mais detalhes sobre os dois”. Embora a secundidade tenha se apresentado em menor grau, a obra apresenta efeitos nas três categorias do pensamento, além de ter despertado grande interesse da comunidade para uma obra de pouco mais de quinhentas palavras. Os efeitos do romance entre Scorpius e Rose, leva à mudança de hábito e possivelmente traduz aproximação ou envolvimento de uma fã com essa modalidade de amor, quando ele menciona: “Scorose não é meu OTP, mas agora shippo muito”.

4.4. O modo de relacionamento moderno: Guerra e Ordem

No tópico #442262356114413, classificado como Relevante, o seguinte pedido é encontrado:

[Harry Potter]

Por favor, recomendem fanfic Jily (James Potter + Lily Evans)! Especificamente desse shipp maravilhoso

Preferências: que sejam no universo de Harry Potter mesmo, que também desenvolvam o relacionamento dos dois depois que eles começam a namorar e que sejam bem escritas <3 Também vale se tiver os marotos...

Deixe seu up pra me ajudar a animar a noite de sábado

OBS: fanart da Viria13, que tem os desenhos mais maravilhosos de Harry Potter (competindo só com a Burdge). Se precisarem de inspiração para alguma fic de HP, procurem o trabalho dessas duas!

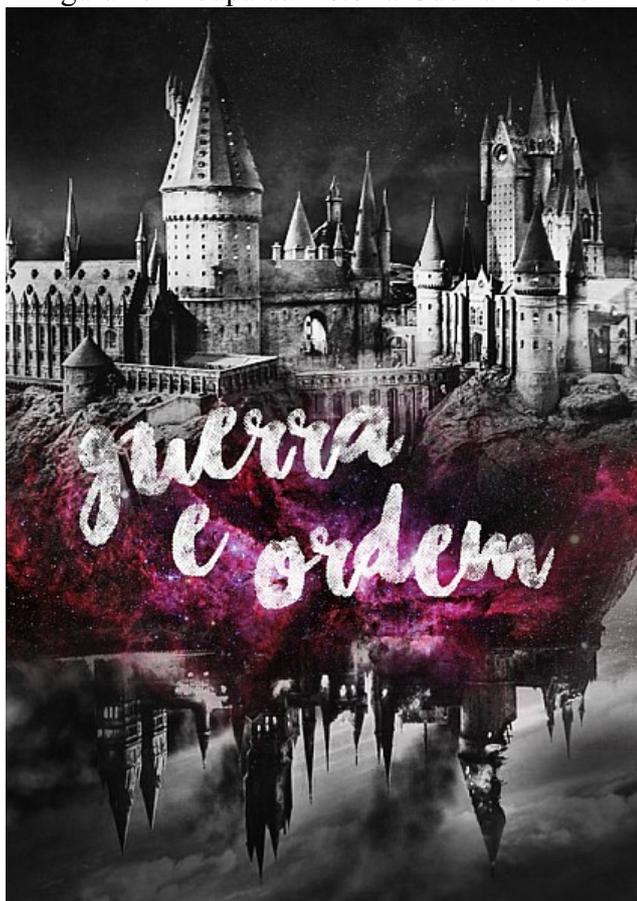
O romance Guerra e Ordem¹⁰⁷ é sugerido pela própria autora, com o comentário “a fanfic não é só sobre eles, mas vou desenvolver como os dois viram amigo e depois namorados”. Ainda que seja uma divulgação da participante sobre uma história de sua autoria, como os outros membros mantiveram o tópico em uma seleção de sugestões de histórias que leram e gostaram e foram publicadas por outros membros, o tópico foi classificado como Recomendação de História. Conforme comentado pela autora, o casal James e Lily não é o foco da narrativa, embora esteja presente em grande parte dos capítulos, sendo o personagem Sirius Black o protagonista da obra e o único listado pela autora no site do *Nyah! Fanfiction*.

Sirius é colocado em um romance com uma personagem criada pela própria autora, uma prima de primeiro grau chamada Vênus Black. Por se tratar de um romance entre primos, a autora, sob pseudônimo Leãozinho, coloca nos avisos da obra um alerta sobre incesto, ainda que o fato não seja muito explorado na narrativa em si. Categorizada como Romance e com indicação para maiores de 18 anos, a obra não está terminada, mas conta com 11.184 palavras, divididas em um Prólogo e sete capítulos, iniciada em dezembro de 2016 e com a última atualização em outubro de 2017.

Divergindo um pouco do padrão da comunidade, a imagem da capa não contém o nome da autora, apenas o título, que é utilizado como recurso visual para dividir a capa horizontalmente em duas partes: na superior, o castelo de Hogwarts (a escola de magia) surge com uma noite estrelada como pano de fundo, enquanto a inferior exibe uma versão em ruínas do mesmo castelo, invertido para se passar por um reflexo espelhado da imagem superior (Figura 25). A dualidade inscrita na capa e no próprio título (Guerra/Ordem) induz o leitor a mergulhar em um embate, como examinamos abaixo.

¹⁰⁷ A história pode ser acessada diretamente no repositório do *Nyah! Fanfiction* em <https://fanfiction.com.br/historia/720279/Guerra_e_Ordem/>, porém é preciso ter uma conta e desativar o Controle Parental para acessá-la, já que se trata de uma obra para maiores de 18 anos. Uma cópia está inclusa neste trabalho, como Anexo E.

Figura 25 – Capa da história Guerra e Ordem



Fonte: Disponível em <https://fanfiction.com.br/historia/720279/Guerra_e_Ordem/>, acesso em 11 de nov. de 2017.

Por ser uma das histórias mais longas, e classificada pela própria autora como exclusivamente um Romance, a obra teve a maior quantidade de fragmentos colhidos e classificados, conforme o Quadro 4.

O romance Guerra e Ordem pretende contar a história da geração anterior à do jovem Harry Potter, mostrando a história de como seus pais se conheceram e iniciaram seu relacionamento, mas principalmente a jornada de Sirius Black, padrinho do menino, de jovem e despreocupado adolescente a amargurado ex-prisioneiro. Segundo a própria autora, “Guerra e Ordem não é sobre o amor incondicional, mas sobre como nos relacionamos com ele”. O termo incondicional, no caso, refere-se a um amor em que os amantes se responsabilizam um pelo outro, em que um toma partido do outro em quaisquer situações ou circunstâncias.

Quadro 4 – Relações de amor e intimidade na história Guerra e Ordem

	Amor Apaixonado	Amor Romântico	Amor Moderno
Definição de Amor	<p>Amar o primo era amar o fruto proibido do jardim do Éden, mas amava-o com todo o coração.</p> <p>"Você é linda" [...] "Eu amo seu cheiro".</p>	<p>Talvez Remus seja a solução fácil. A solução confortável. E sim, eu te amo, como jamais o amarei. Mas amar você envolve dor e medo."</p>	<p>Eles estavam acostumados com os castigos, era sempre o mesmo: primeiro, a tortura; depois, um cuidava do outro.</p> <p>Naquele início de verão, quando ela e Sirius eram apenas adolescentes se amando de longe e construindo uma relação.</p>
Efeitos do Amor	<p>Não conseguirei deixa-la se passarmos a noite juntos.</p> <p>Ela sentou-se no piso do banheiro encolhida e o assistiu partir. Não notou o beijo na testa ou as lágrimas dele enquanto ia embora.</p> <p>Lucius parecia consumi-la, acompanhava seus seios subirem e descerem com a respiração, destacados ainda mais naquele decote bufante.</p> <p>"Eu não... Não quero me casar com ele, Sirius"</p> <p>Era inegável que passara os últimos anos alimentando um desejo proibido por ele, que negara para si mesma por tanto tempo.</p> <p>Tal como Eva, ela sabia que era o fruto proibido e as consequências severas de seus atos. Vênus escolheu pecar.</p> <p>Ela não havia notado sua presença, talvez pudesse admirar um pouco mais a curva que o quadril fazia, as nadegas</p>	<p>Vênus preparou seu tradicional chocolate quente, depois de tantos anos, fazia a receita para dois, mesmo que só houvesse uma caneca e uma pessoa naquela cabana.</p> <p>"Essa é Vênus, uma bruxa puro sangue da mui nobre família dos Black, estou assistindo-a de perto para que se torne uma esposa perfeita."</p> <p>Esperava por aquilo desde a tenra idade, fora sua primeira paixão de infância, sentia-se importante ao segurar sua mão durante as brincadeiras.</p> <p>"Você não parece aquele cara que as pessoas tiram fila pra fazer boquete em Hogwarts." Sirius riu, mas ela não, queria uma resposta. "Não, você me faz sentir diferente."</p> <p>Começaram a tramar a fuga, nenhum plano parecia bom o suficiente, nada parecia funcionar.</p> <p>Lembrava como competiam nos abdominais, ela sempre ganhava. Na prancha, ele era sempre o vencedor.</p>	

<p>Efeitos do Amor</p>	<p>que cabiam perfeitamente dentro da silhueta de ampulheta, a pele juvenil intocada pelo sol do verão a fazia brilhar sob a luz, ela era inegavelmente linda.</p> <p>Vênus posicionou as pernas ao lado das coxas do garoto, sentando em seu colo. A segurou pela cintura, a trazendo mais para si. Beijavam-se lentamente, brincavam com as mãos buscando o toque um da pele do outro, com necessidade, com urgência. Terminaram o beijo com selinhos e sorrisos. Sirius fazia cafunê na cabeça dela, o que a fez deitar em seu ombro. Ficaram ali, parados.</p> <p>Sentiu os olhos marejarem e a mão do amante acariciar suas bochechas e desenhar seus lábios.</p> <p>Atravessou os dias, rasgando-os de ansiedade até o primeiro de setembro.</p> <p>Este abanava em direção ao amigo e dava um beijo na testa da menina, para partir, sem intenção, o coração de Sirius em dois, ia em direção aos amigos, sorrindo e os cumprimentando.</p> <p>“Vênus” Corou mais ainda. Sirius vacilou. Esqueceu toda a amizade por um momento e queria que ele sumisse dali. O corpo inteiro enrijeceu, parecia pronto para lutar. Sentiu James apertar seu joelho preocupado. Isolado em sua ansiedade, Remus não notou o incêndio repentino dentro daquela cabine.</p>	<p>Tudo parecia um pouco mais vazio, mesmo que não estivesse colado o tempo todo a ela em outros tempos, tinha a certeza de que poderia conversar em outro momento ou convidá-la para alguma atividade. E haveriam lindos sorrisos. Agora, ela parecia uma memória em que não se distingue realidade e fantasia.</p> <p>Até mesmo os erros nas redações de Transfigurações lembravam-no dela, da maneira em como ria dos erros bobos dele e explicava animada, apontando com os dedos longos as respostas corretas nos livros. Nos jogos de quadribol com James, lembrava-se dos treinos na escola, a mania dela de brincar em acertar os balaços de treino nele e durante os jogos oficiais, rebater todos os balaços que vinham em sua direção.</p> <p>Remus não ligara para os olhares de surpresa, ele nunca aparecia com uma namorada, diferente dos amigos. Pela primeira vez, era o escolhido. Estava radiante.</p> <p>Em outras épocas, Vênus diria que ela só queria uma nota máxima e não cumpriria a promessa. Mas no último ano, com a mudança de comportamento de James e a insistência de Vênus pra que ela desse uma chance, parecia ser mais um convite, Lily havia lido o relatório de James enquanto ele dormia sob a mesa na noite anterior. Estava perfeito. Ela jamais admitiria que sua</p>	
-------------------------------	---	---	--

<p>Efeitos do Amor</p>	<p>“O seu ciúmes que está quase te matando? Cara, você anda bufando pelos corredores e mal consegue olhar pra ele”</p> <p>O que seus olhos esmeraldas não notavam era a raiva que parecia borbulhar em Sirius diante dos constantes carinhos do novo e feliz casal.</p> <p>“Ela nunca vai admitir que fica tão brava perto dele por causa do próprio nervosismo?”</p> <p>Ela contou sem olhar para ele, percebera que estava sentada em seu colo e a vergonha tomara conta do seu corpo. O ouviu suspirar um “sinto muito” e abraçá-la mais forte. Talvez nem fosse pelo abraço reconfortante, ou fosse, jamais admitiria da onde viera a força que a fizera levantar e exigir “Venha! Venha! Temos aula.” Tentou ser dura, sempre fora com ele. Quando analisou a expressão de confusão e desesperança, sentiu uma pontada de arrependimento com o próprio tom. Ele era ótimo para ela. Precisava admitir.</p> <p>James teve vontade de gritar, comemorar como se fosse a final de um campeonato. Sorriu como jamais tinha feito. Estava pleno. Era um tempo caloroso para uma manhã gelada.</p> <p>Acho que até amar ela só sabe fazer aos gritos. E ela tem ficado cada vez mais nervosa com essa proximidade com</p>	<p>suposta queda por ele havia se tornado uma coisa real.</p>	
-------------------------------	--	---	--

<p>Efeitos do Amor</p>	<p>James, ela provavelmente não sabe mais agir normalmente. Pelo menos não até admitir que ama o cara. Ela gritava tanto hoje no café da manhã e botava a culpa no jornal, mas era porque o Jayjay ali passou o tempo todo encarando ela. Ela pirou.”</p> <p>E se ela estava nervosa, ansiosa por não saber como lidar com sua paixão dissimulada por Potter.</p> <p>Ele odeia a sua raça, Lily. Ele odeia o que você é. Quando ele diz te amar não é por amar a Lily nascida trouxa, ele ama a Lily que quer ver, esquecendo que ser nascida trouxa é uma marca que te definirá pelo resto da vida, assim como mestiço é para ele.</p> <p>O menino que você brincou se tornou alguém que pode te matar e o amor não vai te salvar, Lily Evans.</p> <p>“Ela anda em beleza, como a noite De climas desanuviados e céus estrelados, E tudo que há de melhor Encontram-se em seus olhos e jeito”</p>		
<p>Modo de Relacionamento</p>	<p>“[...] Você passou os últimos 12 anos em Azkaban, preciso de você. Nossos filhos.”</p> <p>O prato principal era Vênus em seu vestido vermelho, apresentando seus talentos, mostrando-se uma dama.</p> <p>Régulo parecia cobiçá-la, não sentia nenhum pingo de amor por ela, muito</p>	<p>Vênus recebia chicotadas apenas nas partes de dentro das mãos, para que as marcas fossem rapidamente cicatrizadas e não comprometessem suas chances de casamento.</p> <p>"Hoje a noite será o jantar de apresentação de Vênus ao noivo. Um bruxo rico, puro sangue e de boa influência.”</p>	<p>Falavam sobre o direito das mulheres. Criticavam o patriarcado bruxo. Comentavam como faltavam mulheres no poder, mulheres na história, como faltavam mulheres.</p> <p>“Mamãe quer que eu comece a tomar a pílula.” Lily parecia confusa, mas percebeu que a amiga estava ainda mais. “É uma poção que vem sólida, sabe?”</p>

<p>Modo de Relacionamento</p>	<p>menos a via como pessoa, assim como a mãe, a via como um objeto a ser vendido. Ele queria ganhar de Lucius, desvirginar a sua noiva e mostrar a ele que era um homem muito mais forte. Vênus era um prêmio.</p> <p>Tentou imaginar-se com Remus, uma pessoa completamente diferente de Sirius, mais calmo e centrado. Sem a badalação, sem todo o fervor. Sem toda a paixão.</p> <p>Vagaram pelos corredores com certa distância. Lily observou o corpo da quase paixonite com cuidado, tentou memorizar todas as suas curvas suaves, ele era tão magro e tinha poucos músculos proeminentes. Antes que chegassem ao destino, correu para alcançá-lo sentiu o vento gelado bater em seu rosto e a fazer notar: Estava apaixonada. Agarrou a mão de James e ele virou, podendo fitá-la.</p> <p>Ele se amontoava em frustrações, para depois enfiá-las na primeira garota disposta a recebe-lo, sem carinho ou maiores rodeios. Rápido. Luxurioso. Orgulhoso de si. Se as fofocas já estavam borbulhando loucamente pelos corredores, elas pioravam quando ele começou a ganhar orais em pleno salão comunal, na manhã seguinte, com a fofoca já em seu ápice, não olharia no rosto da menina, ou do menino segundo rumores. Fazia jus a fama de Playboy.</p>	<p>Naquela mesa, apenas Sirius enxergava Vênus como a mulher forte e doce que era, não serviria para ser uma dona de casa como a tia apresentava, jamais deixaria um homem lhe dizer como comandar sua vida. Sirius havia crescido sendo comandado por ela.</p> <p>"Eu vim aqui dizer que te amo, dizer que você é a porra do amor da minha vida.</p> <p>"Já? Nem um encontro formal e você já quer me levar para cama?"</p> <p>O garoto, por outro lado, queria que aquilo funcionasse. Gostava da ideia de namorá-la e nutria profundos sentimentos por ela, que pareciam jamais ser correspondidos da mesma maneira.</p> <p>"Ele mudou Lily, não foque no menino que conheceu. Dê uma chance a ele"</p> <p>"Ah não, melhor, ele planeja com todo a inocência perder a virgindade com você num lindo conto de fadas."</p>	<p>Como se fosse uma balinha de poção. É pra não engravidar, você pode até não menstruar! Genial, não?"</p> <p>"Você toma uma vez por mês e pode dar a vontade. Tem uma que é só uma vez no ano e a pra toda vida."</p> <p>"Estupros, violência doméstica, abusos. É bem interessante, Vee. Apoiar outras mulheres que passaram por coisas horríveis e todo mundo não acredita nelas. Você não tem essa sede? Essa sede de mudar o mundo"</p> <p>Sua fúria estava clara, a pele vermelha de raiva contrastando com os olhos verde esmeralda, que davam até medo, parecia que a qualquer momento eles se tornariam balas de canhão e acertariam o alvo bem no meio da testa.</p> <p>"Remus nunca me disse, mas eu sei que ele sabe que nós não vamos durar. Não sei como ele vai reagir quando o momento chegar e quando nós dois ficarmos juntos, Sirius. Mas só podemos cruzar uma ponte quando chegamos a ela."</p>
--------------------------------------	--	---	---

<p>Completude do Relacionamento</p>	<p>Chorou. Mais do que deveria. Mais do esperava. Sentou nas escadas do casarão e chorou. Era culpa dele.</p> <p>Acordava tantas vezes durante a noite e encarava-se no espelho, planejava discursos para consolá-la, pensava em como resolver tudo aquilo.</p> <p>“Deixe ele, Lily. Sirius tem suas próprias formas de demonstrar sofrimento”.</p> <p>Sirius já não ligava mais pra qualquer opinião sobre ele, fazia total questão de ajudar a espalhar boatos. Até James reclamara que ele deixara de ser engraçado para se tornar orgulhoso e focar em si.</p>	<p>Vênus preparou seu tradicional chocolate quente, depois de tantos anos, fazia a receita para dois, mesmo que só houvesse uma caneca e uma pessoa naquela cabana.</p> <p>A garota deu um último olhar desesperado ao amante e se acalmou ao receber um sorriso reconfortante.</p> <p>“Então, vai se jogar nos braços do meu melhor amigo que está louco por você e fingir que nunca me conheceu? Admita que está usando Remus só para não ter que pensar nisso. Ignorar não vai fazer tudo sumir, caralho, amor. Caralho. Você está usando Remus.”</p> <p>“Eu deveria me casar com você” Os cabelos de Vênus tornaram-se um leve avermelhado para combinar com seu rosto corado.</p> <p>“Sirius, eu te amo. Você é o meu destino, você é o meu fim e a minha melhor parte. Acho que sempre soube disso, desde que tínhamos 5 anos. Você sempre foi a pessoa pra quem eu corri quando precisei e na sua direção que a minha vida corre.”</p> <p>“Você é meu destino, mas não significa que é meu presente. Eu tenho coisas a resolver, machucados para curar antes de me jogar para você.”</p>	
--	--	---	--

Fonte: elaborado pelo autor

Assim, pelo que anuncia a autora, a história pretende mostrar como são os relacionamentos nessa modalidade de amor que, no caso, envolve dois personagens: Vênus e Sirius Black. Na obra original, Black era o melhor amigo dos pai do próprio Harry Potter. Sirius pertencia a uma família extremamente preconceituosa e perturbada, que exaltava o poder da magia das trevas e rejeitava as outras raças mágicas e, principalmente, bruxos que haviam crescido fora da pequena sociedade mágica inglesa. Ao se recusar a cumprir as expectativas da família, Sirius, na obra original, é praticamente deserdado aos 11 anos, e substituído na posição de herdeiro pelo irmão mais novo, Régulo Black. Aos quinze anos, foge de casa e vai morar com o melhor amigo, James Potter. Aos dezessete anos participa de uma guerrilha para lutar contra o vilão Voldemort. Quando descobre que Voldemort pretende atacar a família Potter, uma magia é utilizada para esconder o casal Potter com seu filho bebê, magia essa que fazia com que apenas uma pessoa soubesse da moradia da família. Sendo assim, o vilão jamais os encontraria enquanto o guardião do segredo não revelasse a informação. Sirius é o escolhido para ser o guardião, mas ele convence a família a usar outro amigo, Peter, que, por ser fraco e covarde, não despertaria suspeita. Enquanto isso, Sirius fingiria diante de todos ter sido escolhido, o que confundiria os inimigos.

Entretanto, Peter desejava ser o vencedor na guerra. Secretamente, ele entrega a informação a Voldemort, que mata a família Potter, exceto o bebê Harry. No confronto, ele é derrotado e perde seus poderes por uma década. Sirius, ao perceber que fora traído pelo amigo, vai procurá-lo em busca de vingança. Peter consegue derrotá-lo e forjar sua própria morte. Sirius então é preso, pois todos acreditavam que ele era o guardião e que tinha matado Peter. Por 12 anos ele fica numa prisão especial dos bruxos, onde monstros chamados Dementadores controlam os prisioneiros literalmente devorando suas esperanças, alegrias, sentimentos – e, ao final, suas próprias almas. Entretanto, por ser inocente, ele consegue resistir, em parte, à influência depressiva dos monstros. Quando ele descobre uma pista que Peter ainda está vivo e se aproximando de Harry Potter, Sirius usa suas últimas forças para escapar da prisão e ir ao encontro do menino que ele havia falhado em proteger.

Leãozinho, a autora, parte desse ponto, criando uma família para Sirius, o que não é contemplado na história original. Ela desenvolve sua própria protagonista, Vênus, para fazer par com Sirius. Vênus é prima em primeiro grau de Sirius, também contrária aos valores da família a ponto de ser expulsa de casa e precisar morar com a tia, mãe de Sirius, de onde parte seu relacionamento. Sirius encontra em Vênus uma cúmplice e companheira de castigos. Ao

atribuir-lhe responsabilidades e uma família, a autora dá um novo rumo ao imaginário dos fãs em relação a esse personagem.

Nos modos de relacionamento presentes em *Guerra e Ordem*, encontramos pistas do amor paixão, arrebatador e intenso, como na descrição dos encontros amorosos: “Ela não havia notado sua presença, talvez pudesse admirar um pouco mais a curva que o quadril fazia, as nádegas que cabiam perfeitamente dentro da silhueta de ampulheta, a pele juvenil intocada pelo sol do verão a fazia brilhar sob a luz, ela era inegavelmente linda”, ou ainda em: “Senti os olhos marejarem e a mão do amante acariciar suas bochechas e desenhar seus lábios”.

Corroboram para a identificação de aspectos de manifestações do amor paixão, algumas definições de amor, quando Vênus, pela voz da autora, fala do seu amor por Sirius: “[...] amava-o com todo coração”, ou pela voz do amante ao referir-se à amada Vênus: “Você é linda... Eu amo seu cheiro”, que colocam o amor além de qualquer aspecto racional e vinculado ao corpo, às sensações. As palavras reforçam a crença de que os sentimentos, inclusive o amor, está vinculado ao coração, como se o corpo fosse fragmentado, ou seja, não há crença do corpo como uma unidade, mas da permanência de dualidades: corpo/alma, concreto/abstrato, coração/cérebro, verdadeiro/falso, interior/exterior entre outras. Vale enfatizar o título *Guerra e Ordem*, que pode ser visto como a relação guerra/ordem, onde o amor pode ser traduzido como ordem. Mas, o amor capaz de arrebatá-los está muito distante de algo racional, de propiciar a ordem ou a harmonia. Ele é permeado por relações conflitantes, que fazem com que as barreiras sociais sejam desafiadas e os costumes sejam ignorados, a ponto de se tornar perigoso. O perigo é pressentido pela protagonista, portanto, quando diz que: “Amar o primo era amar o fruto proibido do Jardim do Éden [...]”.

Nas manifestações desse amor, os amantes sentem-se incapazes de viver um sem o outro, o que, na história, é dado pela tristeza, ou desolação que os abarca em uma separação anunciada: “Ela sentou-se no piso do banheiro encolhida e o assistiu partir. Não notou o beijo na testa ou as lágrimas dele enquanto ia embora”, ou quando anuncia-se um encontro: “Atravessou os dias rasgando-os de ansiedade até o primeiro de setembro”. Tal desejo pode levar os amantes à transgressão, o que se constata quando a autora menciona: “Começaram a tramar a fuga, nenhum plano parecia bom o suficiente [...]”.

A ligação íntima entre Vênus e Sirius começa a se formar na infância, quando “estavam acostumados com os castigos, era sempre o mesmo: primeiro, tortura; depois, um cuidava do outro”. E na fala da personagem Vênus, o amor, que ela sente por Sirius, envolve dor e medo. A vida a dois, não se limita aos encontros excitantes, mas perpassa o cotidiano e vai para o mundo da imaginação. Isso pode ser observado quando a autora, coloca a fala de um dos

amantes: “Tudo parecia um pouco mais vazio, mesmo que não estivesse colado o tempo todo a ela em outros tempos, tinha a certeza de que poderia conversar, em outro momento ou convidá-la para alguma atividade. E haviam lindos sorrisos. Agora, ela parecia uma memória em que não se distingue memória e fantasia”. Ainda, nas ações de Vênus constata-se um vínculo, uma aproximação, que depende do seu pensamento, da sua imaginação. “Vênus preparou seu tradicional chocolate quente, depois de tantos anos, fazia a receita para dois, mesmo que só houvesse uma caneca e uma pessoa naquela cabana”.

Entretanto, a família de Vênus busca para ela um relacionamento com desdobramentos políticos, onde ela seria entregue em casamento com um noivo “rico, puro sangue e de boa influência”. A tia tenta fazer com que a jovem passe a almejar esse relacionamento tradicional, inclusive modificando seus castigos, que passam a ser “chicotadas apenas nas partes de dentro das mãos, para que as marcas fossem rapidamente cicatrizadas e não comprometessem suas chances de casamento”. O jantar de apresentação dos noivos revela um contraste entre o relacionamento de Lucius (o noivo) e Vênus e aquele que ela compartilha com o primo. Sirius observa que o homem a desejava, “parecia consumi-la, acompanhava seus seios subirem e descerem com a respiração, destacados ainda mais naquele decote bufante”. Lucius é um desconhecido, que só deseja Vênus pelo seu corpo, enquanto Sirius acredita que a longa convivência e a intimidade desenvolvida entre ele e a prima o tornam uma escolha melhor, pois “naquela mesa, apenas Sirius enxergava Vênus como a mulher forte e doce que era, não serviria para ser uma dona de casa como a tia apresentava, jamais deixaria um homem lhe dizer como comandar sua vida”. Entretanto, nem mesmo Sirius consegue enxergar um relacionamento igualitário entre eles, pois o mesmo observa que “havia crescido sendo comandado por ela”.

A proximidade do casamento arranjado faz com que o relacionamento inocente entre os primos ganhe a intensidade e desespero do amor apaixonado. O romance, porém, enfrenta seu maior desafio quando o irmão de Sirius, Régulo, tenta estuprá-la durante a noite. Régulo despreza o irmão rebelde e não nutre qualquer sentimento pela prima, ao invés “parecia cobiçá-la, não sentia nenhum pingão de amor por ela, muito menos a via como pessoa, assim como a mãe, a via como um objeto a ser vendido. Ele queria ganhar de Lucius, desvirginar a sua noiva e mostrar a ele que era um homem muito mais forte. Vênus era um prêmio”. O ataque força os primos a fugirem da casa dos Black e se refugiarem com a família do amigo James Potter. O trauma do ataque, a similaridade física entre Sirius e Régulo e o medo de que Sirius seja punido por tê-la “roubado” do noivo afastam os amantes.

A protagonista empenha-se para proteger a pessoa amada. A autora relata que Vênus relaciona-se com Remus para proteger Sirius, o que não é por ele compreendido. Isso fica

evidente na fala de Sirius: “Admita que está usando Remus só para não ter que pensar nisso. Ignorar não vai fazer tudo sumir [...]. Você está usando Remus. [...] Ela não respondeu a acusação, no fundo, tinha algum tom de verdade. [...] Sabia dentro de si, que não era para esquecer, mas por proteção. Despistar Régulo, despistar toda a família, despistar os Malfoy e tirar o enorme alvo das costas de Sirius”.

O romance entre Remus e Vênus é mais igualitário, baseado no respeito e na partilha de experiências, ao invés da simples atração física. Como relata a autora, “Remus não ligara para os olhares de surpresa, ele nunca aparecia com uma namorada, diferente dos amigos. Pela primeira vez, era o escolhido. Estava radiante”. Outra característica é a durabilidade desse relacionamento. A autora coloca essa avaliação, nas seguintes palavras de Vênus: “Remus nunca me disse, mas eu sei que ele sabe que nós não vamos durar. Não sei como ele vai reagir quando o momento chegar e quando nós dois ficarmos juntos, Sirius. Mas só podemos cruzar uma ponte quando chegamos a ela.”. No entanto, a segurança de Vênus em relação à duração do relacionamento, não implica que Remus não viva um amor romântico, o que parece evidente pelas seguintes palavras de Sirius: “Ele planeja com toda a inocência perder a virgindade com você num lindo conto de fadas.

O ciúme possessivo de Sirius acaba deturpando suas emoções e o colocando em conflito com os amigos. Em outro momento, quando a protagonista namora Remus, a autora comenta: “Sirius vacilou. Esqueceu toda a amizade por um momento e queria que ele sumisse dali. O corpo inteiro enrijeceu, parecia pronto para lutar. [...] Remus não notou o incêndio repentino dentro daquela cabine”, ou atestado por comentários de amigos: “O seu ciúmes que está quase te matando? [...] você anda bufando pelos corredores e mal consegue olhar pra ele.” Esse relacionamento traz muitos problemas para Sirius que passa a se envolver com muitas garotas e passa a ter uma mudança significativa de comportamento. A autora explica que “[...] ele deixara de ser engraçado para e tornar orgulhoso e focar em si. Ele se amontoava em frustrações [...]. Rápido. Luxurioso. Orgulhoso de si.”. Há nesses trechos da história a questão da posse, o sentimento de que Sirius tinha o “direito” de ser o amante de Vênus por conhecê-la mais que qualquer outro homem, o que pode levar o intérprete a perceber, no amor que Sirius nutre por Vênus, proximidades às características do amor apaixonado.

O triângulo amoroso Sirius-Vênus-Remus é colocado em contraste com outro triângulo, entre a amiga de Vênus, Lily e seus dois pretendentes, James Potter e Severus Snape. Lily, ao contrário dos Black, cresceu no mundo “normal”, só descobrindo seus poderes mágicos no início da adolescência, o que lhe garantiu uma experiência e visão de mundo diferentes dos moldes medievais do mundo bruxo. Politizada e preocupada com questões sociais como o

direito das mulheres e a liberdade sexual, Lily possui a reflexividade típica da modernidade, que exerce diante do amor de James. O rapaz, que ela considera imaturo e arrogante, embora desperte sua atração física, é considerado insuficiente para iniciar uma relação com ela, já que não reflete seus ideais e valores. Vênus e os amigos percebem que Lily sente essa atração, quando comentam que “ela gritava tanto hoje no café da manhã e botava a culpa no jornal, mas era porque o Jayjay ali passou o tempo todo encarando ela. Ela pirou”, ou “ela nunca vai admitir que fica tão brava perto dele por causa do próprio nervosismo?”.

Severus, assim como Sirius, parece acreditar que possui o “direito” de ter o relacionamento com a pessoa amada por culpa de sua longa convivência juntos. Amigos de infância, ele deseja a jovem Lily, mas não consegue abrir mão de seus planos de ascensão social. Ao tentar ser parte do grupo de jovens ricos e nobres, também precisa compartilhar de seus ideais de superioridade racial dos nascidos bruxos sobre os que nasceram de famílias não-mágicas, como a própria Lily. A reflexividade de Lily entra em conflito com o carinho que ela tem pelo amigo de infância, mas os amigos a questionam por isso. Pela voz de um amigo, ela é questionada: “Ele odeia a sua raça, Lily. Ele odeia o que você é. Quando ele diz te amar não é por amar a Lily nascida trouxa, ele ama a Lily que quer ver, esquecendo que ser nascida trouxa é uma marca que te definirá pelo resto da vida, assim como mestiço é para ele”. Que continua com a seguinte fala: “O menino que você brincou se tornou alguém que pode te matar e o amor não vai te salvar...”. Lily se vê obrigada a admitir que o amor fraternal que possui por Severus é insuficiente para fazer perdurar sua relação com ele.

Ao exercitar a reflexividade própria do amor moderno, a jovem percebe que o antigo amigo não é mais o mesmo e que as escolhas dele terminaram por separá-los definitivamente. Ao escolher James ao invés de Severus, Lily rompe com a ideia do amor que nasce na infância e que é calcado na intimidade de uma longa convivência juntos, preferindo viver uma relação com um homem que ela não conhece há tanto tempo, mas que compartilha os seus valores. Através dos amigos, Lily começa a perceber que James também não era mais o mesmo, mas que havia amadurecido, o que pode ser visto quando Vênus, referindo-se a James, comenta: “Ele mudou Lily, não foque no menino que conheceu. Dê uma chance a ele”.

As experiências de Lily com o mundo não-mágico fazem com que ela também tome decisões sobre o desenvolvimento da relação. A autora escreve sobre as ações de Lily: “observou o corpo [...] tentou memorizar todas as curvas suaves, ele era tão magro tinha poucos músculos proeminentes. [...] Estava apaixonada. Agarrou a mão de James e ele virou, podendo fitá-la.” Ou ainda, quando Lily avalia suas ações e constata que: “Tentou ser dura, sempre fora com ele. Quando analisou a expressão de confusão e desesperança, sentiu uma ponta de

arrependimento com o próprio tom. Ele era ótimo para ela. Precisa admitir”. A efetivação do namoro faz com que, segundo a autora, James tivesse “vontade de gritar, comemorar como se fosse a final de um campeonato. Sorriu como jamais tinha feito. Estava pleno. Era um tempo caloroso para uma manhã gelada”.

Através de Lily, a autora Leãozinho discorre também sobre o cotidiano e suas próprias crenças. A personagem traz problemas atuais, como os direitos das mulheres e a liberdade sexual, para o universo da bruxaria. “Estupros, violência doméstica, abusos. É bem interessante [...]. Apoiar outras mulheres que passaram por coisas horríveis e todo mundo não acredita nelas. Você não tem essa sede? Essa sede de mudar o mundo?”, comenta Lily. A personagem também comenta: “Mamãe quer que eu comece a tomar pílula”. Lily parecia confusa, mas percebe que a Vênus estava ainda mais. “É uma poção que vem sólida, sabe? [...] É para não engravidar...”.

A história, como uma parte significativa das obras de *Fan Fiction* encontra-se incompleta. Publicada em capítulos separados, o conteúdo encerrou-se pouco antes de Lily e James começarem a namorar e antes da fuga de Sirius da prisão, como apresentado no prólogo. Entretanto, a partir de pistas postas pela autora e também pela obra original, é possível inferir que Lily e James casaram-se, tiveram um filho e morreram jovens, pouco depois de completarem 22 anos. Na mesma época Sirius é preso injustamente, e Vênus, ausente na obra de J.K. Rowling precisa criar seus filhos sozinha. Entretanto, o fato de Vênus ter tido filhos com Sirius indica que, ao menos, a dor do estupro e a separação foram parcial ou totalmente superados durante o decorrer de seus últimos anos de adolescência.

O amor de Sirius e Vênus parece ter deixado o relacionamento apaixonado e ingressado em um amor romântico, já que o vínculo com o lar e os filhos está presente na fala de Vênus: “Você passou os últimos 12 anos em Azkaban, preciso de você. Nossos filhos”, o que sinaliza também para o desejo de um relacionamento duradouro, vislumbrando o futuro, enquanto com o amor paixão, os momentos são fugazes e arrebatadores. Alguns momentos de amor puro se revelam em seu amor por Sirius, principalmente no início, “quando ela e Sirius eram apenas adolescentes se amando de longe e construindo uma relação”, mas esse tipo de amor é substituído pela paixão ardorosa quando ameaçado e, depois, pelo amor romântico conforme a tragédia ao redor dos amigos (James e Lily mortos, Sirius preso, Remus se afastando de todos, Vênus deixada sozinha com os filhos pequenos) se desenrola.

Os efeitos gerados pelo romance, enquanto signo, estão vinculados a qualidades de sentimento, interpretantes emocionais, como no comentário: “você está quebrando meu coraçãozinho...”, ou “eu sou completamente louca por Lily e adorei que você tenha colocado um pouco deles na história também”. Interpretantes lógicos emergem na revisão da história

original e na manifestação de ideias dos fãs, como em “o pior de querer ver as coisas se ajeitando é saber que o Remus vai ficar sozinho”, ou “gostei bastante da forma como o Sirius ‘interagiu’ com a família dele, todo aquele preconceito sangue-puro, isso que o torna um personagem especial (pelo menos pra mim)”.

Interpretantes energéticos também emergem, como quando o comentarista escreve: “Espero que as coisas entre a Vênus e o Sirius melhorem, porque eu *shippo* os dois!”.

Com apenas treze comentários, Guerra e Ordem foi uma das histórias menos avaliadas pelos leitores, mas a partir das interações dos produtores e usuários de histórias emergem interpretantes que correspondem às atualizações das três categorias peirceanas, presentes em processos cognitivos.

4.5. Efeitos do amor moderno: Uma Nova Lenda

O tópico de 6 de março de 2017, classificado como Relevante e de número #449803938693588, foi subcategorizado como Recomendação de História, por pedir obras já publicadas e finalizadas com os seguintes *ships* e restrições:

PEDIDO DE FIC de Harry Potter
 - Harry e Gina baseado nos livros
 - Harry e Hermione baseado nos filmes
 - Harry e Draco em universo alternativo
 Apenas terminadas...

A obra Uma Nova Lenda¹⁰⁸ foi indicada pela própria autora, Kaline Bogard. Categorizada no *Nyah! Fanfiction* não apenas como Romance, mas também como Ação, Aventura, Comédia e Yaoi. Entre as selecionadas é a única permeada por aventura, combate e grandes feitos de magia da obra original.

Com dezenove capítulos, 13.687 palavras, é a produção literária mais longa entre as analisadas e também a mais antiga, publicada em 2011 e finalizada apenas quatro meses depois. Kaline é uma das usuárias mais respeitadas do *Nyah! Fanfiction*, tanto por ser parte da equipe de administração do próprio *Nyah!* e do grupo na plataforma *Facebook*, como por ser uma prolífica autora, com mais de cento e cinquenta *Fan Fictions* publicados, quase sempre na categoria Yaoi, romance homossexual masculino.

¹⁰⁸ A história pode ser acessada diretamente no repositório do *Nyah! Fanfiction* em <https://fanfiction.com.br/historia/162937/Uma_Nova_Lenda/>, mesmo sem ter uma conta cadastrada. Uma cópia está incluída neste trabalho, como Anexo F.

Seguindo o padrão de capas mais usual entre os membros, a imagem de um navio aparece sobrescrita com o título da história, o nome da autora e uma curta frase: “E em breve... em breve eles se tornariam a lenda.”. O recurso, mais comum em cartazes de filmes do que em capas literárias, serve para seduzir o leitor e criar um laço mais visível entre a imagem da capa e o romance, sendo a frase também parte da própria sinopse da história (“O objetivo era escapar para viver um novo dia. Cada novo dia significava uma grande aventura! E em breve... em breve eles se tornariam a lenda.”). Estranhamente, o navio parece estar submerso (Figura 26), o que entra em conflito com os barcos na história, que parecem voar.

Figura 26 – Capa da história Uma Nova Lenda



Fonte: Disponível em <https://fanfiction.com.br/historia/720279/Guerra_e_Ordem/>, acesso em 11 de nov. de 2017.

Sendo uma história de ação e aventura, os fragmentos correspondentes ao amor e à intimidade ocupam apenas uma fração de toda a narrativa. Eles são listados no Quadro 5:

Quadro 4 – Relações de amor e intimidade na história Guerra e Ordem

	Amor Apaixonado	Amor Romântico	Amor Moderno
Definição de Amor			<p>– Shiiii – Malfoy cortou a frase – Potter, você não pode aceitar apenas uma parte de mim e tentar ignorar o resto. Nunca me obrigou a nada, eu sou livre pra fazer isso. Eu quero fazer isso.</p> <p>– Eu te amo, Draco. Não tento ignorar nada que tenha relação com você. E se te deixa feliz, então faça.</p> <p>Não fora tão difícil, no fim das contas, permitir que Draco curasse aquele ferimento no ombro. Ele estava certo: fazia parte dele. Harry não podia rejeitar uma de suas facetas e desejar apenas o resto.</p>
Efeitos do Amor	<p>Fios platinados esvoaçavam ao redor do corpo ondulante. A garota era esguia e elegante, as pernas torneadas escapavam por um rasgo na saia a cada passada. Os olhos cinzentos fixos em Harry lançavam faíscas. Era uma tentação.</p> <p>Harry fechou a cara. – Com certeza é. Eu vi aquele cara te dando o maior mole e você...</p> <p>Empurrou-o com força contra o peito do moreno e, com um movimento muito sensual dos quadris, deu meia volta e saiu pisando duro rumo às</p>	<p>– Eu sei. Não custava tentar – o ruivo sorriu fraco – Você está aqui enrolando, não é? Ta com medinho de enfrentar a doninha desbotada. – Ei... – Harry passou as mãos pelo cabelo – Não to com medinho! – Medão! – o sorriso aumentou na face pontilhada de sardas – O grande Harry Potter com medo de um filhinho de papai mimado. Ele é só um babaca que não consegue amadurecer, Harry. Se você pegar leve com Malfoy ele nunca vai mudar.</p>	<p>– Draco, espera. Não quis dizer isso... você sabe como eu me sinto. – Como se estivesse me usando? – o loiro rebateu amargo – Não sinta, Potter. É o que eu faço de melhor.</p> <p>Não. Aquilo estava em outro nível. Deixá-lo fazer aquilo não o tornaria muito diferente dos outros.</p> <p>Momentos como aquele não eram raros. Harry gostava de abraçar Draco, tocá-lo, tê-lo sempre consigo. O gênio singular o divertia, sua personalidade era difícil e cativante. O rapaz era uma antítese sedutora,</p>

<p>Efeitos do Amor</p>	<p>cabines. Harry Potter observou-o se afastar com um sorriso divertido nos lábios. Como adorava provocá-lo... então a voz de Ron o despertou.</p> <p>[Harry] estreitou os olhos na direção do amigo ruivo – Ron, sei que é difícil, mas... pode parar de olhar a bunda do Malfoy?</p> <p>– Mas que droga de obsessão repentina é essa pela bunda do Draco?! – sou mais irritado do que gostaria.</p> <p>E eu não tenho plano nenhum de ficar mofando naquela sua casa horrorosa. Muito menos com aquela ruiva insuportável que entra no cio toda vez que você está por perto.</p> <p>“Duas quimeras. Não. Duas quimeras brigando pelo território. Isso... foi exatamente assim que Draco Malfoy e Ginny pareceram quando se encontraram. Impressionante. Eu nunca acreditei em nada a primeira vista, mas que o Ministério afunde o Basilisco Alado se não foi um caso autêntico de antipatia a primeira vista... por um segundo pensei que os cabelos ruivos de Ginny iam se arrepiar em sinal de fúria... sorte que não aconteceu. Mas tive a primeira</p>	<p>Ainda rindo um tanto Harry observou seu novo passageiro. As roupas tinham ficado grandes, mas já imaginava algo assim. Pensou que podia usar um feitiço de ajuste e desistiu rápido da idéia. Draco Malfoy ficava tão fofo daquele jeito.</p> <p>Vingança não valia a pena, se fosse para trocar pela vida de alguém que amava. Ou matar um inocente.</p>	<p>independente do fato de ter ou não algum poder raro.</p>
-------------------------------	---	--	---

<p>Efeitos do Amor</p>	<p>percepção sobre o futuro de Draco Malfoy. Ele e Ginny nunca serão amigos.”</p> <p>Um deles, próximo demais de Draco, trouxe desespero ao moreno. Sabia o que era aquilo. Seu namorado estava recebendo o beijo... estava sendo dementado!</p> <p>Não era muito alta, tinha as curvas nos lugares certos. E seios enormes. A saia muito curta mais revelava do que escondias as coxas roliças. Harry percebeu que se não fechasse a boca ia começar a salivar.</p>		
<p>Modo de Relacionamento</p>	<p>– Potter, isso é meu! Harry riu: – Errado. Isso é meu. O loiro corou ainda com expressão emburrada. – Perverso. Tarado – desviou os olhos para o céu azul.</p>	<p>– Morro de medo dele. E, além disso, o único lugar seguro... – Draco percebeu o que ia falar e calou-se sem completar a frase fazendo Harry sorrir de lado. Intuíra o que ele diria. – O único lugar seguro...? Seria ao meu lado...?</p> <p>Ele ficou tão feliz que me deixou feliz. Decidi que seria mais do que um capitão pra Malfoy. Sua alegria em estar livre, ser dono de si mesmo e fazer parte de algo era contagiante. Não chegava a ser eufórico, mas me tocou. Decidi que seria seu protetor.</p> <p>Não que ele fosse ciumento. Apenas cuidava do que era seu.</p>	<p>A forma que ele disse aquilo, barganhando sua passagem, me fez sentir péssimo, como se eu fosse do nível de Voldemort e só quisesse aceitá-lo pelo que podia fazer. Tratei de afastar aquela probabilidade. Deixei claro que ele era livre pra fazer o que bem entendesse e que havia vaga na tripulação desde que ele aprendesse o máximo com Hermione para nos ser útil como um bruxo comum.</p> <p>– Sim, eu vou. Não manda em mim. – Sou seu capitão! – Harry se irritou. Os outros apenas acompanhavam a discussão em silêncio. Evidentemente estavam apreensivos pelo que se pretendia fazer – Claro que mando em você!</p>

Modo de Relacionamento			<p>– Capitão uma vírgula. Nesse minuto você é meu namorado. E eu vou entrar em Azkaban. Sei que me acha covarde, mas não temo esse lugar. Passei dez anos aproveitando a hospitalidade de Você Sabe Quem. Não tenho medo de escurinho.</p> <p>Por um segundo quase mudou de idéia. Não realizaria uma vingança se isso colocasse alguém que amava em perigo. A sensação passou tão fugaz quanto surgiu.</p>
Completo do Relacionamento		<p>Seguiu para a cabine principal. Era a que dividia com Draco Malfoy, seu namorado e amante. O loiro estava sentado sobre a cama, recostado à cabeceira e abraçando os joelhos. Não parecia chateado, mas irritado.</p> <p>– Você não é uma aberração, Draco – caminhou até a cama e sentou-se sobre o colchão. – Pois é assim que eu me sinto sempre que me rejeita.</p>	<p>– Não to me achando, Draco – chegou mais perto do loiro e segurou na cintura magra puxando-o para mais perto, colando os corpos – Eu prometo que nada vai dar errado, está bem? Confia em mim mais uma vez.</p> <p>Iria socorrer os membros de sua tripulação. Depois tentaria se ajeitar com o amante.</p> <p>O moreno até pensou em perguntar por que Draco nunca mencionara aquilo antes, no entanto mudou de idéia. Provavelmente ele acabara de se recordar do acontecido. Além disso, não podia exigir que o amante lhe contasse cada mínimo detalhe de sua vida.</p>

A história *Uma Nova Lenda*, de Kaline Bogard, é diferente das demais que analisamos, pois não tem como foco um relacionamento amoroso, mas sim a aventura e a ação, como a própria obra original. Entretanto, difere substancialmente da saga Harry Potter, pois Kaline constrói um universo próprio, onde os personagens e os acontecimentos não guardam aproximações com a obra que lhes deram origem.

A magia guia a trama, mas ao invés de retratar o dia-a-dia em uma escola de feitiçaria, Kaline descreve um mundo onde os bruxos navegam pelos céus em imensos barcos voadores, agindo como piratas ou marinheiros. Locais conhecidos da obra original, como a rua Travessa do Tranco e as residências mágicas *A Toca* e *Grimmauld Place* ganham novas funções, enquanto pontos de referência em histórias de bucaneiros: a Travessa passa a ser um *pub* e as casas tornam-se esconderijos de piratas. O Ministério da Magia, órgão público que governa e controla o mundo bruxo, é transformado numa frota de navios caça-piratas, enquanto o vilão Voldemort, citado na narrativa, parece ser um perverso bucaneiro, diferente dos piratas “do bem”, que formam o grupo do Basilisco Alado, rufiões subversivos que lutam contra a opressão do governo e o terror do bando de Voldemort.

A obra serpenteia por três eventos distintos: no presente, o capitão pirata Harry Potter e seu pequeno bando de marujos obtém ilegalmente um artefato mágico, o Mapa do Maroto, capaz de mapear em detalhes qualquer locação aonde estiver fisicamente presente, instrumento que possibilitará a Harry encontrar um traidor e executar sua vingança; no passado, retratado nas lembranças do capitão, os piratas invadem prisões estabelecidas por Voldemort e libertam seus preciosos prisioneiros; ao final, depois de desistir de sua vingança, Harry se dedica a uma nova missão: encontrar os quatro artefatos mágicos capazes de abrir Hogwarts e, então, permitir que os bucaneiros possam consultar o retrato mágico com as memórias do finado Albus Dumbledore.

O único *ship* descrito na história é entre Harry Potter e Draco Malfoy. Na cena inicial, Draco é descrito como uma mulher loira de grande beleza e sensualidade, que exerce forte atração, incluindo o próprio Harry, que a vê como “uma tentação”, como se lê no texto. A fim de roubar o Mapa do Maroto, no *pub*, Draco havia utilizado uma poção mágica capaz de fazê-lo assumir a forma feminina, possivelmente usando seus novos “dotes” para seduzir e enganar o antigo portador do artefato. Embora Harry pareça se divertir com a situação, é evidente o seu desejo e também o de seus próprios companheiros pela mulher, o que desperta o ciúme e a possessividade do protagonista, efeito característico do amor apaixonado, onde o desejo voraz pela pessoa amada é capaz de deturpar as emoções e a razão. A intensa atração sexual de Harry parece constranger um pouco Draco, que parece não saber lidar apropriadamente com isso,

como quando Harry decide guardar uma foto de Draco, em sua forma feminina, ao que o rapaz “corou ainda com expressão emburrada” e responde acusando o namorado de ser um “pervertido”.

A atração física, entretanto, não é o único aspecto da relação entre Harry e Draco. O casal reflete aspectos do amor romântico ao desenvolver planos para o futuro, além de intensificar o relacionamento, passando de atração para namoro, que foi mantido no transcorrer da história, indicando que o relacionamento evoluiria para casamento. Draco confessa que teme o vilão Voldermort, mas que o único “porto seguro” de sua vida é o amado, o que pode ser constatado pelo diálogo: “Draco percebeu o que ia falar e calou-se sem completar a frase fazendo Harry sorrir de lado. Intuíu o que ele diria. – O único lugar seguro...? Seria ao meu lado...?”.

Com essa dependência emocional parece que Harry tem dificuldades para desenvolver uma relação igualitária com Draco. Ora o trata como uma propriedade, quando a autora escreve: “Não que ele fosse ciumento. Apenas cuidava do que era seu”, ora toma decisões unilaterais de excluir o namorado de situações perigosas, quando diz: “Decidi que seria mais do que um capitão para Malfoy. [...] Decidi que seria seu protetor”. A fragilidade física e emocional de Draco força Harry a assumir a posição de seu cuidador e protetor, posição que ele tenta manter ainda depois de Draco ter se recuperado, após o episódio que marcou o encontro de deles, o sequestro de Draco pelo vilão Voldermort e o seu resgate empreendido por Harry.

Mas, Draco também sente ciúmes. No encontro de Draco com a jovem Ginny, logo após o seu resgate do cativeiro, Harry os chama de “duas quimeras brigando pelo território”. Ora, Ginny também sente atração por Harry, enfurecendo Draco a ponto de mesmo cruelmente dizer que a garota “entra no cio toda vez que [Harry] está por perto”.

Embora a ação e a aventura movimentem a trama, Kaline revela que as missões perigosas que as personagens desempenham contribuem para o desenvolvimento de ambos, o que perpassa a relação amorosa entre eles. O casal avança rumo ao amor moderno, passando por uma transformação em seu relacionamento, iniciada pela aceitação dos poderes mágicos de Draco. No início da trama, Harry reluta em deixar o amado utilizá-los, pois acredita que se aproveitar do poder de cura de Draco igualaria o capitão ao vilão que sequestrou o rapaz justamente por culpa de sua magia. A rejeição, ainda que motivada pelo instinto protetor de Harry, fere Draco silenciosamente.

Quando Harry reforça que Draco não é “uma aberração” por ter poderes incomuns mesmo para um bruxo, ele diz: “pois é assim que eu me sinto sempre que me rejeita”. Uma definição de amor moderno é então oferecida pelo loiro para seu capitão: “você não pode aceitar

apenas uma parte de mim e tentar ignorar o resto”. Diante disso, Harry confessa seus sentimentos pelo amado e inicia seu desenvolvimento rumo a um amor mais igualitário: “eu te amo, Draco. Não tento ignorar nada que tenha relação com você. E se te deixa feliz, então faça”. A cura de Harry pelas mãos do namorado se torna não apenas um alívio da dor física, mas também retorna à saúde o próprio relacionamento entre eles. A admissão final de Harry, após ser curado, mostra sua evolução, ao dizer que “ele estava certo: fazia parte dele. Harry Não podia rejeitar uma de suas facetas e desejar apenas o resto”.

A transformação do modo de amar também acompanha a intimidade do casal, quando Harry revela que não são apenas as características físicas do amado que o atraem, mas também sua personalidade, suas crenças e até mesmo seus mistérios, que Harry não consegue alcançar ou decifrar: “Harry gostava de abraçar Draco, tocá-lo, tê-lo sempre consigo. O gênio singular o divertia, sua personalidade era difícil e cativante. O rapaz era uma antítese sedutora, independente do fato de ter ou não algum poder raro”.

Ao aceitar o uso da magia de cura de Draco e igualar suas posições, o relacionamento torna-se mais intenso, mais do que qualquer troca de votos que pudessem realizar. A obsessão e a possessividade dão lugar ao entendimento e ao respeito pelo espaço do outro, de forma que, posteriormente, Harry aceitaria sem titubear o fato de que Draco escondia uma parte de seu passado, mesmo antes do cativeiro. Percebendo que essas memórias eram assunto delicado, “o moderado até pensou em perguntar por que Draco nunca mencionara aquilo antes, no entanto mudou de ideia”, e admite que “não podia exigir que o amante lhe contasse cada mínimo detalhe de sua vida”, atitude visivelmente diferente do relacionamento ciumento que ambos desenvolviam antes.

Ao atracarem na perigosa ilha de Azkaban, Harry tenta retornar à posição de guardião que tomara antes, tentando impedir Draco de acompanhá-lo, mas é facilmente refutado pelo outro, que assume uma maior autonomia na relação: “sim, eu vou. Não manda em mim”, declara ele, colocando o relacionamento acima até mesmo da hierarquia da tripulação: Draco não é apenas um membro do grupo, mas também divide seu amor com Harry, de forma que suas decisões precisam ser conjuntas, não na forma de ordens. Ao invés de assumir que o outro cumpra com seus desejos, Harry e Draco tentam alinhar suas opiniões antes de tomar decisões, o que pode ser constatada quando Harry diz: “confia em mim mais uma vez”, antes de iniciar a próxima parte de seu plano.

Essa transformação do relacionamento parece surtir efeitos até mesmo na aventura da trama, quando Harry decide acreditar que Sirius é inocente e desistir de seus planos: “vingança não valia a pena, se fosse para trocar pela vida de alguém que amava”. Essa reflexividade, que

salva a vida de Sirius e dos protagonistas, é derivada de seu relacionamento, que se torna mais poderoso que a luta cega de Harry pela morte do suposto traidor que condenara sua família.

A quebra da obsessão apaixonada e da dependência emocional de Harry por Draco também faz com que o capitão se torne um líder melhor, capaz de priorizar suas atividades e tratar de maneira mais igualitária seus próprios subordinados. Após a perigosa fuga de Azkaban, Harry decide que primeiro “iria socorrer os membros de sua tripulação. Depois tentaria se ajeitar com o amante”, atitude oposta do início da trama, quando Harry se preocupa mais com a segurança de Draco do que sua própria vida.

Como duas metades se encaixando, a história termina de maneira similar ao prólogo: Draco novamente está se passando por uma voluptuosa loira em um perigoso *pub*, em busca de um artefato raro. Entretanto, a relação entre eles não é mais a mesma: Harry não parece mais ter o ciúme obsessivo que tinha antes, nem tenta proteger Draco à toda custa. Ambos firmam um relacionamento moderno e saudável, capaz de enfrentar o novo desafio de encontrar as quatro chaves de Hogwarts.

Por se tratar de uma história longa e completa, além de ser escrita por uma autora de grande reputação dentro da comunidade, Uma Nova Lenda foi a obra com mais comentários, acumulando cento e dezoito mensagens dos leitores. Por ser uma obra de 2011 e finalizada no ano seguinte, o sistema de recomendações ainda não existia durante a publicação da história, e os leitores posteriores à finalização não quiseram utilizar a ferramenta, ainda que a obra tenha recebido comentários até 2017 e ainda fosse citada nos tópicos do grupo do *Facebook*, cinco anos depois de sua finalização.

Interpretantes emocionais, entretanto, são raros nos comentários deixados pelos leitores e se restringem ao carinho pelas personagens e suas caracterizações, como em “eu adoro quando o Harry é o pervertido tarado que faz o Draco ceder a cada uma das suas vontades!”, “eu simplesmente adoro esse Harry possessivo e ciumento que está se mostrando no decorrer dos capítulos”, “esse loirinho é meu”, além de alguns comentários elogiando a autora e a história, como “ah, adoro sua fic!”.

Os interpretantes lógicos emergem nos primeiros capítulos, conforme os comentaristas procuram pontos de referência entre a obra original e o “universo alternativo” criado pela autora, o de bruxos em uma escola a piratas nos ares, como em “quero saber o que tanto Harry procura, tenho a impressão que quer tirar certo cachorro de sua prisão, mas é só uma ideia”, “eu acho muito legal como você fez com que a personalidade do Draco e do Harry continuasse as mesmas, mas que tenha ainda um romance no ar, adoro isso nessa história”, além da rejeição do enredo, como em “deu pra perceber que tem mesmo muito clichê, pq Draco de mulher [...],

ficou insosso e péssimo”. Ao final da obra, a decisão de abrir mão da vingança e iniciar uma nova aventura fez emergir novos interpretantes lógicos, como no comentário “finalmente o Harry percebeu que vingança não leva a nada... Ela sempre traz tristeza e mais tristeza, um precipício sem fim” e “vingança somente traz rancor e ódio.... Justiça soa melhor”. A invasão da prisão de Azkaban pelos piratas também despertou comentários sobre a relação mais madura dos personagens, como na mensagem “o Draco todo todo ‘Tu não manda em mim não o guri com cicatriz’, ahahahha”, “Draco não iria deixar Harry sozinho em Azkaban, o que significa que o loirinho ama muito o Harry” e “o Draco não é nenhuma mocinha indefesa”.

Os interpretantes energéticos tomam a maior parte dos comentários, conforme os leitores se envolvem com as cenas de ação e extravasam sua aflição com os desdobramentos da história, principalmente quando os capítulos terminam no meio de alguma situação perigosa ou aparentemente sem escapatória, situação traduzida no comentário “como é que você me parou nesse momento crucial? O loiro não pode sofrer porque eu sou junto e fico com vontade de azarar a autora malvadinha”, “por favor que nada de mal aconteça com Draco... Senão alguém sofrerá... Estou roendo as unhas aqui” e “depois do Draco quase falar que o único lugar seguro seria ao lado do Harry eu desisti da vida. Por que esses OTPs ficam me fazendo sofrer?”.

A partir dos interpretantes mencionados constatamos que mesmo em uma história em que o amor não é o tema principal, ele é tratado como parte da aventura de magos e piratas, a história produz efeitos em nuances de primeiridade, secundidade e terceiridade propriamente dita, que permeiam a terceiridade no que se refere ao amor e à intimidade.

4.6. Aspectos gerais das histórias colhidas

A partir da leitura de todas as treze histórias selecionadas, construímos um quadro geral que permite identificar como tais histórias podem ser distribuídas, conforme as modalidades de amor e também de acordo com os trechos das histórias sobre definições e efeitos do amor, modos de relacionamento e completude. Desta vez, ao invés de categorizar os trechos específicos das histórias, identificamos a presença dos elementos daquela categoria na obra e colocamos seu título no quadro (Quadro 6).

Quadro 6 – Relações de todas as histórias a serem analisadas

	Amor Apaixonado	Amor Romântico	Amor Moderno
Definição de amor	Sometimes love's not enough A Maldição Black Uma Nova Lenda Malfeito Feito Guerra e Ordem	A Maldição Black Uma Nova Lenda Malfeito Feito Será que os fins justificam os meios? Rosas para Rose Guerra e Ordem	Uma Nova Lenda Guerra e Ordem
Efeitos do amor	Sometimes love's not enough Minha Fraqueza A Maldição Black Double Age Uma Nova Lenda Malfeito Feito Harry Potter – Novos Caminhos Opostos Será que os fins justificam os meios? Rosas para Rose Guerra e Ordem	Sometimes love's not enough A Maldição Black Double Age Uma Nova Lenda Malfeito Feito Harry Potter – Novos Caminhos Opostos Será que os fins justificam os meios? Rosas para Rose Guerra e Ordem	Uma Nova Lenda
Modo de relacionamento	Sometimes love's not enough Minha Fraqueza A Maldição Black Double Age Uma Nova Lenda Malfeito Feito Opostos Será que os fins justificam os meios? Guerra e Ordem	Sometimes love's not enough A Maldição Black Alvo Potter e a Sala dos Espelhos Double Age Castelobruxo Uma Nova Lenda Malfeito Feito Opostos Será que os fins justificam os meios? Rosas para Rose Guerra e Ordem	Minha Fraqueza Uma Nova Lenda Malfeito Feito Harry Potter – Novos Caminhos Será que os fins justificam os meios? Guerra e Ordem
Completo do relacionamento	Sometimes love's not enough A Maldição Black Malfeito Feito Guerra e Ordem	Sometimes love's not enough A Maldição Black Alvo Potter e a Sala dos Espelhos Double Age Castelobruxo Uma Nova Lenda Malfeito Feito Harry Potter – Novos Caminhos Será que os fins justificam os meios? Rosas para Rose Guerra e Ordem	Minha Fraqueza Uma Nova Lenda Malfeito Feito Será que os fins justificam os meios?

Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa distribuição geral, é possível inferir alguns padrões: a maior parte das menções ao amor e à intimidade ocorre dentro do padrão do amor romântico, principalmente quanto ao *status* dos relacionamentos ao fim das obras: um final feliz, para grande parte dos autores, envolve parear os protagonistas em algum tipo de relacionamento bem definido, como um namoro, um noivado ou o próprio casamento. A constituição da família também marca forte presença na maioria das obras pois, assim como no *Harry Potter* original, os *Fan Fiction* terminam com a presença dos filhos dos protagonistas, quase sempre como um ritual de “passagem da tocha” da vida de aventuras mágicas para a próxima geração.

Ao definir o amor, somente Guerra e Ordem arrisca a fazê-lo dentro do relacionamento igualitário e frágil do amor moderno, a maior parte das definições de amor o atam ao desejo sexual ou à constituição da família. Os efeitos de amor moderno também são pouco explorados, a maior parte das histórias usando as palpitações, calores e rubores do amor romântico e o desejo irrefreável e a obsessão do amor apaixonado. De maneira interessante, as histórias que mais exploram o amor moderno são as que contém relacionamentos homossexuais, como *Uma Nova Lenda*, ou que focam em fortes personagens femininas do universo *Harry Potter*, como a jovem Hermione Granger, a inteligente, séria e politizada co-protagonista da obra original. Somente *Rosas para Rose* se mantém quase inteiramente restrita a um único tipo de amor.

O interesse dos escritores de explorar várias modalidades de amor e a teia de crenças da comunidade que produz e compartilha obras tão diversas é um dos principais motivos que tornam o *Nyah! Fanfiction* uma plataforma interessante para examinar a produção de conhecimento em grupo.

5. Considerações Finais

Em *Harry Potter*, o Departamento de Mistérios do Ministério da Magia tenta desvendar os segredos das forças místicas que permeiam o mundo. Nas profundezas do departamento, uma sala permanentemente selada, guarda o maior e mais poderoso desses segredos, um poder belo e, ao mesmo tempo, mais terrível que a própria morte: o amor. É por meio dele que uma mãe se sacrifica por seu filho, que um menino arrisca sua vida para derrotar um monstro, que pessoas diferentes conseguem se unir por um objetivo comum.

Como os sábios magos, os jovens membros da comunidade *Nyah! Fanfiction* se reúnem diariamente para investigar esse mistério. A partir da paixão por seus *One True Pairings* – seus casais favoritos –, os membros dessa comunidade produzem romances que, em certa medida, refletem suas crenças sobre o amor. Para além do objetivo da nossa pesquisa, talvez esteja o interesse em desvendar esse mistério.

Os amores que se atualizam nos *Fan Fictions* selecionados na *Nyah! Fanfiction*, a partir de citações na plataforma *Facebook* demonstram que diferentes modos de amor se amalgamam nas histórias. O amor romântico, entretanto, revelou-se como o preferido pela comunidade, ou seja, os relacionamentos voltados para o futuro, em que os amantes passam por transformações em busca de um “para sempre” juntos, ainda permeia as crenças e concepções dos escritores/fãs. Ao mesmo tempo, os efeitos do amor apaixonado também permeiam quase todos os relacionamentos que se atualizam nas histórias, destacando que a paixão arrebatadora e irracional, perigosa pelo seu desafio às regras sociais, faz parte do que os escritores da *Nyah! Fanfiction* compreendem por amor.

O amor moderno aparece em seis dos treze romances, mas apenas duas delas ousam defini-lo. Em *Guerra e Ordem*, o amor é apresentado como uma relação que prima pelo cuidado com o outro e respeito mútuo, enquanto em *Uma Nova Lenda* o amor moderno é aquele que permite a aceitação completa do outro, com todas as suas particularidades. Assim como Giddens previra, os relacionamentos homossexuais aproximam-se mais do amor puro, com todas as histórias com *One True Pairings* homossexuais, realizando, de alguma forma, o amor moderno proposto pelo sociólogo.

Entretanto, mesmo os amores modernos são permeados por conceitos próprios do amor apaixonado e amor romântico. A relação gradual de intimidade – passando do namoro ao noivado e, após, ao casamento – é retratada em todas as histórias e está presente até mesmo no amor moderno compartilhado por Harry Potter e Draco Malfoy em *Uma Nova Lenda*. As relações desiguais também figuram entre as características atualizadas nos amores da

comunidade *Nyah! Fanfiction*, nas quais um dos amantes configura-se como protetor ou ativo, enquanto o outro é protegido passivamente. Em *Uma Nova Lenda*, essa dinâmica é superada e o relacionamento igualitário é visto como uma evolução e amadurecimento dos amantes, enquanto em *Guerra e Ordem*, o amor moderno que Vênus tenta firmar com Remus é completamente substituído por um amor romântico entre ela e Sirius, ainda que a independência e força da jovem sejam exaltadas pelo amante, ao mesmo tempo em que o amor de Lily e James só é efetivado quando passa a ser moderno, baseado na reflexividade e na partilha de crenças, ainda que permeado pela noção de casamento e constituição da família do amor romântico.

Assim, alcançamos os objetivos específicos postulados previamente, delineando as categorias de análise a partir da leitura das produções da comunidade e das teorias sobre transformações do amor, discutindo essas transformações e explicitando o conceito de Comunidade de Inquirição. A partir da metodologia de coleta e categorização dos tópicos encontrados no grupo e da análise dos trechos categorizados das histórias e dos comentários deixados pelos leitores, explicitamos o processo de produção e interação dos usuários da comunidade *Nyah! Fanfiction* e avaliamos em que medida esse grupo se aproxima de uma Comunidade de Inquirição, conforme proposto por Peirce.

Constatamos quando da análise dos comentários postados pelos leitores que os efeitos dos romances analisados são diversificados e podem ser classificados como interpretantes emocionais, energéticos e lógicos, as três modalidades de interpretantes dinâmicos, que são os concretos, que se atualizam, de fato. Sendo assim, na semiose, ou na ação desses signos, o pensamento abarca as três nuances da terceiridade. Alguns romances, predominantemente, geraram interpretantes emocionais, como *Rosas para Rose*, ou os interpretantes enérgicos, em *Uma Nova*, bem como a reflexividade em *Minha Fraqueza*. Alguns comentaristas relataram efeitos mais explícitos, como um interesse em histórias de algum *ship* específico depois de lerem uma das obras, ou a curiosidade sobre obras do gênero *yaoi* (relacionamento homossexual masculino) depois de lerem *Uma Nova Lenda* ou *Minha Fraqueza*.

A plataforma *Facebook* e o site do *Nyah! Fanfiction* complementam-se, de modo que a comunidade na rede social não apenas permite a comunicação entre os fãs, mas também atua como uma memória coletiva da comunidade, divulgando as histórias preferidas e auxiliando os que querem encontrar produções que preenchem requisitos específicos, o que contribui para firmar uma Comunidade de Inquirição. Embora não tenhamos encontrado histórias “sob encomenda” pelos membros do grupo no universo *Harry Potter*, a presença de tópicos que disponibilizam esse serviço e o fato de algumas histórias, como *Rosas para Rose* e *Minha Fraqueza*, terem se originado de “desafios” temáticos propostos dentro do grupo do *Facebook*

revelam que a relação entre as duas plataformas é estreita e que o conteúdo não é estático, mas se movimenta livremente de acordo com o interesse e a necessidade dos fãs.

A construção e avaliação conjunta das histórias aproxima o *Nyah! Fanfiction* da Comunidade de Inquirição proposta por Peirce, ainda que não se trate de integrantes filósofos ou cientistas. A dúvida é o princípio guia do *Fan Fiction* por excelência, pois toda obra inicia com o questionamento sobre como seria tal história, caso esse ou aquele elemento da obra original fosse modificado, de forma que a produção do *Fan Fiction* se torna uma forma de inquirição. O fato do *Fan Fiction* ser produzido em conjunto com os fãs e de gerar interpretantes emocional, energético e lógico em relação ao amor, principalmente, faz com que haja transformação de conhecimentos, além do aprimoramento da língua formal ou ao desenvolvimento de habilidades relativas à literatura de ficção, que podem contribuir para mudança de concepções e crenças, levando, com o passar do tempo, a mudanças de hábitos relativas às manifestações do amor. Assim, como comunidade, o *Nyah! Fanfiction* revela-se um terreno fértil para a inquirição.

Ao mesmo tempo, ao se aproximar da comunidade de inquirição proposta por Peirce, um de seus aspectos essenciais se faz presente: embora esteja baseada em uma plataforma digital, sem contato físico entre seus membros, trata-se de uma comunidade real, capaz de se comunicar por signos, e não meramente de um grupo “virtual” de jovens escritores. Os interpretantes que emergem a partir da produção, debate e leitura das obras são tão reais como os que emergem de atividades fora do ambiente digital, assim como as mudanças de hábitos que se revelam possíveis para os membros do *Nyah! Fanfiction* são mudanças reais, capazes de alterar suas vidas dentro e fora da comunidade.

Com isso, a questão que guiou nossa pesquisa encontrou uma resposta. A comunidade *Nyah! Fanfiction* aproxima-se de uma comunidade de inquirição, de um lado, pelo fato de que os produtos são gerados a partir de um desafio, de uma proposta à reflexão, à imaginação envolvendo, no caso, o universo de Harry Potter; de outro, porque mostramos os interpretantes que os romances geram nos fãs e que nos autorizam a inferir o quanto as crenças e concepções permeiam a semiose – coletiva, dos fãs – na comunidade. Com o tempo e o envolvimento continuado desses fãs podem advir as mudanças de hábitos em relação ao amor.

Em *Guerra e Ordem*, elementos do cotidiano dos escritores, como o direito das mulheres, a violência sexual, os dramas dos relacionamentos adolescentes e outros elementos são explorados e, por conseguinte, avaliados e comentados por outros fãs. Esse movimento de ideias faz da comunidade do *Nyah! Fanfiction*, um espaço fértil para a reflexividade própria da modernidade, onde as crenças dos jovens fãs podem ser colocadas em prática na voz e nas ações

de seus personagens e, então, questionados pelos outros fãs. Na segurança da ficção, esses jovens fãs extravasam suas dúvidas e crenças, obtendo respostas valiosas que podem afetar suas decisões no mundo real. Ao contrário, os jovens/fãs também podem explorar seus desejos e interesses sem se preocupar com as consequências, como na obra *Sometimes love's not enough*, onde o relacionamento extraconjugal e destrutivo de Draco e Hermione é apresentado sem juízo de valor, mas como mera fantasia.

Outras formas de amor de amor permeiam as histórias, como a relação fraternal entre James, Sirius e Remus, em *Guerra e Ordem*; o amor de Hermione e Vênus pelos filhos em *Sometimes love's not enough* e *Guerra e Ordem*, respectivamente, e a relação fraternal entre Sirius e Harry e o carinho que Harry mantém por Ron e Hermione em *Uma Nova Lenda*. Essas formas de amor não são contempladas nas modalidades delineadas por Giddens. O relacionamento familiar, não explorado explicitamente nas histórias selecionadas, mas que permeia toda a obra de *Harry Potter*, não é contemplada nas especificidades do amor moderno, proposto por Giddens, pois no relacionamento frágil e igualitário da reflexividade moderna não encontra espaço na relação de dependência entre pais e filhos.

Assim sendo, a partir da nossa experiência com essa pesquisa, sugerimos a realização de pesquisas sobre as transformações do amor nessas comunidades com categorias advindas da psicanálise ou da psicologia, ou ampliando-se o *corpus* com produções de outras modalidades, que não os romances. Embora *Harry Potter* possua elementos de romance, esse não é o foco da trama, de forma que a exploração de histórias de um fandom de uma obra romântica como *Crepúsculo* ou *Instrumentos Mortais* permitiria comparar as modalidades de amor produzidas pelos leitores com a própria peça original, explicitar se os membros da comunidade reproduzem o amor encontrado na obra que deu origem ao *Fan Fiction*, ou se as mudanças de hábitos causadas pelas trocas de ideias na comunidade estão em curso a ponto de produzirem obras com outras modalidades de amor e relacionamento.

Por fim, consideramos que a metodologia aplicada para buscar e classificar os tópicos e, a partir deles, selecionar histórias para análise se revelou útil para analisar a comunidade *Nyah! Fanfiction*, de forma que poderia ser aplicada em outras comunidades de escrita coletiva, permitindo a comparação entre os grupos de *Fanfiction*, para assim avaliarmos se podem ser vistos também como uma Comunidade de Inquirição, guardadas algumas ressalvas. As mensagens dos fãs são dados que permitem estudar os processos de recepção das histórias, ou ainda, com a análise desses dados é possível elencar e classificar os interpretantes gerados pelas histórias na comunidade de fãs, ou seja, geram efeitos emocionais, reativos ou desencadeiam a reflexão que pode culminar com mudanças de crenças, concepções e hábitos.

Sendo assim, a contribuição para a área de Comunicação e Informação está na possibilidade de construirmos novos olhares para os processos de produção e de interação de fãs que essas comunidades virtuais levam adiante e que podem propiciar transformações de práticas socioculturais, uma vez que são crenças e concepções dos fãs que fluem pela comunidade e, portanto, são submetidas à prova. Vale enfatizar que, seguindo o pensamento peirceano, haveria, e vale crer nisso, por parte dos fãs, a busca por sentimentos, ações e ideias razoáveis para a comunidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ludmilla Modesto; LIMA, Sóstenes César De. Análise da comunidade discursiva leitora e escrita de Fanfictions. **ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE O cenário econômico nacional e os desafios profissionais**, v. 1, n. 1, p. 1–44, 2016.
- APEL, Karl-Otto. **Charles S. Peirce: From pragmatism to pragmaticism**. Amherst: Humanity Books, 1995.
- APEL, Karl-Otto. **El camino del pensamiento de Charles S. Peirce**. Madri: La balsa de la Medusa, 1997.
- ARAÚJO, Maria Clara Bezerra De. **Fanfictions como redes de sociabilidade: afeto, mídia e futebol em histórias inspiradas no jogador David Luiz**. 2016. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- ATKIN, Albert. **Charles Sanders Peirce: Pragmatism**, 2004. Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/peircepr/>>. Acesso em: 14 set. 2017.
- BACON-SMITH, Camille. **Enterprising women: Television fandom and the creation of popular myth**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992.
- BACON-SMITH, Camille. **Science Fiction Culture**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.
- BARBOZA, Catarina Maitê Macedo Machado. **Invadindo as Masmorras – Apropriações Criativas, Autoinserção (Fan)Ficcional e a Emergência de uma Intersubjetividade Discursiva: uma etnografia do grupo Snapetes à luz do pensamento bakhtiniano**. 2016. Tese de Doutorado - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BLACK, Rebecca. **Adolescents and Online Fan Fiction**. Nova York: Peter Lang, 2008.
- BRENT, Joseph. **Charles Sanders Peirce: A Life**. Bloomington: Indiana University Press, 1988.
- CAVALCANTI, Larissa. Leitura nos gêneros digitais: abordando as fanfics. **Anais do III Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Educação**, v. 1, n. 1, p. 1–15, 2015.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain; SUSSEKIND, Carlos. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números**. 27. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2015.
- COPPA, Francesca. A Brief History of Media Fandom. In: **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**. 1. ed. Jefferson: McFarland & Co., 2006.
- DAVID, Rosalie. **Voices of Ancient Egypt: Contemporary Accounts of Daily Life**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2014.
- DERECHO, Abigail. Archontic Literature: A Definition, a History, and Several Theories of Fan Fiction. In: **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**. 1. ed. Jefferson: McFarland & Co., 2006.

DISCROLL, Catherine. One True Pairing: The Romance of Pornography and the Pornography of Romance. In: **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**. 1. ed. Jefferson: McFarland & Co., 2006.

DUNNE, G. **Lesbian Lifestyles: Women's Work and the Politics of Sexuality**. London: MacMillan, 1997.

FEIBLEMAN, James. The Relation of Peirce to New England Culture. **American Journal of Economics and Sociology**, v. 4, n. 1, p. 99–107, 1944.

FERREIRA, Pollyana Zati. O ethos pretensioso nos manuais de como fazer fanfictions: uma abordagem discursiva. **Domínios de Linguagem**, 1. v. 10, 1, p. 131–145, 2016.

FIDELIS, Ana Cláudia Silva; AZZARI, Eliane Fernandes. Literatura, Ciberliteratura e a formação de Alunos-Leitores: diálogos com o cânone e a ficção de fãs. **Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato**, 53. v. 1, n. 1, 53, p. 547–565, 2016.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GONÇALVES, Pollyana Zati Ferreira. **O funcionamento da comunidade discursiva constituída em torno das fanfictions**. 2016. Dissertação de Pós-Graduação - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

HOLLENBACH, Ruth. Charles S. Peirce on “Community”. **The American Review**, v. 1, n. 7, p. 169–185, 1973.

HOOKEYWAY, Christopher. **Peirce**. Abingdon-on-Thames: Routledge, 1992.

JAMIELSON, Lynn. Intimacy transformed? A critical look at the “pure relationship”. **Sociology**, v. 33, n. 3, 1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KATZ, Arnie. **The philosophical theory of fan history**, 2006. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080820021335/http://www.smithway.org/fstuff/theory/phil1.html>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

KURDEK, L. The Allocation of Household Labour in Gay, Lesbian, and Heterosexual Married Couples. **Journal of Social Issues**, v. 1, n. 49, p. 127–140, 1993.

LARBALESTIER, Justine. **The battle of the sexes in science fiction**. Middletown: Wesleyan University press, 2002.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

LICHTENBERG, Jacqueline; MARSHAK, Sondra; WINSTON, Joan. **Star Trek Lives!** Nova York: Bantam Books, 1975.

LONGMAN, Tremper. **Songs of Songs**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001.

MELO, Uilma Matos dos Santos. **Práticas de leitura literária, no ambiente escolar, em face da cultura da convergência**. 2017. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MITTERAUER, Michael; SIEDER, Reinhard. **The European Family**. Oxford: Blackwell, 1982.

MORAES, Vinícios De. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

NANCY, Cott. **The bonds of womanhood**. New Haven: Yale University Press, 1977.

PEIRCE, Charles S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vol. I-VI. C. Hartshorne et P. Weiss (eds.), Vol. VII-VIII Arthur Burks (ed.). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. Referenciado como CP, seguido do número do volume, ponto, e número do parágrafo.

_____. **The Essential Peirce**. Vol I-II. N. Houser et C. Kloesel (eds.). Bloomington: Indiana University Press, 1992-1998. Referenciado como EP, seguido do número do volume, ponto, e número da página.

_____. **Philosophical Writings of Peirce**. Vol I. J. Buchler (ed.). Nova York: Dover Publications, 2011. Referenciado como WP, seguido do número do volume, ponto final, e número da página.

PERKINS, Stephen. **Approaching the '80s Zine Scene: A Background Survey & Selected Annotated Bibliography**, 1992. Disponível em:
<<http://www.zinebook.com/resource/perkins.html>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

PESCHEL, Bill. **Sherlock Holmes Victorian Parodies and Pastiches: 1888-1899**. North Charleston: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015.

PLACIDO, Carlos Eduardo de Araujo. Gêneros e Subgêneros Fanficcionalis. **Rehutec**, v. 5, n. 1, p. 179–191, 2016.

POHL, Frederik. The publishing of science fiction. In: **Science fiction, today and tomorrow**. Nova York: Harper and Row, 1974.

PORTO, Cristiane de Magalhães; BENIA, Renata Tavares; LIMA, Daniella de Jesus. “Unleash your imagination”: os fandoms e a contribuição das fanfictions para o contexto educacional baseada no caso da narrativa de HIM. **Acta Scientiarum. Education**, v. 38, n. 4, p. 373–382, 2016.

PRUCHER, Jeff. **Brave New Words: The Oxford Dictionary of Science Fiction**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

RADWAY, Janice. **Reading the romance: Women, patriarchy, and popular literature**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.

REIS, Beatriz Costa. **Fanfiction de Harry Potter no Brasil: o desenvolvimento da produção do gênero por autores brasileiros**. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de São Paulo, São José do Rio Preto, 2015.

RUSSEL, Bertrand. **Wisdom of the West**. Londres: MacDonal London, 1959.

RYAN, Mary. **The Cradle of Middle Class**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

SANTAELLA, Lucia. O estado da arte dos estudos sobre Peirce: um breve panorama. **Cadernos da 2ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos, PUC/SP**, p. 6–10, 1999.

SANTOS, Gabrielle Leite Dos. **Relações Dialógicas em fanfictions: carnavalização na reescrita da saga Harry Potter na era da Convergência**. 2016. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. São Paulo: Jähr, 2001.

VERBA, Joan M. **Boldly Writing: A Trekker Fan and Zine History 1967-1987**. Minnetonka: FTL Publications, 1996.

WAAL, Cornelis De. **Sobre Pragmatismo**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2007.

WALKER, Cynthia W. **A dialogic approach to creativity in mass communication**. 2001. Tese de PHD - Rutgers University, New Brunswick, 2001.

WATT, Ian. **The rise of the novel**. Berkeley: University of California, 2001.

WESTON, K. **Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship**. Nova York: Columbia University Press, 1991.

WILSON, James D. Tirso, Molière, and Byron: The Emergence of Don Juan as Romantic Hero. **Studies by Members of SCMLA**, v. 32, n. 4, p. 246–248, 1972.

ANEXO A – GLOSSÁRIO

O seguinte glossário foi desenvolvido para facilitar a decodificação dos diversos jargões utilizados no decorrer do trabalho. As entradas foram compostas por nós a partir da observação do uso dos termos dentro das comunidades. Para demarcar os diferentes jargões, utilizamos a notação *ff.* (*Fan Fiction*) para termos compartilhados por todos os grupos de escrita amadora, como, por exemplo, o próprio termo *Fan Fiction*; e a notação *hp.* (*Harry Potter*) para o jargão específico dessa comunidade. Alguns termos são formados por palavras em inglês, cuja tradução direta fornece pistas quanto ao seu significado, utilizamos a notação *lit.* (literalmente) para demarcar essas traduções. Para evitar a repetição de definições, sinônimos possuem a notação *cf.* (confira) para direcionar o leitor à entrada principal relativa ao termo.

A Criança Amaldiçoada *hp.* Peça teatral que expande o universo original de *Harry Potter*, tem a escritora original da saga, J.K. Rowling, como co-autora. Utiliza como protagonistas os filhos dos personagens originais, focando em *Albus Severus Potter* e *Scorpius Malfoy*.

Albus Dumbledore *hp.* Personagem secundário de *Harry Potter* e diretor da escola de magia frequentada pelos personagens. Um bruxo muito velho e sábio, Albus constantemente aconselha os protagonistas em suas batalhas, mas raramente se envolve diretamente nos conflitos. Durante o quinto livro da saga, atua também como uma espécie de general na batalha contra *Voldemort*, dirigindo um grupo de guerrilheiros bruxos. Seus inúmeros segredos são desvendados ao pouco durante a história, revelando a relação entre Harry Potter e Voldemort, o mistério da sobrevivência miraculosa de Harry, seu papel na batalha e muitas outras reviravoltas vitais para o desenrolar da trama.

Albus Severus Potter *hp.* Filho de *Harry Potter* e *Ginny Weasley*, é o filho do meio do casal. Seu nome é uma homenagem ao diretor da escola de magia e mentor de Harry, além do amargo professor que serviu de espião durante a guerra. Ao final da obra original, ele tem 11 anos e está ingressando na escola de magia. Nos acontecimentos da peça teatral “*A Criança Amaldiçoada*”, Albus é um dos protagonistas e se vê distante da família, com apenas o garoto *Scorpius Malfoy* como seu amigo.

Alvo Dumbledore *hp.* Tradução brasileira de *Albus Dumbledore* (*cf.*)

Angst *ff. Lit.* “Angústia”. Gênero de *Fan Fiction* focado em acontecimentos deprimentes, dramáticos, como mortes, separações, doenças, etc.

Animais Fantásticos & Onde Habitam *hp*. Obra que expande o universo original de *Harry Potter*, foi primeiramente lançado na forma de um livro que imitava o bestário utilizado nas aulas da escola de magia pelos personagens. Posteriormente foi adaptado como uma série de filmes focada na vida do autor do livro, *Newton Scamander*.

Bellatrix Lestrange *hp*. Uma das antagonistas de *Harry Potter*, é uma Comensal da Morte famosa por seu extremo sadismo. Em *A Criança Amaldiçoada*, aparece como amante de *Voldemort*.

Beta *ff*. Membro oficial ou informal que lê os capítulos de um autor antes de serem publicados, de forma a corrigi-los (adequando a obra à ortografia e gramática padrão) ou ainda fornecendo sugestões ao autor sobre o desenvolvimento da história, os rumos dos personagens e a composição das cenas e dos diálogos. Algumas comunidades possuem painéis oficiais de *leitores beta* cadastrados, outras o serviço ocorre de maneira completamente informal. A maior parte dos autores desenvolve uma relação de confiança com seu *leitor beta*, de forma que o *beta* geralmente se mantém o mesmo durante toda a “carreira” do autor, similar ao trabalho de um editor literário tradicional. O termo é apropriado do jargão da produção de *software*, onde os *usuários beta* testam os protótipos em busca de falhas técnicas ou sugerem melhorias quanto ao uso e comportamento do programa. A atividade de realizar a leitura *beta* é chamada, em português, de *betagem*.

Canon *ff*. *Lit.* “Cânone”. É o corpo original da obra a que o *Fan Fiction* faz referência, como um livro, filme, *video-game* ou até mesmo a vida real de uma personalidade pública. O termo pode ser utilizado para demarcar que uma determinada história não entra em conflito com os acontecimentos mostrados na obra original, ou para distinguir conceitos, acontecimentos e caracterizações exibidos no original dos que já se tornaram parte das referências coletivas do *Fan Fiction* (*fanon*).

Challenge *ff*. *Lit.* “desafio”. Jogo típico das comunidades de *Fan Fiction* que funciona como um concurso literário. Um grupo de membros serve como painel de jurados e determina diversas etapas de provas eliminatórias envolvendo a escrita de *Fan Fiction* seguindo temas, *ships* e/ou formatos específicos. Os prêmios finais geralmente são na forma de ilustrações gráficas (capas) para alguma história do autor, revisões (*betagem*) ou divulgação das obras dos vencedores. Algumas plataformas de *Fan Fiction* oferecem *challenges* oficiais, onde os vencedores podem ganhar visibilidade especial na plataforma, mas em sua maioria são pequenos desafios promovidos por membros comuns da comunidade.

Comensais da Morte *hp*. Os seguidores de *Voldemort*, antagonistas em *Harry Potter*. São caracterizados por uma tatuagem em forma de caveira no braço.

Darkfic *ff*. Gênero de *Fan Fiction* focado em acontecimentos ruins e assustadores, como mortes, violência, estupros, finais infelizes, etc.

Delphini Riddle *hp*. Antagonista em *A Criança Amaldiçoada*, é a filha de *Voldemort* com *Bellatrix Lestrange*.

Disclaimer *ff*. Pequeno texto em linguagem legal que é publicado no topo ou rodapé de diversos *Fan Fiction*, deixando claro que o autor não produziu a obra com fins lucrativos e que reconhece que todos os personagens e nomes pertencem ao autor e/ou aos detentores da marca registrada. É utilizado na esperança de isentar o autor do *Fan Fiction* de algum tipo de acusação de plágio por parte dos detentores da marca registrada.

Double Drabble *ff*. Uma drabble de 200 palavras. *Cf. Drabble*.

Drabble *ff*. Formato de peça literária que contém exatamente 100 palavras. Por se tratar de uma obra curta, é muito utilizada em *challenges*, para testar os competidores.

Draco Malfoy *hp*. Um dos antagonistas de *Harry Potter*, um garoto nascido numa família totalmente bruxa, ele herdou os ideais de supremacia de seu pai, *Lucius Malfoy*, um ex-Comensal da Morte que conseguiu escapar do julgamento. Draco enxerga Harry, *Hermione Granger* e *Ron Weasley* como seus rivais, e tenta constantemente coloca-los em problemas com a direção da escola. Em seu sexto ano, para manter sua mãe a salvo de *Voldemort*, ele aceita se tornar um Comensal da Morte e recebe a marca no braço. Entretanto, os horrores da guerra e a loucura tirânica de *Voldemort* acabam por minar suas crenças sobre a supremacia da raça mágica sobre todas as outras.

Dramione *hp*. Nome popular do *ship* formado por *Draco Malfoy* e *Hermione Granger*.

Drinny *hp*. Nome popular do *ship* formado por *Draco Malfoy* e *Ginny Weasley*.

Ecchi *ff*. Gênero de *Fan Fiction* que utiliza o erotismo e a escatologia como fontes de humor (por exemplo, com os personagens se envolvendo em acidentes fortuitos que são interpretados como assédio sexual, etc.).

Fan Art *ff*. Ilustrações produzidas por fãs, geralmente distribuídas sem custo, principalmente na internet. Alguns artistas desenvolvem *Fan Art* para ilustrar um *Fan Fiction*.

Fan Fiction *ff.* Peça literária amadora, criada a partir de um produto de mídia já existente e que se apropria dos conceitos, eventos e/ou personagens do mesmo.

Fan Fiction Interativa *ff.* Gênero de *Fan Fiction* onde o leitor assume alguma forma de controle sobre a narrativa ou é parte dela. Em alguns casos, o nome do protagonista é deixado em branco ou a história é contada em segunda pessoa, para ajudar na imersão. Quando o leitor controla a narrativa, os capítulos são publicados fora de cronologia, e ao final de cada capítulo há uma série de opções que descrevem a decisão do personagem diante de algum obstáculo. Ao escolher uma das opções, o leitor é levado ao capítulo que continua a narrativa a partir daquele ponto, de forma que suas escolhas constroem uma narrativa particular, sendo que ele pode retornar a algum ponto anterior da trama para escolher outra opção e, assim, desfrutar de uma história radicalmente diferente.

Fandom *ff.* O conjunto de fãs de um produto de mídia específico, geralmente com seu jargão, crenças e relações sociais próprias. Pode ser dividido em várias subcomunidades de acordo com seus interesses, língua, localização ou função dentro do *fandom*. O termo é um truncamento das palavras *fan* (fã) e *domain* (domínio ou reino).

Fanon *ff.* Conjunto de conceitos, temas, acontecimentos e caracterizações criados dentro de um *fandom* e que se fazem presentes em diversas histórias. Por exemplo, algumas caracterizações e personagens não fazem parte da obra original, mas se tornaram populares dentro da comunidade e, portanto, são reutilizadas em diversas obras distintas, seja como homenagem, como paródia ou por sua popularidade entre os leitores. Em *fandoms* antigos, alguns conceitos do *fanon* são tão utilizados e reconhecidos como o próprio *canon*, chegando ao ponto de serem confundidos como parte do *canon* da obra.

Fanzine *ff.* Revista amadora produzida por fãs de um produto midiático, geralmente contendo *Fan Fiction*, *Fan Art*, discussões, cartas, artigos e notícias sobre o produto de mídia, seus produtores ou participantes (como a vida dos atores, quando é um *fanzine* de uma série ou filme).

Fics *ff.* Abreviação de *Fan Fiction* (*cf.*)

Furry *ff.* Gênero de *Fan Fiction* que utiliza como personagens principais animais antropomórficos, misturando a forma humanoide com características de diversos animais reais (como cães, gatos, lobos...) ou imaginários (dragões, centauros, unicórnios).

Gary Stu *ff.* *Cf. Mary Sue.*

Gellert Grindelwald *hp*. Um bruxo das trevas do início do século XX, foi derrotado por Albus Dumbledore em duelo em 1945, encerrando a guerra iniciada pelo vilão. Acreditava que os bruxos deveriam reinar supremos sobre todos os seres, mágicos ou não, e guiá-los em direção à paz e à utopia. Planejava sequestrar crianças mágicas nascidas em famílias sem magia enquanto ainda eram bebês, para que fossem criadas em famílias adotivas bruxas. Seu mote, “pelo bem maior” simboliza sua filosofia utilitarista, onde um mal causado sobre um indivíduo (como famílias que perderiam seus bebês) é utilizado para alcançar uma vantagem para um número maior de indivíduos (como a manutenção da soberania bruxa, sem influências do mundo não-mágico).

Gina Weasley *hp*. Tradução brasileira de *Ginny Weasley* (*cf.*)

Ginny Weasley *hp*. Uma das personagens secundárias de *Harry Potter*, termina a saga como esposa do protagonista. Nascida numa família de bruxos e irmã de *Ron Weasley*, Ginny só ingressa efetivamente a história no segundo livro da saga, quando sua vida é salva por Harry Potter. É a mais nova de uma família de 7 irmãos, e a única menina. Ela se torna amiga e confidente de *Hermione Granger* conforme a saga evolui. Tem 3 filhos: *James Sirius Potter*, *Albus Severus Potter* e *Lily Luna Potter*.

Harmony *hp*. Nome popular do *ship* formado por *Harry Potter* e *Hermione Granger*.

Harry Potter *hp*. 1. Personagem principal da saga de mesmo nome, um garoto órfão criado por seus tios maternos abusivos. Aos 11 anos, ele descobre ter poderes mágicos quando é convidado a ingressar em uma escola de magia. Ao se tornar parte do secreto mundo da magia, Harry descobre que seus pais (também parte desse mundo) foram assassinados por um bruxo das trevas, bruxo este que também tentou matar o próprio Harry na mesma noite que seus pais, porém misteriosamente sua magia negra falhou e o fez perder seus poderes, deixando o órfão com apenas uma característica cicatriz em forma de raio na testa. A história de Harry é contada por 7 anos conforme ele desenvolve seus poderes mágicos, conhece outros bruxos e bruxas e descobre que seu destino e o do bruxo das trevas Voldemort está entrelaçado. Ao final da saga original, Harry Potter está casado com *Ginny Weasley* e tem 3 filhos: *James Sirius Potter*, *Albus Severus Potter* e *Lily Luna Potter*. 2. Saga de 7 livros principais, 8 filmes principais, 3 livros secundários e uma nova trilogia de filmes ainda em produção. Os livros (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, *Harry Potter e o Príncipe Mestiço*, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*) foram publicados por J.K. Rowling a partir de 1997, na Inglaterra. As 3 obras secundárias (*Animais Fantásticos & Onde Habitam*; *Quadribol Através*

dos Séculos; e Os Contos de Beedle, o Bardo) são livros citados dentro do universo de Harry Potter e foram publicados por J.K. Rowling principalmente para angariar fundos para vários projetos sociais patronizados por ela.

Hentai ff. Gênero de *Fan Fiction* com sexo explícito em sua composição, similar ao *smut* (cf.)

Hermione Granger hp. Uma das protagonistas de *Harry Potter* e melhor amiga do personagem de mesmo nome. Uma garota que descobriu ter poderes mágicos ao completar 11 anos e ser convidada para uma escola de magia, sua personalidade estudiosa e rígida quanto às regras causou diversos atritos com os outros personagens no início da saga. Ao ter sua vida salva por Harry Potter e Ron Weasley no primeiro livro da saga, ela se tornou uma fiel amiga dos dois protagonistas. Sua grande inteligência e dedicação ao aprendizado sobre o mundo bruxo, Hermione constantemente explica aos protagonistas conceitos, objetos, acontecimentos e relações, servindo de auxílio ao leitor para entender a história. Ao fim da saga, ela está casada com *Ron Weasley* e tem 2 filhos: *Rose Weasley* e *Hugo Weasley*.

Hinny hp. Nome popular do *ship* formado por *Harry Potter* e *Ginny Weasley*.

Hogwarts hp. Escola de magia localizada na Escócia, palco de grande parte dos eventos de *Harry Potter*.

James Potter hp. Pai de *Harry Potter* e um dos integrantes do grupo dos *Marotos*. Casou-se com *Lily Potter* logo após terminar os estudos na escola de magia. Lutou contra os *Comensais da Morte* e *Voldemort* durante a guerra, mas precisou se esconder do vilão junto de sua mulher e do filho recém-nascido. Traído por um de seus amigos, foi morto por *Voldemort*.

James Sirius Potter hp. Filho de *Harry Potter* e *Ginny Weasley*, é o mais velho de três irmãos. Seu nome é uma homenagem às duas figuras paternas de Harry, e parece ter herdado deles também a propensão a se meter em confusões. Ao final da obra original, ele está com 13 anos e estuda magia na escola junto de seus irmãos, primos e amigos.

Lemon ff. Cena sexual explícita.

Lilian Potter hp. Tradução brasileira de *Lily Potter* (cf.)

Lily Luna Potter hp. Filha mais nova de *Harry Potter* e *Ginny Weasley*, ela ainda é muito nova para ingressar na escola de magia ao fim da obra original. Seu nome é uma homenagem à mãe de Harry e à *Luna Lovegood*.

Lily Potter hp. Mãe do protagonista *Harry Potter*, lutou durante a guerra, mas foi morta por *Voldemort*.

Lime ff. Gênero literário que contém cenas explícitas de sexo entre personagens homossexuais masculinos. Cf. *Yaoi*

Long-fic ff. Formato de *Fan Fiction* similar ao romance ou a novela, contendo um grande número de capítulos.

Luna Lovegood hp. Personagem secundária de *Harry Potter* e melhor amiga de *Ginny Weasley*, é descrita constantemente como uma garota estranha, porém muito doce e atenciosa. Sofre abusos por suas colegas de dormitório, que a consideram louca por acreditar em criaturas mágicas jamais vistas. No decorrer da história, várias vezes sua presença e conselhos servem de conforto emocional para os protagonistas. Ao final da saga, ela está casada com um personagem até então desconhecido, Rodolphus Scamander.

Mary Sue ff. Caracterização de uma personagem feminina que exagera em suas qualidades, tornando-a perfeita, bela ou habilidosa demais. O termo provém da famosa paródia de *Star Trek* “*A Trekkie’s Tale*”, publicada pela autora amadora Paula Smith em 1973. Geralmente é rejeitada pelos leitores, por tornar a história desinteressante já que a personagem é capaz de superar (ou até mesmo evitar) todo e qualquer conflito graças a suas exageradas capacidades. Uma personagem masculina com essa mesma caracterização é chamada de *Gary Stu*.

Neville Longbottom hp. Personagem secundário de *Harry Potter*, é colega de quarto do protagonista. Um garoto amedrontado e sempre nervoso, acabou amadurecendo bastante durante o decorrer da história, tornando-se um dos heróis durante a guerra. É casado com uma ex-colega de escola, e termina a obra como professor na escola de magia.

Newton Scamander hp. Protagonista da série de filmes *Animais Fantásticos & Onde Habitam*, é um zoologista especializado em criaturas mágicas. Tem dificuldades em se relacionar com as pessoas, preferindo o relacionamento com os animais.

One True Pairing ff. Lit. “*O Único Casal Verdadeiro*”. Termo utilizado para demarcar o casal de personagens favorito de um membro ou comunidade, geralmente abreviado na forma das iniciais OTP. Algumas comunidades funcionam inteiramente ao redor de seu OTP, outras vezes o termo é usado em grandes comunidades para rapidamente diferenciar seus membros (como se fosse o uniforme de um time). Alguns membros podem usar o termo de forma jocosa ou irônica, elegendo *ships* completamente estapafúrdios e os declarando como seu OTP, seja para criticar a obsessão de certos membros por seus OTPs reais, seja para simplesmente enganar os colegas da comunidade, como uma pegadinha.

One-Shot *ff. Lit.* “Único Trago”. Formato de *Fan Fiction* que possui um único capítulo, embora não haja restrições quanto ao tamanho do mesmo. Geralmente é um texto mais longo que uma *drabble*.

Orange *ff.* Gênero literário que contém cenas explícitas de sexo entre personagens homossexuais femininas. *Cf. Yuri*

Pr0n *ff.* Versão corrompida da palavra *Porn* (*lit. Pornografia*), para escapar dos filtros automáticos em repositórios virtuais (que ocultam palavras “inapropriadas”). Sinônimo de *Smut* (*cf.*)

PWP *ff.* Sigla para “Plot? What Plot?” (*lit. “Enredo? Que Enredo?”*), gênero de *Fan Fiction* totalmente focado na cena sexual, de forma que pouco ou nenhum desenvolvimento é apresentado antes ou depois da cena pornográfica.

Quadribol *hp.* Esporte jogado no mundo da magia, dois times de sete jogadores cada disputam quem faz a maior pontuação. É jogado usando vassouras voadoras, quatro bolas diferentes e não tem duração definida: a menor bola, o Pomo de Ouro, voa rapidamente pelo campo e somente quando um jogador específico de cada time (o Apanhador) consegue agarrá-lo que o jogo termina.

Recomendação *ff.* Uma mensagem semelhante ao *Review*, mas que engloba toda a obra ao invés de apenas um capítulo específico. Restrita à plataforma *Nyah! Fanfiction*, é uma forma de apresentar a história a possíveis leitores. Ter um leitor dedicado suficiente para deixar uma *recomendação* é motivo de grande orgulho e reverência dentro da comunidade.

Review *ff. Lit. Resenha.* Mensagens deixadas nos capítulos publicados de um *Fan Fiction*, contendo as opiniões, reclamações e elogios dos leitores. No sistema de reputação dos grupos de *Fan Fiction*, o número de *reviews*, total ou médio por capítulo, é uma grande indicação de sucesso. Histórias sem muitas *reviews* podem ser abandonadas por seus autores, por isso é comum leitores de obras pouco conhecidas divulgarem constantemente suas leituras favoritas, garantindo que o autor receba comentários suficientes para continuar motivado até o fim.

Romione *hp.* Nome popular do *ship* formado por *Ron Weasley* e *Hermione Granger*.

Ron Weasley *hp.* Um dos protagonistas de *Harry Potter* ao lado do personagem homônimo e de *Hermione Granger*. Um garoto nascido numa família de bruxos que conhece os protagonistas ao ingressar na escola de magia, aos 11 anos. Diferentemente dos amigos, Ron sempre foi parte do mundo da magia, fornecendo valiosas informações e experiências sobre a

vida dos bruxos. Um pouco preguiçoso e desleixado, serve constantemente de alívio cômico na história, embora tenha seus momentos heroicos. Ao final da saga, está casado com *Hermione Granger* e tem 2 filhos: *Rose Weasley* e *Hugo Weasley*. É irmão mais velho de *Ginny Weasley*.

Rony Weasley *hp*. Tradução brasileira de *Ron Weasley* (cf.)

Scorpius Malfoy *hp*. Filho de *Draco Malfoy* e um dos protagonistas na peça *A Criança Amaldiçoada*.

Severo Snape *hp*. Tradução brasileira de *Severus Snape* (cf.)

Severus Snape *hp*. Personagem secundário de *Harry Potter*, é um dos professores da escola de magia que os personagens frequentam. De personalidade difícil e temperamento amargo, se estabelece como um dos principais antagonistas dos protagonistas, porém esconde um passado trágico quando seu isolamento e interesse pela magia negra o levou a se alistar como um *Comensal da Morte* e cometer diversos crimes. Seu amor por *Lily Potter* o fez se arrepender de sua decisão e tornar-se um agente duplo na batalha contra *Voldemort*. Sua verdadeira lealdade permanece dúbia durante a maior parte da saga.

Ship *ff*. Truncamento da palavra *relationship* (lit. “relacionamento”), determina um casal de personagens que o membro apoia ou irá utilizar numa *Fan Fiction*. Repositórios geralmente oferecem ferramentas para filtrar as histórias por *ships* específicos, ao mesmo tempo que é comum que comunidades inteiras surjam ao redor de um *ship* específico. O *ship* é uma constante fonte de conflito nas comunidades não-específicas, já que muitos membros não aceitam que seus personagens favoritos sejam separados ou se relacionem com outros personagens. O conflito entre *ships* presentes na obra original (*canon*) e presentes apenas no *Fan Fiction* (*fanon*) também é acirrado em diversas comunidades. Quando um *ship* é elevado pelos membros ao status de favorito, pode se tornar um *One True Pairing*.

Short-fic *ff*. Formato de *Fan Fiction* similar ao conto, contendo um número pequeno de capítulos. Algumas vezes é confundida com a *One-Shot*.

Sirius Black *hp*. Melhor amigo de *James Potter* e padrinho de *Harry Potter*, é uma figura paterna na vida do garoto durante os cinco últimos livros.

Smut *ff*. Gênero literário que foca em cenas explícitas de sexo, similar a uma obra pornográfica.

Snamione *hp*. Nome popular do *ship* formado por *Severus Snape* e *Hermione Granger*.

Songfic *ff*. Gênero de *Fan Fiction* onde a história é construída ao redor de uma música ou inspirada por ela. A canção pode aparecer inserida na história (como se fosse cantada pelos

personagens, nos diálogos) ou trechos da letra são apresentados seguidos de cenas que reproduzem os acontecimentos ou as emoções retratadas na música.

Tiago Potter *hp.* Tradução brasileira de *James Potter* (*cf.*)

Tom Riddle *hp.* *Cf. Voldemort*

Tomione *hp.* Nome popular do *ship* formado por *Voldemort* e *Hermione Granger*.

Up *lit. Subir.* Comentário comum utilizado na plataforma Facebook para endossar uma publicação. Como o Facebook organiza as publicações nos grupos em ordem cronológica, cada novo comentário faz a publicação aparecer por primeiro na listagem (“subindo” o tópico de posição). Usuários então comentam mensagens curtas para manter a publicação no topo, garantindo sua visibilidade.

Voldemort *hp.* Antagonista principal de *Harry Potter*. Um bruxo maligno que busca se tornar o tirano supremo do mundo da magia. Um órfão de nome Tom Riddle criado num orfanato no mundo comum, ele só descobriu ter poderes mágicos aos 11 anos, ao ser convidado para ingressar na escola de magia. Ardiloso e violento, o jovem Riddle criou uma identidade falsa para si mesmo como *Lorde Voldemort* e propaga o ódio contra os humanos não-mágicos e os bruxos e bruxas que nasceram em famílias normais. Sua marca em forma de caveira desperta o terror em todo o mundo bruxo, e é tatuada no braço de seus seguidores, os *Comensais da Morte*. Misteriosamente, ele decidiu atacar a família Potter na noite do Dia das Bruxas em 1981, matando o jovem casal. Entretanto, ao tentar atacar o bebê Harry, sua magia mortal falhou e quase o destruiu permanentemente. Por anos ele tentou em vão recuperar seus poderes após aquela noite, mas seu destino parece estar profundamente ligado ao menino que ele não conseguiu matar.

Yaoi *ff.* Gênero de *Fan Fiction* romântica que contém um relacionamento homossexual masculino. O termo é emprestado da literatura popular japonesa. A versão mais sexualmente explícita é conhecida como *Lime* (*cf.*)

Yuri *ff.* Gênero de *Fan Fiction* romântica que contém um relacionamento homossexual lésbico. O termo é emprestado da literatura popular japonesa. A versão mais sexualmente explícita é conhecida como *Orange* (*cf.*)

ANEXO B – SOMETIMES LOVE’S NOT ENOUGH

Autor(es): Thai

Sinopse

"Então ele a beijou de forma feroz, sem se importar com delicadeza. Não havia delicadeza quando se tratava deles, era sempre urgente e voraz. Queria poder devorá-la".

Notas da história

Os personagens não me pertencem, são de inteira autoria de J.K. Rowling. A imagem é do tumbler.

Capítulo único - Is it by mistake or desire?

Notas iniciais do capítulo

Espero que gostem, tive um súbito de inspiração e resolvi escrever sobre esse casal tão controverso.

Hermione Granger enfrentava mais uma noite de insônia. Era a segunda hora que precedia a alvorada e encontrava-se mais desperta do que deveria. Estava só. A casa que a rodeava era grande demais para ela. Rony levava Rose e Hugo para assistir sua primeira Copa de Quadribol, que acontecia no País de Gales. Empurrava para dentro um copo de Whisky de Fogo e a bebida queimava em contato com seu estômago vazio. Seus olhos eram acomodados por profundas olheiras negras e a vontade que tinha de chorar era imensa. Tentara por muito tempo sentir-se feliz e plena com a vida que levava, mas sabia que apenas se enganava e enganava a Rony. Pensava que ele sentia que estava distante quando a tocava e ela lhe retribuía com toques frios, mas deveria ser mais fácil ignorar que a mulher com quem casara nunca tinha lhe amado e nunca amaria. Seus olhos eram sempre vagos e sua expressão não mudava quando ele estava por cima dela, ambos nus. Sufocava sussurrar o nome *dele* quando a onda de calor lhe cobria durante as noites que tinha de partilhar seu corpo com Ron. Estava entorpecida. Não sentia nada. Seu passado sombrio ainda lhe atormentava.

Rony era um bom marido, seus filhos eram tudo para ela, tinha um emprego estável no Ministério, mas algo faltava. A ânsia pelas horas perigosas de insanidade quando se esquecia de quem era. O pulsar de seu sangue acelerado inundado por adrenalina quando sentia os beijos

dele em seu âmagô. Mas não sentia aquilo há muito tempo. Não o via há muito tempo. Parecia ter desaparecido de sua vida como um Dementador afugentado por um patrono. Porém, nunca se esquecera. Sempre que fechava os olhos ele retornava para si como a imagem de um Deus. Ou do Diabo. Os cabelos loiro-prateados reluzindo à luz de sua própria áurea, os olhos azuis muito cinzentos e brilhantes, a pele alva como leite e tão igualmente quente quanto às chamas do fogo que bruxuleava na lareira e a aquecia. Era inverno. Lembrava-se da neve que caía na pele dele e derretia quando lhe tocava a carne morna. Hermione suspirou pesadamente, tentando sufocar aqueles sentimentos nostálgicos e proibidos. Ele era uma memória proibida. No entanto, via-se torcendo para que aparecesse em sua frente naquele instante como uma presença fantasmagórica.

Deixou que seu corpo relaxasse sobre o sofá macio que estava sentada e permitiu que suas memórias lhe guiassem até o momento no qual tudo havia dado errado. Talvez recordar-se de que Draco Malfoy não merecia suas noites mal dormidas lhe fizesse o esquecer por um momento.

Era praticamente o final do sexto ano em Hogwarts. Havia sido seu ano mais difícil e envolver-se com o inimigo tinha tornado as coisas ainda piores. Hermione sabia que só existia um fim para aquela relação que havia nutrido por tempo demais. Mesmo assim não conseguiu evitar chorar quando o viu puxar a manga de sua camisa e revelar a marca negra tatuada em seu braço.

— Eu odeio você! — a garota cuspiu as palavras desejando que fossem azarações. Queria machucá-lo.

— Você gostaria, sim, mas não odeia — viu o sorriso convencido tocar os lábios de Draco e aquilo a encheu de ira.

— Pare de sorrir! — sua voz estava alterada assim como seu corpo que tremia sem que pudesse controlar as ondas de dor que lhe afagavam.

Draco apenas se aproximou dela, sua face muito suave, como se não tivesse acabado de lhe revelar um segredo obscuro. Envolveu-a em seus braços e uniu seus corpos. Hermione deixou que um suspiro saísse de seus lábios. Sentia-se péssima por permitir que ele tomasse conta de seus sentidos daquela maneira, nem sequer lutava contra quando ele o fazia.

— Eu amo você — o ouviu sussurrar em seu ouvido, levantando todos os pelos de sua nuca e quis tirar as roupas dele ali mesmo.

Embalou o ressentimento e tomou os lábios dele em um gesto urgente. Estranhamente, seu corpo não o queria longe. Mesmo a tendo ferido da forma mais profunda que conhecia, mesmo tendo mentido e se juntado ao Lorde das Trevas. Era um sabor agridoce o que

partilhavam. Ela queria poder envolver suas mãos no pescoço dele e enforcá-lo até ver a vida se esvaír e deixar seus olhos. E também queria que ele aquecesse sua cama até o fim dos tempos. Até ver o mundo ser destruído em chamas e eles pudessem dançar sobre as cinzas. Ele a havia mudado. Havia despertado um lado que estava escondido nas profundezas, que tinha medo de deixar solto. Ele a fazia questionar as próprias crenças. Mas ela o havia mudado também. Passara a acreditar no amor e a não temer a morte. Trocaria a própria vida pela dela, embora jamais fosse admitir aquilo em voz alta. Estava disposto a abandonar todas as convenções que sua família havia lhe imposto por tantos anos, mas não teve a oportunidade de dizer a ela. Hermione mordeu os lábios dele muito forte, em um gesto agressor. Enterrou seus dentes na carne macia e o obervou enquanto os segundos se passavam até que seu corpo transmitisse a dor que deveria sentir e lhe inundasse os olhos. Ela sorriu ao sentir o sangue dele em sua boca e Draco se afastou, a amaldiçoando.

— Sua maluca! — bradou com raiva e levou a mão aos lábios, limpando o líquido escarlate.

— Seu bastardo de merda! — ela disse e avançou novamente em sua direção, o esmurrando. Draco não parecia sentir os efeitos daqueles golpes.

— Pare com isso, Granger — tomou os braços dela e os apertou com força. — Perdeu a cabeça? — os olhos tinham uma sombra severa.

— Eu perdi a cabeça? — ela riu debochada. — Você tem a merda da marca do maior bruxo das trevas tatuada em seu braço e eu sou maluca? Vá se foder. Nunca mais quero vê-lo novamente! — disse de forma dura e quis feri-lo mais ao ver o mesmo sorriso de soberba surgir.

— Pare com esse teatro infantil — então caminhou com o corpo dela até que se chocasse contra a parede de pedras da Sala Precisa. — Sei que essa marca te dá tesão, sei que quer ofegar meu nome enquanto a tomo para mim, enquanto me derramo em prazer dentro de você. Admita para si mesma, Granger, será mais fácil quando tirar suas roupas e não precisará fingir que não gosta. — Hermione se remexeu desconfortável, sentindo seus braços doerem onde ele apertava.

— Você é um convencido — então cuspiu nele e o empurrou com toda a força que tinha. — Tenho pena de você, Malfoy. Tenho pena do dia em que perder e seu mundo inteiro ruir diante dos seus olhos. Quando assistir seu paizinho morrer e seu Lorde ser derrotado. Quando sua família desaparecer da história e apenas a lembrança distante lhe atormentar. Quando virar para o lado e procurar por meu corpo para lhe aquecer e o fazer esquecer a vida de merda que leva e não me encontrar. Você vai perder tudo. Assista enquanto me perde também.

Então Hermione correu dali. Correu para longe dele o mais rápido que podia, não conseguindo conter as lágrimas que se derramavam por toda sua face. Correu porque sabia que

se permanecesse para ouvir sua resposta se entregaria a ele novamente. E não podia. Havia perdido muitas coisas enquanto estavam juntos, — sua virgindade, seus medos e seu pudor — não perderia sua dignidade também.

Quando abriu os olhos e a lembrança se desfez, Hermione percebeu que começara a chover forte. Encheu mais um copo de Whisky sem gelo e engoliu tudo em um gole. Sua cabeça girou quando os efeitos do álcool começaram a surgir e o líquido já havia se misturado ao seu sangue. Ligou o rádio apenas para querer desligá-lo novamente quando o Jazz começou a inundar o local. Não teve tempo, no entanto. Ouviu quando batidas agressivas foram depositadas na porta. Xingou mentalmente quem quer que fosse aquela hora da madrugada e sentiu seu corpo gelar quando o viu ali parado, molhado pela chuva. Os cabelos grudados na testa, as roupas encharcadas e o mesmo sorriso de arrogância tatuado nos lábios.

— O que foi, Granger, viu um fantasma? — Draco abriu caminho e entrou em sua casa sem ser convidado. Típico dele.

— O que está fazendo aqui? — perguntou confusa enquanto fechava a porta atrás de si.

— Fiquei sabendo que o Weasley está fora de Londres — ele disse distraído enquanto analisava cada canto da casa e seus olhos encontraram o copo vazio e a garrafa sobre a mesa de centro. — Mudou os hábitos? — perguntou se servindo do Whisky. — Nunca foi de beber — então deu uma tragada rápida no líquido.

Hermione observou a movimentação boquiaberta. Piscou algumas vezes tentando fazer com que sumisse, sentindo-se pesada quando percebeu que a imagem de Draco Malfoy não era fruto de sua mente bêbada.

— O que está fazendo aqui? — ela repetiu. — Não vai me dar umas roupas? Por Merlin, Granger, você já foi mais educada.

— Você não tem o direito de vir até a minha casa desse modo. — o fuzilou. — Que merda, Draco, o que você quer?

— Eu vim ver você — a voz dele tornou-se suave por um momento, sua face não estava carregada de soberba e seus olhos desviaram dos dela.

Hermione apenas o encarou, confusa.

— Não faça isso — ela o preveniu, embora uma onda de calor e satisfação tenha corrido por seu corpo ao ouvi-lo.

— Eu sei que deve me odiar, mas...

— Não diga nada, não quero ouvir. Já coloquei uma pedra sobre você. Sobre nossa história. Não tem o direito de voltar agora. Tenho um marido, tenho filhos... — lutou contra as lágrimas que pediam passagem.

Sentiu quando os olhos dele queimaram sobre si, a analisando. E sabia que ele via que mentia. Havia falhado em manter a voz firme e suas palavras foram trêmulas e inseguras. Mas ele não usou aquilo contra ela.

— Apenas me ajude a trocar essas roupas molhadas e vou embora. — prometeu.

Hermione deu um aceno fraco e começou a caminhar rumo às escadas, subindo para o segundo andar de forma rápida. Ele entendeu que deveria segui-la e o fez. Entraram no cômodo principal, do casal da casa. Um casal de aparências. O quarto era amplo e aconchegante, porém frio. Não se importara em aquecer o ambiente, já não dormia mais ali desde que Rony havia partido. Abriu um armário elegante e tirou de lá uma toalha e algumas peças de roupa de Ron. Jogou-as nele. Draco as pegou com habilidade e a encarou. Ele se despiu da camisa pesada de lã que tinha e a deixou cair no chão. Hermione desviou o olhar rapidamente quando viu o tronco nu. A Marca Negra ainda estava ali, porém era apenas uma mancha fraca. Sentiu uma pontada fina em seu coração e saiu do quarto, deixando que ele terminasse o que fazia. Desceu as escadas ligeira e encheu mais um copo de Whisky. A música ainda tocava uma melodia melancólica, a letra era sobre um casal desafortunado. Não percebeu quando os passos surdos de Draco se aproximaram dela até ele falar.

— Hermione... — ela fechou os olhos querendo que ele desaparecesse. Quando os abriu, Draco ainda estava ali, parado diante dela, com roupas molhadas em suas mãos.

— Por que você vem quando já é tarde demais? — reclamou e não quis mais lutar contra a dor que sentia. — Esperei por você todos os dias depois que a guerra acabou. Merda, Malfoy, fantasiei com você irrompendo em minha festa de casamento e me levando embora. Até que um dia perdi as esperanças, até que um dia percebi como era covarde, como sempre havia sido um covarde. — os olhos dela o perfuraram e ele sentiu o impacto daquelas palavras. Estava certa.

— Você tem razão, sou um covarde. Mas estou aqui agora. Eu amo você. — ouvi-lo dizer que a amava a atingiu como se ainda fosse uma adolescente e não uma mulher adulta.

— Não é o suficiente. — ela disse seca e recuou um passo quando o viu se aproximar.

— O que você quer? — seus olhos eram de súplica, nunca o havia visto tão miserável.

— O que eu quero? Eu não quero nada. Não espero nada de você. Mas eu já quis um dia. Quis que lutasse por mim mesmo que pudesse perder. Que me olhasse nos olhos e dissesse que preferia estar morto a ter que viver sem mim. Vivi uma vida de merda por todos esses anos, olhando através de meus ombros a sua espera. Eu precisava que você precisasse de mim.

— Eu preciso. Preciso de você. — ele então avançou contra ela, não dando margem para que conseguisse fugir. A engaiolou em seus braços, derrubando as roupas que segurava. — Eu

sei que deveria ter feito mais, sei que não mereço sequer que me olhe nos olhos sem sentir nojo. Mas eu amo você, prometo que amo você com cada fibra do meu corpo.

— Você deveria ter sido honesto comigo. Deveria ter me contado sobre os Comensais, sobre a Marca Negra. Eu teria aceitado todas as suas fraquezas, eu teria ido até o fundo com você, apenas para erguê-lo de lá. Teria aceitado sua alma negra. Mas você não me deixou.

— Tive medo do que ele poderia fazer com você se soubesse. Você era minha fraqueza, Hermione Granger, e teria sido minha ruína se tivesse permitido.

Então ele a beijou de forma feroz, sem se importar com delicadeza. Não havia delicadeza quando se tratava deles, era sempre urgente e voraz. Queria poder devorá-la. Ele a ergueu com facilidade e Hermione envolveu suas pernas na cintura dele. Draco a carregou escada acima e invadiu o quarto gelado que haviam estado antes. A jogou na cama com brutalidade, tirando a própria camisa que havia acabado de vestir. Viu quando os olhos dela queimaram de luxúria enquanto olhava seu tronco forte e definido. Ele deitou-se por cima dela e tomou mais uma vez seus lábios, os mordendo vez ou outra. Hermione ofegou e Draco sentiu uma onda de prazer percorrer seu corpo quando a ouviu sussurrar seu nome. Desfez-se da blusa que ela vestia e sorriu ao ver que não usava sutiã. Era tão linda quanto se recordava. Agarrou um dos seios dela e o apertou firme, intensificando a força conforme a via pedir com o olhar. Ela sempre gostou da dor. Então o colocou na boca quando o sentiu rijo sob sua mão. Hermione ofegou e arqueou as costas. Draco desceu com os lábios através da pele quente e depositou beijos espaçados no colo e na barriga. Puxou a calça que vestia e trilhou o caminho até suas coxas, beijando a parte interna delas.

Hermione se contorceu e deixou um gemido escapar por seus lábios. Agarrou o lençol. Ele colocou as pernas dela sobre os próprios ombros e enterrou a cabeça entre suas coxas. Então a beijou no âmagô, usando sua língua para lhe dar prazer. Draco sabia o que fazia. Lembrava-se bem daquela sensação, nunca havia sentido nada igual com Rony. Ele sugava sua intimidade e então usou os dedos para auxiliar o toque, a massageando suavemente. Hermione quis gritar quando ele introduziu dois dedos dentro de si, os rodando e depois fazendo movimentos de vai e vem. Ele percebeu que ela estava quase no ápice e então parou. Hermione o olhou em protesto. Mas ele voltou a tomar os lábios dela e a beijou profundamente. Ela se movimentou com agilidade e se colocou sobre ele, entendendo que queria estar dentro dela quando chegasse ao êxtase. Então trabalhou em se livrar das roupas que faltavam. Deu-se por si encarando o membro rijo de Draco e se apressou ao encaixá-lo dentro de si, sentando em seu colo e o abraçando. Os dois arfaram ao mesmo tempo quando sentiram o contato tão íntimo. Fincou as unhas nas costas dele quando o sentiu tocar seu quadril e começou a insinuar movimentos em

seu colo. A movimentação se tornou acelerada quando sentiram que o prazer era urgente em ser sentido. Seus corpos trabalhavam bem juntos, como se nunca tivessem estado separados. Pertenciam um ao outro, àquela onda de excitação e luxúria que os inebriava. Chegaram ao ápice juntos, arfando. E desmoronaram juntos. Ele permaneceu dentro dela depois de tudo, sentindo-se confortável. Aproveitaram o silêncio apenas ouvindo o som das respirações ofegantes tentando recobrar o fôlego. Hermione queria sentir-se culpada pelo que acabara de fazer, mas o formigamento em suas pernas era prazeroso demais para ser errado.

— Senti sua falta — ouviu Draco falar e então o olhou. Uma fina película de suor o cobria e os olhos eram embaçados pelo júbilo.

O ventre de Hermione ainda queimava e protestou quando o sentiu se afastar.

— Aonde vai? — correu com os olhos na direção dele e o observou vestir as roupas.

— Tenho que ir — falou sem a olhar.

— O quê? — Hermione levantou-se e parou de frente para ele enquanto vestia a calça. Ainda estava nua e aquilo não a incomodava.

— Pense direito, Granger. Nunca poderemos ser mais do que isso. — ela o fitou. — Você e eu. Carne, prazer. Eu amo você, é verdade. Mas nunca poderemos levar uma vida de marido e mulher. Você precisa dele pra ser a figura paterna que quer pros seus filhos. Estarei aqui para aquecer a cama sempre que me chamar.

Ele deu-lhe um beijo delicado nos lábios e partiu. Hermione não quis protestar. Não quis correr atrás dele. Sabia que tinha razão. Sabia que precisava de Ron para estar lá e ouvir sobre seus dias cheios no trabalho ou sobre as notas dos filhos. Mas era Draco quem a faria esquecer todas aquelas coisas e se entregar ao mais puro prazer. Ron era sua realidade. Draco, sua fantasia.

Notas finais do capítulo

Espero que gostem, comentem pra eu saber que estão aí haha

Todas as histórias são de responsabilidade de seus respectivos autores. Não nos responsabilizamos pelo material postado. História arquivada em https://fanfiction.com.br/historia/704107/Sometimes_loves_not_enough/

ANEXO C – MINHA FRAQUEZA

Autor(es): Lady Morgana

Sinopse

Após a morte da sua irmã Ariana, Dumbledore volta para Hogwarts na esperança de realizar algo melhor com todo seu conhecimento e distanciar-se de tudo que o tentou a seguir o caminho das trevas. Infelizmente, sua maior fraqueza retorna e o faz repensar suas escolhas.

Notas da história

☪ Estória criada para o Desafio de Abril do Nyah: "Abril é o mês do Yaoi". ☪ Nunca escrevi Yaoi antes, mas, assim que vi o desafio, pensei em Dumbledore e Grindelwald. ☪ Dedicada à minha Oneesan, Rainha do Yaoi: Gabii :3 ☪ Todos os personagens pertencem à J. K. Rowling, mas esse plot é meu. Nada de plágio, hein!

☪ Comentários são mais que bem-vindos. O capítulo é pequeno, mas o coração da autora é grande e bate mais alegre quando recebe reviews xD

(Cap. 1) Capítulo Único

Notas do capítulo

"You did not break me. I'm still fighting for peace. Well, I've got a thick skin and an elastic heart, but your blade, it might be too sharp. I'm like a rubber band, until you pull too hard. Yeah, I may snap and I move fast. You won't see me fall apart, 'cause I've got an elastic heart" "Elastic Heart", da Sia.

Hogwarts, 1922.

Caminhar pelos corredores de Hogwarts à noite sempre fora a fórmula perfeita para trazer o mínimo de paz para Albus Dumbledore, embora tal palavra fosse quase inexistente em seu vocabulário. Enquanto observava os quadros, e recebia alguns acenos das pinturas, tentava ao máximo levar seus pensamentos na direção das aulas que aplicara no dia; repassando cada palavra que falara e as perguntas dos alunos interessados. Em suas aulas era quase impossível alguém dormir.

Dumbledore possuía um dom que poucas pessoas na prática docente tinham: Transmitir

saber de forma plena. E não havia mais nada no mundo que fosse capaz de distanciá-lo dos pensamentos perturbadores que ensinar. Ser uma pessoa inteligente fora quase sua ruína, pois, infelizmente, nem sempre a inteligência vem acompanhada de esperteza.

Sua sede pelo saber o levava a cair sem pensar, fascinado pelas palavras exultantes de Grindelwald sobre a superioridade mágica em relação aos trouxas. O brilhante rapaz que oferecia-lhe a chance de afirmar-se como o gênio que sempre fora, sobrepujando a imagem manchada da família graças ao seu pai. “*Não, não foram só suas palavras.*” Pensou, passando a mão pelos cabelos que começavam a acinzentar. Esse sentimento de algo mais era o que destruía Albus.

Após a morte de Ariana e a fuga de seu companheiro de planos, tudo que restou fora retornar para o lugar que sempre considerara seu verdadeiro lar: Hogwarts. Com o passar do tempo, os convites para assumir o Ministério surgiram, mas seu receio era muito maior. O medo de repetir os erros de outrora e deixar-se levar pelo poder, mais uma vez, poderia tomar proporções ainda maiores tratando de um posto tão alto hierarquicamente.

Lecionar fora a saída para lidar com tanto conhecimento absorvido ao longo dos anos de estudo, e ainda poderia transmitir — indiretamente — sua experiência de vida para que pudesse impedir que outro jovem promissor seguisse seu caminho. Precisava salvar aqueles que ainda podia, já que sua irmã estava além de sua alçada.

Só de pensar na possibilidade de ter matado a própria irmã seu coração doía em eterno pesar. Ainda assim, não podia deixar de perguntar-se o porquê de sua mente voltar-se com frequência para Grindelwald. Por que sua imagem o atormentava na mesma proporção que a imagem de sua irmã jazendo inerte no chão, morta? Deveria odiá-lo com todas suas forças, mas não conseguia. O rapaz jovial e cheio de ideias sobre dominação... Tudo parecia tão atraente, afinal, por que os bruxos deveriam esconder-se já que possuíam o poder em suas mãos, literalmente?

“*Porque o poder deve andar de mãos dadas com a sabedoria, e todas as suas implicações devem ser vistas com o máximo de responsabilidade.*” Era isso que sempre dizia para si. Contudo, Grindelwald falara com tanta paixão que contagiara Dumbledore sobremaneira; de tal forma que nunca mais poderia ser apagada de sua mente e coração. Uma cicatriz que nenhuma magia seria capaz de remover, servindo como lembrete para suas ações. “*Como um lembrete dele...*”.

Quando a caminhada não era mais o suficiente para apaziguar seus sentimentos, sua única saída era dormir e torcer para que seus sonhos não o traíssem. Porém, quando estava prestes a abrir a porta de seus aposentos, pode ouvir o tilintar de algo se quebrando.

Com a varinha em riste, abriu a porta lentamente. A escuridão em seu quarto já era-lhe costumeira, por isso estranhara a vela acesa sobre sua escrivaninha. Aos pés desta, estilhaços de uma taça de vidro que sempre usava para tomar sua usual dose de uísque de fogo antes de deitar-se. Não costumava deixá-la em sua escrivaninha, assim como não era de seu feitio deixar qualquer janela aberta ao sair.

As sombras pareciam encobrir o seu visitante, pois tinha plena certeza que a pessoa que invadira seu quarto ainda estava ali. Até que uma leve brisa levou um perfume que conhecia muito bem.

— Você já foi mais precavido, Albus. — O toque da madeira contra sua nuca e a voz tão familiar quase puseram um sorriso no rosto de Dumbledore — A vida de professor o acomodou.

— Ele estava tão perto agora que podia sentir o hálito carregado de uísque em sua face.

— A vida de professor me salvou. — Lentamente virou e deparou-se com Gellert Grindelwald, seu antigo amigo, o encarando. O tempo não foi muito gentil, embora ainda preservasse o típico olhar divertido e a postura imponente da juventude. — O que faz aqui?

Seu coração batia tão rápido que temia que o outro pudesse ouvir. Não era medo, de forma alguma, era ansiedade, nervosismo, raiva e... Sentimentos confusos que mal podia descrever, ou melhor, temia fazê-los. Estava tão perturbado com sua presença que não notou a diferente varinha que Grindelwald apontava para seu nariz torto.

— E já foi mais analista também. — Seu rosto estava mais magro e os olhos mais fundos. — Não notou nada de diferente? — Os olhos do bruxo voltaram-se para a própria mão e Dumbledore acompanhou seu olhar.

Admiração, curiosidade e temor cruzaram seu rosto e Grindelwald riu — finalmente —, abaixando a varinha. O bruxo andou em direção ao sofá e sentou-se confortavelmente, enquanto era observado por um Dumbledore perplexo.

— Quem?

— Gregorovitch. O velho estúpido estava tentando duplicar a Varinha das Varinhas. Uma grande perda de tempo, é claro.

Ele falava com tanta liberdade e calma que nada parecia ter acontecido. Dumbledore, de certa forma, sentia-se como no dia em que o conhecera em Godric's Hollow: Animado, instigado. A paixão pelo poder faiscava nos olhos de ambos, num laço dissolúvel.

— Por que você voltou? — Mas a realidade sempre voltava, como um soco em seu estômago.

A imagem de Ariana, o enterro, seu irmão perdendo o controle; tudo isso não poderia

ser apagado, ainda que a antiga chama tivesse sido atizada. Tal fogo-fátuo que alimenta-se do que um dia vivera para surgir em flamas e, logo depois, desaparecer. “*Mas Grindelwald não desapareça, desaparecera?*” Ele estava sentado em seu sofá, observando-o em silêncio.

— Você me culpa pela sua irmã. — disse, enfim.

— Se há alguém culpado nessa história sou eu. Eu que me deixei levar pela soberba.

— É ser soberbo desejar a grandeza? — Grindelwald levantou-se e andou alguns passos na direção de Dumbledore antes de parar como se atingido por alguma barreira invisível. — Você sempre foi um gênio, Albus. Um bruxo além de sua época, cheio de vivacidade e desejo de mudar o nosso mundo.

— E a que preço? O “*bem maior*” levou minha irmã desse mundo. — O desprezo destilou de seus lábios ao dizer o lema que ambos utilizaram por tanto tempo. — E você me abandonou, fugiu para continuar seu plano.

— Nosso plano, Albus, nosso plano. Não há mais ninguém nesse mundo que eu queira ao meu lado mais que você. Nascemos para a grandeza.

— Pare de dizer essa palavra.

Dumbledore queria afastar-se, mandá-lo embora, mas não conseguia. Não tinha forças para isso. Grindelwald era o único que conseguia exaltá-lo e, ao mesmo tempo, deixá-lo de joelhos. Tão forte e tão fraco, era assim que se sentia. Completamente no controle do mundo, e fora de si.

— Venha comigo. — O bruxo venceu a barreira que separava ambos e segurou o outro pela nuca, aproximando-o de seu rosto e apoiando sua testa na dele. — Deixe o passado onde este deve ficar: longe. Ou melhor, vamos aprender com ele e seguir em frente.

Seus olhos estavam vidrados nos de Dumbledore que, vez ou outra, precisava fechá-los para recordar o porquê de não abandonar tudo e fazer o que seu velho amigo pedia. Mas era tão difícil quanto um viciado ficar longe de seu vício. “*Por Merlin, que eu tenha forças para não ceder. Não permita que minha honra seja corrompida novamente.*” Pensava ele, tentando engolir o bolo que se formou em sua garganta.

— Com a Varinha das Varinhas seremos invencíveis. Nós dois, juntos... — Grindelwald chegou ainda mais perto e selou os lábios de Dumbledore com os seus. Um beijo rígido, repleto de sentimentos que nunca foram ditos e lembranças dolorosas.

Dumbledore sentiu os lábios duros e ressecados do bruxo acariciando os seus de forma desajeitada, mas sincera. Desejara tanto esse gesto de carinho dele sem nem saber. Precisava, ansiara por isso quando ainda não sabia nomear o que sentia, e agora não sabia o que fazer.

Lentamente, Grindelwald começou a se afastar, ainda com as mãos segurando o rosto

de Albus.

— Juntos, Dumbledore. — Ainda de olhos fechados, ouviu sua voz como se estivesse a metros de distância.

Embebido pelo perfume, intoxicado pelo seu gosto, sentia que estava prestes a desabar. Poderia ficar ali para sempre, mas algo o puxava de volta. Algo sempre o puxava de volta. Ao distanciar-se da bela utopia, os olhos de Albus prenderam-se, no segundo em que os abriu, no porta-retratos sobre a mesa de centro. Virada para ele estava Ariana, sua pequena e valetudinária irmã, contemplando-o por detrás de alguns cachos esparsos que caíam sobre seu rosto delicado.

Seus olhos transmitiam toda a dor que, até segundos antes, não passara de uma memória distante; reascendendo o desgosto da antiga cicatriz. Transmitindo-lhe um mau augúrio ao qual já deveria esperar. Novamente com os pés do chão, Dumbledore afastou-se daquele que sempre amara em segredo até de si.

Em seus olhos viu surpresa e pesar, que logo transformaram-se em ódio puro e simples. Ambos sentiam-se traídos, e a traição é o principal catalisador da aversão.

— Fez a sua escolha, Dumbledore.

— Fiz minha escolha no momento em que optei voltar para Hogwarts. Mesmo cedendo, por um instante, à minha fraqueza, minha irmã me lembrou a quem e ao que devo ser fiel, pois não há nada mais forte que a nossa vontade de fazer o que é certo.

Grindelwald sorriu, mas seus olhos transmitiam a obscuridade que tomara sua alma.

— Então esse é o nosso adeus. — Ele passou por Dumbledore e este não se virou. Era impossível esconder a amargura em sua voz.

Pode ouvi-lo subindo no parapeito da janela, e poderia jurar que virou-se uma última vez na sua direção.

— Parece que encontrou um *bem maior* para lutar. Uma pena que ele interfira, diretamente, no meu objetivo. — O silêncio caiu sobre os dois, até que Albus virou na direção da janela. — Nos veremos de novo, Dumbledore, ainda que em lados opostos.

— Nunca é tarde para mudar o que ainda está para acontecer. — O outro bruxo apenas negou com a cabeça.

— Assim como você, eu também fiz minha escolha. — Grindelwald pulou da janela, mas Dumbledore não se alarmou.

Não demorou muito para ver uma grande ave de pelagem avermelhada voar para longe, selando o destino de ambos para sempre, pois não há fraqueza maior que a dor de um coração partido, assim como não há honradez maior que transformar essa dor em algo grandiosamente puro.

Notas finais do capítulo

Então, pessoal, muito obrigada por terem chegado até o final e espero que tenham gostado. Não esqueçam de deixar um review amigo ^^

Todas as histórias são de responsabilidade de seus respectivos autores. Não nos responsabilizamos pelo material postado. História arquivada em
https://fanfiction.com.br/historia/606671/Minha_Fraqueza/

ANEXO D – ROSAS PARA ROSE

Autor(es): Maga Clari

Sinopse

Trajetória da paquera entre Scorpius Malfoy e Rose Weasley. Desde os sete anos o garoto a observa; será que Rose é o que falta para fazê-lo sentir-se completo?

Notas da história

Homenagem ao dia das mulheres! - Capa encontrada no Deviantart - Personagens pertencem a Joanne Rowling - Essa fanfic foi postada também no site "O profeta diário".

(Cap. 1) One shot

Aos sete anos, Scorpius brincava no parquinho da Mansão Malfoy, observando sua amada de longe. Na mesma época, apresentou seus primeiros sinais de magia.

Lembra-se vagamente de ter feito um bocado de rosas cair na cabeça de Rose Weasley, certa vez, quando esta saltitava na calçada de sua rua.

Aos nove anos, Scorpius tropeçou num arbusto de rosas, arranhando-se com tantos espinhos, só para espionar Rose Weasley brincar nos jardins da casa de seus avós, n'A Toca.

Aos onze anos, Scorpius testou sua primeira varinha no Beco Diagonal. Quando conseguiu desvencilhar-se de seu pai, Draco, correu até um canto escondido e mudou a cor de todas as flores, para que elas ficassem cor-de-rosa.

Aos quatorze anos, Scorpius descobriu, na aula de poções, que a Poção do Amor adquiria um cheiro diferente para cada um. Para ele, a poção cheirava a rosas.

Aos dezessete anos, Scorpius criou coragem e pôs os nós dos dedos na porta de Rose Weasley. Ela atendeu. Scorpius lhe ofereceu um sorriso amarelo e colocou em suas mãos duas rosas.

Rose chorou de alegria. Scorpius riu de nervoso.

Aos dezessete anos, Scorpius e Rose tiveram uma noite romântica no Três Vassouras. Falaram sobre si mesmos, sobre Hogwarts, sobre poções e sobre suas famílias rivais.

Scorpius entornou uma garrafa inteira de FireWhisky para conter as borboletas em seu estômago. Começou a falar sem parar e dizê-la tudo o que não disse em dez anos de convivência.

Aos dezessete anos, Scorpius beijou-a com violência, como se precisasse dela mais do

que a própria vida.

Rose já havia se esquecido que estava em público, e esqueceu-se também dos bons modos. Tudo o que ela queria era beijar Scorpius Malfoy.

Aos dezessete anos, Scorpius deu-lhe um anel de compromisso.

Andavam de mãos dadas, passeando pelos parques.

Aos dezenove anos, Scorpius e Rose foram padrinhos do casamento de Dominique e James Potter.

Rose correu para o buquê de rosas.

Scorpius pegou-o antes dela.

Aos vinte e um anos, Scorpius observou sua namorada se arrumar para uma festa. Enxergava Rose como uma mulher, não mais menina.

— Não se esqueça do perfume de rosas — ele disse. — Não irei! — Rose respondeu, risonha. Aos vinte e um anos, Scorpius resolveu se impor. — Por que a gente não fica aqui?

— E não vai à festa?

— Exatamente.

Rose sentou-se na penteadeira, balançando os pés no ar. Juntou os olhos, observando-o por inteiro.

— Mas eu já estou pronta!

Scorpius ajoelhou e agarrou ambas as mãos de Rose Weasley. Fechou os olhos, respirando fundo.

Aos vinte e um anos, Scorpius pegou sua varinha e conjurou rosas vermelhas. Rose tremeu dos pés à cabeça. As mãos de Scorpius suavam. Ambos os corações batiam ruidosamente.

— Fica aqui. Para sempre. Aos vinte e um anos, Scorpius tirou um caixinha do bolso, cheia de floreios em sua

superfície. Rose Weasley pulou em seu pescoço, e esquecer-se completamente da festa que pretendiam ir.

— Seria burra se dissesse "não" — Rose sorriera, docemente. — Por isso eu gosto das inteligentes. — Boa escolha!

Aos vinte e um anos, Scorpius sentiu-se verdadeiramente homem pela primeira vez.

Todas as histórias são de responsabilidade de seus respectivos autores. Não nos responsabilizamos pelo material postado. História arquivada em

https://fanfiction.com.br/historia/600424/Rosas_para_Rose/

ANEXO E – GUERRA E ORDEM

Autor(es): Leãozinho

Sinopse

Guerra e Ordem não é sobre o amor incondicional, mas sobre como nos relacionamos com ele. Quando Sirius se apaixonou por Vênus, ele jamais imaginou o que estaria por vir. Amar em Hogwarts não era fácil, havia as inseguranças juvenis. Em meio a guerra, a tensão. Em Azkaban, a solidão. Em sua fuga, a dificuldade da aproximação.

Guerra e Ordem acompanha a história da guerra e do amor. Da guerra a Ordem.

Notas da história

O mundo pertence a J.K. Rowling.

Acho importante avisar aos leitores que sou bipolar. Isso afeta diretamente meu ritmo de postagem e escrita. Um bipolar tem duas fases: A mania e a depressão. Em depressão, não consigo escrever e postar. Não há como prever por quanto tempo cada uma delas vai perdurar ou como vão mudar, acontece sem ensaios.

Trailer da fanfic (Créditos a página Kamicat Fanfics): <https://youtu.be/QQ2qXtS4BEs>

Playlist da fanfic: <http://migre.me/vPmfw> Essa fanfic é uma reescrita de "Estrela da Manhã"

MOTIVOS PELOS QUAIS A FANFIC NÃO ESTÁ SENDO POSTADA COM TANTA FREQUENCIA: Estou em uma crise forte e tenho tido sérios problemas pra escrever. Minha ansiedade social aumentou muito e a depressão me bateu como consequencia.

Por favor, tenham paciência e não desistam de mim.

(Cap. 1) Prólogo

Sete horas. Apesar da escuridão prematura e o frio, era um dia quente de Julho na costa montanhosa do sul da Irlanda. Vênus redigia uma carta sentada na varanda, a fitar, sem prestar atenção, o horizonte negro. Procurava alguma palavra alegre para não transparecer o sentimento de saudade aos filhos que permaneciam na casa, nos longínquos campos da França e voltariam para a escola no final daquele verão. Os meninos provavelmente estavam com as bochechas rosadas e apresentando sardas por todo o rosto bronzeado, culpa das horas na praia e das sestas nas redes do quintal.

Sua falta de atenção deixava o que a observava mais a vontade. Já não andava de um

lado para o outro ou procurava por ângulos, sentava-se confortavelmente e a encarava. Não muito maior que um lobo, mas a pelagem escura e densa, os machucados que ali se escondiam e a posição pronta para atacar eram muito mais assustadoras que qualquer outro animal.

Quando a noite finalmente caiu, o pequeno chalé branco de portas e janelas estreitas tornara-se ainda mais acolhedor para se estar. Vênus preparou seu tradicional chocolate quente, depois de tantos anos, fazia a receita para dois, mesmo que só houvesse uma caneca e uma pessoa naquela cabana.

Então veio a chuva. Trovões. Mesmo as velas se apagaram. Tudo estremeceu. O monte sob o qual a cabana afixava-se estremeceu. O vento uivou com raiva, havia um intruso. Havia um perigo. O fugitivo estava ali. As janelas de madeira pareciam estremecer de medo, até mesmo as árvores rendiam-se a fúria do vento e deixavam que ele abrisse suas copas na busca do prisioneiro.

A porta se abriu num estrondo. A xícara na mão da mulher eram apenas cacos no chão agora. Ela encarou a escuridão e foi encarada de volta. O breu se moveu para dentro da casa e tomou forma sob a luz de uma lamparina afixada na parede. Um cão totalmente preto, o pêlo era denso, grande e volumoso. Tão magro que poderia ser apenas um fantasma de véu negro. Em um segundo, não havia mais cão. Era apenas um homem esquelético, fantasmagórico e em claro desespero. Estava sujo, as roupas eram apenas trapos e o olhos estavam fundos, opacos. Vênus gritou, ele não tinha fôlego para completar uma sentença, mas tentou. "Nãna." Ela sentou-se próximo a ele. Acariciou seu rosto e beijou-lhe a testa "Sirius, como você? Você fugiu, Sirius, você fugiu. Vou preparar um banho quente, mandar uma coruja para os meninos e..." Foi quando entendeu que aquele não eram os planos dele. Ele mal conseguia falar enquanto comia a sopa que fora preparada, nem respondia as desculpas que ela constantemente pedia por não preparar nada melhor que aquilo. Sirius não parecia ligar, comia com tanta vontade que o prato ficará limpo, nas três vezes; tal como a xícara de chocolate quente por quatro vezes. Ele sentia tanta falta dela quanto sentia dela, mas não comia algo que fora preparado com ingredientes não-duvidosos há anos. "A banheira já está cheia, esquentei a água para você" "Você sempre foi cuidadosa demais." Tentará levantar-se para segui-la em direção ao andar superior, perceberá que a dor na bacia que o fizera cair no hall de entrada há momentos atrás não o permitia caminhar. Vênus teve que segura-lo, para desgosto de Sirius que evitava qualquer contato direto com ela em função de sua higiene precária nos últimos 12 anos, ela ignorou a cara feia e a tentativa de fugir dos braços dela. Fora carregado, despido sentado e posto em uma banheira quente, como uma criança que fora forçado a tomar banho.

Estava fraco demais para sustentar o próprio peso, mas seu orgulho ferido gritava alto e

Notas do capítulo

Espero que gostem. Preparei com todo coração. Em breve, postarei a playlist.

forte dentro de si. "Vamos lá, Sirius, eu criei dois meninos." "Eu não sou uma criança" "Você tem me evitado desde que chegou como uma criança que tem algo de ruim pra contar a mãe." "Estou te observando a dias e perdi o controle... Preciso terminar algo, Nãna. Eu o vi. Não poderei ficar." Nãna parou de esfregar suas costas e o fitou incrédula "Você vai caça-lo? Você passou os últimos 12 anos em Azkaban, preciso de você. Nossos filhos." Ela tentou retomar o fôlego, perceberá que estava gritando. Sirius levantava-se com dificuldade e fugia das mãos nervosas dela. "Não vá" "Eu preciso" "Mata-lo não vai mudar nada. Fique comigo. Fique conosco." "Vênus..." "Só por essa noite." "Não conseguirei deixa-la se passarmos a noite juntos. Preciso ir." Ela sentou-se no piso do banheiro encolhida e o assistiu partir. Não notou o beijo na testa ou as lágrimas dele enquanto ia embora.

Era algum pesadelo. Sirius Black quebrara a promessa, pela segunda vez.

(Cap. 2) Capítulo I - 4 horas

Notas do capítulo

Eu li e reli tantas vezes esse capítulo. Fiquei tão ansiosa pra posta-lo que enloqueci qualquer beta.

Era um dia quente de verão, perfeito para passear no parque em frente a sua casa. Mas como em todo verão, Vênus estava trancada na casa dos Black. No quarto ao lado, ficava o primo, Sirius. A mãe de Sirius, Warburga, sua tia, havia melhorado suas técnicas de castigo. Aperfeiçoara o uso do chicote e uma simples queixa era o ponto de ignição para um ataque de fúria que deixaria cicatrizes enormes. Vênus recebia chicotadas apenas nas partes de dentro das mãos, para que as marcas fossem rapidamente cicatrizadas e não comprometessem suas chances de casamento. O primo não tinha tanta sorte, nada lhe era poupado.

Naquela tarde em particular, Sirius brigara com Walburga, novamente, por causa de seus amigos. A mãe nutria um enorme desgosto por suas companhias impuras, amigos nascidos trouxas e bruxos traidores de sangue. O filho jamais tentara agradar a mãe, fazia de tudo para mostrar o abismo entre eles. Os pôsters em seu quarto, suas fugas a pubs trouxas, suas roupas e gostos. Quanto mais trouxa, mais ela odiava e ele gostava disso.

Ela o chicoteava novamente. Com vontade. Ele ria alto, como se fosse de prazer. Mas Vênus sabia que não, mexia os pés com nervosismo pensando no sofrimento dele. Encarava o remédio e o rolo de gaze na cômoda. Segurava as lágrimas, mordida os lábios, mexia as mãos e nada.

Respirou fundo e encarou as paredes em um tom engraçado de roxo, provavelmente já havia sido um tom de púrpura, mas o tempo as desgastara. Era um cômodo amplo. Trancafiada ali, parecia do tamanho de uma caixa de fósforos. Era velho, os móveis eram cor de ébano e a luz entrava pelas janelas fechadas - Walburga havia posto um feitiço ali também. O que ela não sabia, era sobre o armário no canto direito do quarto, a alguns passos da cama. Ele era comum por fora e à primeira vista, por dentro. Um velho armário cor de ébano, grudado magicamente a parede, tocando o fundo do armário, bem a direita, abria-se uma passagem para o quarto ao lado, onde Sirius ficava. Foi por ali que ele adentrou o quarto.

Mantinha um sorriso cínico no canto da boca, caminhava com dificuldade, bufando. Não gostaria de admitir, mas aquilo doía muito. Não usava nenhuma camiseta, Walburga detestava destruir roupas, deixando os machucados e o sangue escorrendo visíveis. Vênus gemeu, trincou os dentes e tremeu de nervosismo quando o viu.

"Senta", indicou com a mão o espaço na cama ao lado dela, mas ao contrário do pedido, ele se jogou de corpo inteiro. O rosto afundado nos travesseiros e as costas nuas amostra. Ninguém queria conversar. Eles estavam acostumados com os castigos, era sempre o mesmo: primeiro, a tortura; depois, um cuidava do outro.

Embebeu o pano com cuidado e com a mesma gentileza, limpou as costas do garoto. Sirius era poucos centímetros mais alto que Vênus, tinha os cabelos negros longos presos em um coque, os olhos cinzas agora fechavam-se entre os gemidos de dor.

"O que você fez agora?", Vênus, apesar de toda sua preocupação, não culpava o amigo pelo acontecido. Conhecia Walburga bem demais para saber que qualquer coisa levaria a aquilo.

"Novas fotos de meninas trouxas. Bem gostosas dessa vez. Ela não as achou tão gostosas quanto eu", ele deu uma risadinha e Vênus revirou os olhos. Diferente das meninas magras das fotos, Vênus era alta e tinha o corpo curvilíneo, para o desgosto da tia. Seus cabelos eram de um rosa claro e desciam pelas costas em cascatas, o rastro de sangue de metamorfomagos dera a ela aquela condição única.

"Ei, ei, ei", ela pulou de susto, havia mergulhado em pensamentos sobre o peso, dos quais era acordada agora por Sirius, que chacoalhava a mão freneticamente na frente de seus olhos.

"Está quase na sua hora". Os olhos cinzas transpareciam a preocupação que ele tinha.

Vênus olhou no relógio, vinte para as quatro. Se apressou limpando o ferimento, suas mãos tremiam.

O relógio marcou quatro. Walburga percorreu o corredor escuro, um passo firme de cada vez. Tinha o caminhar firme, o som de seus sapatos pontudos em um tom de púrpura brilhante ecoava pelo corredor. Parou entre as duas portas no final e com um aceno na varinha, as escancarou.

"Os dois. Para fora. Agora". De cada um dos recintos saiu um jovem. Sirius, do direito; Vênus, do esquerdo.

"Hoje a noite será o jantar de apresentação de Vênus ao noivo. Um bruxo rico, puro sangue e de boa influência. Os dois, estejam prontos as sete horas na sala de jantar", jogou um olhar frio sob o garoto, como se estudasse sua fisionomia. Ambos mantinham-se como guardas, parados com os braços ao lado do corpo e queixo erguido. Pareciam esperar um sinal para relaxar.

"Você, venha comigo", apontou para Vênus. Adentrou o quarto evitando encostar na garota. Conjurou uma cadeira e com um aceno na varinha, pousou um vestido grená de tecido grosso com padrões de arabescos em um tom mais vivo de vermelho, tornando-os quase imperceptíveis. Era longo, com um decote coração; mangas longas, ajustadas nos pulsos que traziam dois pequenos rubis bordados na lateral; era um corpete com hastes de ferro que subiam do quadril, formando um fundo "V" em direção a virilha; das laterais daquele "V", saía a saia, longa e em godê suave.

"Um presente de Lucius para você", Walburga sorriu, mas parecia que estava preparando os dentes para um ataque.

"É bonito". Vênus mentiu, vermelho grená não era exatamente uma cor que combinava com seus longos cabelos rosa pastel.

"Apronte-se, adequadamente. Cubra essas repugnâncias", indicou os seios com as mãos. "Sete horas na sala de jantar". E sem mais delongas, Walburga se retirou do quarto batendo a porta.

Assim, que ela saiu, Sirius saiu de dentro do armário "Que encheção de saco", Vênus não deu bola ao primo que jogava-se em sua cama e bufava. Analisava cada detalhe do vestido e sentia a ansiedade aumentar a cada instante.

"Eu não... Não quero me casar com ele, Sirius"

"Óbvio que você não quer. Ele parece ser mais um desses sangues puros nojentos".

Notas do capítulo

Apanhei muito desse capítulo, mas espero que gostem.

A hora do jantar chegou mais rápido do que o desejado. Às sete horas em ponto, a família Black estava na sala de jantar, até mesmo Sirius havia aparecido e estava devidamente arrumado como Walburga mandara. A família Malfoy chegou pontualmente às sete e dez, Lucius era extremamente parecido com o pai, Abraxas. Ambos eram altos, de longos cabelos, olhos cinzas que exalavam frieza. Abraxas tinha a pele tomada pela idade, branca, sem vida e enrugada em contraste com suas vestes pretas. Lucius era jovem, pálido e suas vestes verdes musgo bordadas com detalhes em fios de ouro demonstravam a riqueza que Vênus tanto o vira exaltar em Hogwarts anos atrás. "Sejam bem vindos." Walburga andava com as costas retas e nariz empinado, numa demonstração de superioridade. "Essa é Vênus, uma bruxa puro sangue da mui nobre família dos Black, estou assistindo-a de perto para que se torne uma esposa perfeita." A tia parecia apresentá-la como se fosse um prato ao cliente, não uma noiva ao noivo. Lucius sorriu com os lábios finos ao analisá-la, Sirius fechou os punhos ao perceber os olhares maliciosos.

O jantar iniciara às sete e meia como o previsto, Monstro cuidara de cada detalhe como lhe fora indicado. Nada estava fora do comum naquele jantar. O prato principal era Vênus em seu vestido vermelho, apresentando seus talentos, mostrando-se uma dama. Os mais velhos negociavam o dote. Sirius passava o pé pela perna da garota numa tentativa de acalmá-la, um aviso de que estava lá para ela. Lucius parecia consumi-la, acompanhava seus seios subirem e descerem com a respiração, destacados ainda mais naquele decote bufante. Era muito mais bonita que as irmãs mais velhas, Narcisa, que sempre fora apaixonada por ele, não tinha nem metade de sua beleza; Bellatrix, a quem puxara diversas semelhanças, passava despercebida perto daquele mar de cabelos rosa; Andrômeda, mesmo que jamais fosse cotada para casar-se por ser uma traidora de sangue, era a que mais se assemelhava em doçura. Régulo parecia cobiçá-la, não sentia nenhum pingo de amor por ela, muito menos a via como pessoa, assim como a mãe, a via como um objeto a ser vendido. Ele queria ganhar de Lucius, desvirginar a sua noiva e mostrar a ele que era um homem muito mais forte. Vênus era um prêmio.

Naquela mesa, apenas Sirius enxergava Vênus como a mulher forte e doce que era, não serviria para ser uma dona de casa como a tia apresentava, jamais deixaria um homem lhe dizer como comandar sua vida. Sirius havia crescido sendo comandado por ela. Vênus sentia a boca

do estômago queimar, ela sentia todos os olhares recaindo sobre si. Estava rodeada por urubus. Naquele momento, tomou uma decisão: fugiria de tudo aquilo. Não se casaria, abandonaria qualquer rastro dos Black em sua vida. Vênus Black não seria inferior a ninguém, muito menos a um homem tão desprezível quanto Lucius Malfoy.

Quando o jantar terminou, a garota teve que ficar para trás, para uma última conversa com o futuro noivo. Sirius parecia ter gelado, não podia deixá-la ali, não podia abandoná-la naquele momento. Não se lembrava como chegara ao quarto, os minutos não passavam. Não escutava nenhum som vindo do quarto ao lado. Quando ela chegaria?

Finalmente, ele a escutou. Walburga não a acompanhava. Atravessou a passagem e deparou-se com as costas nuas a sua frente, o vestido caia pelas pernas, deixando as coxas à mostra. Ela não havia notado sua presença, talvez pudesse admirar um pouco mais a curva que o quadril fazia, as nadegas que cabiam perfeitamente dentro da silhueta de ampulheta, a pele juvenil intocada pelo sol do verão a fazia brilhar sob a luz, ela era inegavelmente linda. Sirius sentiu enrijecer-se e tomou consciência do pecado que cometia, virou-se para o armário "Vênus... Com licença" Ela virou-se assustada, tentou limpar algumas lágrimas que restavam do choro e limpou a garganta "Espere um minuto."

Vestiu-se com o mesmo pijama que usara naquela manhã. Sentaram-se na cama. Contou tudo que acontecera depois da saída do primo, como eles exaltaram Voldemort, como finalizaram a proposta do dote, combinaram os preparativos finais do casamento que aconteceria no final daquele verão. Vênus confessionou sua vontade de fugir, entre lágrimas, o primo a apoiou e disse que sentia a mesma vontade. Começaram a tramar a fuga, nenhum plano parecia bom o suficiente, nada parecia funcionar. Cansada, pediu para que deitassem juntos. Dormiu no peito do garoto, algumas lágrimas ainda escapavam.

Acordaram perto da meia-noite e roubaram xícaras de chá da cozinha. Sentaram-se aos pés da cama, observando a noite estrelada lá fora. Sem hesitar, Vênus perguntou "Você me acha bonita?" Sirius engasgou com o líquido e a olhou com desdém "Por que pergunta?" Ele nunca negaria aquilo, ela era linda. "Lembra de Cody? Aquele menino alto do sexto ano?" "O que você saiu por alguns meses no ano passado?" Sirius revirou os olhos, fazendo Vênus rir "Esse, esse mesmo. Depois de eu ter negado uma transa, falou pra toda escola sobre o que eu supostamente tinha feito com ele. Que tinha me fodido de todas as formas, mas que sem roupa eu era horrível." "Ele me falou tudo isso, gritava no dormitório masculino. Daí eu dei uma surra nele e ele engoliu a bosta que falou." Vênus quase cuspiu o chá, o encarou com os olhos arregalados "Foi você?" Sirius sorriu cínico e orgulhoso do próprio feito "Foi. Eu não

deixaria ninguém falar assim da minha garota." "Eu não sou sua garota." "Mas poderia ser." Ela riu, ele manteve o meio sorriso "Isso foi uma cantada, Sirius Black?" Ambos riram "Essa foi definitivamente a pior cantada que recebi." Sirius rolou os olhos e a encarou "Assuma que sou sedutor e você não negaria nada a mim." Ela fez um sinal de "um pouco" com as mãos e riu. Riram até que fora necessário tomar ar, num lapso, se encararam. Tomaram um último gole de chá e pousaram as canecas na cômoda. Fora tudo que era necessário para que Sirius roubasse um beijo rápido dela, foi retribuído. Vênus posicionou as pernas ao lado das coxas do garoto, sentando em seu colo. A segurou pela cintura, a trazendo mais para si. Beijavam-se lentamente, brincavam com as mãos buscando o toque um da pele do outro, com necessidade, com urgência. Terminaram o beijo com selinhos e sorrisos. Sirius fazia cafuné na cabeça dela, o que a fez deitar em seu ombro. Ficaram ali, parados.

"Não case-se com ele. Por favor" Sussurrou ao pé do ouvido. Ela se afastou, sem reação alguma.

(Cap. 4) Capítulo III - Peça por favor.

Notas do capítulo

HÁ ESTUPRO NESSE CAPÍTULO. Fiquei tão ansiosa, porque é a partir daqui que a história começa a se desenrolar, que não esperei a versão revisada final. Vou editá-lo assim que ela ficar pronta, mas eu precisava compartilhar o quanto antes com vocês!

Há dois dias evitava qualquer contato com Sirius. Era difícil, ambos eram unha e carne desde criança. Ele sempre encobria qualquer coisa que ela fazia de errado, inúmeras vezes tomou a culpa para si. Mesmo em Hogwarts, onde ficavam distantes, ainda se encontravam entre as aulas para conversar. Ela sabia e sempre soubera que jamais olhara para ele como o primo rebelde, ela o via como o resto das meninas, um garoto alto, de cabelo negros e cacheados, com olhos azuis acinzentados e um sorriso que lhe arrancava suspiros. Era inegável que passara os últimos anos alimentando um desejo proibido por ele, que negara para si mesma por tanto tempo. Havia tido um caso com um dos melhores amigos dele, Remus, o que levara a mãe a mandá-la para os cuidados da tia. Ainda nutria uma paixão por ele, mas nada comparado ao que nutria por Sirius. Amar o primo era amar o fruto proibido do jardim do Éden, mas amava-o com todo o coração. Estava cansada de seu isolamento. Walburga saíra novamente, resolvia alguma coisa para a cerimônia. Estavam sozinhos. Atravessou a passagem

do armário. Sirius conversava com James pelo espelho mágico.

"VÊNUS, QUANTO TEMPO!" James gritou ao vê-la, abanava a mão alegremente e ela retribuiu, desconcertada. Ao notar a expressão no rosto de Sirius, James se despediu rapidamente com algo que ela poderia jurar que fora um "deixarei os pombinhos se resolverem". Quando ele finalmente tomou coragem para encara-la, pode notar as olheiras abaixo de seus olhos e sua expressão de cansaço.

"Olha, Sirius, eu... Eu..."

"O que você quer? Você vai se casar não vai? Você vai vir aqui me contar sobre o seu lindo vestido de noiva?" Ela sentiu uma pontada de raiva dentro de si.

"Eu vim aqui dizer que te amo, dizer que você é a porra do amor da minha vida. Mas podemos optar por discutir também e trocar acusações." A guarda dele baixou, ela o amava. Ela o amava. Surgiu um sorriso em seu rosto. Esperava por aquilo desde a tenra idade, fora sua primeira paixão de infância, sentia-se importante ao segurar sua mão durante as brincadeiras. Mesmo com todas aquelas garotas em Hogwarts, sentia falta de seu cheiro de rosas. Pulou da cadeira e foi em direção a ela, puxou-a pela cintura. Urgência. A beijou como se nunca pudessem se separar. "Vênus, eu, eu" Não conseguia falar, trocavam selinhos a todo momento, pousava a mão na lateral do rosto dela e a beijava. A guiou para a cama, ela riu "Já? Nem um encontro formal e você já quer me levar para cama?" Sentiu suas bochechas arderem, tinha no fundo, uma leve pretensão de transar naquele momento, mas achou melhor adiar.

Sabiam do risco que corriam, se a porta abrisse e estivessem ali, a plena intimidade, seriam mortos. Vênus sentiu o frio na barriga. Ela hesitou. Pensou na tia, em toda sua maldade e teve medo, não por ela, mas por Sirius. Olhou para aquele rosto tão perfeitamente desenhado, acompanhou a linha de seu queixo, os pêlos da barba que apareciam e estremeceu. Imaginou aquele rosto se enchendo de dor com a punição, a tortura, a dor.

Tal como Eva, ela sabia que era o fruto proibido e as consequências severas de seus atos. Vênus escolheu pecar. Passou a mão pelas costas e sentiu os machucados, havia sido castigado. Ele entendeu a dor nos olhos delas "Não pense nisso agora" a beijou novamente, conduzindo-a para cama. Sirius era calmo, beijava seu pescoço e descia pela camiseta. A garota se contraiu, já havia sido tocada, mas nunca com cuidado. Percebendo o tremor, olhos azuis vieram de encontro ao seus "Se você não quiser..." Ela suspirou, o queria com todas as células "Só tenho medo de você não gostar de mim"

A preocupação tornou-se confusão, ele riu e escorregou para fita-la, dando beijinhos leves em seus lábios "Você é linda"

Encheu o rosto de beijo. Beijou a ponta do nariz, a curva do queixo, criou redemoinhos nas bochechas até chegar a boca. Desceu pelo pescoço, demorou-se ali, sugando a fina pele "Eu amo seu cheiro" Seguiu o traço das clavículas. Beijou os ombros. Mapeava cada detalhe. Chegou aos seios, ambos arfaram. O decote deixava pouco a mostra, não por muito tempo, livraram-se da camiseta e os deixaram a mostra. Seus seios caíam naturalmente, sem parecerem artificialmente arrebitados como nas imagens atrás dela, tinham formato de gota. Eram grandes, como sua estatura e apresentavam pequenas pintinhas, Sirius as acariciou com a ponta dos dedos "Constelações" murmurou sorrindo antes de beija-los, cercou o direito com uma mão e o outro levou a boca. A respiração de Vênus falhou ainda mais. Ela o queria. Agora. Jogou para fora toda e qualquer vergonha, o empurrou. A expressão confusa a encontrou, ela riu "Tire a roupa" Roupas não eram o termo apropriado para descrever a única peça de roupa que o garoto usava, uma samba canção escura. A retirou, deixando-se exposto a altura dos olhos dela. Pela primeira vez, sentia-se nervoso por estar com uma garota. Sentiu o coração bater mais rápido quando ela o levou a boca.

Ele a retribuiu de todas as maneiras. Estavam sedentos, esperavam por aquilo há muito tempo. Esqueceram-se de contar o tempo. Já passava das dez quando aconteceu, Vênus deitada com a barriga no colchão, soltando risadinhas com os beijos que Sirius depositava em suas costas. Desenhava o formato de suas constelações com a boca e sorria ao fazer carinho com a pontas dos dedos. "Sempre quis isso" ela levantou a cabeça para fita-lo "Ficar preso na casa dos Black?" Sorriu em desdenho, sabia que a resposta era sobre ela "Você" Colaram os lábios novamente, separando-os para encararem um os olhos dos outros. Ela estremeceu ao sentir os beijos em sua bochecha, descendo para seu pescoço e subindo em direção a sua boca. Queria gravar aquele momento com os mínimos detalhes. "Você é assim com todo mundo?" Ele parou e a olhou confuso enquanto ela trocava de posição, sentando-se apoiada a cabeceira da cama de ébano "Assim?"

"Você não parece aquele cara que as pessoas tiram fila pra fazer boquete em Hogwarts." Sirius riu, mas ela não, queria uma resposta. "Não, você me faz sentir diferente." Fez o caminho do pescoço dela até o ombro com a ponta da unha "Olha, Sirius, eu não sou aquele tipo de garota que todo mundo quer..." Parou ao vê-lo rindo baixinho "Metade de Hogwarts quer você, a outra metade não gosta de buceta" Isso a assustou, sempre havia sentido como se fosse feia, talvez um fruto da semente plantada pela tia dentro de si. Sempre escutara sobre como era feia, era privada de comer certos alimentos ou em certas ocasiões, não havia nada de comida que lhe fosse autorizado, precisava emagrecer, dizia a tia. "Você não sabia?" Negou com a cabeça, jamais havia pensado em si como uma garota bonita "Pelo amor de Merlin, Vênus. Você

realmente sempre acreditou nessa merda que a vaca da Walburga te dizia?" Ela acreditava, muito. Sentiu os olhos marejarem e a mão do amante acariciar suas bochechas e desenhar seus lábios "Desculpa, eu não..."

"Não é com você, Sirius, não é com você. É só que..." Mal conseguia terminar a frase, desabou a chorar. Os lábios dele encontraram os dela, a acalmando um pouco. Assistiu o corpo dele deitar-se ao seu lado "Venha" A puxou para o seu peito. Sentia-se confortável ali, calma. A respiração quente batia no pescoço alvo de Sirius e voltava para si. As mãos dele acariciavam as costas dela. Tudo estava bem.

Vênus sentiu sua respiração aumentar. Algo cobria sua boca com força, tentou se debater, mas a pressão do corpo de seu agressor não permitia. Em meio a escuridão, tentou enxergar quem era, algum resquício de luz deu cor aos olhos azuis, azul profundo. Sirius, poderia ser Sirius? Sentiu as mãos dele percorrerem seu corpo. Esmagarem os seios, depois botar a boca com toda vontade neles. Queria que fosse um pesadelo. Não era. Sentiu uma ereção na altura de sua barriga. As lágrimas ficaram mais fortes. Queria pedir por favor. *Por favor, me deixe. Por favor, amanhã. Por favor, me largue. Por favor. Por favor. Por favor.*

Os olhos encontraram os dela, aquele azul profundo cheio de raiva. *Por favor.* Não conseguia lembrar se eram realmente os olhos de Sirius. Por que ele faria aquilo com ela? O sentiu lambar seu rosto, seus seios, seu corpo. Sentia asco de si agora. *Por favor, deixe-me ir. Por favor.* "Se

você gritar, eu o mato. Se contar para qualquer pessoa, eu o mato. Escutou, Vênus? Agora me deixe ver esse corpo" Sentiu seu sangue gelar e seu corpo paralisar. Por favor, deixe-me ir. Aconteceu rápido demais para ser possível entender, algo o arrancou abruptamente de cima de si. Ouviu socos, carne batendo contra carne. Não conseguiu se mexer, não conseguiu dizer nada. Alguém a sacudiu, era Sirius "Vênus, venha, se vista. Eu consegui as chaves, venha vamos embora." Agiu por puro instinto. Vestiu-se, arrumou suas coisas e correu de volta ao quarto ao lado. Foi então que viu, no chão, Regulus com o nariz ensanguentado. Fora ele. "Vênus? Borrifei poção do sono por toda a casa, tome isso para não dormir" Ele sacudia um vidrinho na frente do rosto dela, não conseguia tirar os olhos do garoto no chão e o medo que atingia sua espinha. Bebeu e saiu atrás dele. Ainda zonza, um nó em sua garganta, estava prestes a vomitar. Era difícil digerir os fatos daquela noite.

Nada naquela noite parecia fazer sentido. Não conseguia pensar em nada além das palavras de Regulus em seu ouvido. Eu o mato. Eu. O. Mato. Sirius. Morto. Não sentiu conforto nem quando os braços de Sirius a apertaram forte e ele tentou confortá-la. Ele morreria. Por causa dela. Seu coração parou algumas vezes. E algumas outras sentiu que não havia nada

dentro do peito. Deveria ter gritado, deveria ter reagido, nada. Ela assistiu. Era a culpada. **Culpada.** Aninhou-se no peito de Sirius e chorou, chorou até não haver mais lágrimas. Ele estava ali, sem conseguir ter o que dizer, fazendo carinho em seu cabelo.

A casa de campo erguia-se a frente. Era enorme, branca e com simpáticas janelas de madeira. O jardim era vasto, havia flores e uma grama bem cuidada rodeando o casarão. James estava na porta e os esperava com uma expressão de preocupação. Possivelmente, Sirius havia mandado uma coruja ou um patrono, mas não fazia diferença naquela momento. “Vocês estão bem?” Ele evitava contato mais direto, podia ler nas expressões dos recém chegados que eles precisavam de tempo. Sirius negou e indicou a garota aninhada em seus braços, seus lábios se mexeram formando uma palavra que Vênus não viu e nem precisou, ela sabia do que se tratava. Euphemia pôs as mãos sobre a boca, cuidadosamente, abraçou a menina pelos ombros e a levou para dentro. A garota deu um último olhar desesperado ao amante e se acalmou ao receber um sorriso reconfortante. Quando ambas já estavam longe demais para ouvir. Ele socou o pilar ao qual se escorava, as mãos sangravam, mas ele parecia não ter se importado. Socou novamente. Mais sangue. Sangue. Soco. Sangue. Socos. Gritos. Mais socos. James levou a mão ao ombro do amigo e o trouxe para si em um abraço imobilizante “Você não podia ter evitado” Mentira. Ele poderia. Se estivesse acordado, se tivesse cuidado dela, se...

“Eu dormi. Não escutei nada. Não consegui. Eu não consegui, Prongs. Não consegui salva-la. Deveria mata-lo. MAS NEM ISSO, NEM ISSO EU CONSEGUI, CARALHO. ELE DEVE ESTAR FELIZ COM O QUE ACONTECEU.” Outro soco. Mais um. James tentou segura-lo novamente, mas os anos de treino como batedor de Sirius falavam mais alto. Mais um soco na parede.

Até que Euphemia ressurgiu pela porta “Vou leva-la até Andrômeda Tonks. Ela quer ficar lá.” Ela não focava os olhos em Sirius. Só conseguiu olhar para ele quando ele tentou ultrapassa-la e foi impedido por uma mão em seu peito, firme e materna. “Ela não quer vê-lo.” Ele a olhou incrédulo. *Mentira. Ele precisava vê-la. Agora.* Prevendo o movimento, James o agarrou pelas costas e sinalizou com a cabeça para que a mãe entrasse “Eu sinto muito, Sirius”

Não havia mais ao que se segurar, não conseguia mais manter aquele nó na garganta. Chorou. Mais do que deveria. Mais do esperava. Sentou nas escadas do casarão e chorou. Era culpa dele.

Notas finais do capítulo

AAAAA AAAA espero que gostem

(Cap. 5) Capítulo IV - Incêndio

Notas do capítulo

AAAAAAA Então, eu fui viajar e morri. Mentira, só fui viajar mesmo. Foi ótimo e me desculpem por demorar tanto. Fiz uma pequena pesquisa sobre os anos 70 na Inglaterra e tentei trazer uma Lily que sempre sonhei. Espero que gostem

Vênus gemia embaixo de si. Contorcia-se de prazer. Sirius piscou. Não era de prazer que ela se contorcia, era de medo, batia contra o peito dele, o empurrava. Ele tentava acalmá-la. Nada. Não queria fazer aquilo com ela. Ele a havia machucado. Ele a machucava. Saiu cambaleante da cama, tropeçou no batente da porta do banheiro, apoiou-se na pia e a imagem no espelho o encarou, não era ele que o encarava, era Regulus. "Sirius" Uma voz masculina gritava com ele, tentava estapear aquela voz, aquela imagem, machucar quem a machucava. A voz o chamou novamente

"Sirius"

Não eram Regulus, era alguém de tom amigável, alguém conhecido. Era James. Descobriu isso ao abrir os olhos e encontrar o rosto contorcido de preocupação.

"Você se debateu a noite inteira chamando Vênus."

Olhou para baixo e viu que estava preso pelo amigo, as mãos fechadas e vermelhas de tanta força que fizera, presas para baixo pelas mãos fortes e morenas de James. Quando finalmente conseguiu regular a respiração, soltou-se.

"Sonho toda noite com ela. Que a machuquei. Que é culpa minha. Tudo isso." Olhou para a janela, esperando por algo, nada. "Ela não tem respondido as suas cartas?"

Ele negativou com a cabeça. Recebia só cartas de Andrômeda dizendo que a garota estava bem, mas que não falava sobre o assunto. Depois de cartas demais, recebeu uma última carta da prima pedindo que parasse de mandar cartas. Relutante, convencido por James, desistiu. Dedicou o verão a tentar esquecer o incidente. Até mesmo os erros nas redações de Transfigurações lembravam-no dela, da maneira em como ria dos erros bobos dele e explicava animada, apontando com os dedos longos as respostas corretas nos livros. Nos jogos de quadribol com James, lembrava-se dos treinos na escola, a mania dela de brincar em acertar os balaços de treino nele e durante os jogos oficiais, rebater todos os balaços que vinham em sua direção. De como, depois do jogo, erguia orgulhosa com os braços musculosos o bastão no ar e gritava. Lembrava como competiam nos abdominais, ela sempre ganhava. Na prancha, ele era sempre o vencedor. Tudo parecia um pouco mais vazio, mesmo que não estivesse colado o

tempo todo a ela em outros tempos, tinha a certeza de que poderia conversar em outro momento ou convidá-la para alguma atividade. E haveriam lindos sorrisos. Agora, ela parecia uma memória em que não se distingue realidade e fantasia. Acordava tantas vezes durante a noite e encarava-se no espelho, planejava discursos para consolá-la, pensava em como resolver tudo aquilo. Nada nunca parecia adiantar.

Atravessou os dias, rasgando-os de ansiedade até o primeiro de setembro. Lá estava ela, cansada e com olheiras profundas, dormira tanto quanto ele naquele verão. Seu coração parou ao vê-la, mas achou que morreria mesmo quando a viu gentilmente pousar a cabeça sobre o peito de Remus e o abraça-lo pela cintura. Este abanava em direção ao amigo e dava um beijo na testa da menina, para partir, sem intenção, o coração de Sirius em dois, ia em direção aos amigos, sorrindo e os cumprimentando.

"Remus" James o abraçou e feliz sorriu, Sirius exibiu um sorriso falso e repetiu o gesto. "Como passaram as férias?" Nenhum deles quis dar respostas longas.

Lily estava particularmente bonita naquela manhã, mas tensa. Falava dos problemas políticos trouxas, da inflação e do desejo dos amigos de saírem do país. Contava da nova televisão que chegara a casa, um aparelho trouxa que mostrava histórias, notícias e tudo que era possível imaginar. Vênus ouvia atenta, evitava falar sobre o acontecido daquele verão, desenvolvera um método para lidar com aquilo: Não lidar. Ignorar e esquecer. Preferia falar escutar a amiga falar

emocionada sobre feminismo e como os conceitos poderiam ser aplicados no mundo bruxo. Gostava de escutar sobre os Beatles, a música e a juventude. Falar com aquela pequena garota ruiva, de calças flare e um apaixonado amor pelas causas trouxas era um refúgio.

"Mamãe quer que eu comece a tomar a pílula." Lily parecia confusa, mas percebeu que a amiga estava ainda mais.

"É uma poção que vem sólida, sabe? Como se fosse uma balinha de poção. É pra não engravidar, você pode até não menstruar! Genial, não?" Seu rosto partiu de uma torção de confusão para um sorriso encantado

"Como uma poção anti-cria?"

"Poção anti-cria?"

"Você toma uma vez por mês e pode dar a vontade. Tem uma que é só uma vez no ano e a pra toda vida."

Vênus sentia-se leve. Os cabelos rosa e ruivo casavam. Falavam sobre o direito das mulheres. Criticavam o patriarcado bruxo. Comentavam como faltavam mulheres no poder,

mulheres na história, como faltavam mulheres. Depois, não falavam sobre nada. Nada que fosse sério o suficiente para lembrar. Falavam sobre a vizinha irritante de Lily, que o filho era punk e a mãe insistia em tentar mimá-lo, chamando pelo apelido “Toninho”, o menino morria de vergonha da mãe gritando “Toninho” pela janela, Lily achava o máximo. Debateram sobre as calças flare, sobre a mini-saia. Lily estava determinada a usar, Vênus nem tanto. Era fácil estar ali. Decidira comentar sobre o verão na casa de Andrômeda, a filha pequena dela, Nymphadora, era uma metamorfomaga e gostava de imitar Vênus.

“Um dia ela apareceu com o mesmo cabelo que eu, mesmo nariz e tudo! Parecia uma miniatura de mim” Ria da lembrança. Gostava de lembrar da menina, a pequena Dora.

“Ela corre tanto, Lily. É impossível.”

“Crianças são impossíveis, Veevee!” Riram mais. E como rir era gostoso. Era mais fácil que chorar como fizera o verão todo na calada da noite. Não contaria isso a amiga. Não contaria sobre a inquietação noturna, os pesadelos constantes e o choro desesperado. Fingia agora que nada existia, tudo um pesadelo que precisava deixar para trás.

“James está mais bonito do que o normal neste ano, Lily” Olhou para a amiga com o canto dos olhos, dando um sorriso travesso ao vê-la enrubescer.

“Ele é um babaca.” Cruzou os braços sobre o peito e corou mais um pouco

“Ele mudou Lily, não foque no menino que conheceu. Dê uma chance a ele”

“Só quando você der uma chance a Remus” Vênus arregalou os olhos em surpresa e a ruiva deu um sorrisinho

“Ele é louco por você. Louco. Alucinado. Chega a ser irritante.”

“Ele é um bom amigo” Tentou imaginar-se com Remus, uma pessoa completamente diferente de Sirius, mais calmo e centrado. Sem a badalação, sem todo o fervor. Sem toda a paixão.

Deram os ombros e deixaram o assunto para lá, havia coisas mais importantes a se discutir.

“Duas mulheres trouxas abriram um centro de apoio para mulheres em Londres, pensei em visitar no Natal. Sabe, dar suporte a quem precisa, as vítimas” A última palavra congelou o corpo de Vênus. Vítima. Não.

“Vítimas?”

“Estupros, violência doméstica, abusos. É bem interessante, Vee. Apoiar outras mulheres que passaram por coisas horríveis e todo mundo não acredita nelas. Você não tem essa sede? Essa sede de mudar o mundo”

“Posso ir com você?” O olhar perdeu-se na vegetação que passava rápida pela janela.

Talvez devesse falar sobre o assunto. Ouviu a amiga bater palminhas e pular no banco animada.

“Sim, sim, SIM! Vou levar você nas reuniões das meninas! Você vai adorar!”

Já era final da tarde quando Remus abriu a porta, um tanto receoso, para dar oi a elas. Lily sorria como uma criança que estava prestes a ganhar um doce, podia compreender a mensagem nos olhos de Vênus “eu vou matá-la” parecia dizer.

“Vi você no noticiário, Lily” Remus e Lily cruzavam olhares animados, ambos pareciam gostar de falar sobre coisas de trouxas e ainda sim, serem bruxos.

“Algo sobre os direitos das mulheres e dos trabalhadores. Comentei que você era minha colega para minha mãe, ela ficou tão animada e quer te conhecer” O rosto da ruiva se encheu de orgulho próprio, empinou o nariz e aumentou o sorriso quando o amigo sentou próximo a Vênus, que gentilmente deslizou para o lado, recebendo um olhar de reprovação.

“Vou mandar uma carta para ela na escola. Estava falando com Veeve sobre os protestos e contando tudo” Quanto mais a ruiva forçava a interação entre o dois, menos ela acontecia. Remus era carismático e envergonhado, Vênus o adorava, mas a amiga a deixava constrangida. Como se fosse obrigada a gostar dele de uma maneira que não gostava e que todos pareciam empurra-la para isso. Quando começou a amizade próxima e quase terapêutica com ele, foi acusada pela família de namorar com um traidor de sangue e mandada para a casa da tia, o que trazia toda a confusão a aquele ponto crucial.

O garoto, por outro lado, queria que aquilo funcionasse. Gostava da ideia de namorá-la e nutria profundos sentimentos por ela, que pareciam jamais ser correspondidos da mesma maneira. Eram bons amigos, trocaram cartas durante todo o verão e ele tentava, incansavelmente, ajudá-la com seus problemas para dormir, sem nunca querer intrometer-se e tentar desvendar o motivo.

Minutos antes de entrar na cabine, contava aos amigos sobre suas inseguranças

“James, Sirius... Eu queria pedir ajuda para algo... vocês poderiam, por favor, me ajudar?” A voz tremia, olhava para baixo e suave. Peter ouvia atento tentando captar o máximo que conseguia. James e Sirius responderam com as mãos, fazendo um gesto para que continuasse e aproximaram-se, mexendo seus corpos para frente e pousando os cotovelos sobre os joelhos, atentos a tudo.

“Eu queria chamar essa garota para sair e... nunca fiz isso antes” Sentia as maçãs do rosto em brasa, James deu um risinho

“Antes de tudo, quem é a sortuda?”

“Vênus” Corou mais ainda. Sirius vacilou. Esqueceu toda a amizade por um momento e queria que ele sumisse dali. O corpo inteiro enrijeceu, parecia pronto para lutar. Sentiu James

apertar seu joelho preocupado.

Isolado em sua ansiedade, Remus não notou o incêndio repentino dentro daquela cabine.

Notas finais do capítulo

Se lê "Vivi" Sim, é um capítulo onde todo mundo interage e é um adolescente normal e era isso que eu queria. Uma pausa na ação. A Lily e a Venus conversando sobre o mundo e ela shippando forte a amiga com o Remus.

(Cap. 6) Capítulo V - Calorosos dias gelados

Notas do capítulo

Me perdoem. Eu tenho estado em dias tão difíceis e estressantes. Ando extremamente deprimida e ao mesmo tempo, atolada de coisas para fazer. Faço quase 30 créditos na faculdade e sempre tenho textos para ler, textos para fazer. Inclusive, escrevi esse capítulo quando deveria estar escrevendo uma resenha de um artigo, tudo em inglês. Me dói o coração não conseguir postar com frequência. Mas minha saúde mental não tem ajudado muito.

Naquela manhã, como de costume, Lily discursava pela vigésima vez sobre direitos trabalhistas e os absurdos cometidos pelo governo trouxa, por mais que Vênus se interessasse no assunto, já escutara o suficiente por uma manhã. Encarava o próprio prato de café da manhã como se estivesse prestes a mergulhar de cabeça na poça de xarope de maple que se formava sobre as panquecas. “Bom dia, Vênus, Lily.” era Remus, em seu bom humor matinal “Bom dia” Lily pareceu não nota-lo, enquanto xingava o jornal trouxa novamente, fazendo a amiga rir “A ignore, ela está há meio hora lendo esse jornal e toda página que abre, xinga a mãe de alguém.” Ambos riram e Remus hesitou por um momento, encarando o prato de Vênus, viu seu sangue tomar o rosto “Vênus” ela voltou a encará-lo, como se pedisse que prosseguisse

“As visitas a Hogsmeade estão chegando, falta bastante tempo na verdade, você gostariadeircomigo? Sequiserclaro, quer dizer, se você quiser, não precisa se sentir obrigada.” O rosto dela expressava sua confusão “Remus...” O coração dele parou “Desculpa,...” Parecia querer sair do peito “Você pode repetir? Eu não entendi.”

“Você gostaria de ir comigo a Hogsmeade quando as visitas começarem?” Ela riu bebericando o chá

“Claro, mas falta um mês. Você sabe, não?” Ele parecia desnorteado de tamanha felicidade e sorria como um bobo

“Sei, sei sim. Eu só estava ansioso.” Ele se afastou sem parar de encará-la, sorridente e confiante. Vênus sentiu um olhar gélido cair sob si, Sirius a encarava de longe, eles não se falavam mais. Nem mesmo nos treinos de quadribol, ele havia optado por abandonar a posição de artilheiro para não ficar perto dela. Estava com uma menina do quinto ano, Marlene, em seu encalço.

Quando a hora da primeira da aula da manhã chegou, Lily pareceu se lembrar do resto do mundo e xingar outra coisa que lhe atormentava: James Potter. Vênus o adorava e sorriu ao vê-lo esperando do lado de fora da sala de McGonagall, estendeu a mão pra bater na dele, no alto. “Bom dia, arco-íris. Bom dia, raio de sol.”

Se Vênus amava os apelidos relacionados a sua aparência com todas as suas forças, Lily os odiava igualmente.

“Vamos, Potter. Você fez o relatório sobre as transfigurações naturais de animais transmorfos? Fez o diário do seu peixe metamorfo? O alimentou corretamente pra que ele virasse um polvo e um mini tubarão? Ele está vivo? VOCÊ SABE ONDE ELE ESTÁ, POTTER?”

A ruiva parecia uma aparelho de som trouxa que fora acelerado, ela o bombardeava de perguntas, fazendo-o rir. Ele nunca perdia o bom humor. Diferente do melhor amigo, que estava escorado na parede há alguns metros analisando um longo pergaminho com Peter.

“Sim. Sim. Sim, ele inclusive mordeu minha mão e produziu tinta nanquim. Ele está vivo, se chama SaiacomigoLily. Ele está no meu coração, como você, mas literalmente falando, no meu dormitório nadando feliz e gordo.”

Ela poderia matá-lo, mas não o fez.

“Se tirarmos a nota máxima, prometo ir TODOS os finais de semana com você a Hogsmeade. NÃO ME DECEPCIONE, JAMES POTTER. Não me decepcione.”

Em outras épocas, Vênus diria que ela só queria uma nota máxima e não cumpriria a promessa. Mas no último ano, com a mudança de comportamento de James e a insistência de Vênus pra que ela desse uma chance, parecia ser mais um convite, Lily havia lido o relatório de James enquanto ele dormia sob a mesa na noite anterior. Estava perfeito. Ela jamais admitiria que sua suposta queda por ele havia se tornado uma coisa real.

Enquanto Lily e James continuavam a debater sobre o trabalho em alto e bom som, como se todo o castelo necessitasse escutá-los e James precisasse rir de cada vírgula do que ela dizia. Remus parecia um ponto de paz, estava corrigindo o relatório de Vênus escorado em uma parede, focado em cada linha e sem fazer grandes alardes. Não emitia tantos sons quanto os amigos. “Muito bom, Vênus. Mas precisamos fazer algumas correções, mas McGonagall

prometeu passar as instruções mais aprofundadas sobre as correções desse primeiro rascunho e como devemos preparar a versão final.”

Se ele quisesse, poderia ser o melhor professor que Hogwarts já vira. Ambos deram um salto quando Lily gritou com James.

“Ela nunca vai admitir que fica tão brava perto dele por causa do próprio nervosismo?”

Remus e Lily eram bons amigos, assim como Veevee, ele sabia que a pequena bomba ruiva jamais daria o braço a torcer.

“Você conhece Lily, Remus. A única coisa que ela aprendeu em casa foi a gritar com a irmã e gritar é a forma que ela tem de jogar isso pra fora. Acho que até amar ela só sabe fazer aos gritos. E ela tem ficado cada vez mais nervosa com essa proximidade com James, ela provavelmente não sabe mais agir normalmente. Pelo menos não até admitir que ama o cara. Ela gritava tanto hoje no café da manhã e botava a culpa no jornal, mas era porque o Jayjay ali passou o tempo todo encarando ela. Ela pirou.” Ambos riram. Se Vênus tinha algo naquele momento, era razão.

A casa de Lily sempre fora barulhenta. Petúnia sempre brigava por tudo, sempre aos gritos. Mesmo com a mãe tão amorosa e calma, a ruiva sofrera influência direta do comportamento do pai, que há muito perdera a paciência e para não descontar nas filhas, xingava outras coisas, achava culpa no governo para gritar durante o jornal, gritava contra o goleiro do time, o vilão do filme e nem o sofá escapava. Fora assim que aprendera a esvaziar suas frustrações, gritando. E se ela estava nervosa, ansiosa por não saber como lidar com sua paixão dissimulada por Potter. Seu nervosismo se misturaria a uma fúria tremenda ao ver Snape passar pelo corredor, ela jamais o perdoara por tudo que a havia dito.

Se nem o tempo parecia estar seguindo as regras, era um dia que deveria ser quente, mas o vento era gelado, os humores também não seguiram. Ao invés de enfurecer-se e guardar tanta mágoa para si para jogar sobre algum detalhe banal do dia, Lily se escorou na parede de pedra e suspirou. Com toda a suavidade que podia, James colocou as mãos sob seus ombros, abraçá-la era um contato muito íntimo para uma dupla que tentava se entender só como colegas. Não foi ele quem a puxou para um abraço, foi ela que se permitiu puxá-lo para si e chorar. Tentando evitar que qualquer um interviesse ou fizesse perguntas demais, a levantou delicadamente do chão, como se faz com uma criança sonolenta, Lily pesava talvez menos que uma criança. A levou para uma antiga sala de leitura que não era usada há muito tempo. Ela estava tão agarrada ao seu pescoço que fora impossível não optar por botá-la em seu colo.

“Não dê bola para o ranhoso, Lily. Não dê bola para nada que ele fala.” Comovido, num gesto de aconchego, depositar um beijo em sua testa. Seu choro, tão discreto, parecia se misturar

ao som do vento assobiando pela sala e fazendo barulho ao encontrar a madeira dos móveis de mogno empoeirados. Era uma salinha pequena, feita para tomar chá e ler, eram algumas poltronas jogadas e uma estante vazia. Havia penas jogadas em diversos cantos e velhos pedaços de pergaminhos. Os dois eram um contraste com o ambiente, uma sala tão velha, abatida e esquecida por todos. Parecia até estar morta. E a menina ali, toda embrulhada sentada no colo de um colega, tirando de dentro de si todas as lágrimas.

“Minha gata morreu”

Ela contou sem olhar para ele, percebera que estava sentada em seu colo e a vergonha tomara conta do seu corpo. O ouviu suspirar um “sinto muito” e abraçá-la mais forte. Talvez nem fosse pelo abraço reconfortante, ou fosse, jamais admitiria da onde viera a força que a fizera levantar e exigir “Venha! Venha! Temos aula.”

Tentou ser dura, sempre fora com ele. Quando analisou a expressão de confusão e desesperança, sentiu uma pontada de arrependimento com o próprio tom. Ele era ótimo para ela. Precisava admitir.

Vagaram pelos corredores com certa distância. Lily observou o corpo da quase paixonite com cuidado, tentou memorizar todas as suas curvas suaves, ele era tão magro e tinha poucos músculos proeminentes. Antes que chegassem ao destino, correu para alcançá-lo sentiu o vento gelado bater em seu rosto e a fazer notar: Estava apaixonada. Agarrou a mão de James e ele virou, podendo fitá-la.

“Obrigada.”

Fora tudo que conseguira falar antes de entrar na aula. James teve vontade de gritar, comemorar como se fosse a final de um campeonato. Sorriu como jamais tinha feito. Estava pleno. Era um tempo caloroso para uma manhã gelada.

(Cap. 7) Capítulo VI - Desanuvio

Notas do capítulo

To aqui olhando pra minha gramática pensando no trabalho que tenho que fazer, nas provas que tenho que fazer e tudo que penso é "VAMO POSTAR OUTRO CAPÍTULO" Minha semanas são bem loucas, porque eu faço 27 créditos e tenho muita carga de leitura, mas tamo ai.

Sirius já não ligava mais pra qualquer opinião sobre ele, fazia total questão de ajudar a espalhar boatos. Até James reclamara que ele deixara de ser engraçado para se tornar orgulhoso

e focar em si. Ele se amontoava em frustrações, para depois enfiá-las na primeira garota disposta a recebe-lo, sem carinho ou maiores rodeios. Rápido. Luxurioso. Orgulhoso de si. Se as fofocas já estavam borbulhando loucamente pelos corredores, elas pioravam quando ele começou a ganhar orais em pleno salão comunal, na manhã seguinte, com a fofoca já em seu ápice, não olharia no rosto da menina, ou do menino segundo rumores. Fazia jus a fama de Playboy.

“Ele é um babaca” Lily comentou enojada ao ver Sirius passar a mão na bunda de uma Corvinal depois de um amasso nada discreto em pleno almoço. Vênus a ignorou os comentários sobre o primo ao seu redor e tal como ele, enfiou a cabeça no livro de Poções. Evitava ao máximo falar sobre ele, principalmente agora que passava grande parte do seu tempo com Lupin.

“Deixe ele, Lily. Sirius tem suas próprias formas de demonstrar sofrimento” Baixara o livro para olhar nos olhos de Lily e confronta-la por alguns segundos, só assim a menina calaria a boca. Só respondera depois de perceber que ela o fuzilava e depois se voltava para Vênus em busca de ajuda no julgamento. Ignorando o olhar de desaprovação de Lily, voltara o olhar para o acusado conseguia ver as barreiras invisíveis se formando ao redor dele, ele jamais admitiria. Podia negar sua casa, seu sangue, mas tamanho orgulho era característico dos Black.

“E precisa ser desrespeitando mulheres? Disseram que tinha uma menina chupando ele ontem NO SALÃO COMUNAL, VEEVEE! NO SALÃO COMUNAL!”

Sua fúria estava clara, a pele vermelha de raiva contrastando com os olhos verde esmeralda, que davam até medo, parecia que a qualquer momento eles se tornariam balas de canhão e acertariam o alvo bem no meio da testa. Vênus riu mentalmente com a imagem dos olhos de Lily como canhões enlouquecidos movidos a ódio, mas abafou o riso quando ele chegou a garganta para evitar discussão. O clima pesado foi dissipado por um Lupin sorridente que se direcionava a bochecha de Vênus para depositar um beijo, num movimento mal pensado, mas intencionalmente, ela fez com que ele tocasse os lábios dela. Pode ouvir Lily dar pulinhos sentada, fazendo a mesa balançar. O rosto de Remus esquentou quando ela o agarrou com as duas mãos, temendo que o menino fugisse por vergonha. Ele desistiu de tentar lutar, a retribuiu doce, quase inocente, completamente nervoso. Pararam com o susto ao escutarem uma louça quebrando. Vênus sabia da onde vinha.

Remus não ligara para os olhares de surpresa, ele nunca aparecia com uma namorada, diferente dos amigos. Pela primeira vez, era o escolhido. Estava radiante.

“Ela anda em beleza, como a noite De climas desanuviados e céus estrelados, E tudo que há de melhor Encontram-se em seus olhos e jeito” Sussurrou próximo a orelha da amada,

a fazendo rir. “*E tudo que há de melhor na luz e escuridão E encontram-se em seus olhos e jeito*” ela riu novamente “Desculpe?” “Ta errado, é

‘*Ela anda em beleza, como a noite De climas desanuviados e céus estrelados, E tudo que há de melhor na luz e escuridão Encontram-se em seus olhos e em seu jeito*’”

“Então conhece poesia trouxa o suficiente para me corrigir?”

“Lord Byron era um bruxo”

O rosto de Remus, tantas vezes antes apagado pela sombra da lua, agora se iluminava como um dia quente de verão, exibindo um lindo sorriso de orelha a orelha.

“Eu deveria me casar com você” Os cabelos de Vênus tornaram-se um leve avermelhado para combinar com seu rosto corado.

Não eram só os olhares de garotas desconcertadas com o casal, que tentavam entender a química, Snape também os seguia de perto, esperando alguma falha e Lily, via isso com olhos de águia.

Durante a aula de feitiços, enquanto Snape tentava escutar qualquer conversa, a ruiva sibilou um “pare” e quando percebera que ele não desistiria tão facilmente, o azarou para que um de seus ouvidos zunhisse. O que seus olhos esmeraldas não notavam era a raiva que parecia borbulhar em Sirius diante dos constantes carinhos do novo e feliz casal. Fora James quem o repreendera “Deixe Remus ter um pouco de felicidade, Padfoot”

“Você não entende a merda que é isso, Prongs”

“O seu ciúmes que está quase te matando? Cara, você anda bufando pelos corredores e mal consegue olhar pra ele”

“Vênus não gosta dele”

“Então ela gosta de você?” Sirius sentiu o tom irônico no amigo, se o professor não estivesse tão perto, daria um soco na cara daquele garoto.

“Você não entenderia” Estava vermelho de raiva, vermelho vivo. Prestes a explodir.

“Eu entendo, você está sendo ridículo em querer acabar com a felicidade do seu melhor amigo” Fora num piscar de olhos, o som de carne contra carne ecoou pela sala.

“BLACK” Fora tudo que o professor conseguirá dizer diante da cena, um Potter de óculos quebrados e olho roxo; um Black de pé, punho cerrados e que sairá correndo, bufando, da sala. Sumiria pelo resto do dia.

Antes de sair, olhou uma última vez para Vênus e Remus, só para vê-la desviar o olhar envergonhada. Ambos se levantaram para socorrer James, ainda zozado com o acontecido. O carregavam pelos corredores em direção a enfermaria, quando já estavam longe o suficiente da

sala e de qualquer zunhido de fofoca, é que voltaram ao assunto

“Por que ele fez isso?” Remus parecia não entender, mas Prongs e Veeve trocaram um longo olhar com cautela, talvez procurando respostas ou opiniões diferentes, nada a ser dito. Fora ele que explicara “Ciúmes”

Houve um calafrio na espinha de Vênus, uma pontada de arrependimento misturado a uma dor. Sua atenção se voltou a figura de cabelos negros parada no meio do corredor “Finalmente, os animais mostraram sua inconsequência”

Era Snape.

Mais cedo naquele dia

Não havia rastro nenhum de sol, Vênus enrolara-se em um cobertor no salão comunal, tremia sem sentir frio, os olhos profundos, avermelhados com olheiras enormes. Pesadelos demais para um só noite. Sem perceber da onde ele saíra, encarou o grande cão negro antes de permitir que ele se aninhasse em seu colo. Era mais fácil lidar com ele naquela forma.

Quando ele sentiu que ela finalmente parara de tremer e seus cabelos passaram do horrendo tom de negro de aspecto seco, que lembrava sua irmã Bellatrix, para um rosa pastel sedoso, Sirius voltou a sua forma humana. Ela permitiu, depois de tanto tempo, ser abraçada por ele e respirou em seu pescoço, percebendo a falta que sentia. “Pesadelos?” Ela concordou com a cabeça, enquanto ele aflagava seus cabelos e separava as mechas com a ponta dos dedos.

“Eu sinto muito, amor, eu sinto muito” Fazia tanto tempo que ele não a chamava de amor. Aquilo a aquecia. Tudo nele a aquecia. Sua mão, grande como as patas daquele cão, faziam círculos com o polegar em sua bochecha. Seus cabelos negros gentilmente tocavam sua bochecha quando ele depositava um beijo carinhoso sobre as maçãs do rosto dela, antes de se afastar e afagar novamente seu rosto. Traçava a linha do queixo, a acalmando. Respirou contra a pele da mão dele, sentindo seu calor e beijando toda sua palma. “Eu deveria fazer mais por você...” Ele interrompeu a própria fala para depositar um beijo rápido em seus lábios

“Não é sua culpa, Sirius” Mergulhou naqueles profundos olhos acinzentados, como o céu noturno, antes de ele beijá-la por puro instinto de protetor. Sem perceber, Vênus sentava em seu colo, passando as pernas por sua cintura.

“Eu sinto muito, Sirius, eu não posso” Ela se movia para fugir de seu aperto, só fez com que ele a apertasse mais

“Pare com essa bobagem, Vênus. Chega. CHEGA. Régulo não vai tocar na gente, ouviu?” Não era fúria, mas desespero, não queria perdê-la. Não novamente. Não por causa de Régulo. Mataria o próprio irmão se fosse necessário. Faria tudo e qualquer coisa para mantê-la a salvo.

“Sirius, não. Eu não vou arriscar. Não vou arriscar te perder.” Os olhos marejados se desviaram, ele não poderia olhar pra ela enquanto ela declarava que estava indo embora. Não poderia demonstrar a própria fraqueza em deixá-la, a frustração tomando conta de cada pedaço de si.

“Então, vai se jogar nos braços do meu melhor amigo que está louco por você e fingir que nunca me conheceu? Admita que está usando Remus só para não ter que pensar nisso. Ignorar não vai fazer tudo sumir, caralho, amor. Caralho. Você está usando Remus.” Ela não respondeu a acusação, no fundo, tinha algum tom de verdade. Sirius a empurrou para longe e seguiu firme para a escada do dormitório

“Pense na merda que você está criando, Vênus. Pense nessa porra.”

Sabia dentro de si, que não era para esquecer, mas por proteção. Despitar Régulo, despitar toda a família, despitar os Malfoy e tirar o enorme alvo das costas de Sirius.

Notas finais do capítulo

EITA QUE O BARRACO TA SE INSTAURANDO

(Cap. 8) Capítulo VII - Preconceito

Notas do capítulo

5 MESES SEM POSTAR me perdoem tanta coisa (ruim) aconteceu na minha vida e a faculdade está me matando

“Cale a boca” Quase sem conseguir falar corretamente, balbuciando as sílabas em meio a dor, James se mantinha firme com os olhos pregados em Snape. Ambos pareciam prontos para atacar. “Parem de agir como crianças” Lily aparecia, causando um rebuliço dentro de James “Você não pode defendê-lo, Lily.” “Tenho meus motivos para entender o asco dele a você”

“Ele anda com comensais da morte”

“Ele é meu amigo”

Não fora James que respondera, mas uma Vênus furiosa “Ele é seu amigo. Ele te defenderá. Mas e quem for igual a você, Lily? Os amigos deles te defenderão quando escolherem te atacar? Qual a diferença entre você e os outros nascidos trouxas que ele e os amigos planejam dizimar? Não olhe para ele agora procurando respostas que você tem. Você já tem a merda das respostas, Lily. Ele deixou de andar com torturadores de nascidos trouxas?”

Ele defendeu algum desses bruxos que são tão oprimidos quanto você? Ou ele só a defendeu?”
Silêncio. A tensão era tanta que o ar pesava.

“Claro, ele a defendeu, porque ele baba em você. Mas que diferença fará quando o Lorde quiser matar todos os nascidos trouxas que são iguais a você, Lily? O Lorde das Trevas que ele ajudou a botar no poder, que ele apoia e ajuda a tomar força. Que diferença fará se você só será a amiga de Severus Snape? Ele odeia a sua raça, Lily. Ele odeia o que você é. Quando ele diz te amar não é por amar a Lily nascida trouxa, ele ama a Lily que quer ver, esquecendo que ser nascida trouxa é uma marca que te definirá pelo resto da vida, assim como mestiço é para ele. Não importa o quanto ele te ame ou te venere por ser Lily Evans, a santa amiga dele. Ele não pensará nos outros nascidos trouxas como amigos e parentes de outras pessoas quando matá-los, ele pensará na única coisa que conta, o preconceito nojento que carrega. Ele não liga pra você, Lily, entenda isso. Se você quiser defendê-lo, defenda. Ele já tomou uma merda de lado, ele provavelmente será marcado. E ser seu amigo não fará diferença quando ele decidir nos matar. Eu sou sua amiga, Lily, eu sou sua amiga e te amo, não posso ver você abraçar o inimigo como se fosse amigo por causa de memórias infantis. Vou te defender pelo que é, sempre. O menino que você brincou se tornou alguém que pode te matar e o amor não vai te salvar, Lily Evans.” Lily olhou para os dois. Passando o olhar de Snape a Vênus e Vênus a Snape, olhando uma última vez a Vênus para tomar coragem antes de se voltar a Snape

“Me diga que ela está errada e você é alguém que vale a pena defender. Olhe para mim e seja meu amigo, abandone os outros. Abandone, por favor. É a última vez que te peço.”
Nenhuma resposta. Nem se quer um suspiro. O silêncio continha em si toda a resposta e toda a reação, ele era mais dolorido que a resposta verbal que poderia ser dada. “Você não consegue nem responder” Lily sentiu os olhos marejarem e a raiva tomar conta de si, os dedos firmes junto a varinha “Levicorpus” Severus se debateu no ar tentando se soltar, assistiu enquanto Lily tomava o lugar de Vênus ao lado de James e o carregava em direção a enfermaria. Só restara Snape e Vênus, que pedira aos amigos que fossem na frente e a deixassem resolver isso. Sem pensar muito, o socou com toda a sua força “Isso é por Lily” Outro soco, agora na boca “Isso é pelos outros”. Deixou que ele sangrasse e gritasse xingamentos sozinho, correu, precisava ajeitar as coisas com outra pessoa e tinha um palpite de onde podia encontra-lo.

O encontrou bem longe de Snape, numa antiga sala secreta cuja porta era uma armadilha na parede que costumavam usar para beber e fazer festa, estava lá, a encara a janela. “EM QUE MERDA VOCÊ ESTAVA PENSANDO, SIRIUS BLACK?”

“Em que merda eu estava pensando, Vênus? Você está fodendo um dos meus melhores amigos bem debaixo do meu nariz. Ah não, melhor, ele planeja com toda a inocência perder a

virgindade com você num lindo conto de fadas. Não me olhe com essa cara. Você não vai só magoa-lo, como vai me magoar” O Sirius que a sempre protegera, cuidara de seus ferimentos e a abraçara em seus piores momentos, não estava ali. Cheio de raiva, uma irmã gêmea da mágoa.

“Você não sabe o que está em jogo. Você não estava lá naquela noite.”

“Eu estava”

“Foi você quem ele tocou? Foi você quem não conseguiu nem reagir, Sirius? Foi você que entrou em pânico e pensou ser a única pessoa que amava naquela casa a te tocar daquela maneira? Como se não bastasse tirar a minha sanidade mental, como se não bastasse todos os feitiços que botei para que o dormitório não me escutasse chorar desde que cheguei, pra que Lily não acordasse desesperada. Como se não bastasse, ele me ameaçou tirar você. Ele já me matou, Sirius. Já me matou completamente por dentro, isso aqui por fora é só um corpo. Todas as poções que me deram. Tudo isso não tirou o que ele fez de mim. E ele disse que iria atrás de você, que o tiraria de mim também. Eu não posso passar por isso tudo novamente. Talvez Remus seja a solução fácil. A solução confortável. E sim, eu te amo, como jamais o amarei. Mas amar você envolve dor e medo.”

“Vênus, ele não pode nos tocar aqui em Hogwarts” Deu alguns passos em direção a ela, tentando tocar seus ombros, ela se desvencilhou

“E depois?” Baixara a guarda, o rastro de esperança acendia em algum lugar de sua alma

“Depois é guerra, Vênus. Com Regulo, sem Regulo, não estaremos a salvo.” Ela deixara-se ser abraçada “Preciso te contar algo. Andromeda me enviou uma carta, Narcisa se casou.” O fitou por um algum tempo. Não havia um tom animado ou feliz, como deveria ser usado num momento daqueles. Era uma má notícia. Narcisa sempre fora a mais regrada das irmãs. Seguia os passos da mãe a finco, jamais faltara uma aula de etiqueta. Mesmo que não impedisse, não ajudava Bellatrix a atormentar as irmãs. Nunca era a castigada, jamais conhecera os tapas da mãe ou a fúria do pai. Um verão, anos atrás, antes mesmo de Bellatrix entra em Hogwarts, lembrava-se de Bella correndo atrás de Andy e Narcisa bufando em desaprovação, é contra as regras, não é algo que meninas devem fazer. Naquela tarde, Narcisa ganhara o apelido de pau mandado.

“Com quem?”

“Lucius”

Suas pernas estremeçeram e ela se deixou cair, Sirius a envolveu e beijou as temporas. “Cissa... não... Cissa vai segui-lo como um cão. Narcisa sempre foi assim. Ela vai acata-lo e Lucius... comensais da morte... não.” Demorara alguns minutos até que se recompusesse. Não

podia fazer nada. Sabia que a irmã escolhera aquele destino de bom grado e provavelmente estava radiante em ser a nova senhora Malfoy.

Deixou a luz da janela tomar conta de si, apoiará-se a borda e fechou os olhos para abri-los só com a voz receosa do garoto a seu lado “Você acha que conseguiremos passar por tudo isso? Que um dia ficaremos juntos?” Ela fitou o pátio, a floresta que se estendia lá fora, não parecia ter fim. A floresta tinha sua própria lei, seu próprio ciclo. Semearia, cresceria, geraria, morreria.

“Sirius, eu te amo. Você é o meu destino, você é o meu fim e a minha melhor parte. Acho que sempre soube disso, desde que tínhamos 5 anos. Você sempre foi a pessoa pra quem eu corri quando precisei e na sua direção que a minha vida corre.”

“Se eu sou a sua melhor parte, por que não estamos juntos?”

“Você é meu destino, mas não significa que é meu presente. Eu tenho coisas a resolver, machucados para curar antes de me jogar para você.”

“E Remus? Como ele vai ficar quando entender que não é mais seu presente?”

“Remus nunca me disse, mas eu sei que ele sabe que nós não vamos durar. Não sei como ele vai reagir quando o momento chegar e quando nós dois ficarmos juntos, Sirius. Mas só podemos cruzar uma ponte quando chegamos a ela.”

“Isso vai mata-lo. Você não pode jogar com os sentimentos dele assim.”

Ela se calou e absorveu. Sua mente trabalhou, será que Remus realmente ficaria magoado? Será que ele tinha expectativas?

“O dia dos namorados está chegando. Me encontre aqui depois do passeio, Vênus”

Vênus não soube quanto tempo se passou desde o momento em que Sirius saiu do cômodo e o momento em que ela saiu de lá. Horas, provavelmente. Não comeu, foi direto ao dormitório. Fitou a floresta novamente, dessa vez pela janela. Desejando ser um pássaro para voar para longe, longe dali. Lembrou do início do verão, uma memória que parecia tão distante agora, como se fossem anos. Naquele início de verão, quando ela e Sirius eram apenas adolescentes se amando de longe e construindo uma relação. Antes dos Malfoy. Antes de Regulo. Tudo parecia tão calmo como uma brisa de verão. Quando Lily adentrou o quarto e juntou-se a ela, o ar parecia mais tenso. Ela botou no colo da amiga um pedaço de pergaminho que bem ao topo se liam os nomes dos escritores daquele trabalho ‘James Potter e Lily Evans’, ao lado um grande ‘Ótimo’ escrito pela letra de Minerva. “Terei que ir com ele a Hogsmeade?”

“Você sabe que pode apenas fingir que nada aconteceu e não ir com ele, você sabe disso, não?”

“Eu não quero”

“Diga que não quer ir”

“Não, eu não quero fingir que não fiz a promessa. Quero ir com ele, Vênus”

Todas as histórias são de responsabilidade de seus respectivos autores. Não nos responsabilizamos pelo material postado. História arquivada em https://fanfiction.com.br/historia/720279/Guerra_e_Ordem/

ANEXO F – UMA NOVA LENDA

Autor(es): Kaline Bogard

Sinopse

O objetivo era escapar para viver um novo dia. Cada novo dia significava uma grande aventura! E em breve... em breve eles se tornariam a lenda. Harry x Draco

Notas da história

Harry Potter não me pertence.

(Cap. 1) Prólogo

Notas do capítulo

Essa história é Realidade Alternativa!

Harry Potter parou o movimento com a mão e baixou a varinha. O mundo ao redor saiu de foco e os olhos verdes prenderam-se na loira que se aproximava rapidamente. Fios platinados esvoaçavam ao redor do corpo ondulante. A garota era esguia e elegante, as pernas torneadas escapavam por um rasgo na saia a cada passada. Os olhos cinzentos fixos em Harry lançavam faíscas. Era uma tentação.

Diante do olhar abobalhado do rapaz, a garota parou na frente dele e lançou num tom de voz terrivelmente estridente:

– O que pensa que está fazendo, idiota?!

A pergunta despertou Harry para a realidade: estava no meio de uma missão. Ele balançou a cabeça, grudou no braço da loira e a puxou para trás do balcão no momento exato em que seria atingida por um estuporante.

Feitiços e azarações cruzavam de um lado para o outro do pub, graças à confusão criada pela loira que estava bem ao seu lado. A irritação da bela bruxa parecia longe de acabar.

– Quando vai nos tirar daqui? – ela perguntou estremeando quando uma magia particularmente forte atingiu a frente do balcão onde se escondiam.

– Calma. Tudo faz parte do plano – Harry ajustou os óculos na ponta do nariz – Você está *muito* bem assim, Malfoy.

– Maldito! – a loira praticamente cuspiu fogo – É a última vez que eu uso Polissuco de

uma garota!

Harry fechou a cara.

– Com certeza é. Eu vi aquele cara te dando o maior mole e você...

Outro feitiço atingiu o balcão cortando a acusação e jogando o corpo de ambos pra frente com a força do impacto. A garota se arrepiou como se fosse uma quimera sanguinária pronta pra dar o bote.

– Pra começo de conversa essa idéia ridícula foi *sua*, Potter! – vociferou no auge da fúria – E, caso não tenha percebido, agora não é o momento para ter um ataque de ciúmes!

Mal terminou de recriminar e um feitiço acertou as garrafas da prateleira atrás do balcão espirrando bebida nos bruxos. Faíscas de uma azaração caíram muito perto, fazendo o líquido começar a pegar fogo. Se não saíssem dali seriam atingidos pelas chamas que começavam a crescer.

– Merda!

– Merda uma vírgula, Potter. Eu não quero morrer assim. Falta mais de meia hora pro efeito da poção passar e...

A parede dos fundos estremeceu e o rapaz arreganhou os dentes exibindo um sorriso tubarão para a garota:

– Ninguém vai morrer aqui, Malfoy.

Novo estrondo, mais alto e mais forte, então a parede simplesmente desapareceu, como se tivesse sido desintegrada. A bruxa loira fungou.

– Pelo menos Weasley tem um bom timing.

Estendeu o braço com a mão direita aberta sendo imitada pelo companheiro. Duas cordas surgiram pelo rombo, nas quais eles se seguraram fortemente. Entre azarações e feitiços que voavam para todos os lados e o fogo que se alastrava por trás do balcão, os dois foram içados pra fora do pub, como peixes que acabaram de morder o anzol.

Continua

Notas finais do capítulo

Olá pessoas. Mal cabei uma fic e já posto outra! Rsrtrs, essa aqui me deixa feliz, não por seja grande coisa, mas por que eu a fiz para o Chall de Vingança mestrado pela Marie no 6V e...

TADAN!! Pro concurso Do Secrets Place.

E eu ganhei o primeiro lugar! Primeiro lugar 8) Nem acredito nisso!! To muito feliz! Tenho certeza que concorri com ótimos ficwriters e ótimas histórias.

Como era parte da regra essa história já foi concluída. Mas vou postando um capítulo por semana, combinado?

Pra quem se arriscar a ler: obrigada! E vamos juntos em mais essa aventura.

PS: IMPORTANTE lembre-se que é uma fic escrita para cumprir um tema de vingança e clichês. Então terá MUITO clichê por aqui... estejam avisados!

(Cap. 2) Capítulo 1

Notas do capítulo

Pontualmente... como prometido!

O casal foi içado pelas cordas em direção aos céus até desaparecer por trás de uma densa nuvem branca.

Ninguém podia ver a verdade. Por trás daquela fofura toda estava escondido um navio de proporções assombrosas. Uma embarcação com cinco mastros, sendo o do meio maior e mais forte, onde uma bandeira com o símbolo ondulava: fundo negro, ossos cruzados e uma caveira com uma cicatriz em forma de raio na testa. O símbolo pirata que representava Harry Potter.

– Eu disse que daria certo, Malfoy – Potter sorriu para a loira ao seu lado enquanto a corda terminava de puxá-los – Bem vindo ao lar.

A garota não respondeu. Os olhos cinzentos se voltaram para a proa do navio. Na parte de fora, escrito em letras grandes e simples que sangravam sem parar, estava escrito o nome da embarcação. “*Basilisco Alado*”. Seu lar. Um dos maiores e mais poderosos navios a desbravar os céus.

Assim que chegaram à amurada mãos amigas terminaram de ajudá-los a ir a bordo. Harry aceitou o aperto do ruivo alto e forte, com rosto sardento um tanto infantil:

– Mandou bem lá, Harry.

– Obrigado. Está tudo certo aqui, Ron? – o moreno perguntou já saltando em segurança.

– Melhor impossível. E... – percebeu Malfoy recusando a ajuda de Hermione Granger para ir a bordo, saltando a amurada sozinho. Com um sorriso pra lá de sacana soltou um longo assobio – Porra, Harry. Onde arrumou a gostosa?

Draco ficou tenso enquanto Harry e Ron seguravam uma risada e Hermione rolava os olhos. A loira apontou um dedo magro para seu companheiro de missão e bufou.

– Potter eu nunca mais vou beber nenhuma poção Polissuco, ouviu? Nem pra salvar a

sua vida miserável! – enfiou a mão dentro do decote e puxou um pergaminho enrolado que parecia muito velho – Aqui está a porcaria que você queria!

Empurrou-o com força contra o peito do moreno e, com um movimento muito sensual dos quadris, deu meia volta e saiu pisando duro rumo às cabines. Sua intenção era trancar-se até que o efeito passasse.

Harry Potter observou-o se afastar com um sorriso divertido nos lábios. Como adorava provocá-lo... então a voz de Ron o despertou.

– Isso é...?

– Harry! – Hermione pareceu encantada, aproximando-se para ver de perto – Malfoy realmente conseguiu!

O sorriso de Harry aumentou incrivelmente:

– Esse é o Mapa do Maroto. A pista estava certa e o encontramos no Travessa do Tranco. Hermione mude os feitiços de Desilusão, vamos zarpar. Peça a Seamus que calcule a nova rota e avise aos gêmeos que precisaremos de mais munição. Gastamos tudo no pub. E... – estreitou os olhos na direção do amigo ruivo – Ron, sei que é difícil, mas... pode parar de olhar a *bunda* do Malfoy?

O ruivo corou enquanto gaguejava um pedido de desculpas e Hermione ria da careta que ele fazia. Harry balançou a cabeça sem estar zangado de verdade, os olhos verdes se fixaram no mapa em suas mãos. O Mapa do Maroto. Um dos tesouros mais raros e procurados do mundo. O objeto mágico que precisava para lhe indicar o caminho.

Finalmente, depois de todos aqueles anos de busca, era hora de ir para Azkaban.

Continua

(Cap. 3) Capítulo 02

Notas do capítulo

Pontualmente!

Harry sentiu o vento agitar seus cabelos bagunçando-os ainda mais. O navio avançava calmamente pelos céus, acompanhando a corrente de ar. Hermione lançara um feitiço potente ao redor do Basilisco Alado, e ela era boa o bastante para que o rapaz não temesse serem descobertos.

Ainda calmamente se aproximou do leme, onde os gêmeos Weasley controlavam o rumo do navio. Ia dizer algo quando os ruivos se aperceberam da presença de Harry e atrapalharam-

se querendo esconder o que parecia ser uma fotografia.

– Diga, capitão! – Fred (ou George, Harry às vezes ficava na dúvida) escondeu as mãos atrás das costas enquanto o outro começava a assobiar olhando pra cima.

– O que é isso? – Potter não era bobo. Aqueles dois estavam aprontando alguma.

– Naaaaaada – respondeu o rapaz com um sorriso que o identificava mesmo como Fred.

Sem insistir Harry apenas estendeu a mão aberta mantendo a palma voltada pra cima exigindo que lhe desse o que quer que estivesse escondendo.

Com um suspiro resignado e muito, muito longo Fred se rendeu e entregou uma fotografia que fez Potter erguer as sobrancelhas surpreso:

– Mas que droga de obsessão repentina é essa pela bunda do Draco?! – soou mais irritado do que gostaria.

– Não se chateie querido capitão – George se explicou – Não é todo dia que a doninha albina se polissuca em mulher. Não podíamos perder a chance.

Harry pensou por um segundo e concordou. Guardou a foto no bolso e ameaçou.

– Não quero saber de vocês vendendo cópias disso por aí – nem esperou que concordassem e prosseguiu – Colocaram as novas coordenadas?

– Sim – os gêmeos falaram ao mesmo tempo, depois Fred continuou – Todas conforme Seamus indicou. Esse mapa é uma maravilha.

Harry pegou o Mapa do Maroto e o abriu. Um mapa que desvendava qualquer lugar em que fosse aberto. No exato momento ele exibia toda a construção do navio, cada mínimo detalhe. Também mostrava os bruxos que navegavam no Basilisco Alado. Indicava os nomes nos lugares exatos em que eles estavam. O nome “Draco Malfoy” flutuava por uma das cabines. Ron fuçava na cozinha junto com Hermione. Dean e Seamus apareciam juntos na cabine principal, com certeza trabalhando em mais cálculos da rota. No convés junto ao leme estavam os nomes de Fred, George e, evidentemente, Harry Potter. Um mapa inigualável.

Potter pretendia usá-lo para não se perder em Azkaban, quando invadissem a Penitenciária bruxa. Tinha um objetivo muito firme em sua mente. Agora que possuía o Mapa do Maroto, nada o impediria.

– Calculamos, provavelmente, dois dias de viagem capitão.

– Ótimo – Harry sorriu e caminhou até a amurada de proteção onde se debruçou e se permitiu observar toda a vista do céu azul. A navegação ia tranquila. Não havia motivos para imaginar que algo mudaria.

Mas mudaria muito em breve.

Continua

Notas finais do capítulo

Olá pessoas gatas! Essa fic tem capítulos curtos e levezinhos mesmo. O concurso tinha limite de páginas e eu fiquei com medo de estourar.

Boa diversão e até sábado que vem!

(Cap. 4) Capítulo 03

Notas do capítulo

Ainda é sábado! XD

Draco só saiu da cabine quando a poção polissuco perdeu o efeito e ele voltou às suas adoradas formas masculinas.

Feliz em ter contato com ar puro foi atrás do capitão do navio. Ignorou os olhares debochados que recebeu dos gêmeos. Provavelmente eles já estavam sabendo do ocorrido em sua recente experiência na pele do sexo oposto. Literalmente.

– Potter!

Harry ouviu o chamado e voltou-se para o loiro. Estivera debruçado na amurada desde a conversa com Fred e George. A mente estava perdida em pensamentos. A grande maioria deles refletia a ansiedade que sentia.

– Eu estava preocupado com você. Está tudo bem?

– Está – o recém chegado se apoiou na amurada imitando a pose do jovem capitão pirata – Só não queria ficar transitando por aí com aquela aparência enquanto os idiotas dos Weasley têm uma câmera na mão.

– Ah. Falando nisso... – Harry enfiou a mão no bolso da capa e tirou o retrato que recolhera mais cedo – Reconhece esse traseiro? Peguei com os gêmeos.

Draco ficou indignado.

– Que horas eles tiraram isso?! – tentou pegá-la, porém Potter foi mais rápido e guardou de volta no bolso.

– Potter, isso é meu!

Harry riu:

– Errado. Isso é *meu*.

O loiro corou ainda com expressão emburrada.

– Pervertido. Tarado – desviou os olhos para o céu azul. A aparência era de bom tempo.

Navegavam de forma constante, cortando as nuvens brancas e as usando como disfarce, graças ao feitiço de Hermione Granger. Apesar de toda aquela calma havia algo que preocupava Malfoy – Esse mapa funciona mesmo? Você sabe que tem muita coisa em jogo...

– Não se preocupe, Draco. Tudo vai dar certo.

– Harry, temos o mundo todo aos nossos pés. Porque quer correr o risco de perder tudo por causa de uma vingança idiota?

O moreno deu de ombros.

– Não é uma vingança idiota, Draco. Não vou permitir que aquele cara passe seus dias confortavelmente em Azkaban depois do que ele fez.

– Eu não diria que Azkaban oferece algum *conforto*.

Potter virou-se e fitou seu companheiro:

– Sei que você não é o bruxo mais corajoso da face da Terra. Também sei que não está gostando nada da idéia. Se preferir posso deixar você n’A Toca ou em Grimmauld Place até voltar de Azkaban. São lugares seguros, nunca o encontrarão por lá.

O loiro fez uma careta desprezando a idéia.

– Pro seu governo sou muito corajoso, obrigado. Não se esqueça que fui *eu* quem se infiltrou no Travessa do Tranco. *Eu* provoquei uma briga que colocou o bar abaixo. E *eu* aproveitei a confusão para roubar o mapa. Então não duvide da minha coragem.

– Desculpe, não está mais aqui quem falou.

– E eu não tenho plano nenhum de ficar mofando naquela sua casa horrorosa. Muito menos com aquela ruiva insuportável que entra no cio toda vez que você está por perto.

– A Ginny é só uma criança!

– Sei. Criança era eu quando conheci você. Ela é uma vadia louca pra dar o bote.

– Não deixa o Ron te ouvir falar assim.

– Morro de medo dele. E, além disso, o único lugar seguro... – Draco percebeu o que ia falar e calou-se sem completar a frase fazendo Harry sorrir de lado. Intuíra o que ele diria.

– O único lugar seguro...? Seria ao meu lado...?

Malfoy moveu uma das mãos e começou a observar as unhas, visivelmente sem jeito:

– Talvez, Testa Partida. Não fica se achando.

– Não to me achando, Draco – chegou mais perto do loiro e segurou na cintura magra puxando-o para mais perto, colando os corpos – Eu prometo que nada vai dar errado, está bem? Confia em mim mais uma vez.

Antes que pudesse dar uma resposta, o momento foi interrompido pela voz de Hermione, ampliada magicamente com sonorus:

– Harry! Fomos descobertos, Umbridge nos cercou a estibordo! Eles estão prestes a atacar!

Continua

Notas finais do capítulo

Uia, capítulo um pouquinho maior. Tentei mostrar que o Harry e o Draco são mais que capitão e marujo, e as intenções do Harry não são exatamente legais em relação ao mapa e seus objetivos.

Mais sábado que vem!

(Cap. 5) Capítulo 04

Notas do capítulo

Tada! Pontual como (nem) sempre!! XD

Harry soltou a cintura de Malfoy e o segurou pelo braço.

– Não saia de perto de mim.

Draco grunhiu uma resposta e começou a correr para acompanhar o moreno em direção ao convés principal.

Hermione, Ron, Fred e Dean já estavam por ali a postos.

– Mione reforce os feitiços refletores. Dean vá atrás de Seamus e se preparem, vamos precisar de uma chave de portal. Fred reúna todo o arsenal que puder recolher. Ron e Draco juntos comigo, com os feitiços de revide! – foram as ordens que Harry gritou. Ele ficou satisfeito ao ser prontamente obedecido.

Só então se concentrou nos inimigos. Eles flutuavam num impressionante navio voador que não perdia em nada para o Basilisco Alado. A grande bandeira do Ministério ondulava indicando o alto nível de poder da capitã da embarcação.

Umbridge era conhecida por não largar o osso depois de encontrá-lo. *Irritante.*

– Tsc – Harry resmungou – Essa mulher não estava atrás de Voldemort?

Draco estremeceu ao ouvir o nome. Ronald recuou um passo. Ambos temiam aquele homem monstruoso, mas Potter não sentia nada além de desprezo e rancor pelo assassino de seus pais.

Não houve mais tempo para reflexões. Um feitiço brilhou no navio rival e veio em direção ao Basilisco Voador. Ele bateu contra as barreiras refletoras e desapareceu inútil. Muitos outros o seguiram. Nem todos foram contidos pela proteção que Granger criara.

– SE ABRIGUEM! – Harry gritou – Revidar!!

Feitiços foram lançados das varinhas dele próprio, de Ron e de Malfoy. Alguns se chocaram contra a embarcação inimiga, alguns também se perdiam na barreira de Umbridge. Barreira essa, tão poderosa, que escondia ela e seus bruxos. Era como se fosse um navio fantasma.

Logo uma explosão assustadora acertou o navio do Ministério. Harry e Draco trocaram um olhar. Só podia ser o armamento dos gêmeos.

– Cuidado, Cicatriz!

A voz de Draco cortou o contato visual. Ainda estavam sendo atacados. E apesar do aviso por pouco o rapaz loiro também não foi atingido. Quem quer que estivesse sob as ordens de Dolores era bom.

O ataque aumentou. Harry sabia que Hermione não daria conta de uma proteção tão poderosa por muito tempo. Dependiam da ação rápida de Seamus e Dean. E, como uma resposta ao seu pensamento, o Basilisco Voador estremeceu e rangeu, gemendo. Começou a girar, primeiro lentamente e então mais e mais rápido até desaparecer numa explosão de luz. A chave de portal fora acionada.

Depois de girar por breves segundos, o navio parou subitamente. Estavam em outra paisagem, muito distante de onde sofreram o ataque. O alívio foi visível, até mesmo no semblante de Harry Potter. Ele odiava ataques surpresa.

– Potter – Draco chamou a atenção do moreno, aproximando-se dele – está sangrando...

Só então o capitão percebeu o ferimento no ombro. Algum feitiço o acertara e ele nem sentira no calor da batalha. Malfoy estendeu a mão com intenção de tocá-lo, mas a voz de Harry o parou.

– Não faça.

O tom rude surpreendeu o loiro que estacou no lugar. Lançou um olhar magoado para o moreno e fez menção de se afastar.

– Sinto muito, Potter.

– Draco, espera. Não quis dizer isso... você sabe como eu me sinto.

– Como se estivesse me usando? – o loiro rebateu amargo – Não sinta, Potter. É o que eu faço de melhor.

– Ele tem que ser útil pra alguma coisa, não? – Ron se meteu enquanto caminhava até Hermione. A garota estava ajoelhada no chão, visivelmente esgotada – Você está bem? – O ruivo perguntou baixinho, a pegando nos braços.

– Vou ver como Dean e Seamus estão. – Harry disse. Imaginava que acionar a chave de

portal para mover o navio tão grande com certeza exaurira as forças de ambos. Depois iria agradecer Fred pelas explosões. Sabia que o acervo deles estava desfalcado, o ruivo devia ter criado aquilo de emergência.

Sentiu orgulho de sua tripulação. Cada um deles era especialista em algo fundamental para todas as ações que executavam. Fosse com feitiços de proteção ou ataque, com transporte, cálculo de rotas e definição de coordenadas, fosse atuando e criando confusão.

Ou mais impressionante ainda, aquilo que somente Malfoy podia fazer...

Balançou a cabeça.

Não. Aquilo estava em outro nível. Deixá-lo fazer aquilo não o tornaria muito diferente dos *outros*.

– Draco...

– Vá cuidar disso, Potter. Peça a Granger que faça um feitiço de cura antes que ela desmaie de exaustão. Ou se preferir eu faço uma poção, já que não sou tão bom quanto ela com feitiços e você faz tanta questão que eu não o *toque*.

O moreno apertou os lábios sentindo-se contrariado, porém observou o outro se afastar sem impedir. Draco estava magoado, não adiantava tentar concertar as coisas naquele momento.

Iria socorrer os membros de sua tripulação. Depois tentaria se ajeitar com o amante.

Continua

Notas finais do capítulo

Capítulo mais longo dessa vez. As coisas começam a se esclarecer, outros mistérios são lançados...

(Cap. 6) Capítulo 05

Notas do capítulo

veio!!

O jovem bruxo capitão do Basilisco Alado foi até a área de comando onde encontrou Seamus e Dean sentados no chão, exaustos. Ajudou ambos a ir para as cabines individuais onde poderiam descansar e recuperar toda a magia usada na chave de portal.

Encontrou com Fred na proa, terminando de recolher as tralhas que usara para explodir parte do navio da Ordem da Fênix.

– Aquilo foi incrível! – Harry elogiou.

– Eu sei. Idéia de George.

– Vocês podem ajudar na cozinha? Os rapazes estão precisando de um descanso.

Fred bateu continência.

– Claro, Capitão.

O moreno riu apesar de saber que metade da pequena tripulação sofreria com indigestão depois de comer uma refeição dos gêmeos.

Ainda sorrindo seguiu de volta para as cabines. Bateu de leve em uma antes de entrar. Ron estava sentado numa cama, observando a face da única garota entre eles.

– Como ela está?

– Bem – Ron respondeu – Apenas dormindo. Mione está cada vez melhor nesse tipo de feitiço. Dessa vez ela nem desmaiou.

Harry acenou com a cabeça. Todos os seus companheiros estavam cada vez mais fortes. Tinham que ser, para escapar sempre ilesos dos cães do Ministério e dos caçadores de Voldemort.

– Essa foi por pouco.

– Fomos pegos totalmente de surpresa, Ron.

– Talvez seja um sinal. Pra você esquecer essa vingança.

A expressão de Potter ficou sombria.

– Não vou voltar atrás.

– Eu sei. Não custava tentar – o ruivo sorriu fraco – Você está aqui enrolando, não é? Ta com medinho de enfrentar a doninha desbotada.

– Ei... – Harry passou as mãos pelo cabelo – Não to com *medinho!*

– Medão! – o sorriso aumentou na face pontilhada de sardas – O grande Harry Potter com medo de um filhinho de papai mimado. Ele é só um babaca que não consegue amadurecer, Harry. Se você pegar leve com Malfoy ele nunca vai mudar.

– Mas não posso aceitar...

– Você é diferente dos outros. Sabe disso. E enquanto negar a si mesmo vai apenas super valorizar uma coisa que foi ruim no passado. Você está sofrendo. Não ligo se Malfoy sofre junto, mas ver você assim é ruim, amigo. Tem que superar o que ficou pra trás.

O moreno não respondeu. Saiu da cabine fechando a porta com suavidade para não acordar Hermione Granger. Permaneceu por alguns segundos parado no corredor reunindo coragem para enfrentar o loiro.

Não sabia se Ronald estava certo ou não, mas de uma coisa tinha certeza: precisava encarar o loiro e se desculpar.

Seguiu para a cabine principal. Era a que dividia com Draco Malfoy, seu namorado e amante. O loiro estava sentado sobre a cama, recostado à cabeceira e abraçando os joelhos. Não parecia chateado, mas irritado.

– O que foi, Testa Partida? Vai ficar aí parado olhando a aberração?

Harry respirou fundo.

– Você não é uma aberração, Draco – caminhou até a cama e sentou-se sobre o colchão.

– Pois é assim que eu me sinto sempre que me rejeita.

Malfoy abaixou os olhos para o ombro de Harry, o ferimento parara de sangrar, mas ele não tivera tempo de se cuidar, tão preocupado que estava com os outros bruxos. Ergueu a mão de forma hesitante querendo tocar o machucado. Mas os dedos de Potter se entrelaçaram nos seus e ele puxou a mão pálida para tocá-la com os lábios:

– Não faça. Por favor...

– Porque me rejeita?

– Não te rejeito. Só... não sei explicar.

– Você não é como o Dark Lord, Potter. Dividem algumas coisas, mas ele é um monstro sem coração. Você e ele são *muito* diferentes – Draco tentou soltar a mão, mas Harry não permitiu. Ao invés disso puxou o loiro para um abraço.

Malfoy relutou no começo. Depois se rendeu e se deixou abraçar com força.

– Sinto muito, Draco. Não quero que se sinta uma aberração, você não é nada disso. Apenas...

– Shiiii – Malfoy cortou a frase – Potter, você não pode aceitar apenas uma parte de mim e tentar ignorar o resto. Nunca me obrigou a nada, eu sou livre pra fazer isso. Eu *quero* fazer isso.

O capitão do Basilisco Alado fechou os olhos. Lentamente moveu a mão permitindo que os dedos de Draco Malfoy tocassem seu ferimento, para surpresa do loiro que não esperava tal gesto.

– Eu te amo, Draco. Não tento ignorar nada que tenha relação com você. E se te deixa feliz, então faça.

Malfoy sondou a face de Harry por breves segundos. Tentou descobrir se era um pedido sincero, e era. Havia uma sombra de sofrimento nos olhos verdes, não físico evidenciando a dificuldade de ceder a tal capricho.

Potter fechou os olhos tentando evitar que as lágrimas escapassem, mas o efeito foi o contrário, fazendo-as deslizar pelo rosto contrariado.

O loiro se comoveu, porque sabia que era um sentimento profundo e real. Porém não

queria que fosse assim. Ele nascera com um dom raro, um incrível poder. Seu desejo era compartilhar com Harry, que não fazia questão disso, ao contrário de Lord Voldemort, que o obrigara a agir sempre contra sua vontade.

Os dedos esguios tocaram de leve no ferimento que parara de sangrar. Calor começou a emanar no local, junto com uma leve aura prateada. Pouco a pouco, sofrendo efeito da mais elemental magia, o corte se fechou.

Em segundos não restara nem mesmo uma pálida cicatriz.

Continua...

Notas finais do capítulo

Ufa. Passei por aqui só pra postar isso! Enjoy e até sábado que vem. Ah, um obrigado especial à Paulawot! Valeu!

(Cap. 7) Capítulo 06

Notas do capítulo

Pontualmente... mereço biscoito? Rsrrsrs

Londres, 1991 Parte Única

– Pode provar suas roupas aqui, Harry. Eu vou pegar o resto das coisas, volto logo por que falta pouco pra comprar.

O garotinho concordou com a cabeça. Estava fascinado demais por tudo o que via. Depois de viver onze anos sofridos na casa dos tios que o maltratavam, ele descobrira que na verdade era um bruxo, que pertencia a um mundo separado dos chamados Muggles. O seu mundo.

Hagrid, um homem enorme e gentil, o pegara na casa dos tios e o estava levando para a casa onde aprenderia tudo sobre magia. Tinham parado num lugar chamado Beco Diagonal, para comprar roupas, varinha e outros itens.

– Não saia daqui. Depois que as roupas ficarem prontas iremos para a casa dos Weasley.

Harry concordou silencioso mais uma vez. Quando Hagrid finalmente saiu, pôde continuar tirando as medidas para as vestes bruxas. Mal o novo amigo tinha saído e a porta se abriu novamente. Dessa vez um garoto da idade de Harry entrou na loja. Era loiro e magro, e andava como um pequeno príncipe.

O primeiro garotinho mago que Harry Potter conhecia! Feliz, mas sem saber como puxar

assunto, viu o recém-chegado ser atendido por uma das funcionárias. Enquanto ela lhe tirava as medidas, voltou os olhos cinzentos para Harry e ergueu muito o queixo pontudo:

– Oi. O seu óculos é *esquisito* – disse num tom de voz arrastado.

Harry abriu um sorriso bobo.

– Oi.

– Oi – o loirinho repetiu inclinando a cabeça pro lado – Mas eu já disse isso. Você não ouviu?

Harry sentiu-se meio idiota. Mas tudo era novidade para ele, então se permitiu apenas continuar sorrindo para o menino impertinente. Essa atitude fez o recém-chegado perder o interesse e voltar a atenção para outras coisas.

Hagrid voltou poucos minutos antes dos trajés de Harry ficarem prontos. Quando foram embora deixaram o loiro indiferente a presença deles, ainda experimentando panos e tirando medidas.

Harry saiu sem se despedir. Na época ainda não sabia, mas ele e o loirinho ainda estavam destinados a se encontrar.

A vida na casa dos Weasley era um barato, como um sonho virando realidade. Eles chamavam o lar de “A Toca”, e acolhiam muitos outros bruxos, ajudando-os a se interar das coisas mágicas, encaminhando-os para outras famílias que apoiavam o processo de integração.

Harry logo fez amizade com Ronald Weasley, um menino da sua idade assim como Hermione Granger, uma garota nascida Muggle que fora bem recebida pela senhora Molly e pelo senhor Arthur Weasley.

Havia, ainda, Bill, Charles, Percy, os gêmeos Fred e George; todos mais velhos que Ron, e Ginny Weasley, a caçula da família.

Cada dia Harry aprendia mais e mais sobre o mundo bruxo e se apaixonava pelas maravilhas. Era tudo perfeito.

Até que um dia ele descobriu que não existem coisas perfeitas, seja no mundo bruxo ou Muggle.

A numerosa família estava reunida para o jantar. Tinham comemorado mais um lar para um bruxinho nascido entre os Muggles. Mas a novidade foi suplantada com a presença de Remus Lupin. Ele chamou o casal Weasley para uma conversa particular e após isso um clima tenso se instalou. Era a primeira vez, desde que Harry tinha chegado, que as coisas ficavam estranhas assim.

George os chamou para um canto.

– Parece que Você Sabe Quem agiu novamente...

Rony estremeceu e Hermione ergueu as sobrancelhas, medo perpassou pelo rosto cercado de cabelos bagunçados.

– Quem? – Harry não sabia do que estavam falando.

– Você Sabe Quem – Ronald repetiu com receio – É o pior bruxo das trevas que existe.

– Há uma profecia antiga, – George continuou – que fala sobre bruxos nascidos com poderes raros. Então Você Sabe Quem os caça e os reúne para que obedeçam todas as suas ordens.

O jovem de olhos verdes franziu a testa. Que história assustadora.

– Você devia conhecê-lo, Harry – Hermione falou sem pensar – Afinal sua cicatriz... – ela calou-se diante do olhar confuso de Potter – Oh, você não sabe!

– Mandou bem, Hermione – Ron recriminou.

– Não sei o quê? – Harry tocou a marca em forma de cruz que tinha na testa. Seus tios nunca lhe falaram a esse respeito.

A garotinha hesitou. Mas já tinha começado a falar, não ia parar.

– Você Sabe Quem caça as crianças que nasceram nas datas previstas por uma mulher chamada Sibila. Ele pensou que você podia ser um dos escolhidos e começou a te procurar. A história diz que Sirius Black, o melhor amigo do seu pai, recebeu muito dinheiro em troca de dizer onde eles estavam e assim Você Sabe Quem encontrou o esconderijo dos seus pais.

Ron balançou a cabeça e continuou a história.

– Dizem que houve uma luta terrível, e seus pais morreram tentando salvar você, Harry. E então Você Sabe Quem descobriu que você não fazia parte da profecia. Por isso não o levou junto.

– Meus pais... – Harry não conseguiu completar a frase. Nunca tinha sabido daquela história. Foi a primeira vez que sentiu tamanha dor no coração. Assim como foi a primeira vez que sentiu ódio, contra Você Sabe Quem e contra aquele tal de Sirius Black.

– E essa tarde parece que Você Sabe Quem levou o filho dos Malfoy. O filho de uma família que sempre o apoiou – George levou a mão ao queixo – Parece que ninguém está a salvo.

Harry não prestou atenção a última parte da conversa. Sua mente desligou e ele se viu planejando como descobrir mais sobre aquela história. Saber tudo sobre a morte de seus pais, sobre Você Sabe Quem e sobre o tal de Sirius Black.

De repente desvendar seu passado ganhou uma importância fundamental.

Continua

Notas finais do capítulo

Um mergulho no passado para reconstruir e encontrar algumas peças do quebra-cabeças...

Mas não todas...

Beijos e até semana que vem.

PS: apresentei na Jornada de Produção Científica da faculdade! Eu estava tão nervosa que pensei que ia desmaiar lá na frente. Mas correu tudo bem...

Menos pela parte que eu comecei a falar sem parar. E muito rápido. Será que a platéia entendeu alguma coisa? Rsrrrrs

(Cap. 8) Capítulo 07

Notas do capítulo

Sabado galere!!! Divirtam-se que dessa vez caprichei no capítulo!

Londres, 2001 Parte 01

A explosão lançou pedaços de madeira, móveis quebrados e outros entulhos para todos os lados. Foi o caos.

Bruxos corriam em várias direções, pegos totalmente de surpresa pelo ataque inimigo.

Harry Potter aproveitou a bagunça criada por seus companheiros de aventura e, devidamente escondido pela capa da invisibilidade, seguiu por um corredor vez ou outra desviando de um bruxo que vinha em sentido contrário. Conhecia a planta do local, por isso sabia pra onde ir.

Muitas coisas haviam mudado naqueles dez anos em que vivia no mundo bruxo. Harry crescera, se tornara um jovem homem, definira seu caráter e se jogara de cabeça numa louca aventura.

Descobrira aos poucos tudo sobre seus pais, as propriedades que herdara, a conta em Gringotes – de onde tirara a fantástica capa da invisibilidade e outras maravilhas –, enfim montara aos poucos o complicado quebra-cabeças que formava seu passado.

Aprimorara-se nas artes mágicas graças aos ensinamentos dos Weasley, crescera com Ron e Hermione, amigos inseparáveis das brincadeiras e das aventuras.

Ao se tornar maior de idade Harry Potter agradecera ao casal que cuidara de si como um

filho, juntara suas coisas e fora embora, não apenas querendo desbravar o mundo lá fora. Mas também por um plano em prática. Um plano que maquinara por anos a fio.

Vingança.

Acabara trazendo mais do que apenas suas coisas pessoais. Ronald Weasley e Hermione Granger, além dos gêmeos; tinham decidido segui-lo. Sabiam do objetivo de Harry e mesmo assim queriam ir junto, ajudá-lo no que fosse preciso.

Era um plano simples. E complexo.

Ele queria fazer Voldemort pagar por roubar crianças por toda Londres bruxa. E a melhor forma de fazer isso era invadir os cativeiros conhecidos e libertar suas vítimas. Dar-lhe o máximo de prejuízo possível. E depois... depois vinha a parte complexa, pois envolvia Sirius Black e Azkaban.

Harry e seus amigos invadiam, naquele momento, o terceiro local onde sabiam estar uma das vítimas de Voldemort. Tinha libertado Neville Longbottom no distrito de Brent. O rapaz era importante, pois tinha muita afinidade com as plantas. Qualquer semente plantada por ele florescia, mesmo as mais raras e difíceis de encontrar. Mesmo plantas extintas, se ele se concentrasse muito e fizesse uma oferenda de sangue.

Você Sabe Quem conseguira poções e rituais inimagináveis à custa do rapaz.

Em Sutton tinha sido a vez de Luna Lovegood, uma garota muito carismática e singular. Ela era mestre na arte de traduzir qualquer tipo de idioma, até as línguas há muito esquecidas por bruxos e muggles. Não havia idioma que Lovegood não traduzisse. Mesmo que algumas traduções fossem complicadas de se compreender.

Segredos julgados perdidos foram recuperados por Voldemort. Dizia-se que através de uma dessas traduções ele encontrara a fórmula para criar as terríveis Horcruxes.

E, finalmente, no extremo oeste de Enfield pretendiam libertar Draco Malfoy, terceira e última vítima que sobrevivera em cativeiro. Ainda não sabiam o que esse rapaz podia fazer. Mas sabiam que ele estava em um dos esconderijos mais bem guardados de Voldemort.

Foram meses de vigia, estudo e planejamento até ter segurança e conhecimento suficientes para agir. Eram esperados, claro. Voldemort já compreendera que suas raras aquisições eram libertadas uma a uma. Ele estava furioso.

Por isso Harry Potter e seus amigos invadiram com tudo, sem admitir falhas. Malfoy era o último refém de que se tinha conhecimento com vida. Após salvá-lo a vingança de Harry atingia outro nível. Seria a vez de Sirius Black...

Potter abriu a porta esperando encontrar os bruxos vigias. E os encontrou. Eles reagiram

por puro instinto à porta que se abria aparentemente sem que ninguém passasse por ela.

Harry, protegido pela capa, desviou dos feitiços e azarações lançadas a esmo pelos três guardiões que estavam naquela sala. Derrubou o primeiro com um feitiço refletor. O segundo caiu com um estuporante. O último ofereceu resistência, atingiu Harry num golpe de sorte, ferindo-o na frente. Não teve tempo de comemorar. A capa da invisibilidade caiu, mas Harry já lançava um estupefaça que jogou o bandido contra a parede, sem sentidos.

O invasor observou o local. Era uma sala simples, sem móveis ou janelas. Logo os olhos verdes caíram sobre uma porta solitária ao fundo. Aproximou-se a passos rápidos. Não podia perder tempo.

– *Reviere* – tocou a maçaneta com a ponta da varinha. Uma luz avermelhada brilhou fraca e se apagou. Feitiços armadilha tinham acabado de serem desativados. Por precaução repetiu a magia e mais duas que aprendera com Hermione. Só então se sentiu seguro para usar o *Alorromora* que abriu a fechadura.

Cheio de precaução entrou na outra sala. Foi acolhido pelo escuro, e por um ar frio que lhe deu arrepios.

– *Lumus* – falou baixo, clareando toda a sala.

Sentiu-se imediatamente observado. Os olhos verdes focaram um canto, descobrindo quem viera buscar.

A primeira impressão foi a de familiaridade. Conhecía aqueles olhos cinzentos de algum lugar. Aquele rapaz de cabelos platinados e queixo pontudo... não era a primeira vez que o via! Mas não conseguiu lembrar-se de onde.

– Draco Malfoy? – questionou. Sentiu a curiosidade do outro toda focada em si, mais do que qualquer outra coisa.

O prisioneiro de Voldemort estava sentado no chão, suas roupas já tinham visto dias melhores, agora eram quase trapos, ele estava descalço. Uma longa e grossa corrente saía da parede e prendia uma algema de ferro no pulso esquerdo. Harry achou que aquele loiro possuía uma palidez quase doentia, talvez por não sair muito daquela sala. Também percebeu que ele era magro demais. Voldemort não tinha comiseração com seus prisioneiros.

Mantendo o silêncio, o rapaz apenas olhou de volta. Talvez tentasse avaliar a situação. Ouvira os sons da outra sala, deduzira que a luta fora vencida por aquele bruxo de olhos incrivelmente verdes e cabelo ridiculamente bagunçado. Mas Draco não conseguia concluir o quanto aquilo era bom para si. Seria o invasor melhor ou pior que seus atuais seqüestradores?

Harry não tinha tempo para explicar a situação. Aproximou-se rapidamente do loiro e sondou a corrente que o prendia. Aquilo não seria empecilho para seu plano. Ia tranquilizar o

rapaz a esse respeito quando ele moveu a mão direita e tocou sua fronte exatamente sobre o machucado. Surpreso, sentiu o lugar se aquecer de leve.

– O que está fazendo? – Malfoy afastou a mão enquanto os lábios se torciam num sorriso sarcástico.

– Não foi por isso que veio aqui? – perguntou numa voz despida de emoção, levemente arrastada – Não é isso que você quer?

Ainda preso pela surpresa Harry levou a mão ao lugar onde fora atingido. Não sentia mais dor. O sangramento parara. Foi então que compreendeu: Draco Malfoy o curara com um simples *toque*. Por isso era prisioneiro de Voldemort.

– Não me importa que me use – Draco continuou parecendo alguém que cansara de brigar. E continuou soando desesperançado – Mas poderia me prender numa sala com janelas. Seria legal ter algo pra olhar.

Potter ficou chocado e sentiu um gosto amargo na boca. Malfoy entendera tudo errado! Não viera “roubá-lo” de Voldemort apenas para jogá-lo em outra prisão e obrigá-lo a usar seu raro poder. Apenas de pensar em fazer algo assim Harry sentia um rancor incontrolável contra Você Sabe Quem.

Antes que pudesse se explicar a moeda enfeitiçada que levava no bolso se aqueceu. Era o sinal de Hermione Granger avisando que todas as barreiras do local tinham caído. Hora de dar no pé.

Silencioso esticou a mão e segurou firme no braço de Malfoy. Olhando fixamente nas íris acinzentadas Harry Potter desapareceu levando-o consigo.

Continua

Notas finais do capítulo

PUXA! Esse capítulo ficou grandinho, bem diferente dos outros. Ainda é uma viagem no passado, mas demos um salto de dez anos durante a infância.

Mudando de assunto... to tão feliz... posso ver as férias no fim do túnel. Rsrtrs acho que todo mundo tá precisando, não é?

(Cap. 9) Capítulo 08

Notas do capítulo

Pontualmente! Eu sou muito gata! /apanha Não atrasei nenhuma postagem até agora!

Londres, 2001 Parte 02

Os dois aparataram em um campo aberto, que já fora combinado como ponto de encontro de todos que participaram da investida.

Felizmente Harry tinha reflexos rápidos, pois conseguiu amparar Malfoy antes que o loiro desabasse tonto pela viagem.

– Você está bem? – Potter perguntou-se sentindo meio idiota. Era óbvio que não.

O loiro balançou a cabeça como forma de responder. Manteve os olhos fechados com força, incomodado pela forte claridade do sol. Queria aproveitar aquela sensação, mas estivera tanto tempo preso na sala escura que não conseguia mantê-los abertos.

Sem pensar duas vezes Harry passou um braço pelas costas do rapaz e o outro por trás de seus joelhos, erguendo-o nos braços.

– Ei! – Draco resmungou – Que pensa que está fazendo?

– Confie em mim – Harry pediu. Sons leves de aparatação interromperam o diálogo. Ronald, Hermione, Fred e Dean apareceram, os quatro sem fôlego e cansados.

– Vamos dar o fora daqui, Harry. – Fred ria da confusão criada – Eles logo virão.

– O Basilisco Alado está esperando. George já deu o sinal. Mas preciso pensar num meio mais eficiente... – Hermione falou mais de si pra si do que pros companheiros – Talvez tipo uma vara de pescar vocês sabem, com cordas longas e...

– Mione – Ron rolou os olhos – Depois você pensa nisso. Temos que ir.

– Está bem – a garota concordou segundos antes de desaparatar e ser imitada por todos os outros.

– Você pode descansar aqui – Harry ofereceu colocando Malfoy com cuidado sobre a cama. Não sabia por que o levava justamente para sua cabine particular, mas levava – Tem roupas limpas no armário e um banheiro adaptado naquela porta. Pode tomar um banho se quiser. Os gêmeos estão preparando pra zarparmos, Hermione lançou os feitiços protetores e Dean começou o jantar. Temos tudo sob controle.

– Zarpar? – Draco repetiu – São piratas...

– Mais ou menos isso – Harry concordou – Sou Harry Potter, capitão deste navio, o Basilisco Voador.

Malfoy arregalou os olhos de leve.

– O Garoto Que Viveu? – sua voz soou impressionada sem que pudesse controlar.

– Em carne e osso – Harry gostou de impressionar o loiro – É nosso hóspede provisório.

Aproveite a hospitalidade, vou ver como andam os preparativos entre a tripulação. Volto pra te chamar depois, então conversaremos. Ah... antes que me esqueça...

Dizendo e apontou a varinha para Draco. O rapaz não teve nem chance de reação, mas o feitiço apenas fez as algemas caírem de seus pulsos. Depois disso Harry sorriu e saiu da cabine fechando a porta.

Draco Malfoy ficou alguns segundos observando as marcas nos pulsos. Ainda estupefato observou o cômodo. Era limpo e organizado. Bem agradável.

Então pensou em sua situação atual. Estava a salvo das garras de Você Sabe Quem e, aparentemente, fora raptado por pessoas melhores. Harry Potter e sua tripulação não podiam ser comparados com o Dark Lord.

Ser obrigado a ficar ali curando os piratas talvez não fosse tão ruim assim.

Levantou-se da cama macia. Vacilou um pouco, suas pernas tremeram pelo esforço. Nem se lembrava mais quando fora a última vez que levantara por conta própria daquele chão frio em sua cela.

Hesitante caminhou até a pequena janela arredondada. Teve uma visão magnífica do céu azul. Ficou tão feliz. Já tinha perdido as esperanças de ver algo assim novamente.

Depois de algum tempo observando o céu por onde o navio seguia navegando entre nuvens brancas, resolveu aproveitar e aceitar aquele banho. Pensou duas vezes antes de abrir o armário de roupas, mas o fez.

Foi difícil encontrar uma que parecesse de acordo, não por que as peças fossem ruins (se comparadas aos trapos que usava, eram puro luxo), mas por que Harry Potter não era tão magro quanto ele e, além disso, era um pouco mais alto. As roupas ficariam largas.

Enfim...

Recolheu as que julgou menores e foi para o banheiro, pequeno mas muito limpo e organizado. Sem luxos além do estritamente necessário. Foi um banho rápido, mas muito, muito bem vindo.

Draco não queria acreditar. Esquecera completamente a sensação de se sentir limpo, vestindo roupas descentes (se bem que dois números maiores), era como voltar a se sentir humano, e não uma “coisa” guardada por alguém.

O sentimento era tão bom que ele encheu-se de coragem. Descalço, pois não achara nenhum sapato que servisse, aproximou-se da porta e testou a maçaneta. Estava aberta!

Mordeu os lábios com indecisão. O coração estava disparado. Fazia mais de dez anos que não tinha aquela autonomia toda, poder tomar um banho sozinho, se vestir sem ser vigiado, estar sem as algemas e as correntes.

E agora passagem livre! Era bom demais pra ser verdade.

Devagarzinho girou a maçaneta e abriu um pequeno vão. Espiou o corredor. O que ele devia fazer? Ficar quieto esperando algo acontecer ou se arriscar? Ele não podia dizer que coragem era seu forte. De repente era melhor não fazer nada que irritasse aqueles piratas. Ele podia perder os privilégios recém adquiridos. Não queria ser jogado num porão escuro novamente e...

– Ei, Malfoy! O que está fazendo aí?

Draco levou um grande susto. Seu coração saltou acelerado e ele achou que ia desmaiar por ser pego em flagrante num ato que poderia ser considerado uma tentativa de fuga...

Continua

Notas finais do capítulo

TADAAAAA Mais um. Enjoy! E até semana que vem.

(Cap. 10) Capítulo 09

Notas do capítulo

Pontualmente. Eu sou muito gata mesmo. Rsrrsrs, é brinks, gente.

Londres, 2001 Parte 03

– Eu perguntei o que você está fazendo aí – Harry repetiu escancarando a porta.

Draco deu dois passos para trás, tentando pensar numa desculpa.

– Na... nada – e antes que pudesse evitar se viu dizendo – Eu não estava tentando fugir...

O moreno ergueu as duas sobrancelhas:

– Claro que não. O Basilisco Voador está navegando beeeeem alto. Você só poderia sair daqui se soubesse aparatar ou tivesse asas – Harry riu.

Draco ficou irritado por sentir-se zombado. Não disse nada pra não piorar a situação, apesar de sua expressão se fechar em contrariedade.

Ainda rindo um tanto Harry observou seu novo passageiro. As roupas tinham ficado grandes, mas já imaginava algo assim. Pensou que podia usar um feitiço de ajuste e desistiu rápido da idéia. Draco Malfoy ficava tão fofo daquele jeito.

Fofo?

Balançado a cabeça, Potter ficou sério.

– Não tem por que fugir, Malfoy. Não é prisioneiro aqui. Agora, se puder me

acompanhar, Dean preparou um lanche para nós.

O loiro hesitou um pouco diante daquelas palavras. Sentiu-se perdido. Fazia tempo desde a última vez que não era prisioneiro de alguém. Não sabia exatamente o que fazer. Por hora decidiu seguir o capitão. Depois de tantas emoções percebeu que estava com fome.

Seguiram em silêncio para uma das cabines improvisadas num refeitório. Havia tanto barulho que Draco imaginou encontrar um batalhão, não aqueles cinco jovens praticamente da sua idade.

– Pessoal, – Harry chamou a atenção e todos ficaram quietos – nossa investida de hoje foi um sucesso. Vamos comemorar. Mas antes, as apresentações. Draco Malfoy, esses são Fred, George e Ronald Weasley, Dean Thomas e Hermione Granger.

– Bem vindo, Malfoy – um dos gêmeos falou.

– Aproveita que foi o Dean que cozinhou hoje. O lanche tá bom – o outro completou.

– Eu estou morrendo de fome – Ron parecia mesmo faminto. Ma falou e foi repreendido pela única garota do grupo.

– Olha os modos, Ron! – a resposta foi uma careta do ruivo.

Thomas piscou pra Malfoy.

– Caprichei no recheio das tortinhas de abóbora – falou simpático.

Draco ficou sem jeito por tanta amabilidade. Apenas balançou a cabeça em agradecimento e tomou um lugar a mesa. Esse foi o sinal para que os bruxos piratas avançassem na comida.

– Não perca tempo – Harry incentivou – Ou vai ficar sem.

Diante disso o loiro parou de hesitar. Alcançou uma tortinha e deu uma generosa dentada. O gosto era tão bom que seus olhos brilharam. A massa derreteu na boca e ele se deliciou com o recheio. Fazia tanto tempo que não provava algo assim. Desde que tinha onze anos pra ser mais exato.

E melhorou quando alguém lhe estendeu um generoso copo com suco de amora, bem docinho e encorpado. Ocupado em comer, Draco acabou ficando a parte da conversa, apenas escutando os rapazes se vangloriarem do resgate, rirem das caras dos comensais e gabarem de como tinha sido fácil derrotá-los.

O loiro estava mais preocupado em encher a barriga. Normalmente não era guloso (a não ser por *doces*), no entanto sentia como se pudesse tirar o atraso de dez anos em uma noite. Provou da torta de abóbora, do bolo de carne e pudim de rim. A omelete de queijo de Hypogrifo estava tão divina quanto os legumes empanados. De sobremesa um belíssimo pedaço de bolo de morango com nozes indianas. *Fantástico*.

– Tronquilhos me persigam, mas acho que vou explodir – Fred falou de boca cheia e recostou-se na cadeira.

– É – Ron concordou dando tapinhas na barriga – Comi feito um Auror em missão hoje. Hermione riu da piadinha sem graça.

– Ron, você parecia mais um *Troll* em missão.

– Ei!

– E nós cuidamos da louça hoje. Não se esqueça.

O ruivo fez uma cara de sofrimento tão exagerada que mesmo Draco rolou os olhos.

– Nós voltamos pro posto – os gêmeos disseram juntos, de forma ensaiada e saíram rapidinho do refeitório com medo de sobrar serviço pra eles.

– Eu vou para o deque de comando. Sou ruim com cálculos de coordenadas. Harry, pense sobre o que eu te disse, precisamos de alguém que entenda melhor do assunto.

O capitão concordou. Estava na hora de aumentar a tripulação. Ele ouvira falar de um irlandês nos lados de Southwark que manjava de cálculos e vivia se metendo em encrenca com o Ministério. Um tal de Finnigan...

Hermione aproveitou e saiu junto com Dean, levando Ron e as louças sujas para a cozinha. Estando sozinho com Draco, Harry sorriu.

– Está tudo bem?

Malfoy estreitou os olhos:

– Está...

– Então vamos falar sobre a situação. Pesquisamos sobre sua família, mas seus pais estão desaparecidos desde que você foi levado. Todas as propriedades dos Malfoy assim como o cofre em Gringotes estão em seu nome. Existe mais alguém que possamos tentar contato?

O loiro pensou por um segundo. Havia uma irmã de sua mãe, a tia Bellatrix... estremeceu com a idéia. Entre ela e Você Sabe Quem a diferença era mínima.

– Não. Não conheço ninguém.

– Entendo. Temos amigos que podem ajudar a encontrar um lugar seguro pra você. Resgatamos Longbottom e Lovegood. Ambos estão bem e seguros, recomeçando uma nova vida.

– Vocês libertaram os dois? Porque?

– Voldemort matou meus pais. Ele pensou que eu tinha algum poder especial. Mas não tenho. A única coisa que me faz especial é ter coragem de desafiá-lo. Faço isso pra me vingar.

– Você é louco – Draco afirmou sem intenção de ofender, apenas constatava um fato.

– E graças a isso te libertei, não é? Vamos deixá-lo n'A Toca. A senhora Weasley vai

cuidar bem de você até que tenhamos um abrigo seguro, não se preocupe.

– Eu... obrigado... – o loiro sussurrou.

– Não me agradeça. Vamos navegar por mais dois dias pra despistar. Depois seguiremos pra casa de Ron. Pode ficar a vontade por aqui, e utilize aquela cabine como sua, é a mais confortável. Acho que deve aproveitar para descansar. Foi um dia e tanto.

Draco Malfoy concordou com um aceno de cabeça. Estava limpo, bem alimentado e *livre*. Com certeza um dia e tanto.

Continua

Notas finais do capítulo

Nota da louca, digo, autora: TADA-AAAA Mais um! E esse foi maiorzinho também, rrsr. Enjoy, pessoas do meu coração.

(Cap. 11) Capítulo 10

Notas do capítulo

Pontualmete!

Londres, 2001 Trechos retirados do diário de bordo de Harry Potter

“Meus planos eram seguir para A Toca em dois dias logo após o resgate de Malfoy. Ele não conhecia mais nenhum parente que pudesse protegê-lo, então deixá-los aos cuidados da senhora Weasley pareceu uma boa idéia. Mas precisei mudar os planos. Esbarramos com salteadores de Voldemort. Eles não nos perceberam graças aos feitiços poderosos que Hermione lançou. Foi por isso que desviei a rota, embicamos o Basilisco Alado para noroeste e seguimos navegando os céus tranquilos de Bexley. Aquela região calma e apática nunca atrai grandes aventureiros. Ideal para um momento de paz.”

“Estamos em estiagem há quase um mês. Não registrei nenhuma atividade suspeita, por isso é hora de seguir para A Toca. A situação entre Malfoy e a tripulação deu uma acalmada. Ele tem uma personalidade bem difícil, não esperava isso de alguém que passou tanto tempo prisioneiro. Pensando bem tanto Longbotton quanto Lovegood tem características bem peculiares. Porque seria diferente com Malfoy? Deve ser um fator em comum entre os raptados por Voldemort. Enfim... Draco retomou as aulas com Hermione. Ela tem lhe ensinado alguns feitiços e azarações, assim como algumas poções. A relação entre eles deu uma boa esfriada quando Malfoy soube que Mione é nascida trouxa. Já o peguei resmungando umas duas vezes

sobre ‘sangue-ruim’ e por causa disso é clara a tensão entre ele e Ron, que me explicou como algumas famílias tradicionais são preconceituosas a respeito da pureza do sangue. Pelo visto Draco Malfoy defende essas tradições.”

“A previsão é chegarmos à casa dos Weasley em no máximo três dias. Devo dizer que as coisas se acalmaram e se assentaram bem no Basilisco Alado. Malfoy mantém a postura distante e talvez nunca se torne realmente amigo de Hermione, nem de Ron, mas os três tem se respeitado na medida do possível. As aulas com Mione foram muito úteis, já da pra ver uma melhora nas técnicas de Malfoy, mas ele precisa de muito treino para alcançar o resto da tripulação. Espero que a senhora Weasley o ajude com isso. Aposto que Ginny também o ajudará. Ela tem quase a nossa idade, é só um ano mais jovem. Eles serão bons amigos.”

“Duas quimeras. Não. Duas quimeras *brigando* pelo território. Isso... foi exatamente assim que Draco Malfoy e Ginny pareceram quando se encontraram. Impressionante. Eu nunca acreditei em nada a primeira vista, mas que o Ministério afunde o Basilisco Alado se não foi um caso autêntico de antipatia a primeira vista... por um segundo pensei que os cabelos ruivos de Ginny iam se arrepiar em sinal de fúria... sorte que não aconteceu. Mas tive a primeira percepção sobre o futuro de Draco Malfoy. Ele e Ginny nunca serão amigos.”

“Estamos a uma semana n’A Toca, descansando e aproveitando a hospitalidade dos pais de Ron. Molly Weasley conseguiu conquistar Malfoy. Talvez o jeito de ‘mãe’ com que ela o trata lembre a senhora Malfoy. O jeito que toda mãe tem, por mais que sejam diferentes por dentro e por fora. Com o senhor Arthur já é diferente. Draco mostrou pouca paciência com a paixão dele por coisas Muggles. Tenho que ser realista: isso nunca funcionaria. Então comecei a me preocupar de verdade com o que faria com Draco Malfoy.”

“Hoje pela manhã começamos os preparativos para voltar ao navio. Eu já gastei tempo demais por aqui. É hora de voltar ao curso e seguir com meus planos de vingança. Sirius Black não irá a lugar algum, mas entrar em Azkaban não será fácil. Malfoy me procurou ontem a noite. Ele está com uma aparência bem melhor do que quando o resgatamos. Continua magro, mas não esquelético. E sua pele ainda é pálida, só que não daquele jeito doentio. Agora é mais como o tom natural, apesar de ser surpreendentemente branco, mesmo pra um inglês. Não que eu repare muito... bom, ele me pediu pra seguir com a gente no Basilisco Alado, disse que enlouqueceria se ficasse n’A Toca. Eu hesitei um pouco e Draco se apressou em oferecer seu poder para curar qualquer um de nós durante as batalhas. A forma que ele disse aquilo, barganhando sua passagem, me fez sentir péssimo, como se eu fosse do nível de Voldemort e só quisesse aceitá-lo pelo que podia fazer. Tratei de afastar aquela probabilidade. Deixei claro que ele era livre pra fazer o que bem entendesse e que havia vaga na tripulação desde que ele

aprendesse o máximo com Hermione para nos ser útil como um bruxo comum. E que nunca (devo ter sido extremamente firme nesse ‘nunca’ pela cara que ele fez) precisaria usar seu dom com a gente. Os termos foram expostos e aceitos. Draco Malfoy é o novo tripulante do Basilisco Alado. Ele ficou tão feliz que me deixou feliz. Decidi que seria mais do que um capitão pra Malfoy. Sua alegria em estar livre, ser dono de si mesmo e fazer parte de algo era contagiante. Não chegava a ser eufórico, mas me tocou. Decidi que seria seu protetor. E desse modo zarparemos, em busca de um jeito para invadir Azkaban e finalizar minha vingança.”

Continua

Notas finais do capítulo

N/A: Cheguei aos 45 do segundo tempo! Mas ainda é sábado! Puxa, tive que trabalhar hoje, e meu irmão chegou com a esposa e a filha! Foi uma festa só! Próximo capítulo: sábado que vem!

(Cap. 12) Capítulo 11

Notas do capítulo

Pontualmente, apesar da tristeza. i.i

De volta ao presente

Momentos como aquele não eram raros. Harry gostava de abraçar Draco, tocá-lo, tê-lo sempre consigo. O gênio singular o divertia, sua personalidade era difícil e cativante. O rapaz era uma antítese sedutora, independente do fato de ter ou não algum poder raro.

A tensão aprecia ter evaporado. Não fora tão difícil, no fim das contas, permitir que Draco curasse aquele ferimento no ombro. Ele estava certo: fazia parte dele. Harry não podia rejeitar uma de suas facetas e desejar apenas o resto.

Sentiu os dedos magros deslizando por sua camisa lentos, provocantes. Sorriu de lado.

– Não tão depressa – segurou a mão do amante impedindo-o de continuar.

– Merda, Potter. Rasga essa foto!

Harry riu da indignação:

– Nada disso. E por que tá preocupado com essa? Aposto que os gêmeos devem ter feito dúzias de cópias.

– Ah, claro. Você fica feliz com dúzias de fotos da *minha* bunda rebolando por aí, não é?

O capitão do navio parou de rir. Toda a graça se evaporou e ele levantou-se com intenção de ir atrás de Hermione. A bruxa deveria estar se recuperando, mas pediria ajuda para confiscar *todas* as cópias extras daquela foto. Não que ele fosse ciumento.

Apenas cuidava do que era seu.

Os piratas navegaram por mais dois dias antes de ter certeza absoluta que estavam na rota certa. O Mapa do Maroto indicava o caminho para Azkaban. Não apenas isso: o clima mudara drasticamente, pois apesar de ser dia as nuvens negras escureciam a paisagem. Um vento gelado agitava as velas e esfriava até o coração.

– Azkaban fica aqui – Fred abriu o mapa e apontou uma montanha que flutuava no ar.

Os bruxos ergueram a cabeça e encararam a montanha real idêntica a do mapa.

– Certo – Harry sentiu a adrenalina correndo em suas veias. Esperara muito por aquilo. Anos, na verdade.

Tinha ódio por Voldemort, sim. Porém já aplicara um duro golpe nele ao roubar e libertar suas preciosas crianças da profecia. E ainda mantinha um ao seu lado, não como prisioneiro, mas como amante e companheiro.

Contra Sirius Black seu rancor era mais profundo. O homem traíra a confiança de seus pais ao entregá-los para Voldemort. Ele tinha que pagar por seu ato covarde.

– Ordens, capitão? – George soou extremamente preocupado.

Harry observou os bruxos que eram mais que sua tripulação: eram seus amigos. Até então sempre acreditara na vitória, lutar e vencer era um fato. Invadir Azkaban significava desvendar um mistério cuja resposta nunca fora encontrada.

Não havia garantia alguma de sucesso. Ou retorno.

Potter respirou fundo:

– Daqui pra frente é por minha conta. Malfoy ficará responsável pelo Basilisco Alado enquanto eu invado a prisão. Se eu não voltar em dois dias devem seguir sem mim. Compreenderam?

Antes que qualquer um respondesse Draco riu:

– Potter é claro que eu vou entrar com você. Não seja ridículo.

– Você não vai – o moreno afirmou sério.

– Sim, eu vou. Não manda em mim.

– Sou seu *capitão!* – Harry se irritou. Os outros apenas acompanhavam a discussão em silêncio. Evidentemente estavam apreensivos pelo que se pretendia fazer – Claro que mando em você!

– Capitão uma vírgula. Nesse minuto você é meu namorado. E eu vou entrar em Azkaban. Sei que me acha covarde, mas não temo esse lugar. Passei dez anos aproveitando a hospitalidade de Você Sabe Quem. Não tenho medo de *escurinho*.

– Harry seja razoável – Hermione pediu – Não pode fazer tudo sozinho, a companhia de Malfoy lhe dará segurança.

Ela própria desejava ir junto. Porém sabia que quanto mais gente, mais chances de serem descobertos. Além disso, alguém precisava dar cobertura e ficar alerta.

Harry travou uma batalha interna. Quase se rendeu a tentação de acertar um Relaxo no loiro e deixá-lo dormindo no Basilisco Alado. Nunca seria perdoado caso fizesse algo assim.

– Certo, Draco. Mas não me atrapalhe! Será uma preocupação a mais pra mim, sabe disso não é?

O rapaz acertou tapinhas despreocupados nas costas do capitão.

– Relaxa, Cicatriz. Sei me cuidar muito bem.

Ignorando o tom esnobe Potter virou-se para a tripulação:

– Hermione fica no comando até a nossa volta. Fred mantenha o navio pronto pra zarpar a qualquer hora, George verifique o estoque de munição, Umbridge pode dar as caras, nunca se sabe. Seamus corrija a rota, quando sairmos daqui passaremos um tempo em Grimmauld Place até tudo esfriar. Ron e Dean criem uma chave de Portal. Sei do desgaste excessivo de magia, mas é o meio mais fácil de escapar rápido daqui.

Imediatamente a tripulação se dispersou. Apenas Hermione e Draco ficaram junto a Harry no convés.

– Não vou partir sem você, Harry.

O moreno não precisava ter ouvido aquilo, sabia que ela nunca seguiria a instrução de partir deixando os dois colegas pra trás. Eram pessoas leais acima de tudo.

Voltou os olhos verdes para Draco Malfoy. O amante observava a montanha de forma pensativa, quase nostálgica. Ele estava certo: sabia se cuidar, fato que não diminuía a preocupação de Harry.

Por um segundo quase mudou de idéia. Não realizaria uma vingança se isso colocasse alguém que amava em perigo. A sensação passou tão fugaz quanto surgiu.

Desejava aquilo há anos. Não ia desistir estando tão perto.

Era hora de fazer Sirius Black pagar.

Continua

Notas finais do capítulo

N/A: Bom aí está mais um capítulo!

Se me permitem um momento depressivo... vou pegar DP em uma matéria! Meu Deus, aos 45 do segundo tempo pego uma maldita de uma DP... isso significa que perdi o direito de escolha na ênfase dos 40 e 50 anos e o pior... não poderei participar da colação de grau com a turma!

Tanto trabalho com estágio, relatórios, horas cumpridas, trabalhos, mostra científica... pra nada! Pra nada! Que tristeza!

(Cap. 13) Capítulo 12

Notas do capítulo

Boa noite a todos!

Em qualquer outra situação entrar em Azkaban seria um ato temerário, louco, inconseqüente. Sair de lá, *impossível*.

A diferença estava no Mapa do Maroto. Passaporte de ida e volta em teórica segurança. Agora seria o momento de por em prática.

Harry e Draco desembarcaram e embrenharam-se no meio da floresta. Não era grande. Foi uma caminhada curta e sem interferência, direto até o sopé da montanha.

– O mapa mudou.

Potter voltou-se e mirou o pergaminho nas mãos de Draco. Agora os desenhos mostravam uma espécie rústica de labirinto, e dezenas de pequenos cubículos distribuídos em pontos estratégicos. As celas.

– Armadilhas.

O capitão tocou a palavra que flutuava em todas as rotas marcadas no mapa. Pra cada pequena cela existia duas ou três, às vezes quatro “armadilhas” flutuando próximas.

– Maravilha – Malfoy ironizou.

Harry ergueu a cabeça e respirou fundo. Contava com algo assim.

– Veja – apontou a montanha que se erguia majestosa e sombria – Podemos aparatar ali.

– E se tiver feitiços anti-aparatação?

– Seriam indicados no mapa. Eu acho.

Draco acenou. Aprendera a aparatar com a ajuda de Granger. Já não dependia de Harry pra isso. A um sinal do moreno os dois desapareceram do meio da floresta.

A montanha totalmente rochosa não se abalou quando os intrusos surgiram em sua base.

Os piratas olharam de um lado para o outro. A noite clara não oferecia abrigo seguro caso algum guarda surgisse. Não surgiu.

– Vamos. E tenha cuidado.

Draco obedeceu. Contornaram pisando sobre pedras, algumas soltas que escapavam e rolavam até cair na floresta abaixo deles.

– Tem uma entrada a uns vinte metros.

A voz um tanto surpresa de Malfoy indicou a marca que surgira do nada no Mapa do Maroto. Tal entrada não aparecia antes. Harry virou-se e analisou o papel.

– Então o lugar é cheio de surpresinhas.

– Talvez armadilhas?

– Quer voltar, Draco? Não é tarde demais.

O loiro corou de raiva.

– Se perguntar isso de novo, Potter, quem vai querer voltar é *você*.

– Desculpa. Eu vou na frente.

Só então o rapaz sacou a varinha. Caminhou os poucos passos que o separavam da entrada na temida prisão, com Malfoy vindo logo atrás.

O coração disparado denunciava a adrenalina despejada no sangue. Ansiava por aquilo, mas seria tolo se não assumisse o certo receio, por ele e por Malfoy. E pelo que encontraria lá dentro.

Um novo passo e a montanha estremeceu levemente. Uma rocha particularmente grande girou lenta e silenciosamente, expondo uma espécie de caverna que seguia para o interior escuro.

Harry e Draco olharam para aquela passagem. Uma espécie de boca prestes a engolilos.

Sem mais hesitação os dois avançaram.

Continua

Notas finais do capítulo

N/A: Olá! Eu devia ter postado mais cedo, porém uma série de imprevistos me atrapalharam. Apesar de tudo aqui está.

Em primeiro lugar: muito obrigada pelas palavras do capítulo anterior. Tenho que concordar, a vida continua. Bola pra frente. Tem gente que sobrevive a coisa pior...

E pra terminar: criei vergonha na cara e um facebook. Quem quiser trocar uma idéia é só procurar: Kaline Bogard.

Até sábado que vem!

(Cap. 14) Capítulo 13

Notas do capítulo

Sábado quente... pede cerveja gelada! MAs enquanto ela não vem...

– Tem duas armadilhas à frente – Draco avisou.

Harry, que avançava abrindo caminho, sempre com a varinha iluminando as trevas, parou.

– Vamos esperar.

O loiro concordou. Ambos fixaram os olhos no Mapa do Maroto. Tinham descoberto uma nova utilidade para o pedaço de pergaminho. Eles chegaram no primeiro caminho cercado de armadilhas, aparentemente sem poder avançar sem desarmá-las. Então pararam para pensar em uma estratégia, e durante esses breves segundos o mapa se reorganizara, uma nova rota segura aparecera, um caminho secreto, e o avanço dos invasores continuara com tranqüilidade.

Observaram o fenômeno se repetir. Os traços do mapa mudaram até que a passagem secreta se revelasse livre de armadilhas.

– É brilhante – Harry não cabia em si de satisfação. Os deuses conspiravam para ajudá-lo.

– Lestrage.

A voz estranha de Draco chamou a atenção do moreno.

– Quem é esse?

– Marido de minha tia Bellatrix, irmã mais velha de mamãe. Quando me salvaram de Você Sabe Quem, você me perguntou se eu conhecia algum parente vivo. Conhecia Bellatrix Lestrage. Mas...

Harry aguardou que o relato continuasse, porém o silêncio de Draco foi hesitante.

– Mas...? – o capitão incentivou gentil.

– Eu só tinha onze anos, está bem? Era uma criança e muita coisa aconteceu... não tenho certeza de nada. Só... que... talvez tia Bellatrix tenha algo a ver com o Dark Lord. Ela pode ter dito sobre mim. Uma vez ouvi mamãe implorar algo a ela, logo antes do ataque à nossa Mansão. Acho que ouvi, não sei.

Harry sentiu-se mais ligado a Draco do que nunca.

– Seus pais também foram traídos.

– Pode ser e pode não ser. Já disse que minhas lembranças são meio confusas. Mas com o Lestrage preso aqui...

O moreno até pensou em perguntar por que Draco nunca mencionara aquilo antes, no entanto mudou de idéia. Provavelmente ele acabara de se recordar do acontecido. Além disso, não podia exigir que o amante lhe contasse cada mínimo detalhe de sua vida.

– Por onde?

Draco observou o mapa.

– À direita.

Continuaram a invasão. Os corredores eram todos idênticos, como um verdadeiro e confuso labirinto encravado nas entranhas da montanha rochosa. Tinham evitado todas as armadilhas graças ao Mapa do Maroto. O escuro era absoluto e a parca iluminação vinha da ponta da varinha de Harry. As paredes e o chão eram úmidos, ambos já tinham perdido as contas dos escorregões levados.

– Me pergunto onde estão os guardas.

Harry piscou e virou a cabeça observando Draco.

– Talvez não precisem de guardas. Estamos em Azkaban. E é noite, quem dormiria aqui além dos prisioneiros?

O loiro concordou com um aceno de cabeça. Qualquer um que tentasse sair dali se perderia no labirinto caso não tivesse um mapa similar ao deles, o que era praticamente impossível. Os guardas deviam ser treinados e preparados para estar ali durante o dia.

– À esquerda agora. Você irá matá-lo?

Harry fez a curva sem responder. Não era assassino, não arquitetava tirar a vida de ninguém a sangue frio. Ia agir da melhor forma possível: sem planejar, entrar e deixar as coisas acontecerem.

O corredor começou a subir. Andaram alguns minutos antes que ele tornasse plano novamente. Haviam acabado de mudar de nível dentro da prisão.

– Greyback.

A voz de Draco saiu um tantinho aguda, enquanto apontava um nome flutuando numa cela.

– O lobisomem?

– E as celas deste andar estão cercadas por três armadilhas. Devem ser os mais perigosos.

– Faz sentido. Vamos por onde agora?

– Potter... aqui. Black.

Flutuando duas celas a frente da de Greyback, estava o nome de Sirius Black.

Continua

Notas finais do capítulo

Chegando a reta final... Que peninha...

(Cap. 15) Capítulo 14

Notas do capítulo

Sexta-feira e... SURPRESA!

A emoção de Harry Potter transbordou e ficou visível em sua face. Foi algo tão intenso que Draco ofegou temendo uma precipitação.

– Vigie. Vou entrar.

– Vou com...

– Você fica, Draco – cortou de forma firme.

O loiro passou a língua sobre os lábios secos e assentiu. Sacou a varinha e conjurou um Lumus. O mapa na outra mão tremia de leve. Apesar de não gostar nada da idéia de ficar ali sozinho não tinha alternativa.

Harry observou a imensa parede de rocha. Sirius Black estava ali atrás. Como entraria?

– Mais um passo pra esquerda, Potter.

Obedecendo sem questionar o moreno se posicionou. A rocha estremeceu e se afastou com um som que lembrava muito um gemido. Harry ergueu a varinha, lançou um último olhar para seu amante e entrou.

Draco posicionou-se no lugar certo. Não queria que a porta voltasse a se fechar. Tudo ali era incrivelmente preto, negro como as asas de um Testralio. Não que Draco pudesse vê-los, mas ouvira boatos.

Sabia que tinham a ver com a morte. Que eram seres cadavéricos e assustadores. Só podiam ser vistos por alguém que tivesse alguma experiência com a morte.

Mas porque raios Draco estava pensando em Testralios mesmo? Ah, por que eram negros como as paredes e os corredores de Azkaban. Negros como as celas de Azkaban.

E tinham profunda ligação com a morte, assim como o cheiro terrível que emanava daquele lugar macabro.

A ponta da varinha de Draco piscou e o Lumus falhou. Ele engoliu em seco e dobrou a concentração, apavorado com a idéia de ficar sozinho no escuro, o negro absoluto da morte.

“Vai logo com isso, Potter.”

Entrementes Harry andou por um curto corredor. Abaixou a varinha, pois dentro da cela havia uma lamparina com fogo fátuo. Fraca demais para iluminar tudo com eficiência, forte o bastante para que não reinasse a penumbra.

Água infiltrava em vários pontos deixando tudo meio úmido. Harry sentiu que pisava em solo amolecido quase como lama.

Olhou de um lado para o outro em busca do habitante daquela cela fria e escura.

– James...?

A voz rouca pelo desuso causou arrepios em Harry. Ele virou-se para a direção de onde ouvira o som. Avistou um amontoado espremido no canto que pouco lembrava algo humano.

Ergueu a varinha voltando a conjurar o Lumus. Então viu o homem que estava procurando: Sirius Black.

Ele parecia muito, muito maltratado. E não era pra menos, a vida em Azkaban era merecidamente dura. Seus cabelos negros eram longos e estavam desgrenhados, a barba enorme e suja. Apenas o uniforme da prisão parecia em melhor estado. Mas foi ao ver os olhos de quem procurava que Harry assustou-se de verdade. Parecia que a insanidade dominara completamente aquele bruxo.

– Você parece James – Sirius falou – Mas tem os olhos de Lily.

A frase despertou Harry.

– Não fale deles, Black. Não tem o direito de pronunciar os nomes de meus pais com essa boca imunda.

– Seus pais? Harry!

– Sim. Sou Harry Potter. Filho de James e Lilian Potter. Os bruxos que confiaram às vidas a você, Black. E foram mortos por isso.

– Meus amigos estão mortos. Sei disso, jovem Harry. Porque acha que estou aqui, hein?

Aquilo foi como assinar uma confissão. O capitão do Basilisco Alado sentiu a fúria dominá-lo por completo.

Black tinha que pagar.

Continua

Notas finais do capítulo

N/A - Olá pessoas!

Vou viajar hoje, por isso não poderei postar sábado. Pra não atrasar resolvi adiantar e liberar hoje.

Gostaria de deixar um abraço especial para todos os leitores, desejar muita paz nesse natal. Independente das crenças de cada um paz nunca é demais, assim como saúde, prosperidade, garra pra continuar lutando sem desanimar, e, caso desanime, forças e coragem pra vencer e voltar a caminhada.

Muita luz na vida de vocês, sempre! E até sábado que vem. Ah, um abraço especial para LettyHyuuga. Muito obrigada!!

(Cap. 16) Capítulo 15

Notas do capítulo

Desculpa o atraso!!

– Por que fez isso, Black?! – Harry rosnou apontando a varinha para o prisioneiro – Meus pais confiavam em você. Mais que isso, papai e você fizeram um Pacto de Sangue. Ele amava você como um irmão. Ele se tornou seu irmão!

Black estremeceu e rastejou para o outro canto com dificuldade. Ainda assim não escapou dos olhos acusatórios do garoto.

– Você teve coragem de trair alguém que confiou tanto em você? Hein? Não vale nada, Black. Meus pais estão mortos e a culpa é sua.

O homem soltou um lamento.

– Não...

– Não?! Vai dizer que é inocente? Seja homem e não fuja. Diga, valeu a pena? Valeu a pena trair meu pai? O que quis em troca? Dinheiro? Poder? – Harry riu amargo – Mas veja o que ganhou por ser um traidor.

Ainda sem encarar o garoto Sirius sacudiu a cabeça:

– Não trai James.

Harry ofegou indignado:

– Você foi direto a Voldemort! Cuspiu o lugar onde meus pais se escondiam! Ele os encontrou, Black. Enquanto tentavam proteger a mim, seu afilhado, foram assassinados! Por sua culpa!

A fraca luminária da cela vacilou, piscou, porém continuou acesa. A fúria de Harry Potter não esmaeceu em nada por aquilo. Ele estava todo concentrado em Sirius Black e na

percepção que o maldito pretendia alegar que não tinha culpa. Hipócrita.

– James... sinto tanto...

– Arrependimentos não o trarão de volta, Black – Harry rosnou – Vim aqui em busca de vingança, mas esse lugar é perfeito pra você. A morte seria uma saída piedosa. Só me diga o porquê. Me diga se valeu a pena!

A voz se elevou na última frase e a luminária falhou novamente. Acendeu-se mais a custo dessa vez.

– A morte de James e Lily foi minha culpa – Sirius murmurou, os olhos fixos no chão como se pudesse ver os amigos desenhados nas rochas enlameadas – Mas não os trai. Nunca entreguei onde se escondiam.

– Não?! – ondas de indignação o sufocaram. Como aquele homem podia ser tão cínico?

– Não. Eu não era o Fiel do Segredo.

Ofensas brotaram nos lábios de Harry. Nunca foram pronunciadas.

– O quê?

– Dumbledore sugeriu que eu fosse o Fiel do Segredo – Sirius confessou sem se dirigir a Harry em especial, mas como se repassasse uma história lembrada diariamente – e eu recusei. Seria óbvio demais, não? Achei que deviam escolher alguém insuspeito... alguém que nunca seria perseguido por Voldemort. Se eu fosse o Fiel do Segredo... se eu fosse... James e Lily estariam vivos. Sinto muito...

Harry não soube o que dizer. Nunca ouvira falar aquela parte da história, nem mesmo sobre a interferência de Albus Dumbledore, diretor de Hogwarts.

– Quem era? Quem era o Fiel do Segredo?

– Não sei – Sirius murmurou – Dumbledore tentou salvar o filho dos Longbottom... também. Mas não deu certo. Preferi não... saber os detalhes. Se me pegassem... eu não poderia dizer nada. Se eu fosse... o Fiel do Segredo... é minha culpa. Tudo minha culpa...

– Mas... mas...

A mente de Harry se tornou o caos. Todos aqueles fatos novos e desconhecidos! Porque Sirius Black estava preso então, se era inocente? Como descobriria a verdade? Dumbledore estava morto e tudo o que restara dele era um quadro na antiga Escola de Magia. E Hogwarts estava

selada, era impossível entrar lá.

Maldição.

A visita a Azkaban não trouxera respostas, apenas um milhão de novas dúvidas. Olhou para Sirius Black, o homem escolhido por James Potter para ser padrinho de seu filho. O homem

com quem fizera um Pacto de Sangue.

Sirius Black preso a mais de vinte anos em Azkaban.

Grande Merlin.

Se houvesse a mínima chance dele ser inocente...

A luminária piscou novamente. Demorou quase cinco segundos para acender dessa vez.

Harry estremeceu por uma brisa fria que passou silenciosa pela cela. Um arrepio de morte.

– Os guardas chegaram...

Sirius soou amargo.

– Os guardas?

– O turno da noite. Eles pegam leve... com os prisioneiros, mas... não sei se terão misericórdia com invasores – respirou fundo – Precisa ir embora Harry.

– Sei me defender, Black. Essa conversa ainda não acabou.

O bruxo remexeu-se um tanto agitado:

– Estou falando... dos guardas de Azkaban, Harry. Tem certeza... que pode defender-se contra Dementors?

Qualquer protesto sumiu da mente de Potter. Ele mal registrou a nova falha da luminária e o frio que não foi somente uma leve brisa e sim intenso. Deu meia volta ignorando Black completamente.

Só restou um pensamento lógico em sua mente.

Malfoy.

Continua

Notas finais do capítulo

N/A: Feliz ano novo! Passei aqui só pra postar isso! Desejo tudo de bom em 2012!

(Cap. 17) Capítulo 16

Draco não tinha medo do escuro. Mas tinha medo do escuro quando estava sozinho num corredor em Azkaban.

Nem as celas em que passara sua infância e adolescência eram tão silenciosas. Ou tão negras. Olhou a passagem por onde Harry sumira. Nenhum som vinha de lá. Como era possível?

Odiou quando a varinha falhou novamente. Esfregou o braço por cima da capa tentando não amassar o mapa. Estava frio. Muito frio.

Foi então que teve um pressentimento, algo mais instintivo que outra coisa. Ele viu, flutuando do lado direito do corredor, a sinistra criatura. Negra como a morte, assustadora. Um

dementor.

A surpresa virou medo.

Draco apontou a varinha para aquilo, nunca imaginaria que havia Dementors em Azkaban. O único feitiço que poderia ajudá-lo era a conjuração de um Patrono. Ele não sabia conjurar um patrono.

Preparou-se para dar meia volta. Surpreendentemente pareceu congelado no lugar. Apavorado apenas observou a criatura chegar mais perto, até ficar cara a cara com ele. Tudo escureceu e Draco sentiu tão somente o frio intenso. Ao fundo ouviu sons, sons familiares. Choro, a voz de sua mãe, os gritos de seu pai. Ameaças. A risada de Bellatrix e algo pavoroso como a voz do Dark Lord murmurando Parsel. E um berro mortal.

Draco sentiu que estava apagando. Se deixando levar pelo escuro e frio beijo do Dementor sem que pudesse fazer nada pra se defender.

– Harry...

O capitão do Basilisco Alado deu meia volta e precipitou-se para fora. Pareceu correr por um tempo imensurável até sair da cela de Sirius Black.

Assim que saiu suas pernas fraquejaram e ele caiu de joelhos no chão. Não soube dizer se por causa do frio intenso ou por causa da cena que seus olhos observaram. Talvez fosse por ambos.

Havia Dementors: cinco, seis, sete, oito... tantos que Harry desistiu de contar. Um deles, próximo demais de Draco, trouxe desespero ao moreno. Sabia o que era aquilo. Seu namorado estava recebendo o beijo... estava sendo dementado!

Apertou a varinha entre os dedos. Precisava de um patrono. Precisava... a varinha escapou-lhe indo ao solo. Acabara de ouvir a voz de sua mãe. Tinha certeza, apesar de ser apenas um bebê na época. Ela estava gritando, gritando por misericórdia. Então a voz de seu pai... gritando seu nome. Harry sentiu o frio. Muito frio. E em seguida a voz de Draco sussurrando, sussurrando um pedido...

– EXPECTUM PATRONO!

A luz foi tão intensa e forte que dizimou os Dementors, jogando-os longe. O frio desapareceu por completo. A sensação foi tão boa que Harry abriu os olhos a tempo de ver um grande lobo brilhante esmaecer até sumir por completo. O patrono de Sirius Black.

O prisioneiro girou a varinha que pegara do chão e devolveu a Harry Potter, se apoiando precariamente na parede. Exausto.

– Me lembrei dos velhos... tempos, quando estava... com... Moony, Wormtail e Prongs,

o seu pai. – a voz rouca pelo desuso saiu mais firme do que esperado – Bons tempos.

– O... obrigado – Harry disse ainda se recuperando. – Pegue seu amigo. Ele precisa... de cuidados. Chocolate... urgente. Dê o fora... daqui, Harry.

Imediatamente Potter correu até Draco, sem sentidos no chão. Pegou o Mapa do Maroto e a varinha dele, depois o ergueu nos braços.

– Black...

– Vá embora, Harry – ele sussurrou – Eu vou... ficar aqui e terminar de... cumprir minha sentença. Jamais me perdoarei...

O jovem moreno apertou sua preciosa carga nos braços. Tinha que obedecer e sair dali antes que mais guardas viessem. Tinha que desistir de sua vingança agora que descobrira uma mínima chance daquele homem ser inocente.

Inocente. Em Azkaban.

Harry Potter tomou uma decisão. Impulsiva e inconseqüente, como todas as que tomava. Empunhou a varinha com certa dificuldade por levar Malfoy nos braços e lançou um feitiço dentro da cela de Sirius. “Harry Potter esteve aqui”, brilhou em vermelho destacado no negrume da prisão.

– Você vem com a gente, Black.

Continua

(Cap. 18) Capítulo 17

Notas do capítulo

Penúltimo e contanto!

Hermione quase gritou de alegria quando sentiu a moeda esquentar no bolso de sua capa.

Aquele era o sinal: devia desativar o feitiço que impedia a aparatção de fora do navio.

Harry estava voltando!

– Fred e George a postos. Vamos zarpar! – Mione!

– Exato, Ron. Harry está voltando. Terminou a Chave de Portal?

O ruivo estufou o peito antes de responder.

– Claro!

Nem terminou de falar isso e o puff característico foi ouvido. Potter aparatou no meio do convés com Draco em seus braços.

– Hermione, preciso de chocolate urgente. Leve pra minha cabine. Ron, fica de olho nele – apontou o homem que parecia tonto depois de ser trazido com o capitão pirata.

– Sirius Black?! – Ronald exclamou surpreso.

– É uma longa história, Rony. Depois explico tudo. Preciso cuidar de Draco agora, encontramos Dementors em Azkaban.

Deu meia volta rumando para sua cabine privativa com o namorado nos braços, enquanto Hermione corria para a cozinha.

– Ele vai ficar bem – a única garota do grupo garantiu depois de fazer Draco engolir uma generosa porção de chocolate.

Harry observou o namorado sem sentidos na cama de ambos. Só agora conseguira afastar o medo por completo, na segurança do Basilisco Alado.

– Porque trouxe Sirius Black, Harry?

Hermione perguntou ainda a observar a face pálida de Draco.

– Ele me disse que não era o Segredo do Fiel.

– O quê? Não sabia que tinham usado isso pra proteger sua família.

– Nem eu. Black me falou sobre Hogwarts e Dumbledore. E o quanto se sente culpado: ele devia ser o Segredo do Fiel e recusou por que achou que seria óbvio demais.

– Faz sentido. Mas nesse caso quem era? – Não sei e Black também diz que não sabe. Harry sentou-se na cama e começou a acariciar os fios de cabelo platinado de Draco. – Você acreditou nele, no que Sirius Black disse? O capitão hesitou um pouco antes de responder.

– Pareceu sincero. Aquele lugar é horrível, Mione. Tem mais nessa história do que eu acreditei. Preciso descobrir quem era o Fiel do Segredo, mas, pelo visto, apenas Dumbledore sabe disso.

– Harry, Albus Dumbledore está morto e Hogwarts foi selada. Você nunca conseguirá falar com ele.

– Existe o quadro dele, Hermione. Esqueceu? E deve existir uma forma de abrir o selo que bloqueia o colégio.

O queixo da garota despencou. – Você não fala sério. Fala?

– Porque não? Draco me disse pra deixar a vingança de lado e aproveitar a aventura. Ele pode estar certo. Não tive coragem de fazer mal a Black, nem quando achava que ele era o traidor. Não sou assim, não posso matar alguém a sangue frio. Mas ainda quero justiça por meus

pais. Vou até o fim dessa história. E por que não transformar isso numa grande aventura?

Hermione sorriu. A parte da aventura soara bem bacana. Adorou a idéia de continuar velejando os céus, desafiando o Ministério e Voldemort. Tivera medo que Harry resolvesse desmanchar o grupo depois que sua vingança fosse levada a termo.

– Estamos com você nessa, capitão. Os lábios de Harry se curvaram num sorriso torto, um dos melhores que aprendera com Malfoy.

– Ótimo. Avise Ron e Dean para acionar a Chave de Portal. Vamos para Grimmauld Place esperar a poeira baixar. Peça pra Fred levar Black para uma das cabines e entregar roupas limpas, se ele tiver alguma que sirva. E ficar de olho nele. Não podemos confiar, apesar de tudo. Depois você pode tentar lembrar de tudo que ouviu e leu a respeito de Hogwarts.

A bruxa bateu continência de brincadeira. – Agora mesmo, capitão.

Assim que ela saiu da cabine Harry voltou-se para o amante. Draco parecia bem, a cor já voltara para a face deixando-a menos doentia. Aquela fora por pouco, muito pouco.

Vingança não valia a pena, se fosse para trocar pela vida de alguém que amava. Ou matar um inocente.

Não era isso que desejava. Seus pais não ficariam felizes caso se tornasse esse tipo de pessoa.

Desvendaria todo o passado, sim. Descobriria os detalhes, sim. Mas aproveitaria a aventura. Aproveitaria a companhia de seus amigos.

E escreveria sua própria história.

Continua

Notas finais do capítulo

Puxa, estarei lá no AD, com cosplay do Kai (Buck). É só procurar o ser humano com o Espirito (Aquela bolinha cor de rosa!) O próximo é o último já!

(Cap. 19) Epílogo

Notas do capítulo

Divirtam-se!

Harry saiu da estalagem direto em um beco fechado. Os olhos verdes captaram imediatamente o cartaz pregado na parede. Super indesejado. E embaixo uma foto sua

destacada, com toda sua tripulação atrás. Os marujos do Basilisco Alado.

Antes que o cartaz começasse a apitar bateu com a ponta da varinha no pergaminho e ele se desintegrou.

Sorrindo, saiu do beco e ganhou a rua de chão batido.

A porta do Pub mais adiante se abriu. O tempo parou enquanto o sorriso morria nos lábios de Harry Potter. De repente foi apenas ele e a loira escultural que atravessou o umbral com um embrulho nos braços.

Não era muito alta, tinha as curvas nos lugares certos. E seios enormes. A saia muito curta mais revelava do que escondias as coxas roliças.

Harry percebeu que se não fechasse a boca ia começar a salivar.

A garota notou sua presença. Por um segundo pareceu que ela ia cuspir fogo pela boca rosada.

– POTTER SEU FILHO DA MÃE!

– Draco... não ficou tão ruim...

A loira disparou rua abaixo, os seios grandes faziam a corrida parecer meio desajeitada, ao passar por ele arremessou o embrulho pesado.

– É toda sua – e continuou correndo sem esperar pelo moreno – Aquele pulgento armou uma senhora confusão.

Um pedacinho do lençol que envolvia o objeto escorregou. O sol bateu na lâmina que resplandeceu. A espada de Godric Gryffindor. Finalmente era sua!

A porta do Pub voltou a abrir e um cachorro correu como se fosse perseguido por um exército de centauros. Era grande, do tamanho de um lobo, tinha pêlos negros e longos, macios. Passou por Harry e latiu alto. Também não parou, seguindo a corrida desesperada de Malfoy.

Potter franziu as sobrancelhas.

Pela terceira vez a porta do Pub se abriu. Um, dois, três, ou melhor, dezenas de Comensais da Morte saíram gritando furiosos. Assim que viram Harry no meio da rua bradaram as varinhas e dispararam feitiços contra ele.

Harry riu alto, dando meia volta e seguindo os passos dos dois companheiros. Malfoy foi o primeiro a desaparatar para a segurança do Basilisco Alado que esperava em um ponto seguro longe dali.

Hermione descobrira que a única forma de quebrar o selo de Hogwarts era reunindo os artefatos dos quatro fundadores. E tinha acabado de roubar o terceiro deles: a espada de Gryffindor. Agora faltava apenas o Diadema de Ravenclaw. Tão pouco...

A sua frente o cachorro desfez a forma animal e voltou à forma humana. Sirius Black

virou a cabeça agitando os cabelos negros e ondulados que chegavam aos ombros. Exibiu o belo sorriso emoldurado pelo cavanhaque e fez um sinal de vitória para o sobrinho afilhado antes de desaparatar assim como Malfoy.

Harry aprendera muito sobre o padrinho. Confiava nele agora. Sirius podia ser muita coisa, mas não era traidor. Tinha caráter. E ambos construíram uma relação de confiança, desde que o resgatara de Azkaban há dois anos passados.

Feitiços cruzaram os céus. Uma azaração quase acertou Potter, mas o capitão era ágil feito um felino. Desviou fácil.

Ele sempre desviava. Sempre escapava.

O Ministério da Magia o perseguia. Voldemort o caçava. Mas ninguém nunca conseguia pegar Harry Potter, o Menino Que Viveu.

Talvez nunca conseguissem.

Enquanto caçava as peças que faltavam para desvendar, finalmente, seu passado ia criando nome, fazendo fama. Todos no Mundo Bruxo já tinham ouvido falar do Basilisco Alado e dos feitiços de sua tripulação.

Harry Potter estava criando história. Desenhando uma nova lenda. Com um último apertão na espada em seus braços, Harry desaparitou.

Fim

Notas finais do capítulo

UFA Por um instante assustador pensei que não ia dar conta. Foi divertido, adorei digitar, apesar de não ficar lá essas coisas. Feito para: * O concurso do Secrets Place clichês. Usei o Harry salvando Draco, e o ciúmes. Adogo... * O challenge de Vingança condição Tio/Sobrinho, com os itens confissão e alguma cor. Tentei usar o bônus de desistir da vingança, mas não sei se vai valer. É com um imenso prazer que marco completo nessa história! Enfim... pra quem chegou até aqui OBRIGADA!! E até uma próxima!

Todas as histórias são de responsabilidade de seus respectivos autores. Não nos responsabilizamos pelo material postado. História arquivada em

https://fanfiction.com.br/historia/162937/Uma_Nova_Lenda/